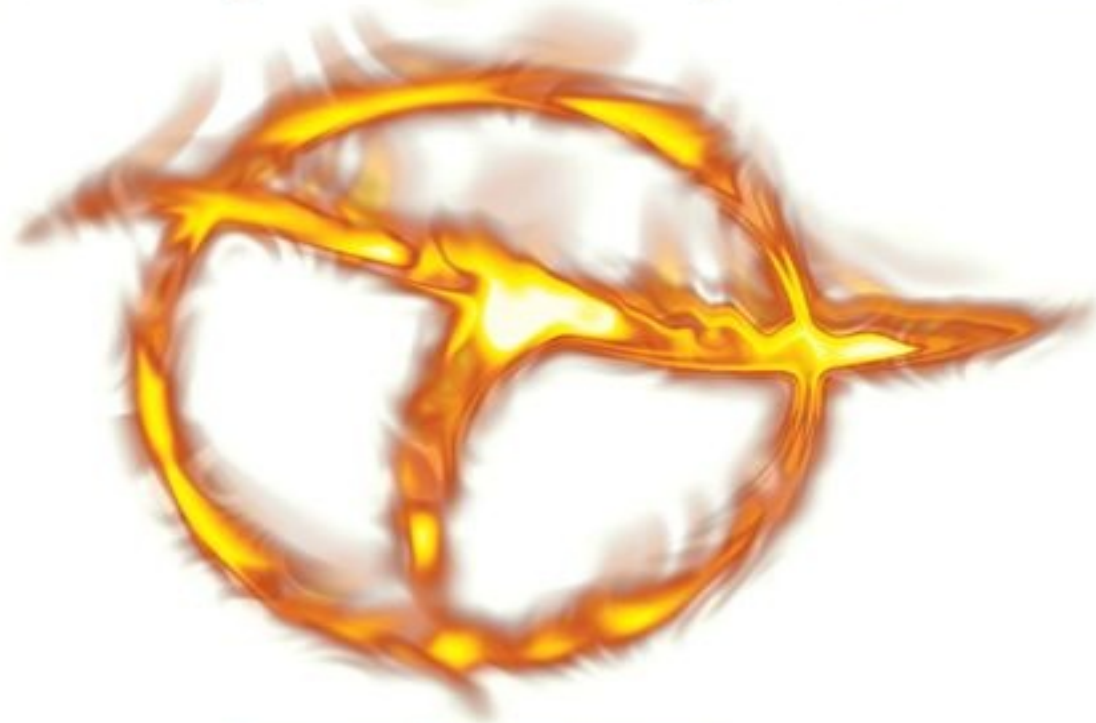


A Missão de
SABRIEL



GARTH
NIX



UM GUERREIRO PARA DESAFIAR A MORTE



*A Missão de
Sabriel*



FICHA TÉCNICA

Título original Sabriel

Autor Garth Nix

Copyright © Garth Nix 1995

Editorial Presença, Lisboa, 2002

Tradução Maria Georgina Segurado

Capa Samuel Santos

Pré-impressão, impressão e acabamento

Multitipo Artes Gráficas, Lda

1ª edição, Lisboa, Novembro, 2002

Depósito legal 186 383/02

Reservados todos os direitos para Portugal

EDITORIAL PRESENÇA

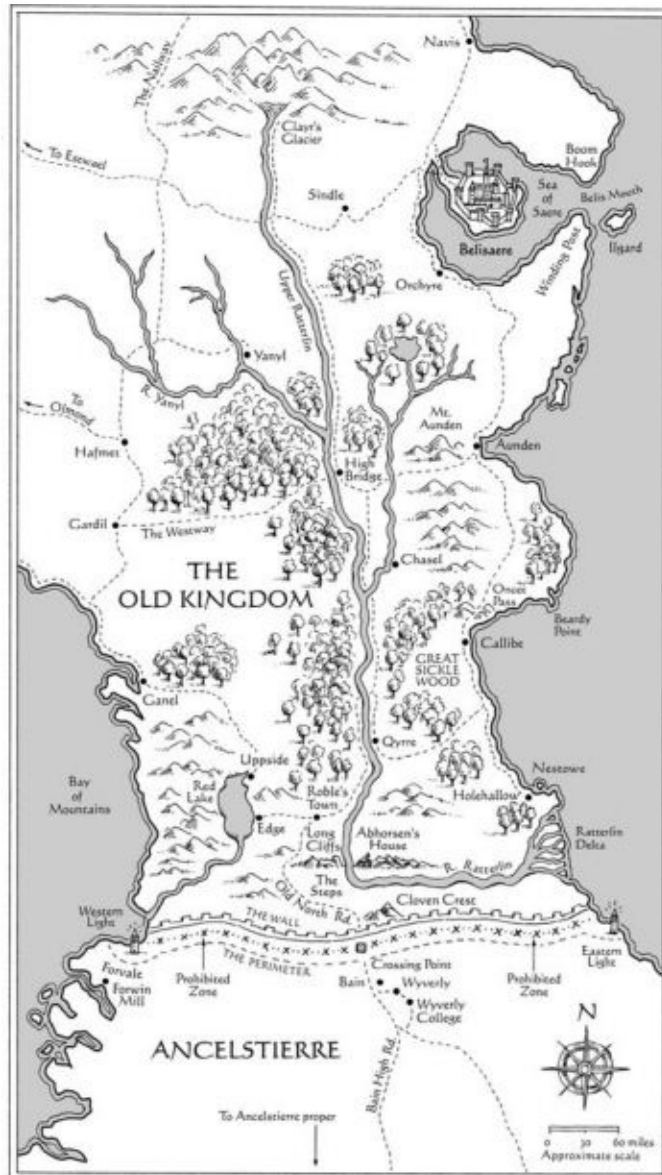
Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo, 2745-578

BARCARENA

E-mail: info@editpresenca.pt

Internet: [http //www editpresenca pt](http://www.editpresenca.pt)



Para a minha família e amigos

Prólogo

Estava-se a pouco mais de cinco quilômetros da Muralha para o Reino Antigo, mas era suficiente. Podia ver-se o sol do meio-dia do outro lado da Muralha em Ancelstierre e não se avistava qualquer nuvem. Aqui, assistia-se a um pôr do Sol nublado e começara a cair uma chuva constante, tão subitamente que nem deu tempo de montarem as tendas para se abrigarem.

A parteira aconchegou melhor o pescoço à capa e debruçou-se de novo sobre o corpo da mulher que jazia abaixo de si, deixando escorrer pingos de chuva do seu nariz para o rosto da paciente. A respiração da parteira saía em baforadas brancas, mas não se verificava qualquer sinal de respiração da parturiente.

A parteira suspirou e endireitou-se lentamente, aquele seu único movimento dizendo aos observadores tudo o que precisavam de saber. A mulher que surgira cambaleante no acampamento na floresta morrera, segurando-se apenas à vida o tempo suficiente para a transmitir ao bebê a seu lado. Mas a parteira, quando pegou naquela minúscula forma ao lado da mulher morta, estremeceu por dentro dos seus agasalhos e ficou quieta.

— A criança também? — perguntou um dos observadores, um homem que ostentava a marca da Carta recentemente desenhada com cinza na testa. Nesse caso, não haverá necessidade de batismo.

Ergueu a mão para retirar a marca da testa, depois estacou subitamente, quando uma mão pálida agarrou a sua e a obrigou a baixar num único movimento rápido.

— Paz! — disse uma voz calma. — Não pretendo fazer mal.

A mão branca deixou de agarrar e a pessoa que falou entrou no círculo do clarão da fogueira. Os outros observaram-no sem lhe darem as boas-vindas e as mãos que haviam esboçado as marcas da Carta ou tocado nas cordas dos arcos e nos punhos das espadas não afrouxaram. O homem dirigiu-se para os corpos e examinou-os. Depois, virou o rosto para os presentes, retirando o capuz e revelando o rosto de alguém que trilhara caminhos longe da luz do Sol, pois a sua pele era de uma palidez mortal.

— Me chamo Abhorsen — anunciou e as suas palavras causaram agitação nos que o rodeavam, como se ele tivesse atirado uma pedra pesada para uma poça de água estagnada. — E haverá um batismo esta noite.

O Mago da Carta olhou para o fardo nas mãos da parteira e disse:

— A criança está morta, Abhorsen. Somos viajantes, a nossa vida é vivida debaixo do céu e com frequência é dura. Conhecemos a morte, senhor.

— Não como eu — respondeu Abhorsen, sorrindo de forma que o rosto branco como a cal se enrugou nos cantos e afastou dos seus dentes igualmente brancos. — E afirmo que a criança não morreu.

O homem tentou encarar Abhorsen, mas vacilou, e os seus olhos vieram fixar-se nos companheiros. Ninguém se moveu, ou esboçou qualquer gesto, até uma mulher dizer:

— Muito bem. É fácil de fazer. Coloque a marca na criança, Arrenil. Montaremos um novo acampamento em Leovi's Ford. Venha nos encontrar conosco quando terminar aqui.

O Mago da Carta inclinou a cabeça em assentimento e os outros afastaram-se para levantar o acampamento semimontado, lentamente, com a relutância de terem de se mudar, mas plenos de uma relutância ainda maior em permanecerem perto de Abhorsen, pois o seu nome guardava segredos e receios não expressos.

Quando a parteira veio depositar a criança e se afastou, Abhorsen falou:

— Espere. Precisaremos de você.

A parteira olhou para o bebê e viu que era uma menina e, se não fosse a sua imobilidade, poderia estar apenas dormindo. Ouvira falar de Abhorsen e se a menina conseguisse viver... cautelosamente, voltou a pegar a criança e entregou-a ao Mago da Carta.

— Se a Carta não... — começou o homem, mas Abhorsen ergueu uma mão pálida e interrompeu-o.

— Vejamos o que a Carta decide.

O homem voltou a olhar para a criança e suspirou. Depois, retirou um pequeno frasco da sua bolsa e segurou-o alto, entoando um cântico que era o começo de uma Carta, um cântico que enumerava todas as coisas que viviam ou cresciam, ou tinham vivido, ou voltariam a viver, e os elos que as uniam a todas. Ao falar, o frasco iluminou-se, pulsando ao ritmo do cântico. Então, o chanfre silenciou-se. Levou o frasco à terra, depois ao sinal de cinza na sua testa e a seguir passou-o sobre a criança.

Um grande clarão iluminou o bosque circundante quando o líquido brilhante se derramou sobre a cabeça da criança e o sacerdote exclamou:

— Pela Carta que une todas as coisas, chamamos-te...

Normalmente, os pais da criança proferiam então o nome. Aqui, apenas Abhorsen falou e disse:

— Sabriel.

Quando proferiu a palavra, a cinza desapareceu da testa do sacerdote e formou-se lentamente na da criança. A Carta aceitara o batismo.

— Mas... mas ela está morta! — exclamou o Mago da Carta, tocando-lhe com cuidado na testa para se certificar realmente de que a cinza desaparecera.

Não obteve resposta, pois a parteira olhava Abborsen do outro lado da fogueira e Abborsen olhava para... nada. Os seus olhos refletiam as chamas dançantes, mas não as viam.

Lentamente, começou a elevar-se do corpo dele uma bruma gélida, espalhando-se na direção do homem e da parteira, que correram para o outro lado da fogueira, querendo fugir, mas agora muito receosos para o fazerem.

Ouviu o bebê chorar, o que foi bom. Se tivesse transposto o primeiro portão não poderia trazê-lo de volta sem efetuar mais preparativos rigorosos e uma subsequente diluição do espírito dele.

A corrente era forte, mas conhecia esta parte do rio e passou por poços e remoinhos que esperavam arrastá-lo para o fundo. Sentia as águas a lavarem-lhe o espírito, mas a sua vontade era forte, por isso tiraram-lhe apenas a cor, não a substância. Parou para escutar e, ouvindo o choro diminuir, apressou-se a avançar. Talvez ele estivesse ao portão e prestes a transpô-lo.

O Primeiro Portão era um véu de bruma, com uma única abertura escura, onde o rio penetrava no silêncio mais além. Abhorsen precipitou-se além e depois parou. O bebê ainda não o transpusera, mas apenas porque algo o apanhara e erguera. Ali de pé, elevando-se das águas negras, estava uma sombra mais escura do que o portão.

Era vários centímetros mais alta do que Abhorsen e havia fogos-fátuos pálidos brilhando onde seria de esperar verem-se olhos e o fedor fétido de carne putrefata elevava-se dela, um fedor que mitigava o frio do rio.

Abhorsen avançou lentamente para a coisa, observando a criança que segurava sem apertar na curva de um braço ensombrado. O bebê dormia, mas agitado, e contorcia-se na direção da criatura, procurando um seio materno, mas ela mantinha-o afastado de si, como se a criança estivesse quente ou fosse cáustica.

Lentamente, Abhorsen retirou uma pequena sineta de prata da bandoleira de sinos ao peito e ergueu o pulso para tocá-la. Mas a coisa-sombra levantou o bebê e falou numa voz seca e escorregadia, como uma cobra sobre cascalho.

— Espírito do teu espírito, Abhorsen. Não pode me enfeitiçar enquanto

eu o segurar, e talvez o leve além do portão, dado que a mãe dele já o fez.

Abhorsen franziu o sobrolho, em reconhecimento, e voltou a guardar a sineta.

— Você tem uma nova forma, Kerrigor. E agora está deste lado do Primeiro Portão. Quem foi suficientemente tolo para te ajudar a vir até aqui?

Kerrigor esboçou um largo sorriso e Abhorsen vislumbrou chamas que ardiam ao fundo da sua boca.

— Alguém do ofício habitual — resmungou. — Mas pouco experiente. Não percebeu que teria a natureza de uma troca. Infelizmente, a sua vida não foi suficiente para que eu transpusesse o último portal. Mas agora você veio ajudar-me.

— Eu, que te acorrentei além do Sétimo Portão?

— Sim — murmurou Kerrigor. — Vejo que não dispensa a ironia. Mas se quer a criança...

Fez menção de atirar o bebê ao rio e com aquele movimento acordou-o. Começou imediatamente a chorar e os pequenos punhos dele esticaram-se para agarrar a substância-sombra de Kerrigor como as pregas de um manto. Ele gritou, tentou soltá-lo, mas as minúsculas mãos agarravam com força e ele viu-se obrigado a usar sucessivamente a sua força e arremessou-o. Ele aterrou, gritando, e foi logo apanhado pela corrente do rio, mas Abhorsen precipitou-se, arrebanhando-o tanto do rio como das mãos estendidas de Kerrigor.

Recuando, retirou o sino de prata apenas com uma mão e agitou-o de modo a tocar duas vezes. O som foi curiosamente abafado, mas verdadeiro, e o toque nítido pairou no ar, claro e penetrante, vivo. Kerrigor estremeceu ao ouvi-lo e caiu para trás na escuridão que era o portão.

— Algum tolo não tardará a trazer-me de volta e então... — gritou, quando o rio o levou para baixo. As águas rodopiaram e gorgolejaram e depois retomaram o seu curso constante.

Abhorsen ficou algum tempo olhando para o portão, depois suspirou e, voltando a colocar o sino na faixa, olhou para o bebê no seu braço. Ele retribuiu o olhar, o negro dos olhos igual ao dele. A cor escoara-se já da pele dele. Nervosamente, Abhorsen colocou uma mão sobre a marca na testa da criança e sentiu o brilho do espírito lá dentro. A marca da Carta conservara-lhe a vida contida quando o rio a devia ter levado. Fora o espírito da sua vida que queimara tanto Kerrigor.

Ele sorriu-lhe e gorgolejou um pouco e Abhorsen sentiu um sorriso a bailar-lhe aos cantos da boca. Continuando a sorrir, virou-se e empreendeu a

longa caminhada rio acima, até ao portão que os devolveria aos dois à sua carne viva.

O bebê lamuriou-se por um escasso segundo antes de Abhorsen abrir os olhos, pelo que a parteira se encontrava a meio caminho contornando a fogueira em extinção, pronta a pegar-lhe. A geada estalara no solo e pendiam pingentes de gelo do nariz de Abhorsen. Limpou-os com uma manga e debruçou-se sobre a criança, tal como qualquer pai ansioso após um parto.

— Como está o bebê ? — perguntou e a parteira olhou-o, surpreendida, pois a criança morta estava agora bem viva e tão mortalmente pálida quanto ele

— Como ouviu, senhor — respondeu ela. — Está muito bem. Fará talvez um pouco de frio a mais para ele.

Ele apontou para a fogueira, proferiu uma palavra e ela ganhou vida, derretendo logo a geada, as gotas de chuva transformando-se, a crepitar, em vapor.

— Dará até de manhã — disse Abhorsen. — Depois o levarei para minha casa. Vou precisar de uma ama. Você aceitaria vir comigo?

A parteira hesitou e olhou para o Mago da Carta, que se encontrava ainda do lado de lá da fogueira. Aquele recusou-se a olhá-la e ela baixou os olhos mais uma vez para a menina que gritava nos seus braços.

— Você... você é... — murmurou a parteira.

— Um necromante? — sugeriu Abhorsen. — Apenas em parte. Eu amava a mulher que jaz ali. Ela teria vivido se tivesse amado outro, mas não o fez. Sabriel é nossa filha. Não vê a afinidade?

A parteira olhou para ele quando se inclinou e tomou Sabriel dela, embalando-a junto ao peito. O bebê sossegou e, dentro de alguns segundos, adormeceu.

— Sim — disse a parteira. — Eu o acompanharei e cuidarei de Sabriel. Mas é preciso arranjar uma ama-de-leite...

— E, devo dizer, muitas coisas mais — devaneou Abhorsen. — Mas a minha casa não é um lugar para...

O Mago da Carta pigarreou e andou à volta da fogueira.

— Se procura um homem que conhece um pouco da Carta — afirmou com hesitação, gostaria de lhe servir, pois tenho visto o seu trabalho, senhor, apesar de com relutância abandonar os meus companheiros errantes.

— Talvez não seja necessário — respondeu Abhorsen, sorrindo ante um pensamento súbito. — Pergunto-me se a sua chefe se oporá a que dois novos membros entrem para o bando dela. Pois o meu trabalho implica que viaje e não

existe uma parte do Reino que não tenha sentido a marca dos meus pés.

— O seu trabalho? perguntou o homem, estremecendo um pouco, apesar de já não fazer frio.

— Sim — respondeu Abhorsen. — Sou necromante, mas não do tipo comum. Quando os outros da arte ressuscitam os mortos, eu volto a colocá-los a repousar. E aqueles que não quiserem repousar, aprisiono, ou pelo menos tento. Sou Abhorsen... — Olhou de novo para o bebê e acrescentou, quase com um tom de surpresa: — Pai de Sabriel.

O coelho fora atropelado minutos antes. Os seus olhos rosados estavam vítreos e o sangue manchava o seu pêlo branco imaculado. Pêlo forçosamente limpo, pois acabara de fugir de um banho. Ainda cheirava a água de lavanda.

Uma jovem alta, curiosamente pálida, encontrava-se debruçada sobre o coelho. O seu cabelo escuro como a noite, artisticamente preso num carrapito, pendia-lhe ligeiramente sobre o rosto. Não usava maquiagem ou jóias, à exceção de um emblema esmaltado do colégio preso no casaco azul-escuro regulamentar. Isso, associado à saia comprida, meias e sapatos práticos, identificava-a como uma aluna. Na placa com o nome por baixo do emblema lia-se "Sabriel" e o número romano "VI" e uma coroa dourada indicavam tratar-se de uma aluna do sexto ano e de uma chefe de turma.

O coelho estava inquestionavelmente morto. Sabriel ergueu o olhar dele e de novo para o caminho murado que partia da estrada e seguia em curva até dois imponentes portões de ferro forjado. Uma placa por cima do portão, em letras douradas a imitar o estilo gótico, anunciava que se tratava dos portões para o Colégio Wyverley. Letras mais pequenas acrescentavam que fora "Fundado em 1652 para Meninas de Bem".

Uma pequena figura estava ocupada trepando no portão, evitando agilmente os espigões que supostamente deveriam impedir semelhantes atividades. Pulou a distância final e começou a correr, agitando os rabichos e os sapatos a fazerem ruído no pavimento. Trazia a cabeça baixa para ganhar ímpeto, mas quando estabeleceu a velocidade de cruzeiro ergueu o olhar, viu Sabriel e o coelho morto e gritou:

— *Bunny*

Sabriel estremeceu com o grito da menina, hesitou por um momento, depois debruçou-se sobre o coelho e estendeu uma mão pálida para lhe tocar entre as orelhas compridas. Fechou os olhos e endureceu o rosto como se se tivesse transformado subitamente em pedra. Partiu dos seus lábios ligeiramente entreabertos um leve som sibilante, como o vento ouvido ao longe. Formou-se gelo na ponta dos dedos e cobriu o asfalto sob os pés e os joelhos dela.

A outra menina, correndo, viu-a subitamente debruçar-se sobre o coelho e vacilar na direção da estrada, mas no último minuto a mão dela estendeu-se e apoiou-se. Um segundo depois recuperara o equilíbrio e usava ambas as mãos para dominar o coelho um coelho agora, inexplicavelmente, de novo vivo, os seus olhos brilhantes e animados, tão ansioso por se soltar como quando fugira do banho.

— *Bunny*, — gritou novamente a menina mais nova, quando Sabriel se levantou, segurando o coelho pelo cachaço. — Oh, obrigada, Sabriel! Quando ouvi o carro derrapar pensei...

Estremeceu quando Sabriel lhe entregou o coelho e o sangue manchou as suas mãos expectantes.

— Ele vai ficar bem, Jacinth — respondeu Sabriel, cansada. — Um arranhão. Já está fechado.

Jacinth examinou *Bunny* cuidadosamente, depois olhou para Sabriel, o começo de um medo a agitar-se ao fundo dos seus olhos.

— Não existe nada por baixo do sangue — balbuciou Jacinth.

— O que foi que você...

— Nada — respondeu Sabriel. — Mas talvez você possa explicar o que faz fora dos muros?

— Perseguia *Bunny* — respondeu Jacinth, os seus olhos desviando-se à medida que a vida voltava a uma situação mais normal. — Sabe...

— Nada de desculpas — atalhou Sabriel. — Lembra-se do que Mrs. Umbrade disse na reunião de segunda-feira.

— Não é uma desculpa — insistiu Jacinth — é um motivo.

— Nesse caso, pode explicá-lo a Mrs. Umbrade.

— Oh, Sabriel! Não seria capaz! Sabe que eu só estava atrás do *Bunny*. Nunca teria saído...

Sabriel levantou as mãos, simulando derrota, e apontou para os portões.

— Se regressar dentro de três minutos, fingirei que não te vi. E desta vez abra o portão. Só se fechará depois de eu voltar para dentro.

Jacinth sorriu, todo o seu rosto radiante, virou as costas e subiu o acesso correndo, segurando *Bunny* junto ao pescoço. Sabriel ficou olhando até ela desaparecer pelo portão, depois deixou que os tremores a acometessem até se dobrar, cheia de frio. Um momento de fraqueza e quebrara a promessa que fizera a si mesma e ao pai. Era apenas um coelho e Jacinth gostava tanto dele, mas o que poderia advir daí? De ressuscitar um coelho a ressuscitar uma pessoa era apenas um pequeno passo.

Pior, fora tão fácil. Apanhara o espírito junto à nascente do rio e devolvera-o com um escasso gesto de poder, enchendo o corpo com símbolos simples da Carta enquanto passavam da morte para a vida. Nem sequer precisara dos sinos, ou do outro instrumento de um necromante. Apenas de um assobio e da sua vontade.

A morte e o que vinha após ela não constituíam um grande mistério para Sabriel. Só desejava que constituíssem.

Era o último período de Sabriel em Wyverley as três últimas semanas, na verdade. Terminara entretanto o curso, sendo a primeira em Inglês, igualmente a primeira em Música, a terceira em Matemática, a sétima em Ciências, a segunda em Artes de Combate e a quarta em Etiqueta. Fora também facilmente a primeira em Magia, mas isso não constava do certificado. A magia só resultava naquelas regiões de Ancelstierre perto da Muralha que assinalavam a fronteira com o Reino Antigo. O território mais distante era considerado fora dos limites, se existisse sequer, e as pessoas de bem não o mencionavam. O Colégio Wyverley ficava apenas a sessenta e cinco quilômetros da Muralha e ensinava Magia àquelas alunas que obtinham uma autorização dos pais.

O pai de Sabriel escolhera-o por esse motivo quando saíra do Reino Antigo com uma menina de cinco anos pela mão em busca de um colégio interno. Pagara antecipadamente aquele primeiro ano, com moedas de prata do Reino Antigo que resistiam aos toques sub-reptícios com ferro frio. Depois, viera visitar a filha duas vezes por ano, no solstício de Verão e no solstício de Inverno, permanecendo vários dias em cada ocasião e trazendo sempre mais prata.

Compreensivelmente, a Diretora gostava muito de Sabriel. Em particular, dado que nunca parecia incomodada com as raras visitas do pai, como sucedia com a maior parte das outras meninas. Uma vez, Mrs. Umbrade perguntara a Sabriel se se incomodava e ficara perturbada com a resposta de que Sabriel via o pai muito mais vezes do que quando ele ali estava efetivamente. Mrs. Umbrade não ensinava Magia e não queria saber mais sobre ela do que o fato agradável de que alguns pais eram capazes de pagar somas consideráveis para verem as suas filhas instruídas no essencial da feitiçaria e do encantamento.

Mrs. Umbrade certamente desconhecia de que forma Sabriel via o pai. Por outro lado, Sabriel sempre aguardara ansiosamente as suas visitas não oficiais e observava a Lua, acompanhando os seus movimentos pelo almanaque de capa de pele que enumerava as fases da Lua em ambos os Reinos e dava informações valiosas sobre as estações, as marés e outras coisas efêmeras que nunca eram iguais, em qualquer momento, de ambos os lados da Muralha. A projeção de Abhorsen surgia sempre na lua nova. Nessas noites, Sabriel trancava-se no seu gabinete de trabalho (um privilégio do sexto ano anteriormente tivera de se esgueirar até à biblioteca), punha a chaleira no fogo, bebia chá e lia um livro até o vento característico se levantar, apagar a lareira, apagar a luz elétrica e agitar as persianas, preparativos necessários, ao que parecia, para que a projeção fosforescente do pai, aparecesse na poltrona extra.

Sabriel estava particularmente ansiosa pela visita do pai naquele mês de Novembro. Seria a sua última visita, porque o colégio estava prestes terminando

e ela queria discutir o seu futuro. Mrs. Umbrade gostaria que ela fosse para a universidade, mas isso implicava afastar-se mais do Reino Antigo. A sua magia perderia a força e as visitas paternas se reduziriam a aparecimentos físicos e esses poderiam tornar-se ainda menos frequentes. Por outro lado, ir para a universidade significaria ficar com algumas das amigas que tivera praticamente em toda a sua vida, meninas com quem iniciara os estudos aos cinco anos de idade. Seria igualmente um mundo de interação social muito maior, em particular com jovens rapazes, cuja enorme escassez se fazia notar nas imediações do Colégio Wyverley.

E a desvantagem de perder a sua magia poderia vir a ser compensada com uma diminuição da sua afinidade com a morte e os mortos...

Sabriel pensava neste assunto enquanto aguardava, de livro na mão, a xícara de chá meio bebido equilibrada precariamente no braço da sua poltrona. Era quase meia-noite e Abhorsen não aparecera.

Sabriel verificara duas vezes no almanaque e abrira até as persianas para espreitar o céu através do vidro. Era nitidamente lua nova, mas nem sinal dele. Era a primeira vez na sua vida que ele não aparecia e sentiu-se subitamente inquieta.

Sabriel raramente pensava em como a vida era realmente no Reino Antigo, mas agora vinham-lhe à mente velhas histórias e recordações difusas de quando vivera ali com os Viajantes. Abhorsen era um feiticeiro poderoso, mesmo assim...

— Sabriel! Sabriel!

Uma voz esganiçada interrompeu-lhe os pensamentos, rapidamente seguida de uma pancada apressada e o barulho do puxador. Sabriel suspirou, levantou-se da poltrona, agarrou a xícara e correu a fechadura da porta.

Do outro lado encontrava-se uma menina pequena, agitando o barrete de dormir de um lado para o outro nas mãos trêmulas, o seu rosto branco com o medo.

— Olwyn! — exclamou Sabriel. O que foi? Sussen está de novo doente?

— Não — soluçou a menina. — Ouvi ruídos atrás da porta da torre e pensei que era Rebeca e Lia fazendo uma festa noturna sem mim, por isso espreitei...

— O quê? — exclamou Sabriel, alarmada. Ninguém abria as portas exteriores no meio da noite, não tão próximo do Reino Antigo.

— Desculpe — gritou Olwyn. — Foi sem querer. Não sei porque o fiz. Não eram Rebeca e Lia, era uma forma negra e tentava entrar. Bati com a porta...

Sabriel largou a xícara e passou por Olwyn. Ia já a meio do corredor quando ouviu a porcelana quebrar-se atrás de si e o arfar horrorizado de Olwyn

ante um tratamento tão sem cerimônia de porcelana de qualidade. Ignorou-o e desatou a correr, tocando nos interruptores enquanto se precipitava para a porta aberta do dormitório ocidental. Ao chegar lá, irromperam gritos no interior, subindo rapidamente para um coro histérico. Havia quarenta meninas no dormitório na sua maioria do primeiro ano, todas com menos de onze anos. Sabriel respirou fundo e avançou para a porta, os dedos dobrados numa postura para lançar um feitiço. Antes mesmo de olhar, sentiu a presença da morte.

O dormitório era muito comprido e estreito, com teto baixo e janelas pequenas. As camas e cômodas estavam alinhadas umas ao lado das outras. Ao fundo, uma porta conduzia aos degraus da Torre Ocidental. Devia estar trancada por dentro e por fora, mas as fechaduras raramente prevaleciam perante as forças do Reino Antigo.

A porta estava aberta. Uma forma negra intensa encontrava-se ali, como se alguém tivesse cortado uma figura em forma de homem na noite, escolhendo cuidadosamente um pedaço sem estrelas. Não possuía quaisquer feições, mas a cabeça andava de um lado para o outro, como se quaisquer sentidos que possuísse funcionassem num curto alcance. Curiosamente, transportava um saco absolutamente terreno numa mão de quatro dedos, um tecido grosseiro em nítido contraste com a sua carne surreal.

As mãos de Sabriel esboçaram um gesto complicado, desenhando os símbolos da Carta que causavam o sono, a tranquilidade e o repouso. Com um floreado, indicou ambos os lados do dormitório e traçou um dos símbolos principais unindo tudo. Imediatamente, cada menina ali parou de gritar e voltou lentamente para a cama.

A cabeça da criatura parou de se mover e Sabriel soube que a atenção dela estava agora centrada em si. Mexeu-se lentamente, levantando uma perna trôpega e atirando-a para a frente, repousando por um momento, depois atirando a outra um pouco além da primeira. Um movimento pesado, bamboleante, que emitiu um ruído estranho, arrastado, no tapete fino. Ao passar por cada cama, as luzes elétricas por cima delas acenderam-se uma vez e apagaram-se.

Sabriel deixou as mãos penderem-lhe lateralmente e focou os olhos no centro do torso da criatura, sentindo a substância de que era feita. Não trouxera nenhum dos seus instrumentos ou ferramentas, mas isso conferiu-lhe apenas um momento de hesitação antes de se deixar deslizar até à fronteira com a Morte, os seus olhos ainda no intruso.

O rio corria à volta das pernas dela, frio como sempre. A luz, cinzenta e sem calor, estendia-se ainda até um horizonte completamente plano. Ao longe, podia ouvir-se o grito do Primeiro Portão. Era possível ver agora com clareza a verdadeira forma da criatura, não envolta na aura da morte que trouxera para o

mundo dos vivos. Era um habitante do Reino Antigo, vagamente humanóide, mas mais parecido com um macaco do que com um homem e obviamente apenas semi-inteligente. Mas não era só isso e Sabriel sentiu a garra do medo quando viu o cordão preto que saía do dorso da criatura e se estendia pelo rio. Em algum lugar além do Primeiro Portão, ou ainda mais além, aquele cordão umbilical repousava nas mãos de um Adepto. Enquanto existisse o cordão, a criatura estaria completamente sob o controle do seu amo, que podia usar os sentidos e o espírito dele como muito bem entendesse.

Algo puxava pelo corpo físico de Sabriel e, resolutamente, trouxe os sentidos até ao mundo dos vivos, uma ligeira sensação de náusea subindo-lhe quando uma onda de calor percorreu o seu corpo mortalmente gélido.

— O que é? — disse uma voz calma, perto do ouvido de Sabriel. Uma voz velha, misturada com o poder da Magia da Carta, Miss Greenwood, a Mestra do colégio.

— É um servo dos Mortos, uma forma de espírito — respondeu Sabriel, a sua atenção novamente na criatura. Estava no meio do dormitório, continuando a bambolear com determinação uma perna após a outra. Sem vontade própria. — Algo a mandou de volta ao mundo dos vivos. Está sendo controlada além do Primeiro Portão.

— Porque se encontra aqui? — perguntou a Mestra. A sua voz tinha um som calmo, mas Sabriel sentiu os símbolos da Carta a reunirem-se na voz dela, formando-se na sua língua, símbolos que desencadeariam relâmpagos e chamas, os poderes destruidores da terra.

— Não é manifestamente maligna, tão pouco tentou fazer qualquer mal... — respondeu Sabriel, a sua mente analisando as possibilidades. Estava acostumada a explicar a Miss Greenwood os aspectos puramente necromânticos da magia. A Mestra ensinara-lhe a Magia da Carta, mas a necromancia não fazia realmente parte do programa. Sabriel aprendera com o pai... e os próprios Mortos mais do que queria saber sobre a necromancia. — Não faça nada por um momento. Vou tentar falar com ela.

O frio invadiu-a de novo, entranhando-se nela, à medida que o rio corria por entre as suas pernas, ávido por a puxar e arrastar consigo. Sabriel exerceu a sua vontade e o frio tornou-se apenas uma sensação, sem perigo, a corrente apenas uma agradável vibração à volta dos pés.

A criatura estava agora perto, tal como sucedera no mundo dos vivos. Sabriel estendeu as duas mãos e bateu as palmas, o som áspero ecoando por mais tempo do que em qualquer outro lugar. Antes que o eco morresse, Sabriel assobiou várias notas e também elas ecoaram, sons suaves dentro da aspereza do batimento das mãos.

A coisa estremeceu com o som e recuou, levando ambas as mãos aos ouvidos. Ao fazê-lo, largou o saco. Sabriel sobressaltou-se com a surpresa. Não reparara ainda no saco, possivelmente porque não contara que estivesse lá. Existiam muito poucas coisas inanimadas em ambos os mundos, o dos vivos e o dos mortos.

Ficou ainda mais surpresa quando a criatura se inclinou para a frente e mergulhou na água, procurando o saco com as mãos. Encontrou-o quase de imediato. Mas não sem perder o equilíbrio. Enquanto o saco veio à tona, a corrente empurrou a criatura para baixo. Sabriel soltou um suspiro de alívio ao vê-la deslizar, depois arfou quando a sua cabeça apareceu à superfície e gritou:

— Sabriel! O meu mensageiro! Agarre o saco!

A voz era a de Abhorsen.

Sabriel precipitou-se além e um braço empurrou o saco na direção dela, a boca do saco agarrada nos seus dedos. Ela estendeu o braço, falhou, voltou a tentar. Segurava firmemente o saco, quando a corrente levou a criatura completamente para o fundo. Sabriel procurou-a, ouvindo o grito do Primeiro Portão aumentar subitamente, como sucedia sempre que alguém transpunha as suas cataratas. Voltou-se e começou a caminhar pesadamente contra a corrente até um ponto em que podia regressar facilmente à vida. O saco pesava na sua mão e havia uma sensação plúmbea no estômago. Se o mensageiro era realmente Abhorsen, então ele próprio não conseguiria regressar ao mundo dos vivos. E isso significava que ou morrera ou se encontrava preso por algo que devia ter passado pelo último portão.

Mais uma vez, foi invadida por uma onda de náusea e Sabriel ajoelhou-se, tremendo. Sentiu a mão da Mestra no seu ombro, mas a sua atenção estava fixa no saco que segurava na mão. Não precisou olhar para saber que a criatura se fora. A sua manifestação no mundo dos vivos cessou quando o seu espírito passou o Primeiro Portão. Restaria apenas um monte de terra de sepultura, que seria varrido pela manhã.

— O que você fez? — perguntou a Mestra, quando Sabriel passou as mãos pelo cabelo, caindo-lhe cristais das mãos sobre o saco que se encontrava à frente.

— Tinha uma mensagem para mim — respondeu Sabriel. — Por isso, a recebi.

Abriu o saco e remexeu lá dentro. A sua mão agarrou o copo de uma espada, de maneira que a retirou, ainda embainhada, e colocou-a de lado. Não precisou de desembainhá-la para ver os símbolos da Carta gravados ao longo da lâmina a esmeralda turva no botão do punho e o guarda-mão revestido de bronze desgastado eram-lhe tão familiares quanto os talheres sem imaginação do

colégio. Tratava-se da espada de Abhorsen. A bandoleira de couro que retirou a seguir era um velho cinto castanho, com a largura de uma mão, que tinha sempre um ligeiro cheiro de cera de abelha. Pendiam dela sete bolsas de pele tubulares, começando por uma do tamanho de uma pequena alfineteira, crescendo progressivamente, até a sétima ser quase da dimensão de um frasco. A bandoleira fora concebida para ser usada sobre o peito, com as bolsas penduradas. Sabriel abriu a menor e retirou de lá um minúsculo sino de prata, com uma pega escura de mogno profundamente polido. Segurou-a com delicadeza, mas o badalo ainda se agitava ligeiramente e o sino emitiu uma nota aguda e harmoniosa que ficou de alguma forma a pairar na mente, mesmo depois de o som ter desaparecido.

— Os instrumentos do Pai — murmurou Sabriel. — As ferramentas de um necromante.

— Mas existem marcas da Carta gravadas no sino... e no cabo! — observou a Mestra, que olhava fascinada. — A necromancia é Magia Livre, não governada pela Carta...

— A do Pai era diferente — respondeu Sabriel com altivez, olhando ainda para o sino que segurava na mão, pensando nas mãos trigueiras e vincadas do pai segurando os sinos. — Aprisionando, não ressuscitando. Ele era um servo fiel à Carta.

— Vai nos deixar, não vai? — perguntou subitamente a Mestra, quando Sabriel guardou o sino e se ergueu, a espada numa mão, a bandoleira na outra. Acabei de ver, no reflexo do sino. Vai atravessar a Muralha...

— Sim. Até o Reino Antigo — disse Sabriel, com súbita percepção. — Aconteceu algo ao meu Pai... mas vôou encontrá-lo... juro pela Carta que ostento.

Tocou na marca da Carta na sua testa, que brilhou fugazmente e depois desapareceu como se nunca tivesse existido. A Mestra anuiu e levou uma mão à sua própria testa, onde uma marca brilhante obscureceu subitamente todos os padrões do tempo. Ao desaparecer, começaram a ouvir-se ruídos rocegantes e leves gemidos de ambos os lados do dormitório.

— Fecharei a porta e explicarei às meninas — afirmou a Mestra com determinação. É melhor você ir... e preparar-se para amanhã.

Sabriel anuiu e partiu, tentando concentrar a sua mente nos aspectos práticos da viagem, em vez do que podia ter acontecido ao pai. Apanharia um táxi o mais cedo possível até Bain, a cidade mais próxima, e depois um ônibus até o perímetro de Ancelstierre que dava para a Muralha. Com sorte, chegaria lá no princípio da tarde...

Por trás daqueles planos, os seus pensamentos continuavam a voltar a

Abhorsen. O que podia ter acontecido para estar preso na Morte? E que esperanças poderia acalentar a esse respeito, mesmo que alcançasse o Reino Antigo?

O perímetro de Ancelstierre estendia-se de costa a costa, paralelo à Muralha e talvez a um quilômetro dela. O arame em concertina fazia lembrar lagartas espetadas em estacas de aço enferrujado, defesas avançadas para uma rede entrecruzada de trincheiras e caixas de comprimidos de betão. Muitas destas posições fortificadas tinham sido concebidas para controlar o terreno por trás delas, bem como à frente, e estendia-se quase a mesma quantidade de arame farpado por trás das trincheiras, protegendo a retaguarda.

Na verdade, o Perímetro conseguia manter, muito mais eficazmente, as pessoas de Ancelstierre afastadas do Reino Antigo do que impedir que as coisas do Reino Antigo passassem para o outro lado. Tudo o que fosse suficientemente poderoso para atravessar a Muralha normalmente conservava magia suficiente para assumir a forma de um soldado, ou tornar-se invisível e ir simplesmente para onde queria, independentemente do arame farpado, das balas, das granadas de mão e das bombas de canhão que com frequência não acertavam nada, em particular quando o vento soprava do Norte, vindo do Reino Antigo.

Devido à falibilidade da tecnologia, os soldados ancelsierranos da guarnição do Perímetro usavam cotas de malha por cima dos uniformes de campanha de caqui, tinham barras protetoras nos capacetes na zona do nariz e do pescoço e carregavam sabres-baionetas extremamente antiquados em bainhas muito usadas. Traziam às costas escudos ou, mais corretamente, "broquéis pequenos apenas para a guarnição do Perímetro", o caqui tradicional há muito substituído pelos símbolos regimentais ou pessoais de cores fortes pintadas. A camuflagem não era considerada importante nesta fortificação em particular.

Sabriel observou o pelotão de jovens soldados que passou marchando pelo ônibus, enquanto esperava que os turistas na sua dianteira saíssem pela porta da frente, e perguntou-se o que pensariam das suas estranhas obrigações. A maior parte devia ser recrutada lá do Sul, onde a magia não escalava a Muralha e alargava as fendas no que consideravam como a realidade. Aqui, podia sentir o potencial da magia ganhando força, espreitando para a atmosfera com o ar carregado antes de uma tempestade acompanhada de trovoadas.

A própria Muralha parecia suficientemente normal além dos baldios de arame e trincheiras. Tal como quaisquer outros restos medievais. Era de pedra e antiga, com cerca de doze metros de altura e ameias. Nada de especial, até se dar a percepção de que se encontrava em perfeito estado de conservação. E, para aqueles dotados de visão, as próprias pedras estavam cheias de marcas da Carta, marcas em constante movimento, torcendo-se e girando, deslizando e

reorganizando-se sob uma pele de pedra.

A confirmação final de singularidade encontrava-se além da Muralha. Estava claro e fresco do lado de Ancelstierre e o Sol brilhava, mas Sabriel podia ver a neve caindo insistentemente por trás da Muralha e nuvens carregadas de neve aglomeradas mesmo até à Muralha, onde acabavam bruscamente, como se uma poderosa faca do tempo tivesse simplesmente penetrado através do céu.

Sabriel viu a neve cair e deu graças pelo seu almanaque. Publicado em letra de imprensa, o tipo deixara irregularidades no papel grosso rico em linho, fazendo as muitas anotações manuscritas ondular precariamente entre as linhas. Uma observação com arabescos, escrita por um punho que sabia não ser o do pai, indicava-lhe o tempo previsível nos respectivos calendários de cada região. Ancelstierre tinha "Outono. Probabilidade de frio". O Reino Antigo tinha "Inverno. De certo nevará. Esquis ou calçado para a neve".

O último turista saiu, ansioso por alcançar a plataforma de observação. Apesar do Exército e o Governo encorajarem os turistas, e não existirem instalações para acomodá-los num raio de trinta quilômetros da Muralha, era autorizada a vinda de um ônibus por dia para ver a Muralha de uma torre localizada bem atrás das linhas do Perímetro. Mesmo esta concessão era muitas vezes cancelada, pois, quando o vento soprava do Norte, o ônibus avariava-se, inexplicavelmente, alguns quilômetros antes da Torre e os turistas teriam de ajudar a empurrar na direção de Bain apenas para o verem voltar a pegar tão misteriosamente quanto quebrara.

As autoridades tinham feito também algumas ligeiras concessões às pessoas autorizadas a deslocarem-se de Ancelstierre ao Reino Antigo, como viu Sabriel depois de ter conseguido descer do ônibus com a mochila, os esquis de corta-mato, as provisões e a espada, tudo ameaçando seguir em diferentes direções. Um cartaz grande ao lado da parada do ônibus anunciava:

COMANDO DO PERÍMETRO GRUPO DO EXÉRCITO DO NORTE

Estritamente proibida a saída sem autorização da *Zona do Perímetro*.

Quem tentar atravessar a Zona do Perímetro será abatido sem aviso.

Os viajantes autorizados deverão apresentar-se no Q.G. do Comando do Perímetro.

ATENÇÃO NÃO SERÁ FEITO QUALQUER AVISO

Sabriel leu o aviso com interesse e notou uma rápida sensação de excitação percorrer-lhe o corpo. As suas lembranças do Reino Antigo eram vagas, da perspectiva de uma criança, mas sentiu acender-se uma sensação de mistério e maravilha com a força da Magia da Carta que a envolvia uma

sensação de algo bem mais vivo do que o recinto betumado da parada e o cartaz de aviso escarlate. E muito mais liberdade do que no Colégio Wyverley.

Mas essa sensação de maravilha e excitação fez-se acompanhar de um receio de que não conseguia se libertar, um receio nascido no temor pelo que podia ter acontecido ao pai... o que poderia ter já acontecido...

A seta no cartaz indicando onde os viajantes autorizados podiam se dirigir parecia apontar na direção do recinto de betume da parada, revestido de rochas pintadas de branco e uma série de edifícios de madeira pouco atraentes. Depois disso, havia apenas o começo das valas de comunicação que penetravam no solo e depois seguiam ziguezagueando até à linha dupla de trincheiras, fortins e fortificações que confrontavam com a Muralha.

Sabriel observou-as durante algum tempo e viu a explosão de cor quando vários soldados saltaram de uma trincheira e avançaram até ao arame. Mais pareciam transportar lanças do que espingardas e perguntou-se por que razão o Perímetro fora construído para a guerra moderna, mas era controlado por pessoas que dependiam de algo bem mais medieval. Depois, lembrou-se de uma conversa com o pai e de ele ter comentado que o Perímetro fora concebido bem mais a sul, onde se tinham recusado a admitir que este perímetro era diferente de qualquer outra fronteira contestada. Até um século ou mais existira também uma muralha do lado de Ancelstierre. Uma muralha para o baixo, feita de terra e de turfa calcadas, mas eficaz.

Recordando aquela conversa, os seus olhos avistaram uma elevação baixa de terra marcada no meio da desolação do arame e percebeu que era onde estivera a muralha do Sul. Olhando para ela com atenção, percebeu igualmente que o que tomara por estacas soltas entre as linhas de arame em concertina, era algo diferente construções altas mais parecidas com os troncos de pequenas árvores despidos de todos os ramos. Pareciam familiares, mas não conseguia situar o que eram.

Sabriel continuava a olhar para elas, pensando, quando uma voz alta e não muito agradável irrompeu a pouca distância do seu ouvido direito.

— O que é que a Menina pensa que está fazendo? Não pode ficar aqui. Para o ônibus ou então para a Torre!

Sabriel estremeceu e virou-se o mais rapidamente possível, os esquis deslizando para um lado e as provisões para o outro, emoldurando a sua cabeça numa cruz de Santo André. A voz pertencia a um soldado grande e bastante jovem, cujos bigodes eriçados constituíam mais um testemunho da ambição marcial do que uma prova dos mesmos. Ostentava duas faixas douradas na manga, mas não a cota de malha e o capacete que Sabriel vira nos outros soldados. Cheirava a creme de barbear e talco e estava tão limpo, reluzente e

cheio de importância que Sabriel catalogou-o logo como uma espécie de burocrata nato atualmente disfarçado de soldado.

— Sou uma cidadã do Reino Antigo — respondeu calmamente, olhando para o seu rosto afogueado e olhos miudinhos, segundo a maneira que Miss Prionte ensinara as suas alunas dando instruções ao pessoal doméstico menor, em Etiqueta IV. — Estou voltando.

— Documentos! — exigiu o soldado, após um momento de hesitação ante as palavras "Reino Antigo".

Sabriel esboçou um sorriso gélido (também pertencente ao currículo de Miss Prionte) e efetuou um movimento ritual com as pontas dos dedos o símbolo de revelar, de tornar visíveis as coisas escondidas, de mostrar. Enquanto os seus dedos esboçavam, formou um símbolo na sua mente, associando-o aos documentos que trazia no bolso interior da sua túnica de couro. O símbolo traçado pelos dedos e esboçado pela mente fundiu-se e os documentos estavam na mão dela. Um passaporte de Ancelstierre, bem como o documento muito mais raro do Comando do Perímetro de Ancelstierre passado às pessoas que circulavam em ambas as regiões: um documento feito de papel manufaturado, com um desenho de artista em vez de uma fotografia e impressões dos polegares e dos dedos grandes dos pés a tinta roxa.

O soldado pestanejou, mas não disse nada. Talvez, pensou Sabriel, quando ele pegou o documento apresentado, o homem pensasse que era uma brincadeira. Ou talvez até nem reparasse. Talvez a Magia da Carta fosse comum aqui, tão perto da Muralha.

O homem inspecionou-lhe os documentos com cuidado, mas sem verdadeiro interesse. Sabriel tinha agora certeza de que ele não era ninguém importante pela forma desajeitada como manuseava o seu passaporte especial. Obviamente nunca vira antes um igual. Maliciosamente, começou a compor a marca da Carta para arrebanhar, para fazer passar os documentos das mãos dele de volta ao seu bolso antes dos seus olhos miudinhos descobrirem o que se passava.

Mas, ao primeiro instante do movimento, sentiu o fulgor de outra Magia da Carta de cada lado e atrás de si e ouviu o som de cardas no betume. A sua cabeça desviou-se dos documentos e sentiu o cabelo agitar-se na testa ao olhar de um lado para o outro. Saíam soldados das cabanas e das trincheiras, de sabres-baionetas nas mãos e espingardas ao ombro. Vários deles usavam distintivos que, percebeu, os assinalavam como Magos da Carta. Os seus dedos descreviam símbolos de guardar e barreiras que prenderiam Sabriel nos seus passos, a amarrariam à sua sombra. Magia imperfeita, mas lançada com força.

De forma instintiva, a mente e as mãos de Sabriel precipitaram-se na

sequência de símbolos que anulariam esses aprisionamentos, mas os esquis deslizaram e caíram-lhe na curva do braço e estremeceu com o golpe.

Ao mesmo tempo, um soldado antecipou-se aos outros, a luz do Sol incidindo nas estrelas de prata do seu capacete.

— Pare! — gritou. — Cabo, afaste-se dela!

O cabo, surdo ao som da Magia da Carta, cego à ambição de símbolos semiformados, ergueu os olhos dos documentos dela e ficou boquiaberto por um segundo, o medo apagando-lhe as feições. Largou os passaportes e recuou aos tropeções.

Sabriel percebeu subitamente, na presença dele, do que significava o uso da magia no Perímetro e manteve-se absolutamente imóvel, apagando da sua mente os símbolos parcialmente formados. Os esquis deslizaram-lhe ainda mais pelo braço, as presilhas prendendo-se por um momento antes de se soltarem e caírem ruidosamente no chão. Os soldados avançaram rapidamente e, em segundos, formaram um círculo em volta dela, as espadas apontadas à garganta dela. Viu fios de prata cobrindo as lâminas e símbolos da Carta toscamente desenhados e compreendeu. Estas armas destinavam-se a matar coisas que eram consideradas mortas versões inferiores da espada que ela própria usava à cinta.

O homem que gritara um oficial, percebeu Sabriel, curvou-se e apanhou-lhe os passaportes. Analisou-os por um momento, depois olhou para Sabriel. Os seus olhos eram azul-claros e continham um misto de dureza e de compaixão que Sabriel achou familiar, apesar de não conseguir situar até que se recordou dos olhos do pai. Os olhos de Abhorsen eram de um castanho tão escuro que pareciam pretos, mas continham uma sensação semelhante.

O oficial fechou o passaporte, enfiou-o no cinto e empurrou o capacete com dois dedos, revelando uma marca da Carta brilhando ainda com o encantamento residual de guardar. Cautelosamente, Sabriel levantou a mão e depois, como ele não a dissuadisse, estendeu dois dedos para tocar na marca. Ao fazê-lo, ele aproximou-se e tocou na dela. Sabriel sentiu o turbilhão familiar de energia e a sensação de cair numa galáxia infindável de estrelas. Mas, aqui, as estrelas eram os símbolos da Carta, ligados numa dança sem princípio nem fim, mas que continha e descrevia o mundo no seu movimento. Sabriel conhecia apenas uma pequena fração dos símbolos, mas sabia o que dançavam e sentiu a pureza da Carta a banhá-la.

— Uma marca da Carta pura — anunciou o oficial em voz alta, quando os dedos de ambos voltaram a ficar ao lado do corpo. — Ela não é nenhuma criatura ou enviado.

Os soldados recuaram, embainhando as espadas e dando um estalido com

os fechos de segurança. Apenas o cabo de rosto vermelho não se mexeu, os seus olhos continuando a fitar Sabriel, como se não soubesse bem para o que olhava.

— Acabou-se o espetáculo, Cabo — disse o oficial, a dureza agora na sua voz e no seu olhar. — Volte para a pagadoria. Irá ver acontecimentos mais estranhos do que este no tempo que estiver aqui, afaste-se deles e talvez possa ficar vivo! Portanto — disse ele, tirando os documentos do cinto e devolvendo-os a Sabriel, — é a filha de Abhorsen. Sou o Coronel Horyse, o comandante de uma pequena parte da guarnição daqui, uma unidade a que o Exército gosta de chamar a Unidade de Reconhecimento do Perímetro do Norte e todos os demais chamam os Batedores do Ponto de Passagem, um conjunto um tanto heterogêneo de ancelstieranos que conseguiu obter uma marca da Carta e um diminuto conhecimento de magia.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor — proferiu a boca instruída de Sabriel, antes de conseguir reprimir. Uma resposta de aluna de colégio, sabia-o, e sentiu um rubor subir-lhe às faces pálidas.

— Igualmente — disse o Coronel, fazendo uma vênia. — Posso levar seus esquis?

— Se quisesse ter a gentileza — respondeu Sabriel, retomando o formalismo.

O Coronel apanhou-os, voltou a prender cuidadosamente as provisões aos esquis, apertou as presilhas que tinham se soltado e enfiou tudo debaixo de um braço musculoso.

— Presumo que tenciona atravessar para o Reino Antigo? — perguntou Horyse, quando encontrou o ponto de equilíbrio da sua carga e apontou para o cartaz vermelho no outro extremo da parada. — Teremos de fazer o registro no Q. G. do Perímetro, há algumas formalidades, mas não deverá demorar. Vem alguém... Abhorsen, buscá-la?

A voz vacilou-lhe um pouco quando mencionou Abhorsen, uma estranha gaguez num homem tão confiante. Sabriel olhou para ele e viu que os seus olhos passaram da espada que trazia, à cinta para a bandoleira com sinos que usava sobre o peito. Obviamente que reconhecera a espada de Abhorsen e também o significado dos sinos. Muito poucas pessoas estiveram na presença de um necromante, mas quem o fez não esquece os sinos.

— O senhor... conheceu o meu pai? — perguntou-lhe. — Ele costumava visitar-me duas vezes por ano. Calculo que tivesse de passar por aqui.

— Sim, eu o vi então — respondeu Horyse, quando começaram a encaminhar-se para o extremo do recinto da parada. — Mas conheci-o pela primeira vez há vinte anos, quando fui destacado para cá como subalterno. Foi uma época estranha, uma época muito má, para mim e para todos no Perímetro.

Parou a meio do passo, as botas fazendo barulho, e os seus olhos voltaram a incidir nos sinos e na brancura da pele de Sabriel, contrastando com a negrura do seu cabelo, tão negro como o betume debaixo dos pés.

— Você é uma necromante — afirmou sem rodeios. — Por isso provavelmente compreenderá. Este ponto de passagem viu muitas batalhas, muitos mortos. Antes de aqueles idiotas lá do Sul transferirem tudo para o comando central, o ponto de passagem era mudado todos os dez anos, para a porta seguinte na Muralha. Mas, há quarenta anos, um... burocrata... decretou que não haveria mudança. Era um desperdício dos dinheiro público. Este era e vai ser o único ponto de passagem. Para não falar do fato de, com o tempo, se verificar uma tal concentração de morte, misturada com Magia Livre atravessando a Muralha, que nada ficava...

— Nada ficava morto — interrompeu Sabriel serenamente.

— Sim. Quando cheguei, o problema ainda estava começando. Os cadáveres não ficavam enterrados, do nosso povo ou das criaturas do Reino Antigo. Os soldados mortos na véspera apareciam na parada. As criaturas impedidas de atravessar ressuscitavam e causavam mais estragos do que quando estavam vivas.

— E o que fez? — perguntou Sabriel. Sabia muito sobre restringimento e fazer valer a morte verdadeira, mas não em semelhante escala. Não existiam agora criaturas mortas nas proximidades, pois sentira sempre instintivamente a interligação entre vida e morte ao seu redor e não era mais diferente aqui do que o fora a sessenta e cinco quilômetros no Colégio Wyverley.

— Os nossos Magos da Carta tentaram resolver o problema, mas não existiam símbolos específicos da Carta para... os pôr mortos... apenas para destruir a sua forma física. Uma vez isso era suficiente e outras não. Tivemos de fazer rodar as tropas para Bain ou mais longe ainda apenas para elas recuperarem do que o Q. G. gostava de pensar que eram acessos de histeria ou loucura coletivos. Na época, eu não era um Mago da Carta, mas seguia com patrulhas até ao Reino Antigo, começando a aprender. Numa dessas patrulhas encontramos um homem sentado junto a uma Pedra da Carta, no alto de uma colina que dava para a Muralha e o Perímetro.

”Como estava obviamente interessado no Perímetro, o oficial encarregado da patrulha pensou que poderíamos interrogá-lo e matá-lo se ele apresentasse uma Carta falsificada, ou fosse alguma coisa da Magia Livre sob a forma de um homem. Mas não o fizemos, claro. Era Abhorsen, e viera ao nosso encontro, porque ouvira falar dos Mortos. Nós o escoltamos e ele encontrou-se com o General que comandava a guarnição. Não sei o que combinaram, mas calculo que fosse para Abhorsen prender os Mortos e, em troca, lhe seria

concedida a cidadania de Ancelstierre e a liberdade para atravessar a Muralha. Depois disso, ficou sem dúvida com os dois passaportes. Em qualquer dos casos, passou os meses seguintes talhando as flautas eólicas que pode ver entre o arame.”

— Ah! — exclamou Sabriel. — Tinha me perguntado o que eram. Flautas eólicas. Isso explica muita coisa.

— Ainda bem que compreende — disse o Coronel. — Eu ainda não consigo. Para começar, elas não emitem qualquer som por mais forte que o vento sopra através delas. Apresentam símbolos da Carta que nunca tinha visto antes de ele os gravar e que nunca mais voltei a ver em outro lugar. Mas quando ele começou a colocá-las... uma noite... os Mortos foram desaparecendo gradualmente e não ressuscitaram mais.

Tinham alcançado o extremo mais distante do recinto da parada, onde fora colocado outro cartaz vermelho ao lado de uma trincheira de comunicação, anunciando: ”Q. G. da Guarnição do Perímetro. Tocar e Esperar por Uma Sentinela.”

Um aparelho telefônico manual e um sino com corrente patenteavam a habitual dicotomia do Perímetro. O Coronel Horyse pegou o telefone, deu à manivela, escutou por um momento, depois voltou a colocá-lo no lugar. De cenho carregado, puxou três vezes a corrente do sino numa sucessão rápida.

— De qualquer forma — prosseguiu ele, enquanto esperavam pela sentinela, — fosse o que fosse, deu certo. Por isso temos uma profunda dívida para com Abhorsen e isso faz da sua filha uma convidada de honra.

— Posso ser menos honrada e mais ultrajante como portadora de maus presságios — afirmou Sabriel calmamente. Hesitou, pois era difícil falar de Abhorsen sem que lhe viessem as lágrimas aos olhos, depois continuou rapidamente, para acabar com tudo. — A razão que me traz ao Reino Antigo é... procurar o meu pai. Aconteceu-lhe algo.

— Tinha esperanças de que houvesse outro motivo para usar a espada dele — disse Horyse. Mudou os esquis para a curva do braço esquerdo, libertando o direito para retribuir a continência das duas sentinelas que vinham correndo pela trincheira de comunicação, as botas fazendo barulho nas pranchas de madeira.

— E não fica por aqui, há pior — acrescentou Sabriel, respirando fundo para que a voz não irrompesse em soluços. — Ele está preso na Morte... ou... pode mesmo estar morto. E os seus aprisionamentos podem quebrar-se.

— As flautas eólicas? — perguntou Horyse, apoiando a extremidade dos esquis, deixando a continência a meio. — Todos os Mortos aqui?

— As flautas tocam uma música que só se ouve na Morte — respondeu

Sabriel, — continuando um elo criado por Abhorsen. Mas os prisioneiros estão ligados a ele e as flautas não terão poder se... não terão qualquer poder se Abhorsen estiver agora entre os Mortos. Não os aprisionarão mais.

— Não vou culpar uma mensageira pelas suas novas — afirmou Horyse ao entregar uma xícara de chá a Sabriel, que estava sentada no que parecia ser a única cadeira confortável no abrigo subterrâneo que era o quartel-general do Coronel, — mas você traz as piores notícias que tenho ouvido em muitos anos.

— Pelo menos sou uma mensageira viva... e amiga — respondeu Sabriel calmamente. Não pensara em mais nada senão na sua própria preocupação com o pai.

Agora, começava a expandir os seus conhecimentos sobre ele, a compreender que era mais do que apenas seu pai, que era muitas coisas diferentes para diferentes pessoas. A sua imagem simples dele, descontraído na poltrona do seu gabinete no Colégio Wyverley, conversando sobre o seu aproveitamento escolar, a tecnologia de Ancelstierre, a Magia da Carta e a necromancia, era uma perspectiva limitada, como um quadro que só captava uma dimensão do homem.

— Quanto tempo temos até os aprisionamentos de Abhorsen se quebrarem? — perguntou Horyse, interrompendo a recordação de Sabriel do pai. A imagem do pai estendendo a mão para uma xícara de chá no seu gabinete desapareceu, eliminada pela realidade do chá entornando-se da sua caneca esmaltada e queimando-lhe os dedos.

— Oh! Desculpe. Estava absorta... quanto tempo até o quê?

— O restringimento dos mortos — repetiu o Coronel, pacientemente. — Quanto tempo até os restringimentos falharem e os mortos serem libertos?

Sabriel recordou as lições do pai e o antigo formulário de feiticeiro que passara cada período de férias a memorizar lentamente. *O Livro dos Mortos*, assim se chamava, e havia partes que ainda a faziam estremecer. Parecia bastante inofensivo, encadernado em pele verde, com fivelas de prata baças. Mas, se se atentasse, tanto a pele como a prata estavam cheias de marcas da Carta. Marcas para juntar e cegar, encerrar e aprisionar. Só um necromante experiente podia abrir aquele livro... e só um Mago da Carta corrupto podia fechar. O pai trazia-o consigo nas suas visitas e levava-o sempre de volta no fim.

— Depende — respondeu lentamente, obrigando-se a considerar a questão objetivamente, sem deixar que a emoção interferisse. Tentou recordar as páginas que mostravam a forma de esculpir flautas, os capítulos sobre música e a natureza do som no restringimento dos mortos. — Se meu pai... se Abhorsen

estiver... realmente morto, as flautas eólicas se desmancharão simplesmente com a luz da próxima lua cheia. Se ele estiver preso antes do Nono Portão, o restringimento continuará até à lua cheia depois de ele o passar ou um espírito particularmente forte quebrar os elos enfraquecidos.

— Portanto, a Lua dirá, com o tempo — afirmou Horyse. — Temos catorze dias até ficar cheia.

— É possível que eu consiga aprisionar de novo os mortos — referiu Sabriel com cautela. — Quero dizer, nunca o fiz a esta escala. Mas sei como se faz. O único problema é que, se meu pai não estiver... não estiver além do Nono Portão, então preciso de ajudá-lo o mais depressa possível. E, antes de tal, preciso chegar até a casa dele e recolher algumas coisas... verificar algumas referências.

— A que distância fica esta casa além da Muralha? — perguntou Horyse, com uma expressão calculada no rosto.

— Não sei — respondeu Sabriel.

— O quê?

— Não sei. Não vou lá desde os meus quatro anos. Acho que isso é segredo. Meu pai tinha muitos inimigos, não apenas entre os mortos. Necromantes mesquinhos, feiticeiros da Magia Livre, bruxas...

— Não me parece incomodada com a sua falta de orientação — interrompeu o Coronel com secura. Pela primeira vez, instalara-se na sua voz uma pontinha de dúvida, mesmo condescendência paternal, como se a juventude de Sabriel afetasse o respeito que lhe era devido como Maga da Carta e como necromante.

— Meu pai me ensinou a invocar um guia que me dará indicações — respondeu Sabriel friamente. — E sei que fica a quatro dias de viagem.

Aquilo calou Horyse, pelo menos no momento. Acenou com a cabeça e, levantando-se cautelosamente, de modo a que a cabeça não batesse nas vigas expostas do abrigo subterrâneo, encaminhou-se para um arquivo metálico que estava enferrujando devido à lama castanho-escura que havia entre as pranchas claras do revestimento. Abrindo o arquivo com um esticão de força considerável, encontrou um mapa mimeografado e estendeu-o em cima da mesa.

— Nunca conseguimos pôr as mãos em um mapa genuíno do Reino Antigo. Seu pai tinha um, mas ele era a única pessoa que conseguia ver alguma coisa nele, a mim parecia-me um quadrado de pele de vitelo. Uma pequena magia, disse ele, mas como não podia ensinar, talvez não tão pequena... De qualquer forma, este mapa é uma cópia da última versão do nosso mapa de patrulha, por isso só vai até cerca de dezesseis quilômetros do ponto de passagem. O regulamento da guarnição proíbe-nos estritamente de ir mais além.

As patrulhas não costumam ir além daquela distância. Talvez desertem ou talvez...

O tom de voz dele sugeria que aconteciam ainda coisas mais desagradáveis às patrulhas, mas Sabriel não o interrogou. Estava estendida em cima da mesa uma pequena porção do Reino Antigo e, mais uma vez, a excitação agitou-se dentro dela.

— Geralmente, seguimos pela Velha Estrada do Norte — disse Horyse, percorrendo-a com uma mão, os calos da espada nos seus dedos produzindo um som áspero no mapa, como a lixa fina de um mestre artífice. — Depois, as patrulhas esquadrinham quer para sueste quer para sudoeste, até alcançarem a Muralha. A seguir acompanham-na até o portão.

— O que significa este símbolo? — perguntou Sabriel, apontando para um quadrado enegrecido por cima de uma das colinas mais distantes.

— É uma Pedra da Carta — respondeu o Coronel. — Ou parte de uma, agora. Foi cortada em duas, como se atingida por um raio, há um mês ou assim. As patrulhas começaram a chamar-lhe Cume Fendido e evitam-no o máximo possível. O seu nome verdadeiro é Colina de Barhedrin e a pedra chegou a ser portadora da Carta de uma aldeia com o mesmo nome. De qualquer forma, isso foi antes do meu tempo. Se a aldeia ainda existe, deve ficar mais para norte, fora do alcance das patrulhas. Nunca tivemos informações de que os seus habitantes viessem para sul até ao Cume Fendido. A verdade é que temos poucas informações de pessoas, ponto final. O Diário da Guarnição costumava apresentar uma considerável interação com as pessoas do Reino Antigo, agricultores, mercadores, viajantes, etc., mas os encontros tornaram-se mais raros nos últimos cem anos e muito mais raros ainda nos últimos vinte. Seria uma sorte as patrulhas verem agora duas ou três pessoas por ano. Isto é, pessoas de carne e osso, não criaturas ou construções da Magia Livre ou os Mortos. Esses, vemos em demasia.

— Não compreendo — murmurou Sabriel. — Meu pai costumava falar de aldeias e vilas... mesmo cidades, no Reino Antigo. Recordo algumas delas da minha infância... bem, lembro-me mais ou menos... acho.

— Mais para o interior do Reino Antigo, certamente — respondeu o Coronel. — Os registros referem alguns nomes de vilas e cidades. Sabemos que as pessoas de lá chamam à área à volta da Muralha "as Zonas Limítrofes". E não o dizem com qualquer carinho.

Sabriel não respondeu, curvando a cabeça sobre o mapa, pensando na viagem que tinha pela frente. O Cume Fendido podia ser um bom caminho. Ficava a pouco mais de treze quilômetros, pelo que podia esquiar até ali antes de anoitecer se partisse bem cedo e se não nevasse muito do outro lado da Muralha.

Uma Pedra da Carta partida não era um bom sinal, mas existiria ali alguma magia e o caminho para a Morte seria mais fácil de trilhar. As Pedras da Carta eram muitas vezes erigidas onde fluía a Magia Livre e as encruzilhadas das correntes de Magia Livre eram com frequência passagens naturais para o mundo da morte. Sabriel sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha ao pensar naquilo que podia usar aquela passagem e o tremor passou-lhe dos dedos para o mapa.

Ergueu subitamente o olhar e viu que o Coronel Horyse fitava as mãos compridas e pálidas, o papel pesado do mapa ainda tremendo ao toque dela. Com um esforço da vontade, cessou o movimento.

— Tenho uma filha quase da sua idade — disse tranquilamente. — Lá em Corvere, com a minha mulher. Não a deixaria atravessar para o Reino Antigo.

Sabriel foi ao encontro do olhar dele e os seus olhos não eram os faróis incertos e trêmulos da adolescência.

— Só tenho dezoito anos por fora — explicou, levando a palma da mão ao peito com um movimento quase ansioso. — Mas andei pela primeira vez na Morte quando tinha doze anos. Encontrei um Repousante do Quinto Portão aos catorze anos e expulsei um Mordicante que se aproximou do colégio. Um Mordicante enfraquecido, mas mesmo assim... Há um ano, virei a última página do *Livro dos Mortos*. Já não me sinto jovem.

— Pode crer que lamento — disse o Coronel, depois, quase como se se tivesse surpreso, acrescentou: — Ah, quero dizer que te desejo algumas das alegrias insensatas que a minha filha tem: uma certa levandade, a falta de responsabilidade que é apanágio da juventude. Mas não o desejo se enfraquecer nos tempos vindouros. Escolheu um caminho difícil.

— “É o caminhante que escolhe o caminho ou o caminho o caminhante?” — citou Sabriel, as palavras impregnadas de ecos da Magia da Carta, envolvendo a língua dela como o sabor de uma especiaria. Aquelas palavras eram a dedicatória no frontispício do almanaque. Eram também as palavras derradeiras, completamente isoladas na última página, do *Livro aos Mortos*.

— Já ouvi isso antes — comentou Horyse. — O que significa?

— Não sei — respondeu Sabriel.

— Contém poder quando o diz — acrescentou o Coronel, lentamente. Engoliu em seco, de boca aberta, como se o sabor das marcas da Carta pairasse ainda no ar. — Se eu proferisse essas palavras, não passariam disso. Apenas palavras.

— Não sou capaz de explicar. — Sabriel encolheu os ombros e procurou esboçar um sorriso. — Mas conheço outras frases que são mais apropriadas ao

momento, como: "Viajante, abraça a luz da manhã, mas não dê a mão à noite." Tenho de ir andando.

Horyse sorriu ao ouvir o verso antigo, tão querido de avós e amas, mas era um sorriso vazio. Os seus olhos desviaram-se um pouco dos de Sabriel e esta calculou que ele estivesse pensando em se recusar deixá-la atravessar a Muralha. Depois suspirou, o suspiro curto e irritado de um homem que é obrigado a empreender uma ação devido à falta de alternativas.

— Seus documentos estão em ordem — disse, voltando a procurar o olhar dela. — E você é filha de Abhorsen. Não posso senão deixá-la passar. Mas continuo a achar que estou te empurrando para um perigo terrível. Não é sequer possível enviar uma patrulha com você, já temos lá cinco patrulhas.

— Contava ir sozinha — replicou Sabriel. Esperara-o, mas sentiu um certo pesar. Seria bem confortável ter um grupo de soldados a protegê-la. O medo de estar sozinha numa terra estranha e perigosa, mesmo que fosse a sua terra natal, não atingia o nível da sua excitação. Não faltaria muito para o medo a suplantar. E a imagem do pai estava sempre na sua mente. O pai em apuros, preso e sozinho nas águas frias da Morte...

— Muito bem! — disse Horyse. — Sargento!

Uma cabeça com capacete assomou subitamente à porta e Sabriel percebeu que deviam estar dois soldados de sentinela do lado de fora do abrigo subterrâneo, nos degraus para a trincheira de comunicação. Perguntou-se se teriam escutado a conversa.

— Prepare um grupo de travessia — ordenou Horyse. — Para uma só pessoa. Miss Abhorsen, aqui presente. E, Sargento, se o senhor ou o Soldado Raso Rahise falarem nem que seja durante o sono do que possam ter ouvido aqui, então ficarão de faxina cavando sepulturas para o resto das suas vidas!

— Sim, senhor! — chegou a resposta seca, ecoada pelo malogrado Soldado Raso Rahise que, notou Sabriel, parecia meio dormindo.

— Depois de você, por favor — prosseguiu Horyse, indicando a porta. — Posso voltar a levar os seus esquis?

O Exército não corria riscos quando se tratava de atravessar a Muralha. Sabriel ficou sozinha debaixo do grande arco do portão que rompia a Muralha, mas havia arqueiros a pé ajoelhados numa formação inversa à ponta de uma flecha à volta do portão e uma dúzia de espadachins que tinham seguido na dianteira com o Coronel Horyse. Cem metros atrás dela, além de um caminho em ziguezague com arame farpado, dois metralhadores Lewyn observavam de uma plataforma avançada apesar de Sabriel ter reparado que tinham sacado dos sabres-baionetas e os empunhavam, prontos a usar, nos sacos de areia,

mostrando pouca fé nos seus instrumentos de destruição esfriados a ar, de 45 tiros por minuto.

Não havia um portão na arcada, muito embora gonzos enferrujados balançassem como braços mecânicos de cada lado e saíssem do solo restos de carvalho aguçados, como dentes num maxilar partido, testemunho de alguma explosão da química moderna ou da força mágica.

Nevava ligeiramente do lado do Reino Antigo e o vento canalizava esporádicos flocos de neve pelo portão até Ancelstierre, onde se derretiam no solo mais quente do Sul. Depositou-se um no cabelo de Sabriel. Ela sacudiu-o ao de leve, até deslizar pelo seu rosto e ser apanhado pela língua.

A água fria era refrescante e, apesar de não ter um sabor diferente do de qualquer outra neve derretida que bebera, assinalava a primeira prova do Reino Antigo em treze anos. Recordou vagamente que na época também nevara. O pai carregara-a, quando a trouxera pela primeira vez para o Sul, para Ancelstierre.

Um assobio alertou-a e viu surgir da neve uma figura, ladeada por outras doze, que formaram duas colunas saindo do portão. Estavam viradas para fora, as espadas brilhando, as lâminas refletindo a luz que, por sua vez, era refletida pela neve. Apenas Horyse estava virado para dentro, esperando por ela.

Com os esquis ao ombro, Sabriel caminhou com cautela por entre as madeiras quebradas do portão. Transpôs o arco, da lama para a neve, do sol brilhante para a pálida luminescência de um nevão, do seu passado para o futuro.

As pedras da Muralha, de cada lado e por cima da cabeça dela, pareciam dar as boas-vindas à pátria e regatos de marcas da Carta corriam através das pedras como a chuva sobre o pó.

— O Reino Antigo a acolhe — disse Horyse, mas observava as marcas da Carta que corriam sobre as pedras, em vez de olhar para Sabriel.

Sabriel saiu da sombra do portão e puxou o boné para baixo, de modo a que a pala lhe protegesse o rosto da neve.

— Desejo todo o sucesso à sua missão, Sabriel — continuou Horyse, voltando a olhar para ela. — Espero...

Fez a continência, virou-se rapidamente para a esquerda e foi embora, dando meia-volta ao redor dela e transpondo o portão a marchar. Os seus homens saíram da fila e seguiram-no. Sabriel esboçou uma vênica quando passaram, fez deslizar os esquis na neve, depois enfiou as botas nas presilhas. A neve caía insistentemente, mas era apenas uma precipitação ligeira e a camada desigual. Conseguia ainda ver facilmente a Velha Estrada do Norte. Felizmente, a neve acumulara-se nas valetas de cada lado da estrada e pouparia tempo se seguisse por estas pistas estreitas. Apesar de parecer ser várias horas mais tarde no Reino Antigo do que em Ancelstierre, contava chegar ao Cume Fendido antes de

escurecer.

Pegando nos bastões, Sabriel verificou se a espada do pai estava bem enfiada na bainha e se os sinos pendiam corretamente do seu cinturão. Chegou a pensar numa fórmula rápida da Carta para calor, mas desistiu. A estrada apresentava uma ligeira subida, pelo que seria bastante difícil esquiar. Com a sua camisa de lã gordurosa, feita à mão, justilho de pele e calças de esquiar grossas e de revestimento duplo, provavelmente iria ter calor mal se pusesse a caminho. Com um movimento estudado, fez deslizar um esqui, avançando o braço contrário com o bastão, e começou a deslizar, precisamente no momento em que o último espadachim passava por ela de regresso ao portão. Sorriu quando se cruzou, mas ela nem reparou, concentrando-se em estabelecer o ritmo dos esquis e dos bastões. Dentro de minutos, voava praticamente pela estrada, uma figura magra e escura contrastando com o branco do solo.

Sabriel encontrou o primeiro soldado ancelstierrano morto a cerca de dez quilômetros da Muralha, nas últimas horas da tarde que diminuía. A colina que pensara ser o Cume Fendido ficava dois ou três quilômetros para norte. Parara para olhar o seu volume escuro, elevando-se rochosa e sem árvores do solo coberto de neve, o seu cimo temporariamente oculto por uma das nuvens leves e fofas que largava esporadicamente um aguaceiro de neve ou saraiva.

Se não tivesse parado, provavelmente não teria reparado na mão branca congelada que saía de um monte do outro lado da estrada. Mas, assim que viu aquilo, a sua atenção concentrou-se e Gabriel sentiu a pontada familiar da morte.

Atravessando, os esquis a embaterem na terra descoberta no meio da estrada, curvou-se e afastou cuidadosamente a neve.

A mão pertencia a um homem jovem, que usava uma cota de malha do padrão regulamentar por cima de um uniforme ancelstierrano de sarja de caqui. Era louro e de olhos cinzentos e Gabriel pensou que fora surpreendido, pois não era visível o medo na sua expressão estática. Tocou-lhe na testa com um dedo, fechou-lhe os olhos sem visão e colocou dois dedos sobre a sua boca aberta. Morrera há doze dias, sentiu. Não existiam sinais óbvios do que o matara. Para saber mais, teria de seguir o homem jovem até à Morte. Mesmo decorridos doze dias, era pouco provável que tivesse ido além do Quarto Portão. Mesmo assim, Gabriel tinha uma forte aversão a entrar no domínio dos mortos a não ser que fosse absolutamente necessário. O que aprisionara ou matara o pai podia muito bem estar ali à espera para emboscá-la. Este soldado morto podia inclusive ser um chamariz.

Reprimindo a sua curiosidade natural em descobrir ao certo o que acontecera, Gabriel cruzou os braços do homem sobre o peito, não sem antes ter soltado a mão direita que agarrava ainda o copo da espada afinal, talvez não tivesse sido apanhado completamente de surpresa. Depois levantou-se e traçou as marcas da Carta de fogo, limpeza, paz e sono no ar por cima do cadáver, enquanto murmurava os sons daquelas mesmas marcas. Era uma litania conhecida de todo o Mago da Carta e surtiu o efeito habitual. Uma brasa incandescente brilhou entre os braços cruzados do homem, multiplicou-se em inúmeras chamas pontiagudas, dardejantes, depois o fogo irrompeu ao longo de todo o corpo. Segundos depois, extinguiu-se e só ficou cinza, cinza manchando um corselete de malha enegrecida.

Sabriel tirou a espada do soldado do monte de cinzas e arremessou-a através da neve derretida para a terra escura por baixo. Firmou-se rapidamente,

na vertical, o punho lançando uma sombra como uma cruz sobre as cinzas. Algo brilhou na sombra e, tardiamente, Sabriel lembrou-se de que o soldado usaria um disco ou chapa de identificação.

Mudando novamente a posição dos esquis para se reequilibrar, curvou-se e enfiou um dedo na corrente do disco de identificação, puxando-o para cima para ler o nome do homem que tivera aqui o seu fim, sozinho na neve. Mas tanto a corrente como o disco tinham sido feitos por máquinas em Ancelstierre e completamente incapazes de suportar o fogo da Magia da Carta. O disco desfez-se em cinzas quando Sabriel o ergueu ao nível dos olhos e a corrente reduziu-se aos seus elos de composição, caindo por entre os dedos de Sabriel como pequenas moedas de aço.

— Talvez te identifiquem pela espada — disse Sabriel. A sua voz parecia estranha no silêncio da imensidão nevosa e, por trás de cada palavra, a sua respiração saía como um pequeno nevoeiro molhado. — Viaje sem mágoa acrescentou. Não olhe para trás.

Sabriel seguiu o seu próprio conselho ao continuar esquiando. Havia agora nela uma ansiedade que antes fora acadêmica e cada sentido estava alerta, vigilante. Sempre ouvira dizer que o Reino Antigo era perigoso e muito em particular as Zonas Limítrofes próximo da Muralha. Mas esse conhecimento intelectual era atenuado pelas recordações vagas da infância de felicidade, de estar com o pai e o grupo de Viajantes. Agora, a realidade do perigo regressava lentamente...

Um quilômetro adiante, abrandou e parou para olhar novamente para o Cume Fendido, o pescoço virado para trás a fim de ver onde o Sol incidia por entre as nuvens, iluminando o granito amarelo-avermelhado das escarpas. Ela própria encontrava-se numa nuvem de sombra, pelo que a colina se afigurava um destino atraente. Quando olhou, começou de novo a nevar e caíram-lhe dois flocos na testa derretendo-se-lhe nos olhos. Pestanejou e a neve derretida deixou rastros de lágrimas pelas faces abaixo. Através dos olhos umedecidos, avistou uma ave de rapina um falcão ou um milhafre lançando-se das escarpas e pairando, a sua concentração exclusivamente num pequeno rato ou arganaz que atravessava a neve.

O milhafre desceu tal qual uma pedra arremessada e alguns segundos depois Sabriel sentiu alguma vida pequena extinta. Ao mesmo tempo, sentiu também o puxão da morte humana. Em algum lugar lá adiante, próximo do lugar onde o milhafre jantava, jaziam mais pessoas mortas.

Sabriel estremeceu e olhou de novo para a colina. De acordo com o mapa de Horyse, o caminho para o Cume Fendido situava-se numa ravina estreita entre duas escarpas. Consequia ver perfeitamente onde se devia localizar, mas os

mortos estavam naquela direção. O que quer que os matara podia também ainda estar lá.

A luz do Sol incidia nas escarpas, mas o vento transportava nuvens de neve através do sol e Sabriel calculou que faltasse mais ou menos uma hora para o crepúsculo. Perdera tempo libertando o espírito do soldado e agora não tinha outra alternativa senão apressar-se se queria chegar ao Cume Fendido antes de anoitecer.

Pensou durante um momento no que tinha pela frente, depois chegou a um acordo com a velocidade e a cautela. Cravando os bastões na neve, abriu as presilhas, desceu dos esquis e depois prendeu rapidamente esquis e bastões de modo a ficarem seguros em diagonal na mochila. Atou-os cuidadosamente, lembrando-se de que tinham caído e interrompido o feitiço da Carta no recinto da parada ainda naquela manhã, mas parecia que fora há semanas e num mundo distante.

Feito isso, começou a caminhar com cautela pelo meio da estrada, afastando-se dos acumulos nas valetas. Muito em breve teria de abandonar a estrada, mas parecia haver pouca neve nas vertentes íngremes e rochosas do Cume Fendido.

Como precaução final, sacou a espada de Abhorsen, depois embainhou-a, de modo a que ficassem alguns centímetros de lâmina de fora da bainha. Sairia rápida e facilmente quando precisasse dela.

Sabriel contava encontrar os cadáveres na estrada, ou perto dela, mas estavam mais para diante. Havia muitas pegadas e neve revolvida seguindo da estrada em direção ao caminho para o Cume Fendido. Esse caminho passava pelo meio das escarpas, tomando um percurso escavado por um curso de água que descia de uma nascente funda no alto da colina. O caminho atravessava o curso de água várias vezes, com alpondras ou troncos de árvore sobre a água para evitar que os caminhantes molhassem os pés. A meio, no lugar onde as escarpas quase se apoiavam, o curso de água sulcara uma pequena garganta, com cerca de três metros e meio de largura, seis metros de comprimento e funda. Aqui, os trajetores tinham sido obrigados a construir uma ponte ao longo do riacho, em vez de atravessá-lo.

Sabriel encontrou aqui o resto da patrulha ancelstierrana, tropeçou na madeira verde-escura-negra da ponte, com a água murmurando por baixo e a pedra vermelha arqueando-se lá à frente. Estavam sete ao longo da ponte. Ao contrário do primeiro soldado, via-se perfeitamente o que os matara. Tinham sido esquartejados e, quando Sabriel se aproximou, percebeu que os haviam decapitado. Pior do que isso, quem quer que... o que quer que... os matara levaria-lhes as cabeças quase uma garantia de que os seus espíritos regressariam.

Puxou facilmente a espada. Cuidadosamente, com a mão direita quase colada ao punho da espada, Sabriel contornou o primeiro dos corpos esquartejados e entrou na ponte. A água por baixo estava parcialmente gelada, pouco profunda e indolente, mas via-se que os soldados tinham procurado refugiar-se sobre ela. A água corrente constituía uma boa proteção para as criaturas mortas ou coisas da Magia Livre, mas este curso de água entorpecido não teria assustado um só dos Mortos Menores. Na Primavera, alimentado com a neve derretida, o curso de água irromperia por entre as escarpas e a ponte ficaria parcialmente mergulhada em água cristalina e rápida. Os soldados teriam provavelmente, sobrevivido naquela época do ano.

Sabriel suspirou de mansinho, pensando na facilidade com que sete pessoas podiam estar vivas num instante e depois, não obstante tudo o que pudessem fazer, não obstante a sua última esperança, podiam estar mortas logo no seguinte. Mais uma vez, sentiu a tentação do necromante, de aceitar as cartas que a natureza dera, baralhá-las e voltar a dá-las. Tinha o poder de fazer aqueles homens voltar a viver, voltar a rir, voltar a amar...

Mas sem as cabeças, só os conseguiria trazer de volta como "Mãos", um termo depreciativo que os necromantes da Magia Livre usavam para os espectros sem vida, que conservavam pouca da sua inteligência original e nenhuma da sua iniciativa. No entanto, davam úteis criados, quer como cadáveres reanimados quer como as mais difíceis Mãos-Sombra, em que apenas o espírito era trazido de volta.

Sabriel fez um esgar ao pensar nas Mãos-Sombra. Um necromante habilidoso conseguia ressuscitar facilmente as Mãos-Sombra a partir das cabeças dos recém-mortos. De igual modo, sem as cabeças, não era possível ministrarlhes os ritos finais e libertar os seus espíritos. Tudo o que podia fazer era tratar os cadáveres com algum respeito e, no processo, desobstruir a ponte. O dia estava quase terminando e já escurecera na sombra do desfiladeiro, mas ignorou a vozinha dentro de si que a instava a abandonar os cadáveres e a correr para o espaço aberto do alto da colina.

Quando terminou de arrastar os cadáveres pelo caminho abaixo, estendendo-os com as espadas espetadas na terra ao lado dos corpos sem cabeça, também estava escuro do lado de fora do desfiladeiro. Tão escuro que teve de arriscar uma luz tênue invocada pela Carta, que pairava qual estrela fraca sobre a sua cabeça, indicando o caminho antes de se extinguir.

Uma magia ligeira, mas com consequências imprevisíveis, pois, ao deixar para trás os cadáveres, surgiu uma luz de resposta no pilar mais elevado da ponte. Transformou-se em brasas incandescentes quase de imediato, mas deixou três marcas da Carta brilhando. Uma era desconhecida de Sabriel, mas

calculava o significado das outras duas. Juntas, encerravam uma mensagem.

Três dos soldados mortos tinham a envolvê-los a sensibilidade da Magia da Carta e Sabriel calculou que fossem Magos da Carta. Apresentariam a marca da Carta nas suas testas. O último corpo na ponte pertencera a um daqueles homens e Sabriel recordou que ele fora o único que não pegara numa arma tinha as mãos presas ao pilar da ponte. Estas marcas contariam certamente a mensagem dele.

Sabriel levou a mão à sua própria marca da Carta na testa e depois ao pilar da ponte. As marcas voltaram a brilhar, depois apagaram-se. Ouviu-se uma voz vinda não se sabe de onde, próximo do ouvido de Sabriel. Uma voz masculina com medo, rodeada do som de armas entrecrocando-se, gritos e pânico total.

— Um dos Mortos Maiores! Veio por trás de nós, quase ao pé da Muralha. Não pudemos nos virar. Tem criados, Mãos, um Mordicante! Sou o Sargento Gerren. Diga ao Coronel...

O que quer que ele quisesse dizer ao Coronel Horyse perdeu-se no momento da sua própria morte. Sabriel ficou estática, à escuta, como se pudesse haver mais. Sentiu-se indisposta, nauseada e respirou fundo diversas vezes. Esquecera-se de que, apesar de toda a sua familiaridade com a morte e os mortos, nunca vira ou ouvira ninguém realmente morrer. Aprendera a lidar com o resultado... mas não o acontecimento.

Voltou a tocar no pilar da ponte, apenas com um dedo, e sentiu as marcas da Carta percorrerem a textura da madeira. A mensagem do Sargento Gerren ficaria ali para sempre para qualquer Mago da Carta ouvir, até o tempo atuar e o pilar da ponte apodrecer ou ser levado por uma enchente.

Sabriel inspirou mais algumas vezes, acalmou o estômago e fez um esforço para escutar mais uma vez.

Um dos Mortos Maiores estava de volta à vida e isso era algo a que o pai jurara pôr cobro. Quase de certeza este aparecimento e o desaparecimento de Abhorsen estavam associados.

Mais uma vez, a mensagem chegou e Sabriel escutou. Depois, reprimindo as lágrimas, seguiu caminho, subindo o carreiro, afastando-se da ponte e dos mortos, avançando em direção ao Cume Fendido e à Pedra da Carta partida.

As escarpas separaram-se e, lá em cima no céu, as estrelas começaram a brilhar, enquanto o vento soprava com mais força e empurrava as nuvens de neve à sua frente para oeste. A lua nova mostrou-se e ganhou brilho, até projetar sombras no solo salpicado de neve.

Não era mais de meia hora de escalada perseverante até o alto do Cume Fendido, conquanto o caminho se fosse tornando mais íngreme e mais difícil. O vento soprava agora, com força e limpava o céu, o luar dando forma à paisagem. Mas, sem as nuvens, fazia muito mais frio.

Sabriel pensou numa fórmula da Carta para calor, mas estava cansada e o esforço do feitiço lhe custaria mais do que o benefício do calor. Resolveu parar e encolheu-se no impermeável forrado de lã que lhe fora dado pelo pai. Estava um pouco usado e era muito grande, precisando ser bem apertado com o cinturão da espada e a bandoleira que segurava os sinos, mas protegia sem dúvida do vento.

Sentindo-se relativamente mais quente, Sabriel recomeçou a subida até à última porção serpenteante do caminho, onde a inclinação era tão acentuada que os trajetores tinham resolvido talhar degraus no granito, degraus agora usados e desfazendo-se, podendo resvalar debaixo dos pés.

Podendo tanto resvalar que Sabriel chegou ao alto sem perceber, cabisbaixa, os olhos procurando ao luar a parte sólida do degrau seguinte. O seu pé estava efetivamente a meio caminho no ar antes de se dar conta de que não havia mais nenhum degrau.

O Cume Fendido encontrava-se à sua frente. Uma crista estreita onde várias vertentes da colina se uniam para formar um planalto em miniatura, com uma ligeira depressão no meio. Havia neve na depressão, um sedimento com a forma de um charuto gordo, brilhando ao luar, completamente branco em contraste com o granito vermelho. Não havia árvores, nenhuma vegetação sequer, mas, mesmo no centro do sedimento acumulado, uma pedra cinzento-escura projetava uma longa sombra lunar. Tinha o dobro do perímetro de Sabriel e três vezes a sua altura e parecia inteira até ela se aproximar e ver a fenda em ziguezague que a cortava ao meio.

Sabriel nunca antes vira uma verdadeira Pedra da Carta, mas sabia que era suposto serem como a Muralha, com marcas da Carta correndo com vivacidade através da pedra, formando-se e dissolvendo-se, para voltarem a se formar, numa história infundável que falava da criação do mundo.

Havia marcas da Carta nesta pedra, mas estavam paradas, tão geladas quanto a neve. Marcas dos Mortos, nada mais do que inscrições sem sentido, gravadas numa pedra esculpida.

Não era o que Sabriel esperara, apesar de perceber agora que não pensara muito no assunto. Supusera que os relâmpagos ou algo semelhante tinha estado na origem da cisão da pedra, mas as lições esquecidas recordadas muito tarde

disseram-lhe que não era assim. Só um poder terrível da Magia Livre era capaz de fraturar uma Pedra da Carta.

Aproximou-se mais da pedra, o medo crescendo nela como uma dor de dentes que eclode pela primeira vez, um sinal de que o pior estava para vir. O vento soprava mais forte e mais frio também lá em cima na crista e o impermeável parecia menos reconfortante à medida que as lembranças do pai nele contidas foram trazendo de volta a recordação de certas páginas *do Livro dos Mortos* e histórias de horror contadas pelas meninas no escuro do dormitório, longe do Reino Antigo. Os receios acompanharam estas lembranças, até Sabriel as empurrar para o fundo da mente, e fez um esforço para se aproximar mais da pedra.

Manchas escuras de... algo... obscureciam algumas marcas, mas quando Sabriel aproximou o rosto da pedra é que conseguiu distinguir o que eram, tão apagadas e negras ao luar. Quando viu, afastou bruscamente a cabeça e recuou aos tropeções, quase caindo desequilibrada na neve. As manchas eram de sangue seco e, quando as viu, Sabriel soube como fora que a pedra se quebrara... e por que razão a pedra nunca ficaria limpa. Fora sacrificado nela um Mago da Carta. Sacrificado por um necromante para ter acesso à Morte ou ajudar um espírito Morto a regressar à Vida.

Sabriel mordeu o lábio inferior até lhe doer e, quase inconscientemente, as suas mãos agitaram-se, semidescrevendo marcas da Carta com nervosismo e receio. A fórmula para aquele tipo de sacrifício vinha no último capítulo *do Livro dos Mortos*. Recordou-a naquele momento, com repugnante detalhe. Era uma das muitas coisas que parecia ter esquecido daquele livro com encadernação verde ou fora levada a esquecer. Só um necromante muito poderoso podia usar aquela fórmula. Só um necromante absolutamente perverso o queria fazer. E o mal gera o mal, o mal macula lugares e torna-os atraentes para futuros atos de...

Pare com isso! admoestou-se Sabriel num murmúrio, para sustar as fantasias da sua mente. Estava escuro, ventava e esfriava mais a cada minuto. Tinha de tomar uma decisão: acampar e chamar a sua guia ou seguir imediatamente numa direção qualquer, na esperança de que fosse capaz de invocar a sua fúria de outro lugar.

O pior de tudo era que a sua guia morreria. Sabriel tinha de entrar na Morte, quiçá fugazmente, para invocar e conversar com a guia. Seria fácil fazê-lo aqui, pois o sacrifício criara uma entrada semipermanente, como se a porta fosse mantida escancarada. Mas quem sabia o que podia espreitar, observar, no rio frio mais além.

Sabriel ficou parada por um minuto, tremendo, escutando todos os seus

sentidos concentrados, qual animal pequeno que sabe que anda por perto um predador. A sua mente percorreu as páginas do *Livro dos Mortos* e recordou as muitas horas que passara aprendendo a Magia da Carta com Mestra Greenwood na soalheira Torre do Norte do Colégio Wyverley.

Passado esse minuto, soube que estava fora de questão acampar. Sentia simplesmente muito medo para dormir Em algum lugar perto da Pedra da Carta danificada. Mas seria mais rápido invocar a sua guia para ali e quanto mais depressa alcançasse a casa do pai mais depressa poderia fazer algo para ajudá-lo, por isso impunha-se um acordo. Se protegeria o melhor que pudesse com a Magia da Carta, entraria na Morte com toda a precaução, invocaria a sua guia, obteria diretrizes e iria embora o mais rapidamente possível. Com celeridade, mesmo.

Com a decisão veio a ação. Sabriel largou os esquís e a mochila, enfiou na boca uma fruta seca e caramelo de manteiga caseiro para energia rápida e adotou a pose meditativa que facilitava a Magia da Carta.

Após um pequeno problema com o caramelo nos dentes, começou. Os símbolos formaram-se na mente as quatro marcas cardeais da Carta que eram os pólos de um losango que a protegeria tanto do mal físico como da Magia Livre. Sabriel reteve-as na mente, prendeu-as no tempo e retirou-as do fluxo da infundável Carta. Depois, puxando a espada, traçou os contornos à sua volta na neve, uma marca em cada ponto cardinal da bússola. Quando acabou cada marca, deixou que a que estava na sua mente lhe corresse da cabeça até à mão, descesse pela espada até à neve. Ali, correram como linhas de fogo dourado e as marcas ganharam vida, ardendo no solo.

A última marca era a marca do Norte, a mais próxima da pedra destruída, e quase falhou. Sabriel teve de fechar os olhos e usar de toda a sua vontade para a obrigar a deixar a espada. Mesmo assim, era apenas uma pálida imitação das outras três, ardendo de uma forma tão tênue que mal derreteu a neve.

Sabriel ignorou-a, reprimindo a náusea que trouxe a bÍlis até ao fundo da sua boca, o corpo reagindo à luta com a marca da Carta. Sabia que a marca do Norte era fraca, mas tinham circulado linhas douradas entre os quatro pontos e o losango ficou concluído, ainda que duvidoso. De qualquer das formas, era o melhor que conseguia fazer. Embainhou a espada, descalçou as luvas e agarrou a bandoleira dos sinos, contando-os com os dedos frios.

— Ranna — disse em voz alta, tocando no primeiro, o sino menor. Ranna, o portador do sono, o som doce e baixo que trazia o silêncio na sua esteira.

— Mosrael. — O segundo sino, irritante e turbulento. Mosrael era o despertador, o sino que Sabriel nunca deveria usar, o sino cujo som era um

balanço, empurrando o tocador mais em direção à Morte, tal como trazia, o ouvinte de volta à Vida.

— Kibeth. — Kibeth, o Caminheiro. Um sino de vários sons, difícil e obstinado. Conseguia dar liberdade de movimentos a um dos Mortos ou acompanhá-lo na travessia do próximo portão. Muito necromante tinha-se enganado a respeito de Kibeth e ido para onde não queria.

— Dyrin. — Um sino musical, de timbre cristalino e belo. Dyrin era a voz que os Mortos tão frequentemente perdiam. Mas Dyrin também podia calar uma língua que se movia com muita liberdade.

— Belgaer. — Outro sino traiçoeiro, que tentava tocar de modo próprio. Belgaer era o sino do pensamento, o sino que a maior parte dos necromantes se recusava a usar. Conseguia restituir o pensamento independente e todos os padrões de uma pessoa viva. Ou, se caísse em mão descuidada, apagá-los.

— Saraneth. — O sino mais profundo, mais baixo. O som da força. Saraneth era aprisionador, o sino que prendia os Mortos à vontade do manipulador.

E, por último, o sino maior, aquele que os dedos frios de Sabriel acharam ainda mais frio, mesmo na bolsa de pele que o mantinha silencioso.

— Astarael, o Pesaroso — murmurou Sabriel. Astarael era ainda o banidor, o último sino. Devidamente tocado, lançava todos os que o ouviam na Morte. Todos, inclusive o tocador.

A mão de Sabriel hesitou, tocou em Ranna e depois decidiu-se por Saraneth. Cuidadosamente, abriu a bolsa e retirou o sino. O badalo, liberto da máscara, tocou ligeiramente, como o ronco do despertar de um urso.

Sabriel silenciou-o, segurando o badalo com a palma da mão dentro do sino, ignorando o cabo. Com a mão direita, puxou a espada e ergueu-a na posição de defesa. As marcas da Carta ao longo da lâmina captaram o luar e ganharam vida. Sabriel observou-as por um momento, pois às vezes era possível ver prodígios nessas coisas. As estranhas marcas correram pela lâmina, antes de se converterem na inscrição mais habitual, aquela que Sabriel conhecia bem. Baixou a cabeça e preparou-se para entrar na Morte. Sem que Sabriel reparasse, a inscrição recomeçou, mas algumas partes não eram iguais. "Fui feita por Abhorsen, para matar os que já estão Mortos", era o que dizia normalmente. Naquele momento continuou: "As Clayr viram-me, o Construtor da Muralha criou-me, o Rei reprimiu-me, Abhorsen domina-me."

Sabriel, agora de olhos fechados, sentiu aparecer o limite entre a Vida e a Morte. Sentiu nas costas o vento, agora curiosamente quente, e o luar, intenso e quente como a luz do Sol. Sentiu no rosto o frio derradeiro e, abrindo os olhos, viu a luz cinzenta da Morte. Com um esforço da vontade, o espírito dela

avançou, a espada e o sino a postos. O seu corpo empertigou-se dentro do losango e a bruma soprou em remoinhos à volta dos pés dela, subindo-lhe pelas pernas. O gelo contornava-lhe o rosto e as mãos e as Marcas da Carta brilhavam em cada vértice do losango. Três estabilizaram-se novamente, mas a marca do Norte incandesceu mais ainda e apagou-se.

O rio corria veloz, mas Sabriel firmou os pés contra a corrente e ignorou-a e ao frio, concentrando-se em olhar à sua volta, atenta a armadilhas ou a uma emboscada. Reinava o silêncio neste ponto de entrada em concreto para a Morte. Podia ouvir a água passando precipitadamente pelo Segundo Portão, mas nada mais. Nem chapes, nem gorgolejes, nem choros estranhos. Nem vultos escuros e informes ou silhuetas sinistras, sombrias com esta luz cinzenta.

Mantendo cuidadosamente na posição, Sabriel olhou de novo à sua volta, antes de embainhar a espada e levar a mão a um dos bolsos na perna das suas calças de lã. O sino, Saraneth, estava a postos na sua mão esquerda. Com a direita, retirou um barco de papel e, só com uma mão, abriu-o na sua forma própria. De um branco magnífico, quase luminoso com esta luz, apresentava uma mancha pequena, perfeitamente redonda, na proa, onde Sabriel aplicara cuidadosamente uma gota de sangue do seu dedo.

Sabriel colocou-o na mão, levou-o aos lábios e soprou-o como se lançasse uma pena. Qual planador, vôou da mão dela para o rio. Sabriel manteve aquele sopro de lançamento enquanto o barco quase submergiu, apenas para suspirar de alívio como se enfrentasse uma onda, endireitar-se e deslizar com a corrente. Passados alguns segundos, desapareceu de vista, dirigindo-se para o Segundo Portão.

Era a segunda vez na sua vida que Sabriel lançava semelhante barco de papel. O pai mostrara-lhe como fazê-los, mas convencera-a a usá-los com parcimônia. Não mais de três vezes cada sete anos, dissera, ou haveria um preço a pagar, um preço muito mais alto do que uma gota de sangue.

Como os acontecimentos deviam seguir o mesmo rumo que da primeira vez, Sabriel sabia com o que contar. Mesmo assim, quando o ruído do Segundo Portão cessou por um momento, cerca de dez ou vinte ou quarenta minutos depois sendo o tempo incerto na Morte, puxou da espada e suspendeu Saraneth na mão, o badalo liberto, à espera de se fazer ouvir. O Portão deixara de fazer barulho, alguém... algo... regressava das profundezas da Morte.

Sabriel esperava que fosse aquela que convidara através do barco de papel.

A Magia da Carta no Cume Fendido. Era como um odor trazido no vento até à coisa que espreitava nas cavernas por baixo da colina a quilômetro e meio ou mais para oeste da Pedra da Carta quebrada.

Em tempos fora humana, ou de tipo humano pelo menos, nos anos em que vivera sob o Sol. Esse carácter humano quase se perdera nos séculos que a coisa passara nas águas gélidas da Morte, contrariando velozmente a tendência, demonstrando possuir uma vontade incrível de voltar a viver. Uma vontade que desconhecia ter antes de uma lança de caça mal arremessada saltar de uma rocha e se cravar na garganta, apenas o suficiente para alguns derradeiros minutos de vida frenética.

Por mero esforço da vontade, agarrara-se durante trezentos anos ao lado da vida no Quarto Portão, ganhando poder, aprendendo os modos da Morte. Atacava os espíritos inferiores e servia ou evitava os superiores. Mas a coisa agarrava-se sempre à vida. A sua oportunidade deu-se finalmente quando um espírito poderoso irrompeu do lado de lá do Sétimo Portão, destruindo sucessivamente cada um dos Portões Superiores, até se vir alimentar à Vida. Tinham-no seguido centenas de Mortos e este espírito em particular juntara-se à multidão. Houvera uma terrível confusão e um inimigo poderoso mesmo na fronteira entre a Vida e a Morte, mas, na confusão, ele conseguira deslocar-se pelas extremidades e esgueirar-se triunfalmente para a Vida.

Abundavam os corpos recentemente vagos no lugar onde ele apareceu, de modo que ocupou um, animou-o e fugiu. Pouco depois, encontrou as cavernas que habitava agora. Decidiu, inclusive, atribuir-se um nome. Thralk. Um nome simples, não muito difícil para uma boca parcialmente decomposta conseguir pronunciar. Um nome masculino. Thralk não conseguia se lembrar de qual fora o seu sexo de origem, naqueles séculos que tinham antecedido, mas o seu novo corpo era masculino.

Era um nome que infundia receio nos escassos pequenos povoados que existiam ainda nesta região das Zonas Limítrofes, povoados que Thralk predava, capturando e consumindo a vida humana de que necessitava para se manter do lado vivo da Morte.

A Magia da Carta voltou a flamejar no Cume Fendido e Thralk sentiu que era forte e pura mas deficientemente lançada. A força da magia assustou-o, mas a falta de perícia que lhe estava subjacente era tranquilizante e uma magia forte significava uma vida forte. Thralk necessitava dessa vida, necessitava dela para firmar o corpo que usava, necessitava dela para recuperar a parte do seu

espírito que voltara para a Morte. A ganância venceu o medo. A coisa Morta abandonou a entrada da caverna e começou a subir a colina, os seus olhos sem pálpebras e putrefatos fixos no cume distante.

Sabriel viu a sua guia, primeiro como uma luz alta e pálida arrastando-se por cima da água agitada em direção a ela e depois, ao parar a vários metros de distância, como uma forma humana difusa e brilhante, os braços estendidos em boas-vindas.

— Sabriel.

As palavras eram imprecisas e pareciam vir de muito mais longe do que o lugar onde se encontrava a figura brilhante, mas Sabriel sorriu ao sentir o calor da saudação. Abhorsen nunca explicara quem ou o que era esta pessoa luminosa, mas Sabriel julgava saber. Invocara esta conselheira apenas numa ocasião anterior quando fora menstruada pela primeira vez.

A educação sexual era mínima no Colégio Wyverley nenhuma até aos quinze anos. As histórias das meninas mais velhas eram muitas e variadas e com frequência destinadas a assustar. Nenhuma das amigas de Sabriel atingira a puberdade antes dela, por isso entrara na Morte com medo e desespero. O pai dissera-lhe que aquela que o barco de papel invocava responderia a qualquer pergunta e a protegeria e assim fora. O espírito brilhante respondera a todas as suas perguntas e a muitas outras mais, até Sabriel se ver obrigada a voltar à Vida.

— Olá, Mãe — disse Sabriel, embainhando a espada e abafando cuidadosamente Saraneth com os dedos dentro do sino.

A forma brilhante não respondeu, mas isso era de prever. Além da saudação apenas com uma palavra, só conseguia responder a perguntas. Sabriel não estava realmente certa de que a manifestação fosse o muito invulgar espírito morto da sua mãe, o que era improvável, ou alguma magia residual protetora deixada por ela.

— Não tenho muito tempo — continuou Sabriel. — Gostaria de perguntar sobre... oh, tudo, creio... mas no momento preciso saber como chegar a casa do Pai a partir do Cume Fendido... quero dizer, a Serra de Barhedrin.

A enviada acenou com a cabeça e falou. Enquanto Sabriel escutava, viu também mentalmente imagens do que a mulher descrevia, imagens vivas, como memórias de uma viagem que ela própria fizera.

— Vá até o lado norte da serra. Segue o pico que começa lá embaixo até alcançar o fundo do vale. Olhe para o céu... não haverá qualquer nuvem. Olha para a estrela vermelho-vivo, Uallus, perto do horizonte, três dedos a leste do Norte. Acompanhe essa estrela até chegar a uma estrada que se estende de sudoeste para noroeste. Percorra-a por quilômetro e meio, até chegar a um marco miliário e à Pedra da Carta por trás dele. Um caminho do outro lado da pedra

conduz aos Penhascos Longos, imediatamente a norte. Tome o caminho. Acaba numa porta nos Penhascos. A porta reagirá a Mosrael. além da porta há um túnel, subindo quase a pique. Depois do túnel fica a Ponte de Abhorsen. A casa é do outro lado da ponte. Vá com amor e não se detenha, não pare, aconteça o que acontecer.

— Obrigada — começou Sabriel, guardando cuidadosamente as palavras com os pensamentos que as acompanhavam. — Podia também...

Parou quando a projeção da mãe diante dela ergueu subitamente os dois braços como que chocada e gritou:

— Vá!

Ao mesmo tempo, Sabriel sentiu o losango de proteção à volta do seu corpo físico dar sinal e percebeu de que a marca do Norte se extinguiu. Girou imediatamente no calcanhar esquerdo e começou a correr para a fronteira com a Vida, desembainhando a espada. A corrente parecia quase vencê-la, enrolando-se nas pernas, mas depois diminuiu ante a urgência dela. Sabriel chegou à fronteira e, com um impulso furioso da vontade, o seu espírito emergiu de novo na Vida.

Por um segundo, ficou desorientada, gelando subitamente outra vez e ficando com a mente embotada. Uma criatura tipo cadáver, sorridente, vinha precisamente passando pela marca do Norte que se apagara, os braços estendidos para envolve-la, o hálito da carne putrefata saindo em vapor de uma boca invulgarmente grande.

Thralk ficara satisfeito ao encontrar o espírito da Maga da Carta perambulando e um losango de proteção quebrado. A espada preocupara-o um pouco, mas estava coberta de gelo e os seus olhos ressequidos não conseguiram ver as marcas da Carta que dançavam por baixo da geada. De igual modo, o sino na mão de Sabriel parecia um pedaço de gelo ou neve, como se ela tivesse apanhado uma bola de neve. Bem vistas as coisas, Thralk sentia-se muito afortunado, em particular porque a vida que ardia dentro desta vítima imóvel era particularmente jovem e forte. Thralk aproximou-se mais e os seus braços de articulação dupla estenderam-se para abraçar o pescoço de Sabriel.

Precisamente quando os seus dedos viscosos e apodrecidos se esticaram, Sabriel abriu os olhos e executou o golpe de detenção que lhe granjeara o segundo lugar em Artes de Combate e, mais tarde, a fizera perder o primeiro. O braço dela e a espada esticaram-se como um membro único em todo o seu comprimento e a ponta da espada atravessou o pescoço de Thralk, saindo vinte centímetros no ar do outro lado.

Thralk gritou, os seus dedos estendidos agarrando a espada para se libertar apenas para gritar de novo quando as marcas da Carta brilharam na lâmina. Despontaram centelhas rubro-brancas entre os nós dos dedos dele e

Thralk soube de repente o que encontrara.

— Abhorsen! — resmungou, caindo para trás quando Sabriel libertou a lâmina com um sacão explosivo.

A espada já estava já afetando a carne morta que Thralk habitava, a Magia da Carta queimando os nervos reanimados, imobilizando aquelas articulações muito fluidas na generalidade. O fogo elevou-se na garganta de Thralk, mas falou, para distrair este terrível adversário enquanto o espírito tentava abandonar o corpo, como uma cobra a sua pele, e refugiando-se na noite.

— Abhorsen! Eu o servirei, o louvarei, serei a sua Mão... conheço coisas, vivas e mortas... ajudarei a trazer os outros até você...

O som profundo e cristalino de Saraneth sobrepôs-se à voz entrecortada e plangente, como um farol de nevoeiro a ressoar acima dos gritos das gaivotas. O som vibrou sucessivamente, ecoando na noite, e Thralk sentiu-o cercá-lo no momento em que o espírito saía do corpo e se preparava para fugir. O sino prendeu-o à carne paralisada, prendeu-o à vontade do tocador. Agitavam-se nele a fúria, a raiva e o medo, alimentando-lhe a luta, mas o som estava em todo o lado, rodeando-o, atravessando-o. Nunca se libertaria dele.

Sabriel viu a sombra disforme contorcer-se, meio fora do cadáver, meio lá dentro, o corpo derramando uma poça de escuridão. Continuava a tentar usar a boca do cadáver, mas sem êxito. Pensou ir com ele até à Morte, onde teria uma forma e podia obrigá-lo a responder com Dyrin. Mas a Pedra da Carta quebrada erguia-se ali perto e sentiu-a como um medo sempre presente, como uma jóia fria sobre o peito. Ouviu na sua mente as palavras da projeção da mãe: "Não se detenhas, não pare, aconteça o que acontecer."

Sabriel enterrou a espada na neve com a ponta para baixo, guardou Saraneth e retirou Kibeth da bandoleira, servindo-se de ambas as mãos. Thralk sentiu-a e a sua fúria deu lugar ao medo puro, autêntico. Depois de tantos séculos de luta, sabia que a verdadeira morte o viera finalmente buscar.

Sabriel tomou uma posição cautelosa, segurando o sino com as duas mãos de forma curiosa. Kibeth parecia quase contorcer-se nas suas mãos, mas controlou-o, balançando-o para trás e para a frente e depois numa espécie de estranho número oito. Os sons, todos de um único sino, eram muito diferentes uns dos outros, mas produziram uma pequena melodia de marcha, uma cantiga de dança, uma parada.

Thralk ouviu-os e sentiu forças apoderarem-se dele. Poderes estranhos, inexoráveis, fizeram-no encontrar a fronteira, obrigaram-no a regressar à Morte. Em vão, quase pateticamente, combateu-os, sabendo que não conseguiria se libertar. Sabia que iria transpor cada Portão, até cair finalmente pelo Nono. Desistiu da luta e usou a força que lhe restava para formar um simulacro de boca

no meio da sua substância-sombra, uma boca com uma língua de escuridão a contorcendo-se.

Maldita seja! — gorgolejou. — Contarei aos Servos de Kerrigor! Serei vingado...

A sua voz grotesca, reprimida, foi cortada no meio da frase, momento em que Thralk perdeu o livre-arbítrio. Saraneth prendera-o, mas Kibeth agarrou-o e Kibeth acompanhou-o, acompanhou-o para que Thralk não existisse mais. A sombra contorcendo-se desapareceu simplesmente e havia apenas neve debaixo de um cadáver há muito morto.

Muito embora o espectro tivesse partido, as suas últimas palavras perturbaram Sabriel. O nome Kerrigor, conquanto não propriamente familiar, tocou em algum medo básico nela, alguma recordação. Talvez Abhorsen tivesse proferido o nome dele, que sem dúvida pertencia a um dos Mortos Maiores. O nome assustou-a da mesma forma que sucedera com a pedra quebrada, como se fossem símbolos tangíveis de um mundo que se transviara, um mundo onde o pai estava perdido, onde ela própria se via terrivelmente ameaçada.

Sabriel tossiu, sentindo o frio nos pulmões, e tornou a guardar Kibeth muito cuidadosamente na bandoleira. A espada dela parecia ter sido limpa pelo fogo, mas passou um pano pela lâmina antes de devolvê-la à bainha. Sentiu-se muito cansada quando voltou a pôr a mochila às costas, mas não existia qualquer dúvida na sua mente de que tinha de prosseguir de imediato. As palavras do espírito da mãe continuavam a ecoar na mente dela e os seus próprios sentidos diziam-lhe que acontecia algo na Morte, algo poderoso avançava em direção à Vida, preparando-se para aparecer na pedra quebrada. Houvera muita morte e muita Magia da Carta nesta colina e a noite ainda iria alcançar o ponto mais negro. O vento agitava-se, as nuvens recuperando a sua supremacia sobre o céu. Em breve as estrelas desapareceriam e a jovem Lua se vestiria de branco.

Rapidamente, Sabriel perscrutou os céus, procurando as três estrelas brilhantes que assinalavam a Fivela do Cinto do Gigante do Norte. Encontrou-as, mas depois teve de ir confirmar no mapa das estrelas no seu almanaque, um fósforo manufaturado libertando cheiro ao fazer incidir uma luz vacilante amarela sobre as páginas, pois não ousou mais qualquer Magia da Carta até se afastar da pedra quebrada. O almanaque provou que se recordara corretamente: a Fivela situava-se a norte no Reino Antigo; o seu nome era Logro do Marinheiro. Em Ancelstierre, a Fivela ficava à vontade mais dez graus para oeste do Norte.

Encontrado o Norte, Sabriel começou a encaminhar-se para aquele lado do cume, procurando o pico que descia até ao vale perdido na escuridão lá embaixo. As nuvens adensavam-se e queria alcançar solo plano antes do luar desaparecer. Pelo menos o pico, quando fosse encontrado, parecia mais fácil de

percorrer do que os degraus destruídos para sul, muito embora a sua vertente suave anunciasse uma longa descida até ao vale.

Na verdade, decorreram várias horas antes de Sabriel alcançar o fundo do vale, tropeçando e tremendo, uma chama da Carta muito pálida dançando um pouco mais à frente dela. Muito insubstancial para lhe facilitar realmente o caminho, ajudara-a a evitar uma catástrofe maior e esperava que fosse suficientemente pálida para ser tomada por gás-do-pântano ou um reflexo fortuito. De qualquer modo, revelou-se essencial quando as nuvens fecharam o último intervalo que restava no céu.

Lá se foi a ausência de nuvens, pensou Sabriel ao olhar para o que calculava ser ainda o Norte, procurando a estrela vermelha, Uallus. Os dentes rangiam e não queriam parar e um arrepio que começou nos seus pés gelados estendeu-se a todos os outros membros. Se não continuasse a caminhar, ficaria simplesmente gelada no lugar onde se encontrava particularmente porque o vento se levantara mais uma vez...

Sabriel riu baixinho, quase histericamente, e voltou o rosto para sentir a brisa. Vinha de leste, ganhando força a cada minuto. Mais fria, sim, mas dissipou também a nuvem, empurrando-a para oeste e ali, com a primeira varridela do vento, estava o brilho vermelho de Uallus. Sabriel sorriu, olhou para ela, examinou cuidadosamente o pouco que conseguia ver à sua volta e pôs-se novamente a caminho, seguindo a estrela, uma voz sussurrando com carácter constante ao fundo da sua mente.

— *Não se detenha, não pares, aconteça o que acontecer.*

O sorriso perdurou quando Sabriel encontrou a estrada e, com uma boa camada de neve em cada vala, esquiou, poupando tempo.

Quando Sabriel encontrou o marco miliário e a Pedra da Carta por trás dele, não subsistia nem um vestígio do sorriso no seu rosto pálido. Voltara a nevar, a neve caindo inclinada à medida que o vento soprava com mais força, levando os flocos de neve e atirando-os para os seus olhos, agora a única porção exposta de todo o seu corpo. Tinha também as botas ensopadas, apesar da camada de sebo que lhes aplicara. Os pés, o rosto e as mãos estavam enregelados e sentia-se exausta. Comeria obedientemente um pouco de hora em hora, mas agora não conseguia simplesmente abrir os maxilares gelados.

Por um breve tempo, junto à Pedra da Carta intacta que se erguia orgulhosamente por trás do marco miliário menor, Sabriel aquecera, proferindo uma fórmula da Carta para calor. Mas ficara muito cansada para mantê-la sem o auxílio da pedra e a fórmula dissipou-se praticamente no momento em que recomeçou a caminhada. Apenas o aviso do espírito da mãe a mantinha em movimento. Isso e a sensação de que estava sendo seguida. Era apenas uma

sensação e, no seu estado cansado, enregelado, Sabriel perguntou-se se não seria apenas imaginação. Mas não estava em condições de enfrentar algo que pudesse não ser imaginado, pelo que fez um esforço para continuar.

— *Não se detenha, não pare, aconteça o que acontecer.*

O caminho a partir da Pedra da Carta era mais aperfeiçoado do que aquele que seguia pelo Cume Fendido, mas mais íngreme. Aqui, os trajetores tinham tido de abrir caminho através de uma rocha densa acinzentada, que não erodia como o granito, e haviam construído centenas de degraus largos e baixos, esculpidos com padrões intrincados. Se tinham algum significado, Sabriel ignorava-o. Não eram marcas da Carta ou símbolos de qualquer linguagem sua conhecida e estava muito cansada para especular. Concentrou-se em dar um passo de cada vez, usando as mãos para empurrar as coxas doridas, tossindo e arfando, a cabeça baixa para evitar a neve no ar.

O caminho tornou-se cada vez mais íngreme e Sabriel pôde ver a face do penhasco à frente, uma massa vertical, negra e imensa, um pano de fundo muito mais escuro para o turbilhão de neve do que o céu nublado, palidamente iluminado por trás pela Lua. Mas não parecia estar mais próxima à medida que o caminho ziguezagueava para cá e para lá, subindo cada vez mais a partir do vale lá embaixo.

Então, subitamente, Sabriel chegou lá. O caminho deu outra volta e a sua luzinha tipo fogo-fátuo refletiu-se numa parede, uma parede que se estendia por vários quilômetros de ambos os lados e por centenas de metros para o alto. Tratava-se, sem dúvida, dos Penhascos Longos e o caminho chegara ao fim.

Quase soluçando de alívio, Sabriel arrastou-se mesmo até à base do penhasco e a luzinha elevou-se por cima da sua cabeça para revelar rocha cinzenta, com veios de líquenes. Mas, mesmo com aquela luz, não se via qualquer sinal de uma porta, nada senão rocha irregular e impenetrável, subindo e saindo do seu minúsculo círculo de iluminação. Não havia caminho nem nenhum lugar para onde ir.

Desanimada, Sabriel ajoelhou-se num pouco de neve e esfregou vigorosamente as mãos, tentando repor a circulação, antes de tirar Mosrael da bandoleira. Mosrael, o Despertador. Sabriel silenciou-o cuidadosamente e concentrou os sentidos, tentando captar algo Morto que pudesse estar por perto e não deveria ser acordado. Não havia nada próximo, mas, mais uma vez, Sabriel sentiu algo atrás de si, algo que a seguia, lá embaixo no caminho. Algo Morto, algo que cheirava a poder. Tentou avaliar a distância a que a coisa estava antes de a expulsar dos pensamentos. Fosse lá o que fosse, estava muito longe para ouvir sequer a voz roufenha de Mosrael. Sabriel levantou-se e tocou o sino. Emitiu um som semelhante a dezenas de papagaios gritando, um ruído que

eclodiu no ar e se entrelaçou no vento, ecoando dos penhascos, multiplicando-se no grito de mil aves.

Sabriel silenciou de imediato o sino e guardou-o, mas os ecos percorriam o vale e soube que a coisa atrás dela ouvira. Sentiu-a fixar a sua atenção no lugar onde ela estava e sentiu-a apertar o passo, como se observasse os músculos de um cavalo de corrida a irem do passo a um galope. Vinha subindo as escadas, quatro ou cinco degraus de cada vez. Sentia a pressa na cabeça e o medo subir nela a um ritmo igual, mas ainda se dirigiu ao caminho e olhou lá para baixo, puxando da espada ao fazê-lo.

Ali, entre as rajadas de neve, viu uma figura pulando de degrau em degrau, saltos impossíveis, que galgavam a distância entre eles com horrível voracidade. Parecia um homem, mais alto do que um homem, e as chamas corriam como óleo combustível na água nos lugares onde pisava. Sabriel soltou um grito ao vê-lo e sentiu o espírito Morto lá dentro. *O Livro dos Mortos* abriu-se em páginas terríveis na sua memória e descrições de mal invadiram-lhe a cabeça. Era um Mordicante que a perseguia uma coisa que podia passar à vontade através da Vida e da Morte, o seu corpo de massa lodosa e sangue humano moldado e macerado com Magia Livre por um necromante e um espírito Morto lá dentro como sua força orientadora.

Sabriel já antes expulsara um Mordicante, mas isso fora a mais de sessenta quilômetros da Muralha, em Ancelstierre, e era fraco, já desaparecendo. Este era forte, feroz, recém-nascido. A mataria, percebeu subitamente, e sugaria o espírito. Todos os seus planos e sonhos, as suas esperanças e coragem a abandonaram, sendo substituídos por pânico puro e irracional. Virou-se para um lado, depois para o outro, qual coelho fugindo de um cão, mas a única saída a descer passava pelo caminho e o Mordicante a escassos cem metros mais abaixo, aproximando-se a cada piscar de olhos, a cada floco de neve que caía. As chamas saíam-lhe da boca e atirou a cabeça pontiaguda para trás e uivou enquanto corria, um uivo semelhante ao grito de alguém que se precipitava para a morte, reforçado pelo raspar das unhas no vidro.

Sabriel, um grito não se sabe como preso e estrangulado na garganta, virou-se para o penhasco, batendo nele com o botão do punho da espada.

— Abra-se! Abra-se! — gritou, quando as marcas da Carta lhe percorreram o cérebro, mas não as adequadas para arrombar uma porta, uma fórmula que aprendera no Segundo Ano. Conhecia-a como a tabuada, mas as marcas da Carta recusavam-se a vir e porque seria que doze vezes doze não lhe saía da cabeça quando pretendia as marcas da Carta...

Os ecos de Mosrael diminuíram e, nesse silêncio, o botão do punho bateu em algo que soou oco, em vez de fazer saltar faíscas e a mão dela vibrar. Algo de

madeira, algo que não estivera ali antes. Uma porta alta e estranhamente estreita, o seu carvalho escuro revestido de marcas da Carta em prata que dançavam através do veio. Uma argola de ferro, exatamente à altura da mão, tocou na anca de Sabriel.

Sabriel largou a espada, arfando, agarrou a argola e puxou-a. Não aconteceu nada. Sabriel puxou novamente, semivirando-se para olhar por cima do ombro, quase se encolhendo com o que poderia ver.

O Mordicante contornara a última curva e os olhos de ambos encontraram-se. Sabriel fechou os dela, incapaz de suportar o ódio e a sede de sangue que brilhava no olhar da criatura como um ferro deixado tempo demais na forja. Voltou a uivar e quase correu pelos degraus restantes, saindo-lhe chamas da boca, garras e pés.

Sabriel, de olhos ainda fechados, empurrou a argola. A porta escancarou-se e ela caiu para dentro, atirada ao chão por uma rajada de neve, abrindo os olhos à força. Desesperadamente, torceu-se no chão, ignorando a dor nos joelhos e nas mãos. Voltando lá fora, limpou o punho da espada e puxou-a para dentro.

Quando a lâmina desimpediu a ombreira, o Mordicante alcançou-a e, torcendo-se de lado para passar pelo estreito portal, enfiou um braço lá para dentro. As chamas brotaram da sua carne cinzento-esverdeada como gotas de suor e pequenas plumas de fumaça negra saíram em espiral das chamas, fazendo-se acompanhar de um cheiro semelhante a pêlo queimado. Sabriel, esparralhada sem defesa no chão, só conseguia olhar aterrorizada, enquanto a mão de quatro garras da coisa se abriu lentamente e se estendeu para ela.

Mas a mão não se fechou, as garras não conseguiram alcançar a carne indefesa.

Sabriel sentiu antes um acesso súbito da Magia da Carta e as marcas da Carta brilharam à volta da porta com tanta intensidade que deixaram imagens remanescentes vermelhas ao fundo dos olhos dela, pontos negros dançando-lhe na visão.

Piscando os olhos, viu um homem sair das pedras da parede, um homem obviamente alto e forte, com uma espada comprida gêmea da de Sabriel. Esta espada veio a silvar até ao braço do Mordicante, arrancando um pedaço de carne podre e lodosa. Ricocheteando, a espada voltou a passar como uma flecha, decepando outro pedaço, como um lenhador que faz saltar lascas de uma árvore.

O Mordicante uivou, mais de raiva do que de dor, mas retirou o braço e o desconhecido atirou-se de encontro à porta, que bateu ao fechar-se com todo o peso do seu corpo coberto com cota de malha. Curiosamente, a cota de malha não fez qualquer barulho, nem se ouviu qualquer chocalhar da sequência de centenas de elos de aço. Um corpo estranho debaixo dela também, viu Sabriel, quando as pintas negras e o cromado vermelho desapareceram, revelando que o seu salvador não era sequer humano. Parecera suficientemente sólido, mas cada centímetro do seu corpo era definido por minúsculas marcas da Carta, em movimento constante, e Sabriel não pôde ver nada entre elas, a não ser o vazio.

Ele... aquilo era um fantasma da Carta, um enviado.

Lá fora, o Mordicante tornou a uivar, como uma locomotiva a vapor libertando pressão, depois todo o corredor estremeceu e os gonzos chiaram em protesto quando a coisa se atirou de encontro à porta. A madeira lascou e desceram do teto nuvens de pó cinzento, imitando a neve que caía lá fora.

O enviado virou-se de frente para Sabriel e estendeu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se. Sabriel agarrou-a, olhando para ela enquanto as suas pernas cansadas e geladas se esforçavam para um regresso ao décimo assalto. Vista de perto, a ilusão da carne era imperfeita, fluida e inquietante. O seu rosto não queria ficar fixo, deslocando-se entre inúmeras possibilidades. Algumas eram mulheres, outras eram homens mas apresentavam todas faces duras, competentes. O corpo e a roupa mudavam também, ligeiramente, com cada rosto, mas subsistiam sempre dois detalhes iguais: uma capa preta com o brasão de uma chave de prata e uma espada comprida cheia de Magia da Carta.

— Obrigada — disse Sabriel com nervosismo, estremecendo quando o Mordicante voltou a bater ruidosamente na porta. — Pode... acha que... ele irá

conseguir passar?

O enviado anuiu com ar sinistro e largou-lhe a mão para apontar para o corredor longo, mas não falou. Sabriel virou a cabeça para seguir a mão que apontava e viu um túnel sombrio que subia na escuridão. Marcas da Carta iluminavam o local onde se encontravam, mas desapareciam apenas um pouco mais à frente. Não obstante isto, a escuridão parecia amigável e quase conseguiu saborear as fórmulas da Carta que circulavam no ar poeirento do corredor.

— Tenho de prosseguir? — perguntou Sabriel, quando ele apontou outra vez, com maior premência. O enviado anuiu e agitou a mão para trás e para a frente, indicando pressa. Atrás dele, outro golpe demolidor causou nova onda grande de poeira e a porta pareceu estar cedendo. Mais uma vez, o horrendo cheiro de queimado do Mordicante pairou através do ar.

O porteiro franziu o nariz e deu um leve empurrão a Sabriel na direção certa, como um progenitor que instiga uma criança relutante a prosseguir. Mas Sabriel dispensava a instigação. O medo ardia ainda nela. Momentaneamente extinto pela salvação, o cheiro do Mordicante foi tudo o que precisou para se reacender. Levantou o rosto e começou a caminhar rapidamente pelo corredor.

Percorridos alguns metros, olhou para trás e viu o porteiro à espera, perto da entrada, de espada em riste. Além dele, a porta cedia, as tábuas presas com ferro a arrebentar, partindo-se à volta de um buraco do tamanho de um prato raso.

O Mordicante enfiou a mão e arrancou mais tábuas, com a mesma facilidade com que se podiam partir palitos dos dentes. Via-se que estava furioso, pois agora todo ele ardia. Vomitou chamas amarelo-avermelhadas pela boca, numa torrente nojenta, e elevou-se fumaça negra como uma segunda sombra à sua volta, girando em círculos loucos enquanto uivava.

Sabriel desviou o olhar, partindo em passo apressado, mas o ritmo foi aumentando mais e mais, tornando-se um trote lento e depois uma corrida. Os seus pés faziam barulho na pedra, mas só quando era quase uma corrida de velocidade é que percebeu da razão por que o conseguia fazer deixara a mochila e os esquis ao pé da porta inferior. Por um momento, foi tomada de uma propensão nervosa para regressar, mas passou antes mesmo de se tornar um pensamento consciente. Mesmo assim, as suas mãos verificaram a bainha da espada e a bandoleira e tranquilizaram-se ao contato com o metal frio do punho da espada e a madeira alisada à mão dos cabos dos sinos.

Ficara igualmente leve, percebeu ao correr. As marcas da Carta circulavam pela pedra, acompanhando o ritmo dela. Marcas da Carta para luz e para ligeireza e para muitas outras coisas que desconhecia. Marcas estranhas e em grande quantidade, tantas que Sabriel se perguntou como pudera ter pensado

que um primeiro lugar em Magia num colégio ancelstierrano faria dela uma grande maga no Reino Antigo. O medo e a consciencialização da ignorância eram remédios fortes para o orgulho néscio.

Outro uivo veio rapidamente pelo corredor e ecoou à frente, acompanhado de muitos barulhos de coisas partidas e pancadas e sons de aço atingindo carne sobrenatural ou ricocheteando na pedra. Sabriel não precisou olhar para trás para saber que o Mordicante derrubara a porta e lutava agora com o porteiro ou empurrava para passar por ele. Sabriel pouco sabia a respeito destes enviados, mas era muito comum a variedade sentinela pecar pela incapacidade de abandonar o seu posto. Assim que a criatura desse alguns passos além do porteiro, o enviado não teria utilidade e um ataque forte não tardaria a deixar passar o Mordicante.

Aquele pensamento deu-lhe outro impulso de velocidade, mas Sabriel sabia que seria o último. O seu corpo, movido pelo medo e enfraquecido pelo frio e o esforço, estava à beira do colapso. Sentia as pernas rígidas, os músculos prestes a terem câibras e os pulmões pareciam borbulhar de líquido em vez de ar.

Lá à frente, o corredor parecia prosseguir indefinidamente, sempre subindo. Mas a luz só brilhava no lugar onde Sabriel corria, por isso talvez a saída não fosse muito à frente, talvez apenas seguindo à próxima manchinha de escuridão...

Precisamente quando este pensamento lhe atravessava a mente, Sabriel viu um clarão que se intensificou no traçado brilhante de uma porta. Semiarfou e semiexclamou, ambos ruídos humanos leves, abafados pelo guincho medonho, inumano, do Mordicante. Vencera o porteiro.

Ao mesmo tempo, Sabriel percebeu um novo som lá à frente, um som que tomara inicialmente pelo pulsar do sangue nos seus ouvidos, o bater de um coração acelerado. Mas era exterior, além da porta superior.

Um ruído profundo, estrondoso, tão baixo que era quase uma vibração, um estremecimento que sentiu através do chão, em vez de o ouvir.

Caminhões pesados passando numa estrada lá por cima, pensou Sabriel, antes de se recordar de onde estava. Nesse mesmo instante, reconheceu o som. Em algum lugar lá adiante, fora destes penhascos circundantes, precipitava-se uma grande cascata. E uma cascata que fazia um barulho tão grande devia ser alimentada por um rio igualmente grande.

Água corrente! A perspectiva de encontrá-lo encheu Sabriel de uma esperança súbita e atrás dessa esperança veio a força que julgou fora do seu alcance. Num esforço desenfreado de velocidade quase atingiu a porta, as mãos batendo na madeira, abrandando para o instante que precisou para encontrar o puxador ou argola.

Mas outra mão estava já na argola quando lhe tocou, muito embora não estivesse nenhuma um segundo antes. Novamente as marcas da Carta definiram esta mão e Sabriel pôde ver o veio da madeira e o azular do aço através da palma de outro enviado.

Este era menor, de sexo indeterminado, pois envergava um hábito tal e qual um monge, com o capuz puxado sobre a cabeça. O hábito era negro e ostentava o emblema da chave de prata à frente e atrás.

Fez uma vênia e rodou a argola. A porta escancarou-se, revelando o brilho intenso de estrelas por entre as nuvens que fugiam do vento que acabara de se levantar. O barulho da cascata entrava pela porta aberta, acompanhado de salpicos de espuma espalhada no ar. Sem pensar, Sabriel saiu.

O porteiro encapuzado acompanhou-a e fechou a porta atrás de si, antes de puxar uma delicada ponte levadiça em prata sobre a porta e fechá-la com um cadeado de ferro. Ambas as defesas surgiram, ao que parecia, do nada. Sabriel olhou para elas e sentiu o poder que continham, pois ambas eram também enviados da Carta. Mas a porta, a ponte levadiça e o cadeado só retardariam o Mordicante, não o deteriam. A única fuga possível estava do lado de lá da água corrente muito veloz ou do brilho intenso e prematuro do Sol do meio-dia.

O primeiro encontrava-se aos seus pés e o segundo estava ainda a muitas horas de distância. Sabriel encontrava-se numa saliência estreita que saía da margem de um rio com pelo menos quatrocentos metros de largura. Um pouco para a direita dela, a uns escassos passos dali, este rio poderoso precipitava-se por cima do penhasco, criando uma cascata verdadeiramente gloriosa. Sabriel inclinou-se um pouco para a frente, para olhar as águas que caíam lá embaixo, criando enormes asas brancas de borriços que eram capazes de engolir facilmente todo o seu colégio, a ala nova e tudo, como um pato de borracha mergulhado num banho agitado.

Era uma cascata muito comprida e a altura, associada ao mero poder da água, levou-a a olhar rapidamente e de novo para o rio. Exatamente à frente, a meio, Sabriel distinguiu uma ilha situada na embocadura da cascata, dividindo o rio em dois cursos de água. Não era uma ilha muito grande, cerca do tamanho de um campo de futebol, mas elevava-se das águas turbulentas como um navio de rocha denteada.

A rodear a ilha havia muros de pedra calcária branca da altura de seis homens. Por trás desses muros encontrava-se uma casa. Estava muito escuro para se ver bem, mas havia uma torre, uma silhueta fina irrompendo, com telhas vermelhas onde começavam precisamente a incidir os primeiros raios de sol. Por baixo da torre, um volume escuro sugeria a existência de um átrio, uma cozinha, quartos, depósito de armas, despensa e cave. O gabinete de estudo, recordou-se

subitamente Sabriel, ocupava o segundo piso antes do último da torre. Este era um observatório, tanto das estrelas como do território circundante.

Era a Casa de Abhorsen. O lar, apesar de Sabriel apenas o ter visitado duas vezes, ou talvez três, tudo quando era nova demais para se lembrar de muita coisa. Aquele período da sua vida era difuso e sobretudo tão cheio de recordações dos Viajantes, do interior dos seus carros e dos muitos locais de acampamento que tudo se misturava numa névoa. Não se lembrava sequer da cascata, apesar do seu som despertar algum reconhecimento algo ficara registrado na mente de uma menina de quatro anos. Infelizmente, não se lembrava de como chegar à casa. Só as palavras que a projeção da mãe lhe indicara a Ponte de Abhorsen.

Não percebeu que proferira aquelas palavras em voz alta, até o pequeno guarda do portão lhe puxar a manga e apontar para baixo. Sabriel olhou e viu degraus talhados até à margem, degraus que conduziam diretamente ao rio.

Desta vez, Sabriel não hesitou. Baixou a cabeça ao enviado da Carta e murmurou: Obrigada antes de descer os degraus. A presença do Mordicante voltava a pressioná-la, como o hálito fétido de um desconhecido atrás da sua orelha. Sabia que chegara ao portão superior, muito embora o som do seu derrubar e destruição fosse abafado pelo ruído maior das águas.

Os degraus conduziam ao rio, mas não acabavam ali. Apesar de invisíveis da saliência, havia alpondras que seguiam até à ilha. Sabriel olhou-as com nervosismo e depois a água. Era manifestamente muito profunda e circulava a uma velocidade alarmante. As alpondras ficavam quase ao nível das suas pequenas ondas ruidosas e, apesar de serem largas e paralelas para permitirem o equilíbrio, estavam também molhadas com o borriço e os detritos lodosos da neve e do gelo.

Sabriel viu um pequeno pedaço de gelo que vinha contra a corrente bater e imaginou o seu arremesso violento por cima da cascata, para acabar por se esmigalhar tão longe. Imaginou-se no lugar dele e depois pensou no Mordicante atrás dela, no espírito morto que estava no seu âmago, na morte que trazia e no aprisionamento que sofreria depois da morte.

Saltou. As suas botas deslizaram um pouco e abriu os braços para se equilibrar, mas acabou por se firmar, debruçada numa posição semiacocorada. Mal esperando pelo reequilíbrio, saltou para a pedra seguinte e depois para a próxima e novamente, num jogo do eixo louco através dos borriços e do estrondo do rio. Quando estava no meio, com cem metros de água pura e feroz atrás de si, parou e virou-se.

O Mordicante estava na saliência, a ponte levadiça prateada partida e deformada pelo seu punho. Não havia sinal do guarda do portão, mas isso

também não surpreendia. Derrotado, se limitaria a desaparecer até a fórmula da Carta ser renovada horas, dias ou mesmo anos mais tarde.

A coisa Morta estava curiosamente imóvel, mas via-se que observava Sabriel. Mesmo sendo uma criatura tão poderosa, não podia atravessar este rio e não esboçou qualquer tentativa de fazê-lo. Na realidade, quanto mais Sabriel olhava para ele, mais lhe parecia que o Mordicante se contentaria com a espera. Era uma sentinela, guardando o que podia ser a única saída da ilha. Ou talvez esperasse que acontecesse algo ou que chegasse alguém...

Sabriel reprimiu um arrepio e continuou a saltar. Estava mais claro agora e pôde ver uma espécie de estrado de desembarque de madeira que conduzia ao portão no muro branco. Eram também visíveis as copas de árvores por trás dos muros, árvores no Inverno, os seus ramos despidos do traje verde. Voavam aves entre as árvores e a torre, aves pequenas em busca da sua refeição matinal. Era uma visão de normalidade, de um refúgio. Mas Sabriel não conseguia esquecer a silhueta alta, gravada a chamas, do Mordicante, matutando na saliência.

Cansada, formou o salto para a última pedra e caiu nos degraus do estrado de desembarque. Quase não conseguia mexer as pálpebras, o seu campo de visão reduzido a uma pequena abertura mesmo à sua frente. O veio das tábuas do estrado de desembarque não estava longe quando subiu com pés e mãos até ao portão e foi de encontro a ele com indiferença.

O portão se escancarou, lançando-a num pátio lajeado, o começo de um caminho de tijolo vermelho, os tijolos antigos, a sua vermelhidão da cor de maçãs com pó. O caminho serpenteava até à porta principal da casa, uma porta garrida azul-celeste, contrastando com a pedra caiada. Uma aldrava de bronze com a forma de cabeça de leão com uma argola na boca brilhou em contraponto com o gato branco que estava enroscado no tapete de junco diante da porta.

Sabriel estendeu-se nos tijolos e sorriu ao gato, reprimindo as lágrimas. O gato agitou-se e virou a cabeça muito de leve para olhá-la, revelando vivos olhos verdes.

— Olá, bichano — disse Sabriel com voz rouca, tossindo ao levantar-se mais uma vez vacilante e avançar, gemendo e estalando a cada passo. Estendeu o braço para fazer uma festa ao gato e estacou, pois, quando o gato levantou a cabeça, viu a coleira no pescoço dele e o minúsculo sino que dela pendia. A coleira era apenas de pele vermelha, mas a fórmula da Carta que continha era o aprisionamento mais forte, mais duradouro que Sabriel alguma vez vira ou sentira e o sino era um Saraneth em miniatura. O gato não era nenhum gato, mas uma criatura da Magia Livre de poder antigo.

— Abhorsen — miou o gato, a sua pequena língua rosada como uma seta. — Finalmente você chegou.

Sabriel olhou-o fixamente por um momento, soltou uma espécie de pequeno gemido e tombou num desfalecimento de exaustão e desalento.

Sabriel acordou com a luz suave das velas, o calor de uma cama de penas e lençóis de seda, deliciosamente macios sob os cobertores pesados. O fogo crepitava numa lareira de tijolo vermelho e as paredes com painéis de madeira brilhavam com o mistério obscuro do mogno bem polido. Um teto forrado de papel azul com estrelas de prata espalhadas nele fazia face aos seus olhos recém-abertos. Duas janelas confrontavam-se do outro lado do quarto, mas tinham persianas, pelo que Sabriel ignorava que horas eram, assim como não fazia a menor idéia de como fora parar ali. Era sem dúvida a Casa de Abhorsen, mas a sua última lembrança era de ter desmaiado junto à soleira da porta.

Com cuidado pois até o pescoço lhe doía do dia e da noite de viagem, do medo e da fuga, Sabriel levantou a cabeça para olhar à sua volta e mais uma vez captou os olhos verdes do gato que não era um gato. A criatura estava deitada próximo dos pés dela, no fundo da cama.

— Quem... o que é você? — perguntou Sabriel com nervosismo, subitamente muito consciente de que estava nua debaixo dos lençóis macios. Um prazer sensual, mas indefeso. Os seus olhos vaguearam até à bacia da espada e à bandoleira com os sinos, cuidadosamente colocados num secador para roupa próximo da porta.

— Tenho uma variedade de nomes respondeu o gato. A sua voz era estranha, semimiada, semi-ronronada, com um sibilo nas vogais. Pode me chamar de Mogget. Quanto a quem sou, já fui muitas coisas, mas agora sou apenas diversas. Principalmente, sou um servidor de Abhorsen. A menos que tivesse a gentileza de me retirar a coleira?

Sabriel esboçou um sorriso apreensivo e abanou a cabeça com firmeza. Fosse Mogget o que fosse, aquela coleira era a única coisa que o mantinha como servidor de Abhorsen... ou de outro qualquer. As marcas da Carta na coleira eram bastante explícitas a esse respeito. Tanto quanto Sabriel podia afirmar, a fórmula de aprisionamento tinha mais de mil anos. Era perfeitamente possível que Mogget fosse algum espírito da Magia Livre tão velho quanto a Muralha ou mais ainda. Perguntou-se por que motivo o pai nunca o mencionara e, com uma pontada, desejou que tivesse acordado e encontrado o pai aqui, na sua casa, os receios de ambos acabados.

— Foi o que pensei — disse Mogget, combinando um encolher de ombros despreocupado com uma espreguiçadela flexível. Aquilo... ou ele, pois Sabriel achou que o gato era definitivamente masculino, saltou para o soalho de parqué e caminhou vagarosamente até à lareira. Sabriel observou, o seu olho

experiente reparando que a sombra de Mogget nem sempre era a de um gato.

Uma pancada na porta interrompeu-lhe a observação do gato, o som brusco fazendo Sabriel saltar nervosamente, os cabelos eriçando-se-lhe na nuca com a atenção.

— É apenas um dos criados — informou Mogget, em tom protetor. — Enviados da Carta e de péssima qualidade, por sinal. Queimam sempre o leite.

Sabriel ignorou-o e disse:

— Entre.

Tremeu-lhe a voz e percebeu que os nervos abalados e a fraqueza permaneceriam por mais algum tempo.

A porta se escancarou silenciosamente e entrou uma figura baixa com túnica. Era semelhante ao guarda do portão superior, estando encapuzada e desse modo sem se lhe ver o rosto, mas o hábito desta era creme-claro em vez de preto. Trazia uma combinação simples de algodão pendurada no braço, uma toalha grossa no outro e as suas mãos tecidas pela Carta seguravam uma capa de lã comprida e um par de chinelos. Sem dizer uma palavra, foi até aos pés da cama e colocou as vestes sobre os pés de Sabriel. Depois, dirigiu-se até uma bacia de porcelana que estava assentada num pé de filigrana de prata, por cima de uma zona com mosaicos no chão, à esquerda da lareira. Ali, girou uma roda de bronze e jorrou e gorgolejou água quente fumegante de um cano na parede, trazendo consigo o fedor de algo sulfuroso e desagradável. Sabriel torceu o nariz.

— Águas termais — comentou Mogget. — Daqui a pouco não perceberá o cheiro. Seu pai continuava a dizer que para se ter água quente permanente, valia a pena suportar o cheiro. Ou teria sido o seu avô que o afirmou? Ou a tua tia-bisavó? Ah, a memória...

O criado permaneceu imóvel enquanto a bacia se enchia, depois girou a roda para interromper o fluxo quando a água transbordou para o chão, próximo de Mogget que se pôs em pé de um salto e se afastou, mantendo-se a uma distância cautelosa do enviado da Carta. Tal como um gato verdadeiro, pensou Sabriel. Talvez a forma imposta influenciasse também o seu comportamento, ao longo dos anos ou séculos. Gostava de gatos. Havia um gato no colégio, um felino cor de camarão, gordo, chamado *Biscuits*. Sabriel pensou na forma como ele dormia no parapeito da janela da sala da Chefe de Turma e depois deu consigo a pensar no colégio em geral e no que as suas amigas estariam fazendo. As pálpebras descaíram ao imaginar uma aula de Etiqueta e a Professora falando monotonamente sobre salvas de prata...

Um som estridente despertou-a com mais outro sobressalto, causando mais pontadas de dor nos músculos cansados. O enviado da Carta travara a roda

de bronze com o atiçador da lareira. Estava obviamente impaciente porque Sabriel se lavasse.

— A água está esfriando — explicou Mogget, saltando novamente para cima da cama. — E eles irão servir o jantar dentro de meia hora.

— Eles? — perguntou Sabriel, sentando-se e esticando o braço para pegar os chinelos e a toalha, antes de sair da cama e calçá-los.

— Eles — disse Mogget, inclinando a cabeça na direção do enviado, que se afastara da bacia e segurava agora um sabonete.

Sabriel caminhou até à bacia arrastando os pés, a toalha firmemente presa à volta do corpo, e experimentou cautelosamente a água. Estava deliciosamente quente, mas, antes que pudesse fazer algo com ela, o enviado avançou, arrancou-lhe a toalha e despejou-lhe toda a bacia por cima da cabeça.

Sabriel gritou, mas mais uma vez, antes que pudesse fazer fosse o que fosse, o enviado voltara a pousar a bacia, girava a roda para mais água quente e ensaboava-a, prestando particular atenção à cabeça, como se quisesse enfiar sabonete nos olhos de Sabriel ou desconfiasse que estava infestada de piolhos.

— O que está fazendo! — protestou Sabriel, quando as mãos estranhamente frias do enviado lhe esfregaram as costas e depois, quase sem interesse, os seios e o ventre. — Pare com isso! Já tenho idade suficiente para me lavar sozinha, obrigada!

Mas as técnicas de Miss Prionte para lidar com o pessoal doméstico não pareciam resultar com enviados que exerciam essas funções. Continuou a esfregar, deitando de vez em quando água quente sobre Sabriel.

— Como é que o faço parar? — disse precipitadamente a Mogget, quando ainda mais água caiu sobre a cabeça dela e o enviado começou a esfregar as partes inferiores.

— Não pode respondeu Mogget, que parecia bastante divertido com o espectáculo. — Este é particularmente desobediente.

— O que é que... au!... pare com isso! O que é que quer dizer, este?

— Há muitos por aqui! — explicou Mogget. — Cada Abhorsen parece ter criado os seus. Provavelmente porque ficam igual a este após algumas centenas de anos. Servidores das famílias privilegiadas, estão sempre convencidos de que eles é que sabem. São praticamente humanos, da pior forma possível.

O enviado parou de esfregar apenas o suficiente para atirar um pouco de água a Mogget, que saltou para o lado errado e miou quando ela lhe acertou. Precisamente antes de outra bacia cheia de água atingir Sabriel, ela viu o gato correr disparado para debaixo da cama, a cauda dividindo a colcha.

— Já chega, obrigada! — proferiu, quando a última carga de água

escorreu pelo ralo na zona com mosaicos. Provavelmente o enviado também terminara, pensou Sabriel, quando parou de lavá-la e começou a secá-la com a toalha. Ela arrancou-lhe a toalha e tentou acabar sozinha a tarefa, mas o enviado contra-atacou penteando-lhe o cabelo, dando origem a outra pequena luta. Por fim, entre os dois, Sabriel enfiou a combinação e a capa e submeteu-se a um arranjo das mãos e escovadelas vigorosas.

Estava admirando o padrão minúsculo repetido de chaves de prata na capa preta pelo espelho de costas para uma das persianas da janela quando soou um gongo. Em algum lugar em outra parte da casa e o servidor-enviado abriu a porta. Uma fração de segundo depois, Mogget saiu disparado, com um grito que Sabriel tomou por "Jantar!". Seguiu-o, bastante mais calma, o enviado fechando a porta atrás dela.

O jantar era no salão nobre da casa. Uma divisão comprida e imponente que ocupava metade do térreo, era dominada pela janela com vitral do chão ao teto no extremo virado a oeste. O vitral mostrava uma cena da construção da Muralha e, tal como muitas outras coisas à volta da casa, estava fortemente carregada de Magia da Carta. Talvez o vitral não fosse sequer verdadeiro, meditou Sabriel, ao observar a luz do Sol da tarde que incidia nas e à volta das figuras laboriosas que construía a Muralha. Tal como sucedia com os enviados, se olhasse com bastante atenção, era possível ver minúsculas marcas da Carta a constituírem os padrões. Era difícil ver através do vitral, mas avaliando pelo Sol estaria quase no crepúsculo. Sabriel percebeu que devia ter dormido um dia inteiro ou possivelmente mesmo dois.

Uma mesa quase tão comprida quanto o salão estendia-se à sua frente: uma mesa de madeira clara e lustrosa, muito bem envernizada, ricamente ornada com saleiros e candelabros de prata e garrafas de cristal de aspecto bastante fantástico e pratos cobertos. Mas só tinham sido postos dois lugares, com uma quantidade de facas, garfos, colheres e outros instrumentos que Sabriel apenas reconheceu dos desenhos obscuros no seu manual de Etiqueta. Nunca antes vira uma palha de ouro autêntico para chupar os bagos de uma romã, por exemplo.

Um lugar era diante de uma cadeira de espaldar à cabeceira da mesa e o outro à esquerda desta, em frente de um escabelo almofadado. Sabriel perguntou-se qual era a sua, até Mogget saltar para o escabelo e dizer:

— Anda! Eles não servirão enquanto você não se sentar.

"Eles" eram mais enviados. Meia dúzia ao todo, incluindo o tirano vestido de creme do quarto. Eram todos basicamente iguais, humanos na forma, mas encapuzados ou velados. Apenas as mãos eram visíveis e estas quase transparentes, como se as marcas da Carta tivessem sido gravadas de leve em mãos proféticas esculpidas em selenite. Os enviados encontravam-se agrupados

à volta de uma porta, a porta da cozinha, pois Sabriel viu fogueiras além deles e sentiu o cheiro forte de cozidos e olhavam para ela. Era bastante enervante não encontrar quaisquer olhos.

— Sim, é ela — disse Mogget em tom cáustico. — A sua nova patroa. Agora vamos jantar.

Nenhum dos enviados se mexeu até Sabriel avançar. Avançaram também e apoiaram todos em terra um joelho ou lá o que os suportava por debaixo das vestes até o chão. Cada um estendeu a mão direita pálida, as marcas da Carta deixando rastros brilhantes à volta das palmas das mãos e dos dedos.

Sabriel olhou fixamente por um momento, mas era evidente que ofereciam os seus serviços, ou lealdade, e esperavam que ela fizesse algo em troca. Aproximou-se deles e tocou por sua vez delicadamente em cada mão estendida, sentindo as fórmulas da Carta que as mantinham intactas. Mogget falara a verdade, pois algumas das fórmulas eram antigas, muito mais antigas do que Sabriel conseguia imaginar.

— Obrigada — disse devagar. — Em nome do meu pai e pela bondade que me demonstraram.

Parecia adequado e o suficiente para prosseguir. Os enviados levantaram-se, fizeram uma vênia e foram à sua vida. O do hábito creme puxou a cadeira de Sabriel e colocou-lhe o guardanapo quando ela se sentou. Era de linho preto engomado, salpicado de minúsculas chaves de prata, um milagre da arte do bordado. Mogget, reparou Sabriel, tinha um guardanapo branco simples, com vestígios de nódoas antigas.

— Tive de comer na cozinha durante as duas últimas semanas — informou Mogget com azedume, quando dois enviados se aproximaram, vindos da cozinha, trazendo pratos que assinalaram a sua chegada com um torturante odor de especiarias e comida quente.

— Calculo que fosse bom para você — respondeu Sabriel, animadamente, bebendo um gole de vinho. Era um vinho branco seco, frutado, muito embora Sabriel não tivesse desenvolvido o paladar para saber se era bom ou meramente indiferente. Era sem dúvida bebível. As suas primeiras grandes experiências com álcool remontavam a vários anos atrás, guardadas na memória como ocasiões importantes partilhadas com duas das suas amigas mais íntimas. Nenhuma das três conseguiria voltar a beber conhaque, mas Sabriel começara a apreciar o vinho às refeições. — Diga-me, como soube que eu vinha? — perguntou Sabriel. — Nem eu própria sabia, até... até meu Pai enviar a sua mensagem.

O gato não respondeu de imediato, a sua atenção concentrada no prato de peixe que o enviado acabara de pousar um peixe pequeno, quase circular, com os

olhos vivos e as escamas brilhantes de quem acabara de ser apanhado. Sabriel também os comeu, mas os dela eram grelhados, com um tomate e molho de alho e manjerição.

— Servi dez vezes tantos dos seus antepassados quantos os seus anos de idade — respondeu finalmente Mogget. — E, apesar de os meus poderes diminuírem com o declínio do tempo, sei sempre quando um Abhorsen cai e outro toma o seu lugar.

Sabriel engoliu o último pedaço, desaparecendo por completo o paladar, e pousou o garfo. Bebeu um gole de vinho para limpar a garganta, mas parecia ter-se transformado em vinagre, fazendo-a tossir.

— O que quer dizer com "cair"? O que você sabe? O que aconteceu ao meu Pai?

Mogget ergueu o olhar para Sabriel, as pálpebras semicerradas procurando firmemente os olhos dela, como nenhum gato normal faria.

— Ele morreu, Sabriel. Mesmo que não tenha transposto o Portão Final, não voltará para a vida. Isso é...

— Não — interrompeu Sabriel. — Não pode ser! Não pode ser Ele é um necromante... não pode estar morto...

— Por isso te mandou a espada e os sinos, tal como a tia dele lhe enviou na hora dela — prosseguiu Mogget, ignorando a explosão de Sabriel. — E ele não era um necromante, ele era Abhorsen.

— Não compreendo — murmurou Sabriel. Já não conseguia enfrentar mais os olhos de Mogget. — Não sei... não sei o suficiente. A respeito de tudo. O Reino Antigo, a Magia da Carta, até o meu próprio pai. Porque diz o nome dele como se fosse um título?

— E é. Ele era o Abhorsen. Agora é você.

Sabriel digeriu a informação em silêncio, olhando para a mistura de peixe e de molho no seu prato, as escamas prateadas e o tomate vermelho confundindo-se num padrão de espadas e fogo. A mesa ficou também difusa e a sala mais além e sentiu-se à procura da fronteira com a Morte. Mas, por mais que tentasse, não conseguiu transpô-la. Sentiu-a, mas não havia maneira de atravessar, em qualquer sentido a Casa de Abhorsen estava muito bem protegida. Mas sentiu algo na fronteira. Coisas inimigas espreitavam ali, à espera que ela atravessasse, mas havia também o fio muito fino de algo familiar, como o aroma de um perfume de mulher depois de acabar de abandonar a sala ou o cheiro de um tabaco especial para cachimbo do outro lado de uma esquina. Sabriel concentrou-se nele e atirou-se mais uma vez contra a barreira que a separava da Morte.

Apenas para fazer de novo ricochete até à Vida, quando garras aguçadas

a picaram no braço. Arregalou os olhos, fazendo cair flocos de gelo, e viu Mogget, de pêlo eriçado, uma pata a postos para voltar a atacar.

— Tola! — sibilou ele. — Só você é capaz de domar os guardas desta Casa e eles esperam que você o faça!

Sabriel fitou o gato irado, sem ver, reprimindo uma resposta incisiva e orgulhosa ao perceber a verdade nas palavras de Mogget. Havia espíritos Mortos à espera, e provavelmente o Mordicante atravessaria também e os teria enfrentado sozinha e sem armas.

— Desculpe — murmurou, baixando a cabeça a duas mãos geladas. Não se sentia tão pessimamente estúpida desde que queimara uma das roseiras da Diretora com uma fórmula da Carta desgovernada, quase acertando no idoso e muito alarmado jardineiro do colégio, mas agora era mais velha e conseguiu reprimir as lágrimas. — Meu pai ainda não morreu verdadeiramente — disse após um momento. — Senti a presença dele, apesar de estar preso atrás de muitos portões. Eu podia trazê-lo de volta.

— Não deve fazê-lo — afirmou Mogget com firmeza e a sua voz parecia agora carregar todo o peso de séculos. — Você é Abhorsen e deve deixar os Mortos repousarem. O seu caminho está escolhido.

— Posso seguir um caminho diferente — respondeu Sabriel categoricamente, erguendo a cabeça.

Mogget deu mostras de protestar novamente, depois soltou uma gargalhada sardônica e voltou a saltar para o seu escabelo.

— Faça como quiser — disse ele. — Porque haveria eu de te contradizer? Não passo de um escravo, destinado a servir. Porque haveria de chorar se Abhorsen caiu no mal? Quem te amaldiçoará é o seu pai e a sua mãe também, e os Mortos ficarão felizes.

— Não creio que ele esteja morto — afirmou Sabriel, rosáceas vivas de emoção contida nas suas faces pálidas, o gelo derretendo, escorrendo-lhe pelo rosto. — Senti o espírito dele livre. Ele está preso na Morte, creio, mas o seu corpo vive. Continuará a ser insultada se o trouxesse de volta?

— Não — disse Mogget, novamente calmo. — Mas ele enviou a espada e os sinos. você apenas deseja que ele viva.

— Sinto-o — limitou-se a alegar. — E tenho de descobrir se o que sinto é verdade.

— Talvez seja assim, apesar de estranho. — Mogget parecia meditar com os seus botões, a sua voz um suave semi-ronronar. — Tornei-me bronco. Esta coleira estrangula-me, sufoca-me o espírito.

— Ajude-me, Mogget — suplicou subitamente Sabriel, inclinando-se para fazer uma festa na cabeça do gato, coçando-o debaixo da coleira. — Preciso

saber, preciso tanto saber!

Mogget ronronou ao ser coçado, mas quando Sabriel se acercou pôde ouvir o toque fraco do minúsculo sino Saraneth no meio do ronrom e recordou-se de que Mogget não era nenhum gato mas uma criatura da Magia Livre. Por um momento, Sabriel perguntou-se qual era a verdadeira forma de Mogget e a sua verdadeira natureza.

— Sou o servo de Abhorsen — disse por fim Mogget. — E você é Abhorsen, por isso tenho a obrigação de ajudá-la. Mas vai me prometer que não invocará seu pai se o seu corpo estiver morto. Sério, ele não desejaria.

— Não posso prometer. Mas não agirei sem pensar muito bem. E escutarei se estiver junto de mim.

— Foi o que calculei — disse Mogget, desviando a cabeça da mão de Sabriel. — É verdade que você é deploravelmente ignorante ou não faria uma promessa com tamanha determinação. O seu pai nunca deveria ter te mandado além da Muralha.

— Porque o fez? — perguntou Sabriel, o seu coração saltando bruscamente com a pergunta que não a largava desde os seus dias no colégio, uma pergunta à qual Abhorsen sempre respondera com uma palavra, sorrindo: "Necessidade."

— Ele tinha medo — replicou Mogget, voltando a dar atenção ao seu peixe. — Estava mais segura em Ancelstierre.

— Do que tinha ele medo?

— Coma o seu peixe — respondeu Mogget, quando apareceram dois enviados, vindos da cozinha, trazendo o que era, obviamente, o prato seguinte. — Falaremos mais tarde. No gabinete de trabalho.

As lanternas iluminavam o gabinete de trabalho, lanternas de latão que ardiam com a Magia da Carta no lugar de óleo. Sem fumaça, silenciosas e eternas, forneciam tão boa luz quanto as lâmpadas elétricas de Ancelstierre.

Os livros revestiam as paredes, acompanhando as curvas da torre, exceto no lugar onde os degraus vinham de baixo e a escada de mão subia até ao observatório lá em cima. Havia uma mesa de pau-brasil, as suas pernas cobertas de escamas e de gotas, chamas ornamentais saindo das bocas de cabeças de dragão que sustentavam cada canto do tampo da mesa. Em cima da mesa viam-se um tinteiro, penas, folhas de papel e um compasso de pontas secas em bronze para pequenas distâncias nos mapas. Cadeiras do mesmo pau-brasil a rodeá-la, o seu estofado negro com uma variante do motivo da chave de prata. A mesa era uma das poucas coisas que Sabriel recordava das suas visitas na infância. A "mesa do dragão", chamara-lhe o pai, e enrolara-se à volta de uma daquelas pernas de dragão, a cabeça sem chegar sequer à parte inferior do tampo.

Sabriel passou a mão pela madeira macia e fresca, sentindo não só a sua recordação dela como a presente sensação, depois suspirou, puxou uma cadeira e pousou os três livros que trazia debaixo do braço. Colocou dois deles junto a si, empurrou o outro para o centro da mesa. Este terceiro livro saíra do único armário envidraçado entre as prateleiras e encontrava-se agora como um predador imóvel, possivelmente adormecido, possivelmente à espera de saltar. A sua encadernação era de pele verde-clara e brilhavam marcas da Carta nas fivelas de prata que o mantinham fechado. O *Livro dos Mortos*. Os outros dois livros eram bastante normais em comparação. Eram ambos formulários de Magia da Carta e como podiam ser usados. Sabriel não reconheceu a maior parte das marcas além do capítulo quarto do primeiro livro. Cada volume tinha vinte capítulos.

Sem dúvida existiriam muitos outros livros que poderiam ser úteis, pensou Sabriel, mas sentia-se ainda muito cansada e abalada para ir buscar mais. Tencionava falar com Mogget, depois estudar durante uma hora ou duas, antes de voltar para a cama. Mesmo quatro ou cinco horas acordada pareciam demais depois do seu ordálio e a perda da consciência que o sono implicava afigurou-se subitamente muito atraente.

Mogget, como se tivesse escutado o pensamento de Sabriel a seu respeito, apareceu ao alto dos degraus e avançou vagarosamente para se estender num apoio para os pés bem estofado.

— Vejo que encontrou esse livro — disse ele, agitando a cauda para trás

e para a frente ao falar. — Tenha cuidado, não leia demais.

— De qualquer forma, já o li todo — respondeu Sabriel, laconicamente.

— Talvez — comentou o gato. — Mas não é sempre o mesmo livro. Tal como eu, sou várias coisas, não uma.

Sabriel encolheu os ombros, como que para mostrar que sabia tudo a respeito do livro. Mas era apenas bravata por dentro, Sabriel receava *O Livro dos Mortos*. Estudara cuidadosamente cada capítulo, sob a orientação do pai, mas a sua memória normalmente excelente retinha apenas páginas selecionadas deste tomo. Se o seu conteúdo se alterasse também reprimiu um arrepio e disse de si para si que sabia tudo o que era preciso.

— O meu primeiro passo tem de ser encontrar o corpo do meu pai — disse ela. — E é aí que preciso da sua ajuda, Mogget.

— Desconheço onde ele encontrou o seu fim — referiu Mogget, em tom peremptório. Bocejou e começou a lavar as patas.

Sabriel franziu o sobrolho e deu consigo a meter os lábios para dentro, uma característica que censurara na impopular professora de História do colégio, que ficava com frequência "com a boca para dentro" com a raiva ou a exasperação.

— Diga-me onde o viu pela última vez e quais eram os planos dele.

— Porque não lê o diário dele? — sugeriu Mogget, numa pausa momentânea da sua lavagem.

— Onde é que ele está? — perguntou Sabriel, entusiasmada. Um diário podia ser tremendamente útil.

— Provavelmente levou-o consigo — respondeu Mogget. — Não o vi.

— Achei que tinha de me ajudar! — disse Sabriel, outra expressão carrancuda a enrugar-lhe a testa, reforçando a boca metida para dentro. — Por favor, responda à minha pergunta.

— Há três semanas — balbuciou Mogget, a boca meio enfiada no pêlo da barriga, a língua cor-de-rosa alternando entre as palavras e a higiene, — chegou um mensageiro de Belisaere, pedindo a ajuda dele. Algo Morto, algo que conseguira passar pelos guardas, estava atacando-os. Abhorsen, refiro-me ao anterior Abhorsen, minha senhora, desconfiou que não ficaria por ali, sendo Belisaere o que era. Mas ele foi.

— Belisaere. O nome não me é estranho. É uma vila?

— Uma cidade. A capital. Pelo menos foi, quando ainda era um reino.

— Foi?

Mogget parou de se lavar e olhou para longe, semicerrando os olhos até ficarem com um ar ameaçador.

— O que foi que te ensinaram naquele colégio? Há duzentos anos que

não há um Rei ou uma Rainha e nem sequer um Regente há vinte. Por isso o Reino se afunda a cada dia, numa escuridão de que ninguém sairá...

— A Carta... — começou Sabriel, mas Mogget interrompeu-a com um miado escarninho.

— A Carta também se desmorona, — miou. — Sem um governante, as Pedras da Carta partidas uma a uma com sangue, uma das Cartas Grandes torci... torcida...

— O que quer dizer, uma das Cartas Grandes? — interrompeu por sua vez Sabriel. Nunca ouvira falar de semelhante coisa. Já não era a primeira vez que se perguntava o que lhe tinham ensinado no colégio e por que razão o pai se mostrara tão reservado em relação ao estado do Reino Antigo.

Mas Mogget permaneceu em silêncio, como se as coisas que já dissera lhe tivessem vedado a boca. Por um momento, pareceu tentar formar palavras, mas não saiu nada da sua boquinha vermelha. Por fim, desistiu.

— Não te posso contar. Faz parte do meu aprisionamento, maldição! Basta dizer que todo o mundo resvala para o mal e muitos estão ajudando à queda.

— E outros resistem-lhe — disse Sabriel. — Como o meu pai. Como eu.

— Depende do que fizer — afirmou Mogget, como se duvidasse que alguém tão manifestamente inútil como Sabriel fizesse grande diferença. — Não que me preocupe...

O som do alçapão abrindo-se por cima das cabeças deles deixou o gato a meio do discurso. Sabriel empertigou-se, olhando para cima para ver o que vinha escada abaixo, depois começou a respirar ao perceber que era apenas outro enviado da Carta, o seu hábito negro agitando-se sobre os degraus da escada ao descer. Este, tal como os guardas no corredor do penhasco, mas ao contrário dos outros servidores da Casa de Abhorsen, tinha a chave de prata brasonada no peito e nas costas. Fez uma vênia a Sabriel e apontou para cima.

Com uma sensação de presságio, Sabriel percebeu que queria que ela visse algo no observatório. Com relutância, empurrou a cadeira para trás e aproximou-se da escada. Uma corrente de ar frio soprava pelo alçapão aberto, transportando o frio do gelo lá do alto rio. Sabriel teve um arrepio quando as suas mãos tocaram nos degraus de metal frio.

Emergindo no observatório, o frio passou, com os últimos raios de luz vermelha do sol-poente na divisão, criando uma ilusão de calor e fazendo Sabriel semicerrar os olhos. Não se recordava daquela sala, por isso foi com prazer que viu que era totalmente revestida de vidro ou algo parecido. As vigas descobertas do telhado de telha vermelha assentavam em paredes transparentes, tão habilidosamente encaixadas de modo que o telhado era como uma obra de arte,

juntamente com a ligeira corrente de ar que reduzia a sua perfeição a um nível mais humano.

Um telescópio enorme de vidro brilhante e bronze dominava o observatório, erguendo-se triunfante num tripé de madeira escura e ferro ainda mais escuro. Ao lado havia um banco alto de observador e uma estante de leitura, um mapa das estrelas ainda estendido nela. Por baixo de tudo, um tapete espesso de fazer cócegas na sola dos pés, um tapete que era também um mapa dos céus, mostrando muitas constelações e planetas diferentes e coloridos a girar, tecida com lã grossa magnificamente tingida.

O enviado, que seguira Sabriel, foi até à parede virada a sul e apontou em direção à margem meridional do rio, a sua mão pálida, desenhada pela Carta, indicando o local exato onde Sabriel saía depois da fuga subterrânea do Mordicante.

Sabriel olhou para lá, protegendo o olho direito do Sol que descia a ocidente. O seu olhar atravessou as cristas brancas do rio e foi atraído para a saliência, não obstante um desânimo interno a respeito do que iria ver.

Como temia, o Mordicante ainda se encontrava ali. Mas, com o que passara a considerar a sua visão na Morte, Sabriel pressentiu que estava imóvel, temporariamente apenas uma estátua desagradável, um primeiro plano para outras formas mais ativas que se agitavam atrás em qualquer atividade. Sabriel olhou mais um pouco, depois dirigiu-se ao telescópio, evitando à justa Mogget, que, de alguma forma, lhe surgira debaixo dos pés. Sabriel perguntou-se como fora que ele subira a escada, depois afastou o pensamento e concentrou-se no que acontecia lá fora.

Sem ajuda não conseguira certificar-se do que eram as formas à volta do Mordicante, mas saltaram na sua direção através do telescópio, tão próximas que lhe deu a impressão de que bastaria inclinar-se e arrebanhá-las.

Eram homens e mulheres pessoas vivas, respirando. Cada uma estava presa à perna do companheiro por correntes de ferro e arrastavam-se aos pares sob a presença dominante do Mordicante. Havia uma quantidade deles, vinda do corredor, carregando baldes de couro pesados ou tábuas inteiras, levando-os pela saliência e descendo os degraus até ao rio. Depois, regressavam em fila, os baldes vazios, a madeira deixada lá.

Sabriel desceu um pouco o telescópio e quase resmungou de exasperação e raiva quando viu a cena junto ao rio. Mais escravos vivos construíam caixas compridas com a madeira e estas caixas eram enchidas com a terra dos baldes. À medida que cada caixa ficava cheia, era empurrada para estabelecer a ligação da margem à alpondra e presa no lugar por escravos cravando vigas de ferro na pedra.

Esta parte específica da operação era conduzida por algo que espreitava lá bem ao fundo do rio, a meio dos degraus. Uma mancha de forma humana da noite mais negra, uma silhueta em movimento. Uma Mão-Sombra ou algum espírito Morto com livre-arbítrio que desprezava o uso de um corpo.

Enquanto Sabriel observava, a última das quatro caixas foi empurrada para a primeira alpondra, firmada no lugar e depois acorrentada às suas três colegas adjacentes. Um escravo, que prendia a corrente, desequilibrou-se e caiu de cabeça na água, o seu companheiro de corrente seguindo-o um segundo depois. Os gritos deles, se os houve, foram abafados pelo bramido da cascata quando as águas levaram os seus corpos. Alguns instantes depois, Sabriel sentiu as vidas deles extinguirem-se.

Os outros escravos à beira do rio pararam de trabalhar momentaneamente, chocados com a perda súbita ou temporariamente mais aterrorizados com o rio do que com os seus amos. Mas a Mão-Sombra nos degraus deslocou-se na direção deles, as suas pernas como melaço, escorrendo pela encosta, sobrepondo, por sua vez, cada passo. Fez sinal a alguns dos escravos mais próximos para que empurrassem as caixas cheias de terra até à alpondra. Assim fizeram, aglomerando-se, infelizes, no meio do borriço.

A Mão-Sombra hesitou então, mas o Mordicante na saliência mais acima pareceu agitar-se e balançar-se um pouco para a frente, pelo que a abominação sombria subiu com cuidado para as caixas e avançou até à alpondra, sem se deixar afetar pela água corrente.

— Terra de sepultura — comentou Mogget, que obviamente não precisava do telescópio. — Acartada pelos aldeãos de Qyrre até Roble's Town. Pergunto-me se têm a suficiente para atravessar todas as pedras.

— Terra de sepultura — comentou Sabriel com tristeza, observando um novo grupo de escravos que chegava com baldes e mais madeira. — Tinha-me esquecido de que é capaz de anular a água corrente. Pensei... pensei que estaria segura aqui, por uns tempos.

— Bem, e está — disse Mogget. — Levará pelo menos até amanhã à noite antes da ponte deles ficar concluída, em particular se descontarmos duas horas por volta do meio-dia, em que os Mortos terão de se esconder se não estiver nublado. Mas isto revela planeamento e isso significa um líder. Pode ser apenas um necromante mesquinho com um cérebro mais preparado para a estratégia do que a maioria.

— Assassinei uma coisa Morta no Cume Fendido — disse Sabriel lentamente, pensando em voz alta. — Aquilo disse que se vingaria e falou em contar aos servos de Kerrigor. Conhece esse nome?

— Conheço — bufou Mogget, agitando a cauda atrás de si. — Mas não

posso falar dele, exceto para dizer que é um dos Mortos Maiores e o mais terrível inimigo do teu pai. Não me diga de novo que ele está vivo!

— Não sei — respondeu Sabriel, olhando para baixo para o gato, cujo corpo parecia torcido, como se dividido entre a ordem e a resistência. — Porque não me conta mais? O aprisionamento?

— Uma... uma perversão do... do m... m... sim — articulou Mogget com esforço. Apesar de os seus olhos verdes se tornarem luminosos e ferozes com a raiva ante a sua própria explicação fraca, não podia dizer mais.

— Espirais dentro de espirais — comentou Sabriel, pensativa. Havia poucas dúvidas de que alguma força maléfica agia contra ela, a partir do momento em que atravessara a Muralha, ou mesmo antes disso, se o desaparecimento do pai fosse algo a considerar.

Voltou a olhar pelo telescópio e animou-se um pouco com o atraso no trabalho enquanto a última luz desaparecia, muito embora, em simultâneo, sentisse uma certa compaixão pelas pobres pessoas que o Morto escravizara. Muitas morreriam provavelmente geladas, ou de exaustão, apenas para voltarem como Mãos estúpidas. Só aquelas que passassem para o outro lado da cascata escapariam a tal destino. O Reino Antigo era, sem dúvida, um lugar terrível, mesmo quando a morte não significava um fim para a escravidão e o desespero.

— Existe outra saída? — perguntou, girando o telescópio 180 graus para olhar para a margem setentrional. Havia também ali alpondras e outra porta lá no alto, na margem, mas igualmente formas escuras aglomeradas na saliência junto à porta. Quatro ou cinco Mãos-Sombra, demasiadas para Sabriel vencer sozinha. — Não me parece respondeu a si própria, sinistramente. E defesas? Os enviados conseguem lutar?

— Os enviados não precisam lutar — respondeu Mogget. — Pois existe outra defesa, muito embora seja bastante constritiva. E há uma outra saída, muito embora, provavelmente, não vá agradá-la.

O enviado ao lado dela anuiu e mimou algo com o braço que parecia uma cobra contorcendo-se pela erva.

— Qual é? — perguntou Sabriel, reprimindo uma súbita vontade de desatar às gargalhadas histéricas. — A defesa ou a saída?

— A defesa — respondeu Mogget. — O próprio rio. Pode ser invocado para se erguer quase à altura dos muros da ilha, quatro vezes a sua altura acima das alpondras. Nada consegue passar semelhante inundação, para dentro ou para fora, enquanto durar, numa questão de semanas.

— Então como é que eu saía? — perguntou Sabriel. — Não posso esperar semanas!

— Uma das suas antepassadas construiu uma máquina voadora. Chamou-

lhe Asa de Papel. Pode usá-la, lançada por cima da cascata.

— Oh! — comentou Sabriel, numa voz muito fina.

— Se deseja invocar o rio — continuou Mogget, como se não se tivesse percebido o súbito silêncio de Sabriel, — então temos de iniciar imediatamente o ritual. A cheia provém do degelo e as montanhas ficam muitas léguas a montante. Se invocarmos as águas agora, a enchente nos atingirá amanhã ao crepúsculo.

A chegada das águas da enchente foi anunciada por grandes pedaços de gelo que vinham bater na ponte de madeira das caixas de terra de sepultura como icebergues trazidos pela tempestade arrastando os navios ancorados. O gelo partiu-se, a madeira despedaçou-se, uma pancada regular que emitia um aviso, anunciando a grande vaga que seguia o gelo deslocando-se a grande velocidade.

As Mãos Mortas e os escravos vivos debandaram ao longo da ponte de caixões, os corpos sombrios dos Mortos perdendo a sua forma enquanto corriam, pelo que se tornavam vermes gordos e compridos de crepe preto, contorcendo-se e deslizando pelas rochas e caixas, derrubando escravos humanos sem misericórdia, desesperados por escapar à destruição que ressoava rio abaixo.

Sabriel, observando da torre, sentiu as pessoas morrendo, engolindo convulsivamente enquanto registrava os seus últimos fôlegos gorgolejantes, sugando água em vez de ar. Algumas delas, pelo menos dois pares, tinham-se atirado deliberadamente ao rio, preferindo a morte derradeira a arriscar a servidão eterna. A maior parte fora derrubada, empurrada ou simplesmente enxotada pelos Mortos.

A frente da vaga da enchente veio rapidamente atrás do gelo, clamando ao passar, um rugido mais alto, mais feroz do que o bramido cavo da cascata. Sabriel ouviu-o durante vários segundos antes de contornar a última curva do rio, depois, subitamente, estava quase sobre ela. Uma parede de água imensa, vertical, com pedaços de gelo na sua crista como ameias de mármore e todos os detritos de seiscentos e quarenta quilômetros lavando o seu corpo lamacento. Parecia enorme, mais alta do que os muros da ilha, mais alta até do que a própria torre de onde Sabriel assistia, chocada ante a força que desencadeara, uma força que mal imaginara possível quando a invocara na véspera à noite.

Fora uma invocação bastante simples. Mogget levava-a até à cave e depois descera uma escada estreita em caracol, que esfriava cada vez mais à medida que avançavam. Por fim, tinham chegado a uma estranha gruta, de onde pendiam pingentes de gelo e a respiração de Sabriel emitia nuvens brancas, mas já não fazia frio, ou talvez fizesse tanto frio que ela já não o sentia. Um bloco de gelo puro branco-azulado encontrava-se num pedestal de pedra, ambos ornamentados com marcas da Carta, marcas estranhas e belas. Depois, seguindo as instruções de Mogget, limitara-se a colocar a mão sobre o gelo e dissera: "Abhorsen presta a sua homenagem às Clayr e requer uma dádiva de água." Fora tudo. Tinha voltado a subir as escadas, um enviado trancara a porta da cave atrás deles e outro trouxera a Sabriel uma camisa de dormir e uma xícara de

chocolate quente.

Mas aquela cerimônia simples invocara algo que parecia completamente fora de controle. Sabriel viu a vaga precipitar-se na direção deles, tentando acalmar-se, mas o ar entrava e saía tão rapidamente quanto a caixa torácica se agitava. No momento em que a vaga bateu, ela gritou e abrigou-se debaixo do telescópio.

Toda a torre estremeceu, as pedras guinchando ao moverem-se e, por um momento, até o som da cascata se perdeu num estrondo que ecoou como se a ilha tivesse sido arrasada pelo primeiro choque da vaga.

Mas, após alguns segundos, o chão parou de tremer e o embate da enchente baixou para um rugido controlado, como um bêbedo gritando, subitamente consciente de que não está sozinho. Sabriel ergueu-se agarrando-se ao tripé e abriu os olhos.

Os muros tinham resistido e, apesar de agora a vaga ter passado, o rio ainda fazia barulho um mero palmo abaixo das defesas da ilha e chegava quase às portas do túnel em cada margem. Não havia vestígio das alpondras, da ponte de caixões, dos Mortos ou de quaisquer pessoas apenas uma ampla torrente castanha, levando detritos de toda a espécie. Árvores, arbustos, partes de edifícios, gado, pedaços de gelo a enchente reclamara o seu tributo em cada margem do rio por centenas de quilômetros.

Sabriel olhou para esta prova de destruição e contou para dentro o número de aldeãos que tinha morrido nas caixas com terra de sepultura. Quem sabia quantas mais vidas se tinham perdido ou meios de subsistência ficado ameaçados a montante? Uma parte de si tentava racionalizar o uso da enchente, dizendo de si para si que tivera de fazê-lo para combater os Mortos. Outra parte dizia que invocara a enchente simplesmente para se salvar.

Mogget não tinha tempo para semelhante introspecção, tristeza ou angústia da responsabilidade. Deixou-a observar, de olhar vago, não mais de um minuto, antes de caminhar calmamente e cravar com delicadeza as garras no pé de Sabriel na chinela.

— Au! O que foi que...

— Não há tempo a perder com a vista — disse Mogget. — Os enviados estão a aprontando a Asa de Papel no muro oriental. E o seu vestuário e equipamento foram preparados há pelo menos meia hora.

— Tenho todo o... — começou Sabriel, depois lembrou-se da mochila e dos esquis que tinham ficado no outro extremo do túnel de entrada, provavelmente uma pilha de cinzas queimadas pelo Mordicante.

— Os enviados têm tudo o que precisa e mais algumas coisas dispensáveis, se bem os conheço. Pode vestir-se, fazer as malas e partir para

Belisaere. Presumo que tenciona ir para Belisaere.

— Sim — respondeu Sabriel sucintamente. Conseguiu detectar um tom de presunção na voz de Mogget.

— Sabe como chegar lá?

Sabriel permaneceu em silêncio. Mogget sabia que a resposta era "não". Daí a presunção.

— Você tem um... *aã*... mapa?

Sabriel abanou a cabeça, crispando os punhos ao fazê-lo, resistindo ao impulso de se inclinar e bater em Mogget ou talvez dar um puxão admoestador à sua cauda. Passara revista ao gabinete de trabalho e perguntara a vários enviados, mas o único mapa em casa parecia ser o das estrelas na torre. O mapa que o Coronel Horyse lhe falara ainda devia estar com Abhorsen. Com o Pai, pensou Sabriel, subitamente confusa em relação às suas identidades. Se agora ela era Abhorsen, quem era o pai? Também ele tivera outrora um nome que se perdera na responsabilidade de ser Abhorsen? Tudo o que parecera certo e sólido na sua vida alguns dias atrás se desmoronara. Não sabia sequer quem era realmente e os problemas pareciam cercá-la por todos os lados até um suposto servidor de Abhorsen como Mogget conseguia produzir mais complicações do que trabalho.

— Você tem algo de positivo a dizer, algo que possa realmente ajudar? — respondeu.

Mogget bocejou, mostrando uma língua cor-de-rosa que parecia conter a própria essência do escárnio.

— Bem, sim. Claro. Conheço o caminho, por isso o melhor é ir contigo.

— Vir comigo? — perguntou Sabriel, genuinamente surpreendida. Desenclavinhou os punhos, curvou-se e coçou o gato entre as orelhas, até ele se esquivar.

— Alguém tem de cuidar de você — acrescentou Mogget. — Pelo menos até ter se tornado uma verdadeira Abhorsen.

— Obrigada — respondeu Sabriel. — Eu sei pensar. Mas, ainda assim, gostaria de ter um mapa. Já que você conhece tão bem a região, seria possível, não sei, descrevê-la, para eu poder desenhar um mapa ou algo do tipo?

Mogget tossiu, como se subitamente se lhe tivesse alojado uma bola de pêlo na garganta, e atirou um pouco a cabeça para trás.

— Você! Desenhar um mapa? Se precisa de um, acho preferível ser eu a encarregar-me pessoalmente da cartografia. Desça ao gabinete de trabalho e prepara um tinteiro e papel.

— Desde que fique com um mapa legível, não me interessa quem o traça — observou Sabriel, ao descer a escada de costas. Inclinou a cabeça para ver

como Mogget descia, mas havia apenas o alçapão aberto. Um miado sardônico debaixo dos pés dela anunciou que Mogget conseguira mais uma vez passar de uma sala para a outra sem meio de apoio visíveis.

— Tinta e papel — recordou-lhe o gato, saltando para a mesa do dragão. — O papel grosso. O lado macio para cima. Não te preocupe com a pena.

Sabriel seguiu as instruções de Mogget, depois observou com uma condescendência resignada que mudou rapidamente para surpresa quando o gato se acorou junto ao quadrado de papel, a sua sombra estranha a incidir nele como um manto escuro atirado sobre areia, a língua cor-de-rosa saía com a concentração. Mogget pareceu pensar por um momento, depois uma garra de marfim brilhante saiu de uma almofada branca molhou delicadamente a garra no tinteiro e começou a desenhar. Primeiro um contorno tosco, em movimentos rápidos e vigorosos; o traçado dos principais aspectos geográficos; depois o processo delicado de acrescentar locais importantes, cada um escrito com uma caligrafia fina e angular. Por último, Mogget assinalou a Casa de Abhorsen com uma pequena ilustração, antes de se afastar para admirar o seu trabalho manual e lambe a tinta da pata.

Sabriel esperou alguns segundos para se certificar de que ele terminara, depois deitou areia secante sobre o papel, os seus olhos tentando absorver cada detalhe, decididos a fixar o rosto físico do Reino Antigo.

— Pode olhá-lo mais tarde — disse Mogget após alguns minutos, quando a sua pata ficou limpa, mas Sabriel continuava debruçada sobre a mesa, o nariz a centímetros do mapa. — Continuamos a ter pressa. É melhor ir se vestir. Procure ser rápida.

— Serei. — Sabriel sorriu, olhando ainda para o mapa. — Obrigada, Mogget.

Os enviados tinham colocado um grande monte de roupas e equipamento no quarto de Sabriel e quatro deles aguardavam para ajudá-la a colocar e organizar tudo. Mal entrou, despiram-lhe o vestido e descalçaram-lhe os chinelos e ela apenas conseguiu retirar a sua própria roupa interior antes de mãos fantasmagóricas traçadas pela Carta lhe fazerem cócegas nos flancos. Alguns segundos depois continuava a senti-las quando lhe enfiaram pela cabeça uma combinação fina, tipo algodão, e um par de ceroulas largas pelas pernas acima. A seguir foi uma camisa de linho, depois uma túnica de pele de veado e calças de couro flexível, reforçadas com uma espécie de placas segmentadas duras nas coxas, nos joelhos e nas canelas, para não mencionar uns fundilhos fortemente almofadados, sem dúvida concebidos para montar.

Seguiu-se um breve intervalo, levando Sabriel a pensar que poderia ter acabado, mas os enviados estavam apenas preparando a próxima camada para

encaixe imediato. Dois deles empurraram-lhe os braços por uma cota blindada comprida que afivelava nos lados, enquanto os outros dois desabotoavam um par de botas cardadas e aguardavam.

A cota não era nada parecida com algo que Sabriel alguma vez tivesse usado, incluindo o lorigão de malha que usara nas aulas de Artes de Combate no colégio. Era do comprimento de um lorigão, com saia às tiras que lhe descia até aos joelhos e mangas em cauda de andorinha nos pulsos, mas parecia ser completamente constituída por minúsculas placas sobrepostas, muito semelhantes às escamas de um peixe. Também não eram de metal, mas de alguma espécie de cerâmica ou mesmo pedra. Muito mais leve do que o aço, mas nitidamente bastante forte, como demonstrara um enviado ao golpeá-la de alto a baixo com um punhal, fazendo saltar faíscas sem deixar uma marca.

Sabriel julgou que as botas completavam o conjunto, mas quando os atacadores foram puxados por dois enviados, os outros dois estavam de novo em ação. Um ergueu o que parecia ser um turbante de riscas azuis e prateadas, mas Sabriel, puxando-o para baixo até às sobrancelhas, viu que era um elmo revestido de tecido, feito do mesmo material que a armadura.

O outro enviado agitou uma capa azul-escura brilhante, salpicada de chaves de prata bordadas que refletiam a luz em todas as direções. Sacudiu a capa para cá e para lá, a seguir enfiou-a pela cabeça de Sabriel e ajustou o tecido com um movimento experiente. Sabriel passou a mão pela sua extensão sedosa e tentou discretamente rompê-la num canto, mas, apesar de toda a sua aparente fragilidade, não se rasgou.

Em último lugar veio o cinturão da espada e a bandoleira dos sinos. Os enviados trouxeram-nos, mas não esboçaram qualquer tentativa de colocá-los. Sabriel ajustou-os pessoalmente, compondo cuidadosamente os sinos e a bainha, sentindo o peso familiar dos sinos atravessados sobre o peito e a espada equilibrada na anca. Virou-se para o espelho e mirou o seu reflexo, simultaneamente satisfeita e perturbada com aquilo que viu. Parecia competente, profissional, uma viajante capaz de cuidar de si mesma. Mas parecia-se também menos com alguém chamado Sabriel e mais com o Abhorsen, com maiúscula e tudo.

Teria continuado a mirar-se, mas os enviados puxaram-lhe as mangas e canalizaram a sua atenção para a cama. Uma mochila de couro encontrava-se aberta em cima dela e, enquanto Sabriel observava, os enviados encheram-na com as restantes roupas velhas, incluindo o impermeável do pai, mudas de roupa interior, túnica e calças, carne de vaca seca e bolachas, um cantil com água e várias pequenas bolsas de pele cheias de coisas úteis, cada uma delas

cuidadosamente aberta e mostrada a ela: telescópio, fósforos de enxofre, acendedor de fogo mecânico, ervas medicinais, anzóis e linha, um estojo de costura e uma imensidão de outras coisas essenciais. Os três livros da biblioteca e o mapa foram colocados em bolsas de tecido impermeabilizado e depois num compartimento exterior.

Posta a mochila, Sabriel experimentou alguns exercícios básicos e ficou aliviada ao constatar que a armadura não a limitava quase nada, na verdade, muito embora a mochila não fosse algo que lhe agradasse transportar num vôo. Conseguia até tocar nos dedos dos pés e assim fez, várias vezes, antes de se endireitar para agradecer aos enviados. Tinham desaparecido. Ao invés, estava lá Mogget, caminhando com ar misterioso em direção a ela desde o meio do quarto.

— Bem, estou pronta — anunciou Sabriel.

Mogget não respondeu, mas sentou-se aos pés dela e esboçou um movimento que se assemelhou bastante a um vômito. Sabriel recuou, enojada, depois parou, quando um pequeno objeto metálico caiu da boca de Mogget e saltou pelo chão.

— Quase me esquecia — disse Mogget. — Vai precisar disto se tenho de ir contigo.

— O que é? — perguntou Sabriel, curvando-se para apanhar o anel, um pequeno anel de prata com um rubi cravado entre duas garras de prata que saíam do aro.

— Antigo — replicou Mogget, enigmaticamente. — Saberá se precisar de usá-lo. Coloque-o.

Sabriel olhou-o com atenção, segurando-o entre dois dedos ao incliná-lo para a luz. Parecia bastante comum ao tato e à vista. Não havia marcas da Carta na pedra ou no aro, parecia não ter emanções ou aura. Colocou-o.

Notou uma sensação de frio ao deslizar-lhe pelo dedo e, de repente, estava caindo, caindo no infinito, num vazio que não tinha fim nem princípio. Tudo desaparecera, toda a luz, toda a substância. Depois, as marcas da Carta explodiram subitamente a toda a sua volta e sentiu-se agarrada por elas, travando a sua queda de cabeça no nada, acelerando o seu retorno, de volta ao corpo, de volta ao mundo da vida e da morte.

— Magia Livre — disse Sabriel, olhando para o anel que brilhava no seu dedo. — Magia Livre associada à Carta. Não compreendo.

— Saberá se precisar usá-lo — repetiu Mogget, quase como se fosse alguma lição a ser aprendida de cor. Depois, na sua voz normal: — Não se preocupe até lá. Venha, a Asa de Papel está pronta.

A Asa de Papel estava assentada numa plataforma preparada de improviso, feita de tábuas de pinho serradas recentemente, oscilando por cima do muro oriental. Seis enviados aglomeravam-se à volta do aparelho voador, preparando-o para a partida. Sabriel olhou para ele enquanto subia as escadas, uma sensação desagradável crescendo dentro dela. Contara com algo semelhante ao avião que principiara a ser comum em Ancelstierre, como o biplano que realizara acrobacias no último Dia de Início do Ano Letivo no Colégio Wyverley. Algo com duas asas, mecanismo de manobra e uma hélice apesar de ter presumido que tivesse um motor mágico e não um mecânico.

Mas a Asa de Papel não se parecia nada com um avião ancelstierrano. Assemelhava-se quase a uma canoa com asas de falcão e uma cauda. Olhando com maior atenção, Sabriel viu que a fuselagem central tivera provavelmente por base uma canoa. Afunilava em cada extremo e a carlinga era um orifício central. As asas saíam de cada lado desta forma de canoa asas compridas, retraídas, que pareciam muito frágeis. A cauda em forma de cunha também não era muito melhor.

Sabriel subiu os últimos degraus com as expectativas afundando-se. Via agora qual fora o material de construção e o mesmo sucedia com o nome do aparelho tudo aquilo fora feito com muitas folhas de papel, ligadas com algum tipo de laminado. Pintado de azul-pólvora, com faixas prateadas à volta da fuselagem e riscas prateadas ao longo das asas e da cauda, parecia bonito, decorativo e nada apto para voar com segurança. Apenas os olhos amarelos de falcão na proa pontiaguda indicavam a sua capacidade de voar.

Sabriel olhou de novo para a Asa de Papel e depois para a cascata mais adiante. Agora, alimentada pelas águas da enchente, parecia ainda mais assustadora do que o costume. Os borriços explodiam dezenas de metros acima da sua borda uma névoa ruidosa que a Asa de Papel teria de atravessar antes de alcançar céu aberto. Sabriel não sabia sequer se estava impermeabilizada.

— Quantas vezes é que esta... coisa... vôu antes? — perguntou com nervosismo. Intelectualmente, aceitava que em breve iria estar sentada neste aparelho, ser lançada na direção das águas que caíam com estrondo, mas o seu subconsciente e o seu estômago pareciam muito decididos a manter-se em solo firme.

— Muitas vezes — respondeu Mogget, saltando facilmente da plataforma para a carlinga. A voz dele ecoou ali por um momento, até voltar a subir, o focinho peludo de gato apoiado na borda. — A Abhorsen que a fez vôu

nela uma vez até ao mar e regressou numa mesma tarde. Mas ela era uma grande bruxa do tempo e conseguia controlar os ventos. Não creio...

— Não — disse Sabriel, consciencializando-se de outra lacuna na sua educação. Sabia que a magia do vento era constituída por marcas da Carta principalmente assobiadas, mas era tudo. — Não. Não sou capaz.

— Bem — prosseguiu Mogget, após uma pausa ponderada, — a Asa de Papel possui alguns sortilégios elementares para dominar o vento. Terá de assobiá-los. Sabe assobiar, espero?

Sabriel ignorou-o. Todos os necromantes tinham de ser musicais, tinham de saber assobiar, cantarolar, cantar. Se fossem apanhados na Morte sem sinos ou outros instrumentos mágicos, as suas capacidades vocais eram uma arma de último recurso.

Um enviado aproximou-se e pegou-lhe a mochila, ajudando-a a desembaraçar-se dela, depois guardou-a na retaguarda da carlinga. Outro pegou no braço de Sabriel e conduziu-a ao que parecia ser uma semicama de rede em couro esticada sobre a carlinga obviamente o lugar do piloto. Também não parecia nada segura, mas Sabriel fez um esforço pessoal para subir para lá, depois de colocar a espada embainhada nas mãos de mais um outro enviado.

Surpreendentemente, os seus pés não perfuraram o chão laminado da Asa de Papel. O material parecia até tranquilizadamente sólido e, após um minuto de contorções, balanços e ajustamentos, o banco-cama de rede era muito confortável. A espada e a bainha foram introduzidas num receptáculo ao lado dela e Mogget assumiu uma posição no alto das tiras que prendiam a sua mochila atrás dos ombros, pois o banco obrigava-a a reclinar-se tanto que quase ficava deitada.

Do nível novo dos seus olhos, Sabriel viu um pequeno espelho oval de vidro prateado, fixo abaixo do rebordo da carlinga. Brilhava com o sol do final de tarde e sentiu-o ressoar com Magia da Carta. Algo nele a levou a respirar-lhe para cima, o seu bafo quente embaciando o vidro. Ficou enevoado por um momento, depois uma marca da Carta apareceu lentamente, como se um dedo fantasmagórico tivesse desenhado sobre o espelho turvo.

Sabriel observou-o cuidadosamente, absorvendo a sua finalidade e o seu efeito. Falou-lhe das marcas que se iriam seguir; marcas para fazer os ventos levantarem-se, marcas para descer depressa, marcas para chamar o vento de qualquer quadrante da rosa da bússola. Havia outras marcas para a Asa de Papel e, enquanto Sabriel as absorvia, viu que todo o aparelho estava revestido com Magia da Carta, mergulhado em fórmulas. A Abhorsen que a construía trabalhara muito e com amor para criar algo que era mais como uma ave mágica do que um avião.

O tempo passou e a última marca sumiu. O espelho desembaciou-se, voltando apenas a ser uma placa de vidro espelhado brilhando ao sol. Sabriel ficou ali sentada, em silêncio, retendo as marcas da Carta na sua memória, maravilhando-se com o poder e a capacidade que criara a Asa de Papel e pensara neste método de instrução. Talvez um dia também ela viesse a dominar os conhecimentos para criar semelhante coisa.

— A Abhorsen que a construiu quem era? — perguntou Sabriel. — Quero dizer, em relação a mim?

— Uma prima — ronronou Mogget, perto do ouvido dela.

— Prima da sua penta-avó. A última daquela linha de descendência. Não teve filhos.

“Talvez a Asa de Papel fosse o filho dela”, pensou Sabriel passando a mão pela superfície macia da fuselagem, sentindo as marcas da Carta em repouso no tecido. Sentiu-se muito melhor em relação ao vôo que ia iniciar.

— Era bom nos apressarmos — continuou Mogget. — Muito em breve escurecerá por completo. Fixou as marcas?

— Sim respondeu — Sabriel com firmeza. Virou-se para os enviados, que estavam agora alinhados atrás das asas, prendendo a Asa de papel até estar na hora de ser largada no céu. Sabriel perguntou-se quantas vezes teriam realizado esta tarefa e para quantos Abhorsens.

— Obrigada — disse-lhes. — Por toda a atenção e gentileza. Adeus.

Com aquela última palavra, voltou a instalar-se no banco-cama de rede, agarrou-se à borda da carlinga com ambas as mãos e assobiou as notas de levantar o vento, visualizando mentalmente a sequência necessária de marcas da Carta, deixando-as descer-lhe até à garganta e aos lábios e saírem para fora, para o ar.

O assobio dela soou cristalino e verdadeiro e levantou-se um vento por trás a corresponder-lhe, tornando-se mais forte à medida que Sabriel expirava. Depois, enchendo de novo os pulmões, mudou para um trilo alegre e jovial. Como uma ave encantada com o vôo, as marcas da Carta fluindo dos seus lábios franzidos até à própria Asa de Papel. Com este assobio, a tinta azul e prata pareceu ganhar vida, dançar pela fuselagem, estender-se às asas, uma plumagem brilhante e lustrosa. Todo o aparelho se agitou e estremeceu, subitamente flexível e ansioso por começar.

O trilo jovial terminou com uma única nota prolongada e distinta e uma marca da Carta que brilhava como o sol. Dançou na proa da Asa de Papel e introduziu-se no laminado. Um segundo depois, os olhos amarelos piscaram, tornaram-se penetrantes e orgulhosos, olhando para o céu lá em cima.

Os enviados esforçavam-se agora, mal conseguindo reter a Asa de Papel. O vento levantado soprou ainda mais forte, despenteando a plumagem azul e prata, empurrando-a para a frente. Sabriel sentiu a tensão da Asa de Papel, a força contida nas suas asas, a satisfação daquele último momento em que é garantida a liberdade.

Soltar! exclamou e os enviados obedeceram, a Asa de Papel saltando para os braços do vento, elevando-se no ar, atravessando o borriço da cascata como se mais não fosse do que um aguaceiro da Primavera, voando para o céu e o amplo vale lá adiante.

Estava sereno e frio, uns trezentos metros ou mais por cima do vale. A Asa de Papel pairava com facilidade, o vento firme a empurrá-la por trás, o céu limpo lá em cima, à exceção de umas nuvens muito finas. Sabriel reclinou-se no banco-cama de rede, relaxando, revendo as marcas da Carta que chamara sucessivamente à sua mente, certificando-se de que as ordenara devidamente. Sentiu-se livre e de certa forma limpa, como se os perigos dos últimos dias fossem sujeira, lavada pelo vento que soprava.

— Vire mais para norte — disse a voz de Mogget subitamente atrás dela, perturbando o seu estado de espírito despreocupado. — Recorda-se do mapa?

— Sim — respondeu Sabriel. — Seguimos o rio? Ratterlin, assim se chama, não é? Corre para nor-nordeste a maior parte do tempo.

Mogget não respondeu de imediato, conquanto Sabriel ouvisse a respiração ronronante ali perto. Parecia estar pensando. Finalmente, disse:

— Porque não? Podemos perfeitamente segui-lo até ao mar. Ramifica-se ali num delta, onde podemos encontrar uma ilha para acampar esta noite.

Porque não voarmos apenas? — perguntou Sabriel toda animada. — Podíamos chegar a Belisaere amanhã à noite, se eu invocasse os ventos mais fortes.

— A Asa de Papel não gosta de voar de noite — respondeu Mogget, laconicamente. — Para não dizer que certamente você perderia o controle dos ventos mais fortes, é muito mais difícil do que parece à primeira vista. E, de qualquer forma, a Asa de Papel dá muito nas vistas. Não tem bom senso, Abhorsen?

— Me chame de Sabriel — respondeu Sabriel, com igual laconismo. — O meu pai é Abhorsen.

— Como desejar, ama — disse Mogget. O "ama" soou extremamente sarcástico.

A hora seguinte passou-se em silêncio beligerante, mas Sabriel, pelo que lhe tocava, não tardou a perder a ira com a novidade do vôo. Adorava a escala de tudo aquilo, ver a minúscula manta de retalhos dos campos e florestas lá

embaixo, a faixa escura do rio, o esporádico edifício minúsculo. Era tudo tão pequeno e parecia tão perfeito, visto de longe.

Depois o Sol começou a baixar e, apesar do tom vermelho da sua luz a desaparecer tornar mais bonita ainda a perspectiva aérea, Sabriel sentiu o desejo da Asa de Papel de descer, sentiu os olhos amarelos focarem-se na terra verde, em vez do céu azul. Quando as sombras se estenderam, Sabriel sentiu esse mesmo desejo e começou também a olhar.

O rio dividia-se já numa infinidade de ribeiros e riachos que formavam o delta pantanoso do Ratterlin e Sabriel conseguiu avistar, ao longe, a mancha escura do mar. Existiam muitas ilhas no delta, algumas do tamanho de campos de futebol cobertas de árvores e arbustos, outras não maiores do que a distância dos dois braços abertos de lama. Sabriel escolheu uma das de tamanho médio, um losango achatado com erva baixa amarela, algumas léguas mais à frente, e assobiou ao vento.

Abrandonou gradualmente com o assobio dela e a Asa de Papel começou a descer, esporadicamente empurrada para este ou aquele lado consoante Sabriel controlava ou não o vento ou a sua própria inclinação de uma asa. Os olhos amarelos dela e os castanho-escuros de Sabriel estavam fixos no solo lá em baixo. Apenas Mogget, sendo Mogget, olhava para trás deles e para cima.

Mesmo assim, não viu os seus perseguidores senão quando surgiram vindos do Sol, pelo que o seu grito miado permitiu apenas alguns segundos de aviso, suficiente para que Sabriel se virasse e visse as centenas de formas em movimento rápido descendo a pique sobre eles. Instintivamente, invocou mentalmente as marcas da Carta, a boca franzida, assobiando ao vento para que voltasse, virando-os para norte.

— Corvos de sangue coagulado! — sibilou Mogget quando as formas com as asas em movimento suspenderam o vôo picado e rodaram para perseguir a sua presa subitamente animada.

— Sim — gritou Sabriel, apesar de não saber muito bem porque respondera. Toda a sua atenção estava nos corvos de sangue coagulado, tentando avaliar se iriam interceptar ou não. Conseguia já sentir o vento testando as raiais do seu controle, conforme Mogget profetizara, e fustigá-la mais poderia trazer resultados desagradáveis. Mas conseguia sentir também a presença dos corvos de sangue coagulado, sentir a mistura de Morte e Magia Livre que dera vida às suas formas esqueléticas apodrecidas.

Os corvos de sangue coagulado não duravam muito tempo ao sol e ao vento, estes deviam ter sido feitos na noite anterior. Um necromante aprisionara corvos perfeitamente comuns, matando-os com ritual e cerimônia, antes de pôr os corpos em infusão com o espírito partido, fragmentado, de um único homem

ou mulher mortos. Agora eram verdadeiramente aves de carne putrefata, aves guiadas por uma única inteligência, ainda que estúpida. Voavam devido à Magia Livre e matavam devido ao seu número. Não obstante a sua rapidez ao invocar o vento, o bando continuava a avançar rapidamente. Tinha descido a pique lá do alto e mantinha a sua velocidade, o vento arrancando as penas e a carne pútrida dos seus ossos criados por feitiço.

Por um momento, Sabriel ponderou avançar com a Asa de Papel direita mesmo ao centro desta grande quantidade de corvos, qual anjo vingador, armada da espada e dos sinos. Mas havia simplesmente corvos de sangue coagulado demais para combater, particularmente de um aparelho voador que se deslocava várias centenas de metros acima do solo. Um golpe de espada excessivamente ansioso implicaria uma queda fatal se os corvos de sangue coagulado não a matassem na descida.

— Vou ter de invocar um vento mais forte! — gritou a Mogget, que estava agora sentado em cima da mochila dela, o pêlo eriçado, miando desafios aos corvos. Estavam agora mais próximos, voando numa formação exata muito estranha: duas filas compridas, como braços esticados para arrebanhar do céu a Asa de Papel em fuga. Muito pouca da sua plumagem outrora negra sobrevivera à descida precipitada, o osso branco brilhando com a última luz do Sol. Mas os seus bicos eram ainda de um negro reluzente e de uma agudeza cintilante e Sabriel podia agora ver os brilhos vermelhos do espírito Morto fragmentado nas órbitas vazias dos olhos deles.

Mogget não respondeu. Possivelmente não a ouvira sequer acima dos seus miados e do crocitar dos corvos de sangue coagulado ao cobrirem os últimos metros para atacar. Um estranho som cavo, tão morto quanto a sua carne.

Durante um segundo de pânico, Sabriel sentiu que os seus lábios secos não se conseguiam franzir, depois molhou-os e o assobio saiu, lento e irregular. As marcas da Carta provocavam uma situação desajeitada e de dificuldade na sua cabeça, como se tentasse empurrar um peso enorme sobre rolamentos mal construídos depois, com um último esforço, surgiram facilmente, fluindo até às notas assobiadas.

Ao contrário das anteriores invocações graduais, este vento surgiu com a velocidade de uma porta a bater com força, uivando atrás deles com uma violência assustadora, pegando a Asa de Papel e atirando-a para a frente como uma onda gigante levantando uma embarcação frágil. Subitamente, iam tão depressa que Sabriel mal conseguia distinguir o solo lá em baixo e cada ilha do delta fundiu-se numa mancha contínua de movimento.

Com os olhos reduzidos a fendas de proteção, virou a cabeça para trás, o vento batendo-lhe no rosto como uma bofetada maldosa. Os corvos de sangue

coagulado em perseguição encontravam-se espalhados por todo o céu, a formação dispersada, como pequenas manchas negras no vermelho e púrpura do pôr do Sol. Agitavam inutilmente as asas, tentando voltar a reunir-se, mas a Asa de Papel estava já a uma légua ou mais de distância. Não havia chance de conseguirem alcançá-la.

Sabriel soltou um suspiro de alívio, mas foi um suspiro misturado com novas ansiedades. O vento transportava-os a uma velocidade assustadora e começava a virar em direção ao norte, o que não devia acontecer. Sabriel conseguiu ver então as primeiras estrelas brilhando e estavam definitivamente virando na direção da Fivela.

Foi com esforço que invocou novamente as marcas da Carta e assobiou a fórmula para acalmar o vento e o fez virar para leste, mas Sabriel conseguiu proferi-la. Mas a fórmula não deu certo, o vento tornou-se mais forte e mudou mais, até querenarem em direção à Fivela, mesmo a norte.

Sabriel, acorada na carlinga, os olhos chorando, o nariz pingando e o rosto gelado, tentou novamente, usando toda a sua força de vontade para impor ao vento as marcas da Carta. Mesmo para ela, o assobio soou fraco, e as marcas da Carta desapareceram mais uma vez no que se tornara agora um vento ciclônico. Sabriel percebeu que perdera totalmente o controle.

Na verdade, era quase como se a fórmula surtisse o efeito contrário, pois o vento soprou ainda mais forte, apanhando a Asa de Papel numa grande espiral, como uma bola arremessada entre um círculo de gigantes, cada um mais alto do que o anterior. Sabriel ficou tonta e mais gelada e a sua respiração tornou-se rápida e superficial, tentando poupar ar suficiente para a manter viva. Tentou acalmar os ventos mais uma vez, mas não conseguiu reunir o fôlego para assobiar, e as marcas da Carta resvalaram-lhe da mente, até conseguir apenas agarrar-se desesperadamente às correias no banco-cama de rede enquanto a Asa de Papel se esforçava por aguentar na tempestade.

Depois, sem qualquer aviso, o vento cessou a sua dança ascensional. Diminuiu apenas e a Asa de Papel foi com ele. Sabriel caiu para a frente, as correias subitamente apertadas, e Mogget quase cravou as unhas na mochila, esforçando-se por permanecer em contato com o aparelho voador. Sacudida por este novo desenvolvimento, Sabriel sentiu a sua exaustão dissipar-se. Tentou assobiar o vento elevador, mas estava muito acima das suas capacidades. A Asa de Papel parecia incapaz de parar a sua descida a pique. Caiu, o focinho inclinando-se cada vez mais para a frente até quase mergulharem na vertical, como um martelo que se precipita para a bigorna do solo lá embaixo.

Foi uma longa descida. Sabriel gritou uma vez, depois tentou transferir para a Asa de Papel alguma da sua força fruto do medo. Mas as marcas fluíram

no seu assobio sem qualquer efeito, à exceção de uma faísca dourada que iluminou por breves instantes o seu rosto branco gelado pelo vento. O Sol pusera-se por completo e a massa escura do solo lá embaixo parecia-se demais com o rio cinzento da Morte o rio que os seus espíritos atravessariam dentro de breves minutos, para nunca mais voltarem à luz quente da Vida.

— Tire-me a coleira — miou uma voz atrás da orelha de Sabriel, seguida da sensação curiosa de Mogget cravando as unhas na armadura dela ao trepar-lhe para o colo. — Tire-me a coleira!

Sabriel olhou para ele, para o solo, para a coleira. Sentia-se estúpida, privada de oxigênio, incapaz de decidir. A coleira fazia parte de um aprisionamento antigo, um guardião terrível de poder tremendo. Só seria usada para conter um mal inexprimível ou uma força incontável.

— Confie em mim! — uivou Mogget. — Tire-me a coleira e lembre-se do anel!

Sabriel engoliu em seco, fechou os olhos, levou as mãos à coleira e rezou para que estivesse tomando a atitude certa. "Pai, perdoe-me", pensou, mas não era apenas com o pai que falava, era com todos os Abhorsens que tinha havido antes dela especialmente aquele que fizera a coleira, há tanto tempo.

Surpreendentemente para um feitiço tão antigo, sentiu pouco mais do que um formigueiro quando a coleira se soltou. A seguir abriu-se e, de repente, ficou pesada, como um cabo de aço ou uma bola com corrente. Sabriel quase a largou, mas tornou-se de novo leve, depois insubstancial. Quando Sabriel abriu os olhos, a coleira deixara simplesmente de existir.

Mogget estava sentado, imóvel, no colo dela e não parecia ter mudado depois deu a impressão de brilhar com uma luz interior e crescer, até ficar sumido nas extremidades, e a luz aumentar cada vez mais. Decorridos alguns segundos, não restava a forma-gato, apenas uma mancha brilhante muito intensa para se olhar para ela. Pareceu hesitar por um momento e Sabriel sentiu a sua atenção vacilar entre a agressão à sua pessoa e algum conflito interno. Quase voltou a constituir-se na forma-gato, eis senão quando se dividiu em quatro flechas de um branco brilhante. Uma disparou para a frente, outra para trás e duas pareceram deslizar na direção das asas.

A seguir a Asa de Papel adquiriu toda ela um brilho branco intenso e cessou bruscamente o seu mergulho de cabeça e equilibrou-se. Sabriel foi arremessada violentamente para a frente, o corpo travado pelas correias, mas o nariz quase bateu no espelho de prata, os músculos do pescoço retesando-se com um esforço impossível para manter a cabeça imóvel.

Não obstante esta melhoria súbita, continuavam a descer. Sabriel, as mãos agora entrecruzadas atrás do pescoço impiedosamente dorido, viu o solo

aproximar-se rapidamente e encher o horizonte. As copas das árvores apareceram subitamente por baixo, a Asa de Papel imbuída de uma luz estranha, roçando apenas os ramos superiores com um som semelhante a granizo num telhado de zinco. Voltaram então a descer, passando escassos metros acima do que parecia um campo desbravado, mas ainda muito depressa para aterrar sem evitar a destruição total.

Mogget, ou o que quer que Mogget se tornara, travou novamente a Asa de Papel, numa série de estremecimentos fortes que provocaram equimoses em cima de equimoses. Pela primeira vez, Sabriel sentiu o alívio incrível de saber que sobreviveriam. Mais um esforço de travagem e a Asa de Papel desceria em segurança, derrapando um pouco na erva alta e macia do campo.

Mogget travou e Sabriel animou-se quando a Asa de Papel assentou suavemente a sua barriga na erva e deslizou para o que deveria ter sido uma aterragem perfeita. Mas o ânimo tornou-se rapidamente num grito de alarme quando a erva se afastou para revelar o bordo de um enorme buraco escuro no caminho deles.

Muito baixa para se elevar e agora muito lenta para planar sobre o buraco com pelo menos cinquenta metros de largura, a Asa de Papel chegou à extremidade, resvalou e desceu em espiral em direção ao fundo do buraco, centenas de metros abaixo.

Sabriel recobrou lentamente a consciência, o seu cérebro procurando desajeitadamente ligações aos sentidos. Primeiro chegou a audição, mas ela apenas captou a sua própria respiração difícil e o chiar da cota blindada ao fazer um esforço para se sentar. Naquele momento, faltava-lhe a visão e entrou em pânico, temendo a cegueira, até a memória voltar. Era de noite e encontrava-se no fundo de um cano de escoamento um poço enorme circular, aberto no solo ou pela natureza ou por artifício. Do seu breve vislumbre dele quando tinham caído calculou que tivesse à vontade cinquenta metros de diâmetro e cem de profundidade. A luz do dia iluminaria provavelmente as suas profundezas sombrias, mas a luz das estrelas era insuficiente.

A seguir veio a dor, atacando com força a memória. Mil dores e equimoses, mas nenhum ferimento grave. Sabriel agitou os dedos dos pés e das mãos, contraiu os músculos dos braços, das costas e das pernas. Doíam-lhe todos, mas pareciam em condições de funcionar.

Recordou vagamente os últimos escassos segundos antes do impacto Mogget, ou a força branca, reduzindo-lhes a velocidade antes de baterem, mas o instante real do despenhamento podia perfeitamente nunca ter acontecido, pois não se recordava dele. O choque, pensou de si para si, de uma forma abstrata, quase como se estivesse diagnosticando outra pessoa.

O seu pensamento seguinte surgiu algum tempo depois e com ele a percepção de que devia ter desmaiado novamente. Com este despertar, as sensações vieram-lhe com um pouco mais de nitidez, a sua mente apanhando uma ligeira brisa que a levou além da depressão mental. Agindo pelo tato, soltou-se e procurou atrás de si a mochila. No seu estado presente, até uma simples fórmula da Carta para luz estava fora de questão, mas havia ali três velas e fósforos ou o dispositivo de ignição mecânica.

Quando o fósforo se acendeu, o coração de Sabriel caiu-lhe aos pés. No pequeno globo trêmulo de luz amarela, viu que apenas a parte central da carlinga da Asa de Papel sobrevivera o deplorável cadáver azul e prata de uma criação em tempos maravilhosa. As suas asas jaziam despedaçadas e amarrotadas por debaixo dela e toda a seção do focinho se encontrava a alguns metros de distância, completamente deformada. Um olho fitava a mancha redonda de céu lá em cima, mas perdera a intensidade e a vida. Apenas tinta amarela e papel laminado.

Sabriel olhou para os destroços, o descoroçoamento e a tristeza percorrendo-lhe os ossos como uma gripe, até o fósforo lhe queimar os dedos.

Acendeu outro e depois uma vela, aumentando simultaneamente a luz e o campo de visão.

Havia mais pedaços pequenos da Asa de Papel espalhados numa superfície aberta e plana. Gemendo com o esforço de motivar os músculos doloridos, Sabriel levantou-se da carlinga para observar o chão mais de perto.

Este revelou que a área plana fora feita pelo homem; lajes, cuidadosamente colocadas. A erva crescera entre as pedras e os líquenes sobre elas, pelo que era evidentemente um trabalho antigo. Sabriel sentou-se nas pedras frescas e interrogou-se porque se daria alguém a semelhante trabalho no fundo de um cano de escoamento.

Aquele pensamento pareceu animar-lhe o espírito confuso e começou a interrogar-se sobre algumas outras coisas. Por exemplo, onde estava a força que antes fora Mogget? E o que era? Aquilo a fez lembrar-se de ir buscar a espada e verificar os sinos.

O seu elmo com turbante rodara na cabeça e estava quase às avessas. Lentamente virou-o, sentindo cada movimento ligeiro descer-lhe o tempo todo pelo pescoço extremamente rígido.

Equilibrando a sua primeira vela no pavimento numa poça de cera esfriando, arrastou dos destroços a mochila e as armas e acendeu as outras duas velas. Colocou uma no chão próximo da primeira e levou a outra para iluminar o caminho, contornando os destroços da Asa de Papel, procurando qualquer sinal de Mogget. Diante da proa desmembrada do aparelho voador, acariciou delicadamente os olhos, desejando poder fechá-los.

— Lamento — murmurou. — Talvez eu seja capaz de construir uma nova Asa de Papel um dia. Deveria existir outra, para ser portadora do teu nome.

— Sentimentalismo, Abhorsen? — disse uma voz Em algum lugar atrás dela, uma voz que conseguia soar como a de Mogget e, ao mesmo tempo, nada igual à dele. Era mais alta, mais áspera, menos humana e cada palavra parecia crepitar, como os geradores elétricos que usara nas aulas de Ciências no Colégio Wyverley.

— Onde você está? — perguntou Sabriel, virando-se rapidamente. A voz viera de perto, mas não havia nada visível dentro da esfera da luz da vela. Ergueu mais a sua vela e transferiu-a para a mão esquerda.

— Aqui! — escarneceu a voz e Sabriel viu linhas de fogo branco irromperem debaixo da fuselagem destruída, linhas que acenderam o papel laminado ao estenderem-se, pelo que, no período de um segundo, a Asa de Papel se incendiou, as chamas amarelas e vermelhas dançando debaixo da fumaça branca espessa, obscurecendo completamente o que quer que emergira por baixo do aparelho danificado.

Não se agitou nenhuma sensação de Morte, mas Sabriel quase conseguiu cheirar a Magia Livre; desagradável, monstruosa, abalando os nervos, afetando o forte odor da fumaça natural. Depois, viu novamente as linhas de fogo brancas, jorrando, convergindo, turvando, juntando-se e saiu da pira fúnebre da Asa de Papel uma criatura branco-azulada incandescente.

Sabriel não conseguiu olhar diretamente para ela, mas pelos cantos dos olhos escudados viu algo humano na forma, mais alto do que ela e magro, quase faminto. Não tinha pernas, o torso e a cabeça equilibrados numa coluna de força contorcendo-se e rodopiando.

— Livre, se não fosse o preço de sangue — disse aquilo, avançando. Todos os vestígios da voz de Mogget tinham agora desaparecido, submersos na vigorosa ameaça crepitante.

Sabriel não duvidou do significado de um preço de sangue e quem o pagaria. Reunindo todas as energias que lhe restavam, chamou três marcas da Carta à vanguarda da sua mente e arremessou-as à coisa, gritando os seus nomes.

— Anet! Calew! Ferhan!

As marcas tornaram-se lâminas de prata quando saltaram das suas mãos, mente e voz, cortando o ar mais depressa do que qualquer Punhal arremessado e atravessaram a figura brilhante, aparentemente sem qualquer efeito.

Ela soltou gargalhadas, uma série de altos e baixos como um cão ganindo de dor, e avançou indolentemente. O seu movimento lânguido parecia anunciar que lhe seria muito mais fácil livrar-se de Sabriel do que lhe fora incendiar a Asa de Papel.

Sabriel puxou a espada e recuou, determinada a não entrar em pânico como fizera quando confrontada com o Mordicante. A cabeça dela moveu-se para trás e para a frente, a dor no pescoço esquecida, verificando o terreno atrás de si e observando o adversário. A sua mente disparou, considerando as opções. Talvez um dos sinos mas isso implicaria largar a vela. Poderia contar com a presença incandescente da criatura para lhe iluminar o caminho?

Quase como se lhe tivesse lido o pensamento, a criatura começou a perder o brilho subitamente, sugando a escuridão para o turbilhão do seu corpo como uma esponja absorvendo tinta. Passados alguns segundos, Sabriel mal conseguia distingui-la, uma silhueta terrível, iluminada por trás pelo clarão da Asa de Papel em chamas.

Desesperadamente, Sabriel tentou recordar-se do que sabia sobre os elementais e construções da Magia Livre. O pai raramente os mencionara e Mestra Greenwood abordara o assunto muito de leve. Sabriel conhecia as fórmulas de aprisionamento para dois dos parentes menores dos seres da Magia Livre, mas a criatura diante dela não era nem Margrue nem Stilken.

— Continue a pensar, Abhorsen — riu a criatura, avançando de novo. — Que pena a sua cabeça não estar funcionando lá muito bem.

— Evitou que deixasse de funcionar permanentemente — respondeu Sabriel, desconfiada. Afinal, travara a Asa de Papel, por isso talvez existisse em algum lugar nela algo de bom, algum resto de Mogget, se ao menos pudesse ser revelado.

— Sentimento — respondeu a coisa, deslizando ainda silenciosamente na direção dela. Voltou a rir e um braço escuro tipo gavinha libertou-se dela, avançando pelo espaço de permeio para atingir Sabriel em cheio no rosto. — Uma recordação, agora apagada — acrescentou, quando Sabriel se desviou, vacilante, de um segundo ataque, a espada brilhando ao esquivar-se. Ao contrário das flechas de prata da fórmula, a lâmina gravada pela Carta estabeleceu contato com a carne artificial da criatura, mas não surtiu qualquer efeito além de fazer vibrar o braço de Sabriel.

Saia sangue pelo nariz, um fluxo quente e salgado, fazendo arder os lábios gretados pelo vento. Procurou ignorá-lo, tentando usar a dor do que seria provavelmente um nariz quebrado para pôr a mente de novo a funcionar a toda a velocidade.

— Recordações, sim, muitas recordações — continuou a criatura. Circulava agora à volta dela, empurrando-a para o lugar de onde tinham vindo, em direção às chamas que extinguíam-se na Asa de Papel. Não tardaria a apagar-se e depois haveria apenas escuridão, pois a vela de Sabriel era apenas um monte de cera derretida, caindo-lhe, esquecida, da mão. — Milênios de servidão, Abhorsen. Acorrentado pela astúcia, a traição... cativo numa forma de carne fixa repugnante... mas haverá um castigo, um castigo lento, nada rápido, nada rápido mesmo!

Uma gavinha desferiu novo golpe, baixo desta vez, procurando derrubá-la. Sabriel saltou por cima daquilo, a lâmina estendida para aplicar uma estocada no peito da criatura. Mas esta desviou-se, fazendo sair armas extra quando ela tentou saltar para trás, apanhando-a a meio do salto, aproximando-a.

Com o braço com a espada manietado junto ao flanco, a criatura apertou Sabriel com mais força, até ela ficar muito próxima do seu peito, o rosto à distância de um dedo da sua carne ebuliente em movimento contínuo, como se bilhões de minúsculos insetos zumbissem por trás de uma membrana de profunda escuridão.

Outro braço agarrou a parte de trás do elmo dela, obrigando-a a olhar para cima, até lhe ver a cabeça, por cima dela. Uma coisa da anatomia mais básica, os seus olhos eram como o cano de escoamento, poços profundos aparentemente sem fundo. Não tinha nariz, mas uma boca que dividia o rosto

horrendo ao meio, uma boca ligeiramente aberta para revelar o brilho branco-azulado incandescente que usara inicialmente como carne.

Toda a Magia da Carta se dissipou da mente de Sabriel. Tinha a espada presa, os sinos também e, mesmo que não estivessem, não sabia como usá-los devidamente contra coisas não Mortas. De qualquer forma, reviu-as mentalmente, num inventário frenético, relampejante, de algo que pudesse ajudar.

Foi então que a sua mente cansada, contundida, se lembrou do anel. Estava na mão esquerda, a mão que tinha livre, a prata fria no dedo indicador.

Mas não sabia o que fazer com ele e a cabeça da criatura inclinava-se na direção da sua, o seu pescoço esticado num comprimento impossível, até parecer uma cabeça de cobra erguendo-se acima dela, a boca escancarando-se, tornando-se mais brilhante, crepitando com faíscas rubro-brancas que caíram sobre o elmo e o rosto dela, queimando o tecido e a pele, deixando minúsculas cicatrizes semelhantes a tatuagens. O anel soltou-se do dedo. Instintivamente, Sabriel fechou a mão e o anel alargou-se ainda mais, deslizando-lhe pelo dedo, expandindo-se, crescendo, até que, sem olhar, Sabriel soube que segurava um arco de prata da largura ou mais largo do que a cabeça esguia da criatura. E subitamente soube o que fazer.

— Primeiro, arrancar um olho — disse a coisa, o bafo tão quente quanto as faíscas que caíam, queimando-lhe o rosto com um escaldão imediato. Inclinou a cabeça para o lado e escancarou ainda mais a boca, o maxilar inferior deslocando-se para fora.

Sabriel lançou um último olhar atento, comprimiu os olhos com força para se proteger do olhar terrível e arremessou o arco de prata, assim esperava, por cima do pescoço da criatura.

Durante um segundo, quando o calor aumentou e sentiu uma terrível queimadura nos olhos, Sabriel pensou que falhara. A seguir, o arco fora-lhe arrancado da mão e viu-se afastada, arremessada como o varão rejeitado por um pescador irado.

Indo parar novamente acima das lajes frias, abriu os olhos, o esquerdo turvo, dolorido e cheio de lágrimas mas ainda lá, e ainda funcionando.

Introduzira o arco de prata por cima da cabeça da coisa e ele ia deslizando lentamente por aquele pescoço longo e sinuoso. O anel estava outra vez encolhendo ao deslizar, insensível às tentativas desesperadas da criatura de se livrar dele. Tinha agora seis ou sete mãos, que partiam diretamente dos seus ombros, todas contorcendo-se, tentando introduzir à força os dedos debaixo do anel. Mas o metal parecia hostil à substância da criatura, como uma panela quente aos dedos humanos, pois os dedos estremeceram e agitaram-se à volta

dele, mas não conseguiram agarrá-lo por mais de um segundo.

A escuridão que a maculava refluía também, escoando-se pelo sustentáculo que se debatia e agitava violentamente, deixando ficar uma brancura brilhante. A criatura continuava a lutar com o anel, as mãos ardentes formando-se e voltando a formar-se, o corpo contorcendo-se e virando-se, saltando até, como se pudesse arremessar o anel como um cavalo o cavaleiro.

Acabou por desistir e virar-se para Sabriel, gritando e crepitando. Dois braços longos brotaram dela, estendendo-se para o corpo de Sabriel, as garras saindo das mãos, raspando a pedra com sulcos profundos ao avançarem para ela, como aranhas correndo para a sua presa para errarem por um metro ou mais.

— Não! — uivou a coisa e todo o seu corpo torcendo-se e enrolando-se, balançando-se para a frente, os braços assassinos esticados. Mais uma vez as garras erraram, quando Sabriel rastejou, rebolou e se desviou.

Depois, o anel de prata contraiu-se mais uma vez e soltou-se do âmago da coisa branca flamejante um grito terrível de angústia, raiva e desespero. Os seus braços recolheram subitamente ao torso, a cabeça afundou-se nos ombros e todo o corpo mergulhou numa mancha amorfa brilhante, com uma única faixa de prata ainda grande no meio, o rubi reluzindo como uma gota de sangue.

Sabriel olhou para ela, incapaz de se desviar ou de fazer fosse o que fosse, mesmo abrandar o fluxo da sua hemorragia nasal, que cobria agora metade do seu rosto e queixo, a boca colada e fechada com sangue seco e coagulado. Pareceu-lhe que algo ficara por fazer, algo que ela tinha de resolver.

Aproximando-se nervosamente rastejando, viu que não havia agora marcas no anel, marcas da Carta que lhe dissessem o que fazer. Cansada, ergueu-se nos joelhos e apalpou a bandoleira dos sinos. Saraneth pesava, quase para além das suas forças, mas conseguiu retirá-lo, e a voz profunda, irresistível, ecoou através do cano de escoamento, parecendo penetrar a massa brilhante subjugada pela prata.

O anel sussurrou em resposta ao sino e libertou uma gota periforme do seu próprio metal, que esfriou para se transformar num Saraneth em miniatura. Ao mesmo tempo, o anel mudou de cor e consistência. A cor do rubi pareceu escorrer e uma tinta vermelha espalhou-se pela prata. Era agora baço e vulgar, já não um anel de prata, mas uma coleira de pele vermelha, com um sino de prata em miniatura.

Com esta mudança, a massa branca estremeceu e voltou a brilhar com intensidade, até Sabriel ter de proteger mais uma vez os olhos. Quando as sombras se voltaram a juntar, ela olhou de novo e lá estava Mogget, com a coleira vermelha, sentado e olhando como se se preparasse para vomitar uma bola de pêlo.

Não era uma bola de pêlo, mas um anel de prata, o rubi refletindo a luz interior de Mogget. Veio rolando até Sabriel, tilintando pela pedra. Ela apanhou-o e tornou a enfiá-lo no dedo.

O brilho de Mogget diminuiu e as chamas da Asa de Papel eram agora apenas brasas tênues, tristes recordações e cinza. A escuridão voltou, cobrindo Sabriel, envolvendo-a com todas as suas dores e receios. Sentou-se em silêncio, não pensando sequer.

Um pouco mais tarde, sentiu um focinho macio de gato nas suas mãos fechadas e uma vela, úmida da boca de Mogget.

— O seu nariz continua sangrando — disse uma voz familiar, didática. — Acenda a vela, aperte o nariz e vá buscar uns cobertores para nós dormirmos. Está esfriando.

— Bem-vindo de novo, Mogget — murmurou Sabriel.

Nem Sabriel nem Mogget mencionaram os acontecimentos da noite anterior quando acordaram. Sabriel, lavando o nariz terrivelmente inchado com um pouco de água do seu cantil, verificou que não estava particularmente interessada em se recordar de um pesadelo acordada e Mogget estava calado, de um modo apologético. Não obstante o que acontecera mais tarde, a libertação do outro eu de Mogget, ou lá o que fora, impedira-os da destruição certa pelo vento.

Conforme esperara, a alva trouxe alguma luz ao cano de escoamento e, à medida que o dia progrediu, esta atingiu um nível próximo do crepúsculo. Sabriel conseguia ler e ver coisas com bastante clareza de perto, mas fundiam-se em obscuridade indistinta a vinte ou trinta metros de distância.

Não que o cano de escoamento fosse muito maior do que isso talvez uns cem metros de diâmetro, não os cinquenta que calculara quando se precipitara por ali abaixo. Todo o chão estava pavimentado, com um ralo circular no meio, e havia várias entradas de túneis nas paredes de rocha a pique, túneis que Sabriel sabia eventualmente ter de seguir, pois não havia água no cano de escoamento. Parecia haver também muito poucas chances de chuva. Estava fresco, mas nada que se parecesse com o frio no planalto próximo da Casa de Abhorsen. O clima era temperado pela proximidade do oceano e uma altitude que podia perfeitamente situar-se ao nível do mar ou abaixo dele, pois, com a luz do dia, Sabriel conseguiu ver que o cano de escoamento tinha pelo menos cem metros de profundidade.

Mesmo assim, com um cantil meio cheio de água gorgolejando a seu lado, Sabriel ficou bastante satisfeita por se apoiar na sua mochila ligeiramente chamuscada e aplicar cremes herbais nas equimoses e uma cataplasma de folhas malcheirosas de tanmaril na sua estranha queimadura solar. O nariz foi um outro assunto quando chegou o momento do tratamento. Não estava quebrado apenas hediondo, inchado e coberto com uma crosta de sangue seco, que doeu muito mais para eliminar completamente.

Mogget, após mais ou menos uma hora de silêncio tímido, partiu em explorações, recusando a oferta de Sabriel de bolos duros e carne seca para o café da manhã. Esperava que acabasse por encontrar um rato ou algo igualmente apetitoso. De certa forma, sentiu-se bastante satisfeita por ele ter ido embora. A recordação do monstro da Magia Livre dentro do pequeno gato branco era ainda perturbadora.

Mesmo assim, quando o Sol subiu e se tornou um pequeno disco rodeado pela circunferência maior do rebordo do cano de escoamento, começou a

perguntar-se porque é que ele não voltara. Levantando-se, foi coxeando até o túnel que ele escolhera, servindo-se da espada como bengala e queixando-se baixinho visto que cada equimose lhe lembrava o lugar onde se encontrava.

Claro que no momento em que ia acender uma vela na entrada do túnel Mogget reapareceu atrás dela.

— À minha procura? — miou, com ar inocente.

— De quem mais? — respondeu Sabriel. — Encontrou alguma coisa? Algo útil, quero dizer. Água, por exemplo?

— Útil? — divagou Mogget, esfregando o queixo com as duas patas dianteiras esticadas. — Talvez. Interessante, sem dúvida. Água? Sim.

— A que distância? — perguntou Sabriel, por demais consciente da sua mobilidade limitada pelas equimoses. — E o que significa interessante? Perigoso?

— Não muito longe, por este túnel — replicou Mogget. — Há algum perigo além chegar, uma armadilha e algumas outras coisas menores, mas nada que possa fazer mal. Quanto à parte interessante, terá de ver com os seus próprios olhos, Abhorsen.

Sabriel disse Sabriel automaticamente, enquanto tentava pensar antecipadamente. Precisava pelo menos de repousar dois dias, mas não mais do que isso. Cada dia perdido antes de conseguir encontrar o corpo físico do pai podia significar a catástrofe. Tinha simplesmente de encontrá-lo em breve.

Um Mordicante, Mãos-Sombra, corvos de sangue coagulado era agora muito evidente que algum inimigo terrível se mobilizara contra pai e filha. Esse inimigo aprisionara o pai, por isso tinha de ser um necromante muito poderoso ou alguma criatura dos Mortos Maiores. Talvez este Kerrigor...

— Vou buscar a minha mochila — decidiu, voltando penosamente atrás, Mogget andando de um lado para o outro no caminho dela como um gatinho, quase a fazendo tropeçar, mas saindo sempre da frente a tempo. Sabriel atribuiu-o ao inexplicável carácter felino e não fez comentários.

Tal como Mogget prometera, o túnel não era tão comprido e os seus degraus bem feitos e o chão com pedras paralelas facilitavam o percurso, excetuando a parte em que Sabriel teve de seguir o gato exatamente por algumas pedras, para evitar uma armadilha habilmente disfarçada. Sem a orientação de Mogget, Sabriel sabia que teria caído.

Havia igualmente proteções mágicas. Fórmulas antigas, inimigas, jaziam como borboletas aos cantos do túnel, à espera de voarem até ela, rodeá-la e sufocá-la com o seu poder mas algo impediu a sua reação inicial e voltaram a acalmar-se. Algumas vezes Sabriel notou uma sensação fantasmagórica, como uma mão estendida para esfregar a marca da Carta na sua testa, e, quase no fim

do túnel, viu dois enviados-guardas fundirem-se na rocha, as pontas das suas alabardas brilhando com a luz da vela dela antes de, também eles, se misturarem com a pedra.

— Para onde vamos? — murmurou, com nervosismo, quando a porta à frente deles se abriu lentamente com ruído, sem meios de propulsão visíveis.

— Outro cano de escoamento — disse Mogget, objetivamente. — É onde o Primeiro Sangue... ach... — Engasgou-se, sibilou e depois terminou a frase bastante atabalhoadamente, com: — E interessante.

— O que quer dizer... — começou Sabriel, mas calou-se quando transpuseram a porta, a força mágica puxando-lhe subitamente o cabelo, as mãos, a capa, o punho da espada. O pêlo de Mogget eriçou-se e a sua coleira rodou até meio de modo próprio, até as marcas da Carta de aprisionamento ficarem para cima e nitidamente legíveis, brilhando no couro. Depois saíram, indo para o fundo de outro cano de escoamento, num crepúsculo prematuro, pois o Sol transpusera já o horizonte circunscrito do rebordo do cano de escoamento.

Este cano de escoamento era muito maior do que o primeiro talvez quilómetro e meio de diâmetro e mais fundo, digamos cento e oitenta ou duzentos metros. Apesar do seu tamanho, todo o vasto poço estava isolado do ar de cima através de uma rede brilhante com a espessura de uma teia de aranha, que parecia fundir-se na parede do rebordo a cerca de um quarto do caminho desde a superfície. A luz do céu denunciara-a, mas mesmo assim Sabriel teve de usar o telescópio para ver bem a delicada tecedura do padrão de losangos. Parecia frágil, mas a presença de vários corpos de aves ressequidos indicava uma considerável força. Sabriel presumiu que as desafortunadas aves tivessem descido até à rede, os olhos fixos com ganância no alimento lá embaixo.

No próprio cano de escoamento, havia vegetação considerável, conquanto pouco interessante na sua maioria, árvores atrofiadas e arbustos malformados. Mas Sabriel dispensou pouca atenção às árvores, pois entre cada uma destas manchas dispersas de verdura havia áreas pavimentadas e em cada uma destas áreas pavimentadas assentava um navio.

Catorze chalupas compridas de convés aberto e mastro único, as suas velas negras içadas para apanhar um vento inexistente, os remos preparados para vencer uma maré imaginária. Ostentavam muitas bandeiras e estandartes, todos flácidos junto ao mastro e ao cordoame, mas Sabriel não precisou vê-los desfraldados para saber que estranhas cargas estes navios poderiam conter. Ouvira falar deste lugar, tal como todas as crianças das partes setentrionais de Ancelstierre, próximo do Reino Antigo. Centenas de histórias de tesouros, aventura e romance envolviam este estranho porto.

— Barcas fúnebres — disse Sabriel. — Navios reais.

Teve mais uma confirmação de que assim era, pois havia fórmulas de aprisionamento lançadas na própria terra que pisava à entrada do túnel, fórmulas de morte derradeira que só podiam ter sido proferidas por um Abhorsen. Nenhum necromante jamais invocaria qualquer dos antigos governantes do Reino Antigo.

— O famoso cemitério do Primeiro... ckkk... dos Reis e Rainhas do Reino Antigo — proferiu Mogget, após uma certa dificuldade. Dançou à volta dos pés de Sabriel, depois ergueu-se nas patas traseiras e esboçou gestos comunicativos, como um empresário circense de pêlo branco. Por fim, correu disparado para as árvores. — Anda, há uma nascente, nascente, nascente! — cantarolou, enquanto pulava ao compasso das suas palavras.

Sabriel seguiu-o a um ritmo mais lento, abanando a cabeça e perguntando-se o que acontecera para deixar Mogget tão animado. Sentia-se dolorida e deprimida, abalada pelo monstro da Magia Livre e triste pela Asa de Papel.

A caminho da nascente passaram perto de dois navios. Mogget conduziu-a numa alegre dança à volta de ambos, numa circum-navegação louca de voltas, saltos e pulos, mas as amuradas eram muito altas para espreitar para dentro e não sentia vontade de subir por um remo. Parou para olhar as figuras de proa homens imponentes, um dos seus quarenta anos, o outro um pouco mais velho. Ambos tinham barba, os mesmos olhos autoritários e usavam uma armadura semelhante à de Sabriel, pesadamente enfeitada com medalhões, correntes e outras condecorações. Cada um segurava uma espada na mão direita e um pergaminho desdobrado que se virava sobre si mesmo do lado esquerdo deles uma representação heráldica da Carta.

O terceiro navio era diferente. Parecia mais baixo e menos ornamentado, com um mastro despido, destituído de velas pretas. Não havia nenhum remo dos lados e, quando Sabriel alcançou a nascente que se encontrava sob a sua popa, viu junções não calafetadas entre a bordagem e percebeu que estava inacabado.

Curiosa, largou a mochila junto à pequena poça de água borbulhante e contornou a proa. Também esta era diferente, pois a figura de proa era um homem jovem um homem jovem nu, esculpido em todos os detalhes.

Sabriel corou um pouco, pois era uma cópia exata, como se um jovem tivesse sido transformado de carne em madeira, e a sua única experiência anterior de homens nus resumia-se aos cortes transversais clínicos dos compêndios de Biologia. Os seus músculos eram esguios e bem formados, o cabelo curto e cheio de caracóis. As mãos, bem configuradas e elegantes, estavam parcialmente erguidas, como que para afastar algum mal.

O detalhe era extensivo inclusive a um pênis circuncidado, que Sabriel

olhou com um ar embaraçado, antes de voltar a observar o rosto dele. Não era propriamente atraente, mas não de todo desagradável. Era um rosto responsável, com a expressão chocada de alguém que foi traído ou acabou de perceber disso. Havia também ali medo e algo semelhante ao ódio. Mais parecia um pouco louco. A expressão dele deixou-a perturbada, pois parecia muito humana para ser o resultado de um trabalho de escultor de madeira, por mais talentoso que fosse.

— Muito real — murmurou Sabriel, afastando-se da figura de proa, a mão descendo até ao copo da espada, os seus sentidos mágicos apurando-se, procurando alguma armadilha ou logro.

Não havia armadilha, mas Sabriel sentiu algo na ou à volta da figura de proa. Uma sensação semelhante à de um fantasma Morto, mas não bem igual uma sensação persistente que não conseguia situar. Sabriel tentou identificá-la enquanto observava mais uma vez a figura de proa, examinando-a cuidadosamente de todos os ângulos. O corpo do homem era agora um problema intelectual, por isso olhou sem embaraço, examinando-lhe os dedos, as unhas e a pele, reparando como tinham sido esculpidos na perfeição, mesmo até às minúsculas cicatrizes nas suas mãos, o produto da prática com espada e punhal. Havia também um leve sinal de uma marca da Carta batismal na testa e o tênue vestígio de veias nas pálpebras.

Aquela inspeção levou-a à certeza daquilo que detectara, mas hesitou na ação que deveria ser empreendida e partiu em busca de Mogget. Não que fizesse muita fé nos conselhos ou respostas daquele quadrante, dada a sua presente propensão para se comportar como um gato relativamente palerma muito embora se tratasse, quiçá, de uma reação à sua breve experiência de novo como monstro da Magia Livre, algo que talvez poderia não acontecer durante um milênio. A forma felina constituía provavelmente um agradável alívio.

Na verdade, não podia ter vindo qualquer conselho de Mogget. Sabriel encontrou-o adormecido num campo de flores perto da nascente, a cauda e as patas almofadadas agitando-se num sonho de ratos dançando. Sabriel olhou para as flores amarelo-palha, cheirou uma, coçou Mogget por trás das orelhas, depois voltou para perto da figura de proa. As flores eram bálsamo para gatos, o que explicava tanto o anterior estado de espírito de Mogget como a sua presente sonolência. Teria de decidir sozinha.

— Muito bem — disse, dirigindo-se à figura de proa como um advogado em tribunal. — Você foi vítima de algum feitiço da Magia Livre e da astúcia de um necromante. O seu espírito não se encontra nem na Vida nem na Morte, mas em algum lugar entre os dois. Eu podia ir até à Morte e encontrá-lo próximo da fronteira, tenho certeza, mas podia arranjar também muitos problemas. Problemas que não sou capaz de enfrentar no meu atual estado patético. Por isso

o que posso fazer? O que faria meu Pai, Abhorsen... ou qualquer Abhorsen, no meu lugar?

Pensou no assunto por um tempo, andando de um lado para o outro, as equimoses temporariamente esquecidas. Aquela última pergunta pareceu despertá-la para o dever. Sabriel teve certeza de que o pai libertaria o homem. Era essa a sua função, a sua razão de viver. O dever de um Abhorsen era remediar a necromancia artificial e a feitiçaria da Magia Livre.

Os seus pensamentos ficaram-se por ali, talvez devido a ter cheirado imprudentemente o bálsamo para gatos. Não pensou sequer que o pai provavelmente esperaria até se encontrar em melhor forma talvez até ao dia seguinte. Afinal, este jovem devia estar encarcerado há muitos anos, o seu corpo físico transformado em madeira e o seu espírito de alguma forma preso na Morte. Alguns dias não faziam diferença para ele. Um Abhorsen não tinha de chamar imediatamente a si qualquer dever que surgisse...

Mas, pela primeira vez desde que atravessara a Muralha, Sabriel sentia que havia um problema muito concreto para ela resolver. Uma injustiça a reparar e uma injustiça que implicava pouco mais do que alguns minutos na própria fronteira com a Morte.

Subsistia nela uma ligeira sensação de cautela, por isso foi buscar Mogget e colocou o gato adormecido próximo dos pés da figura de proa. Esperava que ele acordasse se algum perigo físico espreitasse não que isso fosse provável, dadas as sentinelas e guardas no cano de escoamento. Havia inclusive barreiras que dificultariam a travessia para a Morte e mais ainda que algo Morto fosse persegui-la. De um modo geral, parecia o lugar perfeito para empreender um pequeno salvamento.

Mais uma vez verificou os sinos, passando as mãos pela madeira macia dos cabos, sentindo as suas vozes lá dentro, esperando ansiosamente pela libertação. Desta vez, retirou Ranna da sua bolsa de pele. Era o sino mais discreto, a sua própria natureza embalando aqueles que o ouviam, atraindo-os para o sono ou a desatenção.

Segundos pensamentos roçavam-na, como dedos receosos, mas ignorou-os. Sentia-se confiante, preparada para o que seria apenas um pequeno passeio na Morte, amplamente salvaguardada pelas proteções desta necrópole real. Com a espada numa mão, o sino na outra, atravessou para a Morte.

O frio atingiu-a, bem como a corrente impiedosa, mas permaneceu onde estava, sentindo ainda o calor da Vida nas costas. Este era a própria interligação entre os dois domínios, onde normalmente mergulhava de cabeça. Desta vez firmou os pés contra a corrente e usou o ligeiro contato que mantinha com a Vida como uma âncora para segurar a sua própria contra as águas da Morte.

Parecia tudo sossegado, exceto o constante gorgolejo da água à volta dos pés e o barulho distante do Primeiro Portão. Nada se agitava, nem se erguiam vultos na linha cinzenta. Cautelosamente, Sabriel usou a sua sensação dos Mortos para captar algo que pudesse espreitar, para sentir a ligeira centelha do espírito preso, mas vivo, do jovem. De volta à Vida, estaria fisicamente próxima dele, por isso deveria estar próxima do espírito dele aqui.

Havia algo, mas parecia mais dentro da Morte do que Sabriel esperara. Tentou vê-lo, semicerrando os olhos na curiosa tonalidade cinzenta que tornava impossível avaliar a distância, mas não se via nada. O que quer que lá se encontrasse espreitava por baixo da superfície da água.

Sabriel hesitou, depois avançou para ele, vendo bem onde pisava, certificando-se de cada passo, precavendo-se contra a corrente dominadora. Havia definitivamente algo de estranho ali. Conseguia senti-lo com bastante intensidade tinha de ser o espírito preso. Ignorou a vozinha ao fundo da sua mente que sugeria tratar-se de uma criatura Morta profundamente traiçoeira, suficientemente forte para contrariar a corrente do rio...

Todavia, quando estava a poucos passos do que quer que ali se encontrava, Sabriel deixou Ranna soar um toque abafado, sonolento, que transportava a sensação de um bocejo, um suspiro, uma cabeça a pender para a frente, as pálpebras pesadas, uma chamada para o sono. Se existia ali uma coisa Morta, raciocinou Sabriel, estaria agora em repouso. Guardou a espada e o sino, avançou até uma boa posição e mergulhou as mãos na água.

As mãos tocaram em algo frio e duro como o gelo, algo absolutamente inidentificável. Recuou, depois voltou a mergulhar, até as mãos encontrarem algo que era nitidamente um ombro. Seguiu-o até uma cabeça e identificou feições. As vezes um espírito tinha pouco a ver com o corpo físico e às vezes os espíritos vivos deformavam-se se permaneciam muito tempo na Morte, mas este era nitidamente a réplica da figura de proa. Também estava vivo, de alguma forma envolto e protegido da Morte, enquanto o corpo vivo era preservado na madeira.

Sabriel agarrou a forma-espírito pelas axilas e puxou-a. Ela ergueu-se das águas como uma orca, de um branco-pálido e rígida como uma estátua. Sabriel vacilou para trás e o rio, sempre veloz, envolveu-lhe as pernas com remoinhos traiçoeiros mas firmou-se antes que ele a conseguisse arrastar para baixo.

Mudando um pouco o apoio, Sabriel começou a arrastar a forma-espírito de volta para a Vida. O progresso era difícil, muito mais difícil do que contara. A corrente parecia bem mais forte deste lado do Primeiro Portão e o espírito cristalizado ou lá o que era pesava muito, muito mais do que qualquer outro espírito.

Quase com toda a sua concentração dedicada a manter-se em pé e tomar o rumo certo, Sabriel mal reparou na súbita cessação do ruído que assinalou a travessia do Primeiro Portão. Mas aprendera a ser cautelosa ao longo dos últimos dias, os seus receios conscientes bem guardados na prudência subconsciente.

Pôs-se à escuta e, ouvindo com atenção, captou a pancada suave de algo semicaminhando, semi-rastejando, movendo-se o mais silenciosamente possível contra a corrente. Avançando para ela. Algo Morto esperava apanhá-la desprevenida.

Obviamente, algum alarme ou chamamento passara além do Primeiro Portão e, o que quer que fosse que se aproximava dela, viera em resposta a ele. Amaldiçoando-se interiormente pela sua estupidez, Sabriel olhou para o fardo-espírito. Efetivamente, conseguiu distinguir uma linha preta muito fina, tão fina quanto o fio de algodão, que seguia do braço dele até à água e daí até às regiões mais profundas e mais escuras da Morte. Não um fio controlador, mas um fio que informaria algum Adepto distante de que o espírito se deslocara. Felizmente, o toque de Ranna teria atrasado a mensagem, mas estaria ela suficientemente próxima da Vida...

Aumentou um pouco a velocidade, mas não excessivamente, fingindo não ter reparado no caçador. O que quer que fosse parecia relutante em aproximar-se dela.

Sabriel acelerou um pouco mais o ritmo, a adrenalina e a dúvida alimentando a sua força. Se a pressionasse, ela teria de abandonar o espírito e ele seria levado, perdendo-se para sempre. Qualquer que fosse a magia que preservara o seu espírito vivo aqui na fronteira, possivelmente não conseguiria prevalecer se ele transpusesse o Primeiro Portão. Se isso acontecesse, pensou Sabriel, teria precipitado um assassinio em vez de um salvamento.

Quatro passos para a Vida depois três. A coisa estava agora mais perto Sabriel conseguia vê-la, baixa na água, rastejando ainda, mas mais depressa. Era, sem dúvida, um habitante do Terceiro Portão ou mesmo de outro mais distante, pois não conseguiu identificar o que ele em tempos fora. Agora parecia um cruzamento entre um porco e um verme segmentado e movia-se numa série de corridas rápidas e contorções sinuosas.

Dois passos. Sabriel mudou novamente a posição das mãos, passando o braço esquerdo completamente à volta do peito do espírito e equilibrando o peso na anca, libertando o braço direito, mas ainda não conseguia sacar da espada ou libertar os sinos.

A coisa-porco começou a grunhir e a sibilar, irrompendo num galope precipitado submerso, as suas presas compridas incrustadas de amarelo deslizando através da água, o seu corpo comprido ondulando lá atrás.

Sabriel recuou, virou-se e atirou-se de cabeça com a sua preciosa carga para a Vida, usando toda a sua vontade para abrir caminho à força pelo meio das sentinelas no cano de escoamento. Por um instante pareceu que seriam repelidos, depois, como um alfinete furando um elástico, conseguiram passar.

Seguiu-a um grito penetrante, mas nada mais. Sabriel encontrou-se de bruços no solo, as mãos vazias, cristais de gelo esmigalhando-se ao caírem do seu corpo gelado. Virando a cabeça encontrou o olhar de Mogget. Ele fitou-a, depois fechou os olhos e voltou a adormecer.

Sabriel rebolou e pôs-se em pé, muito, muito lentamente. Sentiu todas as dores voltarem e perguntou-se porque fora tão precipitada em realizar atos de temeridade e salvamento. Mesmo assim conseguira-o. O espírito do homem voltara ao lugar onde pertencia, voltara para a Vida. Ou pelo menos era o que pensava, até ver a figura de proa. Não mudara nada por fora, muito embora Sabriel conseguisse sentir agora o espírito vivo nela. Intrigada, tocou no seu rosto imóvel, os dedos acompanhando o veio da madeira.

— Um beijo — disse Mogget, ensonado. — Na verdade, basta soprar-lhe. Mas calculo que qualquer momento é tão bom como outro para começar a beijar.

Sabriel alhou para o gato, perguntando-se se seria o último sintoma da loucura do bálsamo para gatos. Mas ele parecia bastante sóbrio e sério.

— Soprar? — perguntou. Não estava interessada em beijar um homem de madeira. Parecia suficientemente atraente, mas podia não corresponder ao seu aspecto. Um beijo parecia muita ousadia. Ele podia recordar-se e tirar conclusões precipitadas. — Assim? Respirou fundo, inclinou-se para a frente, expirou a alguns centímetros do nariz e da boca dele, depois recuou para ver o que acontecia, se fosse acontecer alguma coisa.

Não aconteceu nada.

— Bálsamo para gato! — exclamou Sabriel, olhando para Mogget. — Não deveria...

Interrompeu-a um pequeno som. Um pequeno som de chiadeira, que não provinha dela nem de Mogget. A figura de proa respirava, o ar assobiando entre lábios de madeira esculpidos como a emanção de pulmões velhos e funcionando mal.

A respiração tornou-se mais forte e, com ela, a cor começou a afluir através da madeira esculpida, apagada, dando lugar ao brilho da carne. Tossiu e o peito esculpido tornou-se flexível, subitamente subindo e descendo quando começou a arfar como um corredor de velocidade recuperando o folego.

Abriu os olhos, que se cruzaram com os de Sabriel. Belos olhos cinzentos, mas sombrios e desfocados. Não pareceu vê-la. Os dedos crispam-

se e esticaram-se e arrastou os pés, como se corresse no mesmo lugar. Finalmente, as costas afastaram-se do casco do navio. Deu um passo em frente e caiu nos braços de Sabriel.

Ela apressou-se a estendê-lo no chão, muito consciente de que abraçava um homem nu em circunstâncias consideravelmente diferentes dos vários cenários que imaginara com as suas amigas no colégio ou de que ouvira as alunas externas, mais terrenas e privilegiadas, falar.

— Obrigado — disse ele, em tom quase ébrio, as palavras pronunciadas sem a menor clareza. Pareceu concentrar-se nela, ou na sua capa, pela primeira vez e acrescentou: — Abhorsen.

Depois adormeceu, a boca curvando-se aos cantos, a expressão carrancuda dissipando-se. Parecia mais novo do que como a figura de proa de expressão fixa.

Sabriel olhou para ele, procurando ignorar os sentimentos curiosamente delicados que tinham surgido sabe-se lá de onde. Sentimentos semelhantes àqueles que a tinham feito reanimar o coelho de Jacinth.

— Acho que é melhor arranjar-lhe um cobertor — afirmou com relutância, ao perguntar-se que bicho lhe mordera para acrescentar esta complicação às suas circunstâncias já confusas e difíceis. Calculou que, no mínimo, teria de conduzi-lo à segurança e à civilização, se fosse possível encontrar alguma.

— Posso ir buscar um cobertor se quiser continuar olhando para ele — sugeriu Mogget astutamente, enroscando-se nos seus tornozelos numa pavana sensual.

Sabriel percebeu que estava realmente fitando e desviou o olhar.

— Não. Eu vou. E a minha camisa de reserva, presumo. As calças talvez lhe sirvam com um pouco de esforço, calculo, somos mais ou menos da mesma altura. Fique atento, Mogget. Volto num instante.

Mogget viu-a ir coxeando, depois virou-se para o homem adormecido. Silenciosamente, o gato aproximou-se, tranquilo, e tocou com a sua língua rosada na marca da Carta na testa do homem. A marca brilhou, mas Mogget não estremeceu, até ela voltar a se apagar.

— Muito bem — murmurou Mogget, saboreando a sua própria língua, voltando a guardá-la dentro da boca. Mostrou-se um tanto surpreso e mais do que um pouco aborrecido. Voltou a saborear a marca e depois abanou a cabeça com repugnância, o Saraneth em miniatura na sua coleira emitindo um pequeno toque que não era de celebração.

A névoa cinzenta elevou-se no ar, enrolando-se à volta dele como uma trepadeira, prendendo braços e pernas, imobilizando, estrangulando impiedosamente. Tão firmemente desenvolvida à volta do corpo dele que era impossível fugir, tão apertada que os seus músculos não conseguiam sequer flectir debaixo da pele, as pálpebras pestanejando. E nada que ver a não serem manchas de um cinzento mais escuro, entrecruzando a sua visão como uma espuma soprada pelo vento de uma poça fétida.

Depois, subitamente, luz intensa, a dor explodindo por todo o lado, subindo em flecha dos dedos dos pés ao cérebro e regressando. A névoa cinzenta dissipando-se, a mobilidade voltando. Não mais as manchas cinzentas, mas cores difusas, dando lentamente lugar à focalização. Uma mulher, olhando para ele, jovem, munida de armas e armadura, o seu rosto... endurecido. Não, não era uma mulher. O Abhorsen, pois ostentava o brasão e os sinos. Mas era muito jovem, não o Abhorsen que conhecia ou qualquer membro da família...

— Obrigado — disse ele, as palavras saindo como um rato arrastando-se de uma despesa poeirenta. — Abhorsen.

A seguir desmaiou, o seu corpo indo de bom grado ao encontro do sono sério, da inconsciência verdadeira e do repouso restaurador da sanidade.

Acordou debaixo de um cobertor e sentiu um momento de pânico quando a lã cinzenta grossa lhe fez pressão sobre a boca e os olhos. Debateu-se com ele, atirou-o para trás arfando e descontraíu ao sentir o ar fresco no rosto e o sol fraco infiltrando-se lá de cima. Ergueu o olhar e viu pelo tom avermelhado que devia passar pouco da alva. O cano de escoamento intrigou-o por alguns segundos desorientado, sentiu-se tonto e estúpido, até olhar para os mastros altos à volta, as velas pretas e o navio por acabar ali próximo.

Holehallow murmurou de si para si, franzindo o sobrolho. Lembrava-se agora. Mas o que fazia ali? Completamente nu debaixo de um cobertor de acampamento áspero?

Sentou-se e sacudiu a cabeça. Esta doía e as têmporas latejavam, aparentemente do efeito de aríete de uma ressaca complicada. Mas tinha certeza de que não estivera bebendo. A última coisa de que se lembrava era de vir descendo os degraus. Rogir pedira-lhe... não... a última coisa fora a imagem fugaz de um rosto pálido, preocupado, ensanguentado e pisado, cabelo preto saindo-lhe numa franja de debaixo do capacete. Uma capa azul-escura, com o brasão de chaves de prata. O Abhorsen.

— Ela está lavando-se na nascente — disse uma voz suave,

interrompendo a sua lembrança vacilante. — Ela levantou-se antes do Sol. A higiene é uma coisa maravilhosa.

A voz não parecia pertencer a algo visível, até o homem olhar para cima, para o navio ali perto. Havia um buraco grande e irregular na proa, onde devia ter estado a figura e um gato branco enroscado no buraco, observando-o com uma expressão artificial nos seus olhos verdes penetrantes.

— O que você é? — perguntou o homem, os seus olhos agitando-se cautelosamente de um lado para outro, procurando uma arma. Uma pilha de roupas era a única coisa próxima, contendo uma camisa, calças e alguma roupa interior, mas estava presa com uma pedra bastante grande. A mão dele aproximou-se da pedra.

— Não fique alarmado — disse o gato. — Sou apenas um fiel servidor do Abhorsen. Me chamo Mogget. No momento.

A mão do homem fechou-se sobre a pedra, mas não a levantou. As lembranças voltavam lentamente à sua mente entontecida, atraídas como grãos de ferro para um íman. Havia lembranças de vários Abhorsens entre elas lembranças que lhe davam uma idéia do que era esta criatura-gato.

— Você era maior da última vez que nos encontramos — arriscou, pondo à prova o seu palpite.

— Já nos conhecemos? — respondeu Mogget, bocejando. — Ora esta. Não consigo lembrar. Qual era o nome?

Boa pergunta bem, pensou o homem. Não conseguia se lembrar. Sabia quem era, em termos gerais, mas escapava-lhe o nome. No entanto, surgiam com facilidade outros nomes e alguns lampejos de memória relacionadas ao que considerava o seu passado imediato. Roncou e esboçou um esgar quando isso aconteceu e crispou os punhos de dor e raiva.

— Que nome diferente — comentou Mogget. — Mais um nome de urso, esse ronco. Importa-se que te chame Touchstone?

— O quê?! — exclamou o homem, ofendido. — Isso é um nome absurdo! Como se atreve...

— É inadequado? — interrompeu Mogget, com frieza. — Lembra-se do que fez?

O homem permaneceu calado, pois recordou-se subitamente, apesar de não saber porque o fizera ou quais haviam sido as consequências. Lembrava-se também que, dado ser este o caso, era inútil tentar recordar-se do seu nome. Já não estava em condições de usá-lo.

Sim, lembro-me — murmurou. — Pode me chamar de Touchstone. Mas o chamarei...

Ficou sem fala, parecendo surpreendido, depois voltou a tentar.

— Não pode proferir — advertiu Mogget. — Uma fórmula presa à corrupção de... mas não posso dizer, nem falar a ninguém da sua natureza, nem remediar a situação. Também não conseguirás falar do assunto e pode haver outros efeitos. A mim afetou-me, sem dúvida.

— Entendo — respondeu Touchstone, sombriamente. Não tentou proferir de novo o nome. — Diga-me, quem governa o Reino?

— Ninguém — disse Mogget.

— Uma regência, então. Será talvez...

— Não. Nenhuma regência. Ninguém governa. Houve uma regência no início, mas entrou em declínio... com ajuda.

— O que quer dizer, "no início"? — perguntou Touchstone. O que aconteceu ao certo? Onde é que eu estive?

— A regência durou cento e oitenta anos — anunciou Mogget com indiferença. — A anarquia tem imperado nos últimos vinte, suavizada pelo que alguns dos últimos lealistas conseguiram fazer. E você, meu rapaz, esteve adornando a proa deste navio como um pedaço de madeira durante os últimos duzentos anos.

— A família?

— Todos mortos e passaram o Último Portão, exceto um, que deveria estar. Sabe a quem me refiro.

Por um momento, aquela notícia pareceu devolver Touchstone ao seu estado de madeira. Ficou imóvel, apenas o ligeiro movimento do seu peito mostrando a continuação da vida. Depois, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e a cabeça pendeu lentamente, indo ao encontro das mãos viradas para cima.

Mogget observava sem compaixão, até as costas do jovem cessarem as elevações e a respiração brusca e entrecortada entre os soluços se acalmar.

— É inútil chorar por causa disso — disse o gato com dureza. — Muitas pessoas morreram por tentarem endireitar a situação. Quatro Abhorsens tombaram só neste século, tentando controlar os Mortos, as pedras partidas e o... o problema original. A minha presente Abhorsen certamente não está por aí chorando desalmadamente. Torne-se útil e ajude-a.

— Posso? — perguntou Touchstone timidamente, limpando o rosto ao cobertor.

— E porque não? — respondeu Mogget. — Para começar, vista-se. Há algumas coisas aqui perto também para você. Espadas e coisas semelhantes.

— Mas não estou apto a manejar espadas...

— Faça o que te digo — ordenou Mogget firmemente. — Considere-se como o espadachim ajuramentado de Abhorsen, se isso te faz sentir melhor, muito embora vá descobrir que, na era atual, o senso comum é mais importante

do que a honra.

— Muito bem — murmurou Touchstone, com humildade. Levantou-se e vestiu a roupa interior e a camisa, mas não conseguiu enfiar as calças pelas suas coxas fortemente musculadas.

— Há um *kilt* e calças de malha numa das arcas ali atrás — disse Mogget depois de ver Touchstone saltando sobre uma perna, a outra presa no couro muito justo.

Touchstone anuiu, libertou-se das calças e trepou pelo buraco, tendo o cuidado de se afastar o máximo possível de Mogget. Parou a meio, os braços apoiados de cada lado da abertura.

— Não vai lhe contar? — perguntou.

— Contar a quem? Contar o quê?

— A Abhorsen. Por favor, farei tudo o que puder para ajudar. Mas não foi por querer. Quero dizer, a minha parte. Por favor, não lhe conte...

— Poupe-me as súplicas — disse Mogget, em tom descontente. — Eu não posso lhe contar. Você não pode lhe contar. A corrupção é muita e o feitiço bastante indiscriminatório. Rápido, ela não vai demorar para voltar. Eu contarei o resto da nossa presente saga enquanto você se veste.

Sabriel regressou da nascente sentindo-se mais saudável, mais limpa e mais feliz. Dormira bem e as abluções matinais tinham eliminado o sangue. As equimoses, inchaços e queimaduras solares haviam reagido todos bem aos tratamentos herbais. No geral, sentia-se oitenta por cento normal, em vez de dez por cento funcional, e estava ansiosa por ter alguma companhia no café da manhã além do sardónico Mogget. Não que ele não tivesse a sua utilidade, como guardar os humanos inconscientes ou adormecidos. Garantira-lhe também que experimentara a marca da Carta no homem-figura de proa, encontrando-o limpo de Magia Livre ou necromancia.

Esperava que o homem ainda estivesse dormindo, por isso sentiu um tênue estremecimento de surpresa e expectativa quando viu uma figura de pé junto à popa do navio, virada para o outro lado. Por um segundo, a mão agitou-se sobre a espada, depois viu Mogget próximo, precariamente equilibrado na amurada.

Aproximou-se nervosamente, a sua curiosidade misturada com a necessidade de desconfiar de desconhecidos. Parecia diferente vestido. Mais velho e um pouco intimidante, em particular porque parecia ter trocado o vestuário simples dela por um *kilt* vermelho de riscas douradas, com calças de malha douradas com riscas vermelhas, desaparecendo dentro de botas castanho-avermelhadas de pele de veado até à coxa e com uma dobra. Trazia a camisa

dela, porém, e preparava-se para vestir um justilho de pele. Tinha mangas destacáveis, atacadas com cordões, que pareciam estar causando-lhe alguns problemas. Havia duas espadas com bainhas a três quartos próximo dos pés dele, as pontas penetrantes brilhando dez centímetros fora da pele. Um cinto largo com os ganchos apropriados rodeava-lhe a cintura.

— Malditos cordões — disse ele quando Sabriel se encontrava a dez passos de distância. Uma voz bonita, bastante cava, mas presentemente frustrada e muito temperamental.

— Bom dia — cumprimentou Sabriel.

Ele se virou, largando as mangas, quase se baixando para as espadas, antes de se recobrar e transformar o movimento numa vênua, culminando no apoiar de um joelho em terra.

— Bom dia, minha ama — disse ele com a voz tomada, a cabeça curvada, desviando-se cuidadosamente do olhar dela. Reparou que ele colocara brincos, grandes argolas de ouro enfiadas desajeitadamente através dos lobos furados, pois estavam ensanguentados. Além deles, tudo o que conseguia ver era a parte de cima da cabeça dele com cabelo aos caracóis.

— Não sou "minha ama" — respondeu Sabriel, perguntando-se qual dos princípios de etiqueta de Miss Prionte se aplicava a esta situação. — O meu nome é Sabriel.

— Sabriel? Mas é a Abhorsen — disse o homem lentamente. Não parecia muito inteligente, pensou Sabriel, com as expectativas diminuindo. Afinal, talvez não fosse haver muita conversa no café da manhã.

— Não, o meu pai é o Abhorsen — disse-lhe, deitando um olhar severo a Mogget, avisando-o para que não interferisse. — Sou uma espécie de substituta. É um pouco complicado, por isso explicarei mais tarde. Como se chama?

Ele hesitou, depois murmurou:

— Não me consigo lembrar, minha ama. Por favor, me chame... me chame de Touchstone.

— Touchstone? — perguntou Sabriel. Parecia familiar, mas não conseguiu situá-lo por um momento. — Touchstone? Mas isso é nome de bobo, nome de truão. Porque se chama assim?

— É o que sou — disse ele monotonamente, sem inflexão.

— Bem, temos de lhe chamar alguma coisa — continuou Sabriel. — Touchstone. Sabe, existe a tradição de um bobo sábio, por isso talvez não seja muito mau. Acho que se considera tolo porque esteve aprisionado como figura de proa, e na Morte, claro.

— Na Morte! — exclamou Touchstone.

Ergueu o olhar e os seus olhos cinzentos cruzaram-se com os de Sabriel.

Surpreendentemente, tinha um olhar cristalino, inteligente. Talvez não seja um caso perdido, afinal, pensou ela, passando a explicar:

— O seu espírito foi de certa forma preservado mesmo seguindo à fronteira da Morte e o seu corpo preservado como a figura de proa de madeira. Tanto a Magia Livre como a da necromancia estiveram envolvidas. Magia muito poderosa, em ambos os casos. Estou curiosa quanto à razão por que foi usada em você.

Touchstone desviou de novo o olhar e Sabriel sentiu uma certa dissimulação ou embaraço. Calculou que a próxima explicação seria uma meia-verdade, na melhor das hipóteses.

— Não me lembro muito bem — disse ele, lentamente. — Apesar das coisas estarem voltando. Sou... fui... soldado da guarda. A Guarda Real. Houve uma espécie de ataque à Rainha... uma emboscada no... no fundo das escadas. Lembro-me de lutar, com espada e Magia da Carta, éramos todos Magos da Carta, toda a guarda. Julguei que estávamos seguros, mas houve traição... depois... vim parar aqui. Não sei como.

Sabriel escutava com atenção, perguntando-se quanto do que ele afirmava seria verdade. Era provável que a memória dele estivesse comprometida, mas possivelmente era um guarda real. Talvez tivesse lançado um losango de proteção... e fora por isso que os seus inimigos apenas o tinham podido aprisionar, em vez de matar. Mas certamente teriam esperado até que fraquejasse. Porquê o método bizarro do aprisionamento? E, mais importante, como conseguira a figura de proa ser colocada neste local, o mais protegido de todos? Guardou todas aquelas perguntas para posterior investigação, pois ocorrera-lhe outro pensamento. Se ele era realmente um guarda real, a Rainha que ele guardava devia estar morta e enterrada há pelo menos duzentos anos e, com ela, todos e tudo o que ele conhecia.

— Esteve prisioneiro muito tempo — disse delicadamente, não sabendo muito bem como dar a notícia. — Tem... quero dizer, foi... bem, o que quero dizer é que foi há muito tempo que...

— Duzentos anos — segredou Touchstone. — O seu animal predileto me contou.

— A sua família...

— Não tenho nenhuma — disse ele. A sua expressão mostrava-se impassível, tão imóvel quanto a madeira esculpida do dia anterior. Cuidadosamente, estendeu a mão e puxou de uma das suas espadas, oferecendo-a a Sabriel, o punho virado para ela. — Eu a serviria, minha ama, lutaria contra os inimigos do Reino.

Sabriel não aceitou a espada, apesar da afirmação dele a levar a estender

a mão num gesto reflexo. Mas um pensamento momentâneo fechou a palma da mão dela aberta e o seu braço tombou ao lado do corpo. Olhou para Mogget, que observava a cena com imperturbável interesse.

— O que lhe contou, Mogget? — perguntou ela, a desconfiança envolvendo as suas palavras.

— O estado do Reino, em termos genéricos — respondeu o gato. — Acontecimentos recentes. A nossa descida até aqui, mais ou menos. O seu dever, como Abhorsen, de remediar a situação.

— O Mordicante? Mãos-Sombra? Corvos de sangue coagulado? Adepto da Morte, seja ele quem for?

— Não especificamente — disse Mogget, animado. — Pensei que ele o conseguisse presumir.

— Como vê afirmou — Sabriel bastante zangada, — o meu animal predileto não foi completamente honesto consigo. Fui criada do lado de lá da Muralha, em Ancelstierre, por isso faço apenas uma ligeira idéia do que se passa aqui. Tenho enormes lacunas nos meus conhecimentos do Reino Antigo, incluindo tudo desde a geografia à história, à Magia da Carta. Enfrento inimigos terríveis, provavelmente sob a direção geral de um dos Mortos Maiores, um adepto da necromancia. E não vim salvar o Reino, apenas à procura do meu pai, o verdadeiro Abhorsen. Por isso não quero que me preste juramento ou serviço ou algo do gênero, em particular quando mal acabamos de nos conhecer. Fico satisfeita por nos acompanhar ao núcleo de civilização mais próximo, mas desconheço o que irei fazer depois disso. E, por favor, lembre-se que o meu nome é Sabriel. Não é minha ama. Nem Abhorsen. Agora, acho que está na hora do café da manhã.

Com aquilo, encaminhou-se para a mochila e começou a tirar de lá flocos de aveia e uma panela pequena.

Touchstone ficou olhando para ela algum tempo, depois levantou-se, colocou as espadas, vestiu o justilho sem mangas, atou as mangas ao cinto e dirigiu-se para o aglomerado de árvores mais próximo.

Mogget seguiu-o até lá e observou-o enquanto apanhava ramos secos e paus para fazer uma fogueira.

— Ela cresceu mesmo em Ancelstierre — disse o gato. Ela não entende que recusar o seu juramento é um insulto. E é bem verdade aquilo da ignorância dela. E uma das razões por que precisa da sua ajuda.

— Não consigo me lembrar de muita coisa — disse Touchstone, partindo um ramo ao meio com considerável ferocidade. — Exceto do meu passado mais recente. Tudo o mais é como um sonho. Não sei bem se é real ou não, conhecido ou imaginado. E não fui insultado. O meu juramento não vale muito.

— Mas a ajudará — disse Mogget. Não era uma pergunta.

— Não — respondeu Touchstone. — A ajuda é para os pares. Eu a servirei. É isso que sei fazer.

Como Sabriel temera, houve muito pouca conversa no café da manhã. Mogget partiu à procura do seu e Sabriel e Touchstone viram-se impedidos pela panela e pela colher únicas, por isso cada um comeu à sua vez o mingau de aveia. Mesmo abstraindo esta dificuldade, Touchstone foi pouco comunicativo. Sabriel começou a fazer muitas perguntas, mas, como a sua resposta habitual era "Lamento, não consigo me lembrar", em breve desistiu.

— Calculo que também não consiga se lembrar de como sair deste cano de escoamento — perguntou com exasperação, após um período de silêncio particularmente longo. Mesmo para ela, afigurou-se uma chefe de turma dirigindo-se a uma criança difícil de doze anos.

— Não, lamento... — começou Touchstone automaticamente, depois calou-se e esboçou ao canto da boca um espasmo momentâneo de prazer. — Espere! Sim, Recordo-me! Há uma escada oculta, a norte do navio do Rei Janeurl... Oh, não me consigo lembrar qual deles é...

— Há apenas quatro navios próximo do rebordo setentrional — meditou Sabriel. — Não será muito difícil de encontrar. Como está de memória em termos de outra geografia? O Reino, por exemplo?

— Não tenho certeza — respondeu Touchstone, com prudência, tornando a baixar a cabeça. Sabriel olhou para ele e respirou fundo para acalmar as contorções de raiva que se agitavam como uma enguia e que iam crescendo cada vez mais pouco a pouco dentro dela. Era capaz de desculpar as suas falhas de memória, afinal, elas deviam-se ao encarceramento mágico. Mas os modos servis que as acompanhavam pareciam ser uma afetação. Era como um mau ator se fazendo de mordomo, ou melhor, um não-ator tentando se passar por mordomo o melhor que podia. Mas porquê?

— Mogget desenhou um mapa — disse ela, falando tanto para se acalmar como para haver comunicação de verdade. — Mas, aparentemente, ele só deixou a Casa de Abhorsen alguns fins-de-semana ao longo dos últimos mil anos, por isso, até as recordações com duzentos anos...

Sabriel calou-se e mordeu o lábio, subitamente consciente de que o aborrecimento com ele a tornara rancorosa. Ele ergueu o olhar quando ela parou de falar, mas não evidenciou qualquer reação no seu rosto. Era como se continuasse esculpido na madeira.

— O que quero dizer — prosseguiu Sabriel com cuidado — é que seria muito útil se pudesse me aconselhar sobre o melhor caminho para Belisaere e os

pontos de referência e localidades mais importantes Pelo caminho.

Retirou o mapa de uma bolsa especial na mochila e removeu o impermeável protetor. Touchstone segurou uma extremidade enquanto ela o desenrolava e prendeu os dois cantos com pedras e Sabriel segurou a dela com o estojo do telescópio.

— Acho que estamos mais ou menos aqui — disse ela, seguindo com o dedo desde a Casa de Abhorsen, acompanhando o vôo da Asa de Papel dali até um ponto um pouco a norte do delta do Rio Ratterlin.

— Não — disse Touchstone, mostrando-se decidido pela primeira vez, batendo com o dedo no mapa dois centímetros a norte do lugar onde se encontrava o de Sabriel. — Isto aqui é Holehallow. Fica apenas a dez léguas da costa e à mesma latitude do Monte Anarson.

— Ótimo! — exclamou Sabriel, sorrindo, a raiva abandonando-a. — Sempre se lembra. Agora, qual é o melhor caminho para Belisaere e quanto tempo demorará?

— Desconheço as atuais condições, mi... Sabriel — respondeu Touchstone. A sua voz tornou-se mais suave, mais submissa. — Pelo que Mogget diz, o Reino encontra-se num estado de anarquia. As cidades e aldeias podem já não existir. Haverá bandidos, os Mortos, Magia Livre à solta, criaturas terríveis...

— Ignorando tudo isso — perguntou Sabriel, — para que lado costumavam seguir?

— De Nestowe, a aldeia piscatória aqui — afirmou Touchstone, apontando para a costa a leste de Holehallow, — seguíamos para norte ao longo do Caminho do Litoral, mudando de cavalos em fortificações. Quatro dias até Callibe, um dia de descanso ali. Depois a estrada interior que atravessa o Desfiladeiro de Oncet, seis dias ao todo até Aunden. Um dia de descanso em Aunden, depois quatro dias até Orchyre. Dali, seria um dia de travessia de barco, ou dois dias cavalgando, até o Portão Ocidental de Belisaere.

— Mesmo sem os dias de descanso, seriam dezoito dias cavalgando, pelo menos seis semanas caminhando. Isso é demais. Existe alguma outra maneira?

— Um navio ou um barco, de Nestowe — interrompeu Mogget, espiando por trás de Sabriel, para colocar a sua pata firmemente no mapa. — Se conseguirmos arranjar um e se vocês conseguirem manobrá-lo.

A escada situava-se a norte do navio do meio daqueles quatro. Oculta tanto pela magia como pelo artifício, parecia ser pouco mais do que um pouco particularmente molhado da pedra calcária úmida que formava a parede do cano de escoamento, mas era possível atravessá-la diretamente, pois era, na realidade, uma porta aberta com degraus em espiral por trás.

Decidiram seguir estes degraus na manhã seguinte, após um dia de descanso. Sabriel estava ansiosa por avançar, pois sentia que o perigo do pai só podia aumentar, mas era suficientemente realista para avaliar a sua própria necessidade de tempo de recuperação. Provavelmente, Touchstone necessitaria também de repouso, pensou. Tentara arrancar-lhe mais informações enquanto procuravam os degraus, mas ele estava manifestamente relutante em abrir sequer a boca e quando o fez, Sabriel achou as suas humildes desculpas ainda mais irritantes. Depois de encontrada outra porta, desistiu por completo e sentou-se na erva próximo da nascente, lendo os livros do pai sobre a Magia da Carta. *O Livro dos Mortos* mantinha-se embrulhado no tecido impermeabilizado. Mesmo assim, sentia a sua presença, aninhado na mochila dela.

Touchstone manteve-se no extremo oposto do navio, próximo da proa, realizando uma série de exercícios de esgrima com as espadas gêmeas e algumas extensões e pequenas acrobacias. Mogget observava-o da vegetação rasteira, os olhos verdes brilhando, como se concentrado num rato.

O almoço foi um fracasso a nível culinário e de conversa. Tiras de carne de vaca secas, guarnecidas com agriões das margens da nascente, e as respostas monossilábicas de Touchstone. Voltou até ao "minha ama", não obstante os sucessivos pedidos de Sabriel para usar o nome dela. Mogget não ajudou tratando-a por Abhorsen. Após o almoço, todos retomaram as respectivas atividades. Sabriel ao seu livro, Touchstone os seus exercícios e Mogget a sua vigilância.

O jantar não foi algo por que alguém ansiasse. Sabriel tentara conversar com Mogget, mas ele parecia contagiado pela reticência de Touchstone, muito embora não pelo seu servilismo. Assim que comeram, cada um deixou os carvões amontoados da fogueira do acampamento Touchstone para oeste, Mogget para norte e Sabriel para leste e foram dormir na porção de terreno mais confortável que conseguiram descobrir.

Sabriel acordou uma vez durante a noite. Sem se levantar, viu que a fogueira fora reacesa e Touchstone estava sentado ao lado dela, olhando para as chamas, os seus olhos refletindo a luz vermelha e dourada. Tinha o rosto

distorcido, quase doente.

— Você está bem. — perguntou Sabriel baixinho, apoiando-se num cotovelo.

Touchstone sobressaltou-se, balançou-se nos calcanhares e quase caiu. Pela primeira vez não tinha o ar de um criado carrancudo.

— Não é isso. Recordo o que não devia e esqueço o que não podia. Perdoe-me. — Sabriel não respondeu. Ele proferira a última palavra para a fogueira, não para ela. — Por favor, volte a dormir, minha ama — continuou Touchstone, retomando o seu papel servil. — Eu a acordarei de manhã.

Sabriel abriu a boca para dizer algo sarcástico sobre a arrogância da falsa humildade, depois fechou-a e voltou a enfiar-se debaixo do cobertor. “Concentre-se apenas em salvar seu Pai”, disse de si para si. “Isso é o que importa. Salvar Abhorsen. Não se preocupar com os problemas de Touchstone ou a natureza curiosa de Mogget. Salvar Abhorsen. Salvar Abhorsen. Salvar Abhorsen... salvar...”

— Acorde! — disse Mogget, no ouvido dela. Virou-se para o outro lado, ignorando-o, mas ele saltou por cima da cabeça dela e repetiu-o no outro ouvido dela. — Acorde!

— Estou acordada — resmungou Sabriel. Sentou-se com o cobertor envolvendo-a, sentindo o frio que antecede a alva no rosto e nas mãos. Estava ainda extremamente escuro, exceto a luz irregular da fogueira e os traços muito leves da claridade da alva por cima do cano de escoamento. Touchstone estava preparando o mingau de aveia. Lavara-se também e barbeara-se servindo-se do punhal pelo aspecto dos golpes e cortes no queixo e no pescoço.

— Bom dia — disse ele. — Isto estará pronto dentro de cinco minutos, minha ama.

Sabriel gemeu ao ouvir de novo aquelas palavras. Sentindo-se como um fraco exemplo de ser humano embrulhada no cobertor, pegou a camisa e as calças e foi em ziguezague à procura de um arbusto adequado no caminho para a nascente.

A água gelada da nascente concluiu impiedosamente o processo do despertar, expondo-se Sabriel a ela e ao ar marginalmente mais quente apenas os dez segundos necessários para despir a camisa interior, lavar-se e voltar a vestir-se. Lavada, acordada e vestida, voltou para junto da fogueira do acampamento e comeu a sua parte do mingau. A seguir Touchstone comeu, enquanto Sabriel colocava a armadura, a espada e os sinos. Mogget encontrava-se perto da fogueira, aquecendo a sua barriga de pêlo branco. Já não era a primeira vez que Sabriel se perguntava se ele realmente precisava comer. Era óbvio que gostava de comida, mas parecia comer por diversão e não pelo valor nutritivo.

Touchstone continuou a ser um criado depois do café da manhã, lavando a panela e a colher, apagando a fogueira e guardando tudo. Mas, quando se preparava para colocar a mochila às suas costas, Sabriel impediu-o.

— Não, Touchstone. A mochila é minha. Eu a levo, obrigada.

Ele hesitou, passando-a entretanto teria ajudado-a a colocar, mas ela enfiou os braços pelas tiras e a mochila deslizou antes que ele conseguisse segurar o peso.

Meia hora depois, talvez a um terço da subida dos estreitos degraus talhados na pedra, Sabriel lamentou a sua decisão de levar a mochila. Não recuperara ainda por completo da queda da Asa de Papel e a escada era muito íngreme e tão estreita que tinha dificuldade em transpor os degraus em espiral. A mochila parecia prender-se constantemente na parede exterior ou interior, independentemente do lado para onde se virasse.

— Talvez pudéssemos levar a mochila revessando — sugeriu com relutância quando pararam numa espécie de recanto para recuperar o fôlego. Touchstone, que seguira na dianteira, anuiu e desceu alguns degraus para vir buscar a mochila. — Nesse caso vou eu na frente — acrescentou Sabriel, fletindo as costas e os ombros, estremecendo ligeiramente com a camada de suor nas costas, provocada pela mochila, gordurosa sob a armadura, a túnica, a camisa e a camisa interior. Apanhou a vela do banco e começou a subir.

— Não — disse Touchstone, metendo-se no seu caminho. — Existem guardas, e guardiões, nestas escadas. Conheço as palavras e os sinais para passá-los. A senhora é Abhorsen, portanto eles podem deixá-la passar, mas tenho dúvidas.

— A sua memória deve estar voltando — comentou Sabriel, ligeiramente irritada por a contrariarem. — Diga-me, referia-se a esta escada quando disse que a Rainha sofreu uma emboscada?

— Não — respondeu Touchstone sem interesse. Hesitou, depois acrescentou: — Essa escada ficava em Belisaere.

Com aquilo, virou-se e continuou a subir as escadas. Sabriel seguiu-o, Mogget atrás dela. Agora que não ia sobrecarregada com a mochila, sentia-se mais alerta. Observando Touchstone, viu-o parar algumas vezes e murmurar algumas palavras baixinho. De cada vez havia um toque suave como uma pena de Magia da Carta. Magia sutil, muito mais inteligente do que no túnel lá embaixo. Mais difícil de detectar e provavelmente muito mais mortal, pensou Sabriel. Agora que sabia da sua presença ali, captou também a ligeira sensação da Morte. Esta escada vira pessoas serem mortas, há muito, muito tempo.

Por fim chegaram a uma câmara grande, com um conjunto de portas duplas de um lado. A luz entrava por um grande número de pequenos orifícios

circulares no telhado ou, como Sabriel não tardou a ver, através de uma gelosia por cima que outrora estivera aberta para o ar e o céu.

— É a porta exterior — disse Touchstone, desnecessariamente. Apagou a sua vela, pegou a de Sabriel, agora pouco mais do que um coto de cera, e guardou ambas num bolso cosido à parte da frente do seu *kilt*. Sabriel pensou em dizer uma piada sobre a cera quente e o perigo de estragos, mas achou melhor não o fazer. Touchstone não era do tipo brincalhão.

— Como é que se abre? — perguntou Sabriel, indicando a porta. Não via qualquer puxador, fechadura ou chave. Ou quaisquer dobradiças, agora.

Touchstone ficou calado, os olhos desfocados e fixos, depois riu, um pequeno cacarejo azedo.

— Não me lembro! Enquanto vinha subindo as escadas, todas as palavras e sinais... e agora inútil! Inútil!

— Pelo menos trouxe-nos até aqui — disse Sabriel, alarmada com a violência da aversão por si próprio. — Ainda estaria sentada junto à nascente, a vendo-a borbulhar, se não tivesse vindo.

— Teria encontrado um caminho — murmurou Touchstone. — Ou então Mogget. Madeira! Sim, é o que mereço ser...

Touchstone interrompeu Mogget, sibilando.

— Cale-se. Deve ser útil, lembra-se?

— Sim — respondeu Touchstone, acalmando visivelmente a respiração, compondo o semblante. — Peço que me desculpe, Mogget. Minha ama.

— Por favor, por favor, apenas Sabriel — disse ela, com ar enfasiado. — Mal acabei de sair do colégio, só tenho dezoito anos! Tratar-me por minha senhora parece ridículo.

Sabriel ouviu Touchstone dizer.

— Tentarei me lembrar. "Minha ama" é um hábito... recorda-me o meu lugar no mundo. É mais fácil para mim...

— Não me interessa se é mais fácil para você! — respondeu Sabriel. — Não me trate por minha senhora e pare de agir como um pateta! Seja você mesmo. Comporte-se normalmente. Não preciso de um criado, preciso de um amigo... útil!

— Muito bem, Sabriel — anuiu Touchstone, com ênfase cautelosa. Agora estava zangado, mas pelo menos era uma melhoria em relação ao servilismo, pensou Sabriel.

— Agora — disse ao afetado Mogget, — tem alguma idéia a respeito desta porta?

— Apenas uma — replicou Mogget, deslizando entre as pernas dela e até à linha fina que marcava a divisão entre as duas tábuas da porta. — Empurrar.

Um de cada lado.

— Empurrar?

— Porque não? — perguntou Touchstone, encolhendo os ombros. Tomou posição, apoiou-se no lado esquerdo da porta, as palmas das mãos estendidas sobre os tachões de metal da madeira. Sabriel hesitou, depois fez o mesmo no lado direito.

— Um, dois, três, empurrar! — anunciou Mogget.

Sabriel empurrou ao "três" e Touchstone ao "empurrar", pelo que o seu esforço combinado levou alguns segundos para sincronizar. Depois as portas abriram-se lentamente, o sol entrando através de uma faixa brilhante, subindo do chão até ao teto, fazendo-se acompanhar de uma dança de grãos de poeira.

— Que sensação estranha — comentou Touchstone, a madeira vibrando por baixo das suas mãos como cordas de alaúde tangidas.

— Ouço vozes — exclamou Sabriel ao mesmo tempo, os ouvidos cheios de palavras, gargalhadas e cantos distantes semicaptados.

— Vejo o tempo — murmurou Mogget, tão baixinho que as suas palavras se perderam.

A seguir as portas abriram-se. Transpuseram-nas, protegendo os olhos do sol, sentindo a brisa fria cortante na pele, o aroma fresco de pinheiros limpando-lhes as narinas da poeira subterrânea. Mogget espirrou rapidamente três vezes e correu num círculo apertado. As portas fecharam-se atrás deles, tão silenciosa e inexplicavelmente quanto se tinham aberto.

Encontraram-se numa clareira no meio de um pinhal ou plantação, pois as árvores estavam espaçadas regularmente. As portas por trás deles ficavam na vertente de um pequeno monte de terra e arbustos atrofiados. As agulhas dos pinheiros faziam uma cama espessa no solo, as pinhas espreitando de tantos em tantos passos, como crânios arrancados em algum campo de batalha antigo.

— O Bosque de Vigia — informou Touchstone. Respirou fundo várias vezes, olhou para o céu e suspirou. — É Inverno, creio, ou princípio da Primavera?

— Inverno — respondeu Sabriel. Estava nevando abundantemente perto da Muralha. Parece muito mais temperado aqui.

— A maior parte da Muralha, os Penhascos Longos e a Casa de Abhorsen ficam no ou fazem parte do Planalto Meridional — explicou Mogget. — O planalto fica entre trezentos e seiscentos metros acima da planície costeira. Na verdade, a área à volta de Nestowe, para onde nos dirigimos, fica principalmente abaixo do nível do mar e foi reclamada.

— Sim — confirmou Touchstone. — Lembro-me. O Dique Longo, os canais elevados, as bombas de ar para fazer subir a água...

— São ambos muito esclarecedores, para variar — observou Sabriel. — Algum de vocês se importaria de me contar algo que eu realmente queira saber, como o que são as Cartas Grandes?

— Não posso — disseram Mogget e Touchstone em conjunto. Depois Touchstone prosseguiu, com hesitação. — Prende-nos um feitiço... um restringimento. Mas quem não for um Mago da Carta, ou estiver de outro modo ligado à Carta, poderia ser capaz de falar. Uma criança, talvez, batizada com a marca da Carta, mas sem ter adquirido o poder.

— Você é mais inteligente do que eu pensava — comentou Mogget. — Não que isso sirva de muito.

— Uma criança — disse Sabriel. — Porque haveria uma criança de saber?

— Se tivesses recebido uma boa educação, também saberia — afirmou Mogget. — Um bom desperdício de prata, esse teu colégio.

— Talvez — concordou Sabriel. — Mas, agora que conheço mais sobre o Reino Antigo, desconfio que ter andado no colégio em Ancelstierre me salvou a vida. Mas chega de conversa. Que direção seguimos agora?

Touchstone olhou para o céu, azul por cima da clareira, escuro onde os pinheiros formavam um círculo. O Sol era apenas visível por cima das árvores, talvez faltasse uma hora para o seu zênite ao meio-dia. Touchstone olhou dele para as sombras das árvores, depois apontou:

— Leste. Deve haver uma série de Pedras da *Carta*, conduzindo dali para a orla leste do Bosque de Vigia. Este lugar está fortemente carregado de magia. Há... houve... muitas pedras.

As pedras ainda estavam lá e depois da primeira uma espécie de trilho de animais serpenteava de uma pedra até à seguinte. Estava fresco debaixo dos pinheiros, mas agradável, a presença constante das Pedras da Carta uma sensação tranquilizante para Sabriel e Touchstone, que conseguiam senti-las como faróis num mar de árvores.

Havia ao todo sete pedras e nenhuma delas estava partida, apesar de Sabriel sentir uma pontada de tensão nervosa cada vez que abandonavam a proximidade de uma e passavam para outra, uma imagem persistente sempre ocorrendo-lhe a pedra manchada de sangue e despedaçada do Cume Fendido.

A última pedra situava-se à beira do pinhal, no alto de uma falésia de granito com trinta ou quarenta metros de altura, assinalando a orla oriental da floresta e o fim do terreno elevado. Encontravam-se ao lado da pedra e olharam para a enorme extensão de mar cinzento-azulado, encapelado, agitado, sempre rolando até à praia. Por baixo deles os campos planos e submersos de Nestowe, mantidos por uma rede de canais elevados, bombas e diques. A própria aldeia

situava-se a mil e duzentos metros de distância, no alto de outra falésia de granito, o porto invisível do outro lado.

— Os campos estão alagados — afirmou Touchstone, em tom perplexo, como se não pudesse acreditar no que via.

Sabriel seguiu o olhar dele e viu que o que tomara por alguma sementeira era, na verdade, lodo e água, ocupando indolentemente o lugar onde outrora crescera alimento. Os moinhos de vento, a energia para as bombas, estavam parados, cataventos em forma de trevo imóveis no alto de torres com andaimes, muito embora soprasse do mar uma brisa carregada de sal.

— Mas as bombas eram movidas pela Carta — exclamou Touchstone. — Para seguirem o vento, para trabalharem sem interrupção...

— Não há pessoas nos campos, ninguém deste lado da aldeia — acrescentou Mogget, os seus olhos mais penetrantes do que o telescópio na mochila de Sabriel.

— A Pedra da Carta de Nestowe deve estar quebrada — disse Sabriel, a boca comprimida, as palavras frias. — E consigo cheirar um certo fedor na brisa. Existem Mortos na aldeia.

— Um barco seria o caminho mais rápido para Belisaere e tenho uma certa confiança na minha navegação — observou Touchstone. — Mas, se os Mortos estão lá, não deveríamos...

— Vamos descer e arranjar um barco — anunciou Sabriel com firmeza. — Enquanto o Sol está alto.

Havia um caminho construído através dos campos alagados, mas a água dava pelos tornozelos, com esporádicos resvalamentos até à altura das coxas. Apenas os escoadouros dos canais elevados se encontravam bem acima da água salobra e estendiam-se para leste, não na direção da aldeia, por isso Sabriel e Touchstone viram-se obrigados a seguir o caminho. Mogget, claro, foi transportado, a sua forma esguia enrolada à volta do pescoço de Sabriel como uma gola de raposa branca.

A água e a lama, associadas a um caminho irregular, tornavam o progresso lento. Levaram uma hora percorrendo menos de quilômetro e meio, por isso a hora da tarde ia mais avançada do que Sabriel desejaria quando saíram finalmente da água para o lugar onde começava a montanha rochosa da aldeia. Pelo menos o céu está limpo, pensou Sabriel, olhando para cima. O sol de Inverno não estava particularmente quente e não poderia descrever-se como brilhante, mas sem dúvida dissuadiria a maior parte dos parentes dos Mortos Menores de se aventurarem a sair.

Todavia, caminharam cuidadosamente até à aldeia, as espadas soltas, Sabriel com uma mão nos sinos. O caminho serpenteava por uma série de degraus talhados na rocha, reforçados aqui e ali com tijolos e argamassa. A aldeia propriamente dita estava aninhada no alto da falésia cerca de trinta cabanas confortáveis em tijolo, com telhados de madeira, algumas pintadas de cores garridas, outras mais tristes e outras ainda simplesmente cinzentas e batidas pelas intempéries.

Reinava o silêncio absoluto, à exceção de uma ou outra rajada de vento ou o grito pesaroso de uma gaivota deslocando-se através do ar lá em cima. Sabriel e Touchstone aproximaram-se mais, caminhando quase ombro com ombro pelo que passava por uma rua principal, as espadas agora desembainhadas, os olhos percorrendo as portas trancadas e as janelas com as persianas fechadas. Sentiam-se ambos inquietos, nervosos uma sensação desagradável e arrepiante de formigamento subindo-lhes da espinha até à nuca, à marca da Carta na testa. Sabriel sentia também a presença de coisas Mortas. Mortos Menores, escondidos da luz do Sol, espreitando em algum lugar próximo, numa casa ou numa cave.

Ao fundo da rua principal, no ponto mais alto da falésia, erguia-se uma Pedra da Carta num pedaço de relva bem cuidado. Metade da pedra fora desbastada, os pedaços partidos espalhados, pedra escura na relva verde. Jazia um corpo em frente da pedra, as mãos e os pés atados, o golpe aberto na

garganta um nítido sinal de onde brotara o sangue o sangue para o sacrifício que partira a pedra.

Sabriel ajoelhou-se junto ao cadáver, desviando os olhos da pedra partida. Fora destruída recentemente, mas a porta para a Morte já se abria devagar. Quase conseguia sentir o frio das correntes do outro lado, pairando à volta da pedra, absorvendo o calor e a vida do ar. Espreitavam também ali coisas, sabia-o, mesmo do outro lado da fronteira. Sentiu a sua fome de vida, a sua impaciência pelo cair da noite.

Conforme esperara, o corpo pertencia a um Mago da Carta, morto há apenas três ou quatro dias. Mas não esperara descobrir que a pessoa morta era uma mulher. Os ombros largos e uma constituição musculosa iludiram-na por um momento, mas encontrava-se na presença de uma mulher de meia-idade, os olhos fechados, a garganta cortada, o cabelo castanho curto cheio de sal e sangue.

— A curandeira da aldeia — disse Mogget, indicando com o focinho a pulseira no pulso dela. Sabriel afastou a corda para ver melhor. A pulseira era de bronze com marcas da Carta embutidas em nefrite. Marcas agora mortas, pois o sangue secara sobre o bronze e não havia pulso na pele sob o metal.

— Foi morta há três ou quatro dias — anunciou Sabriel. — A pedra foi partida na mesma data.

Touchstone olhou para ela e anuiu com o semblante carregado, depois retomou a observação das casas do outro lado. As espadas pendiam-lhe das mãos, mas Sabriel reparou que todo o seu corpo estava tenso, como um boneco de mola comprimido, pronto a saltar.

— Quem quer que... o que quer que... a matou e partiu a pedra não aprisionou o seu espírito — acrescentou Sabriel baixinho, como se pensasse para com os seus botões.

Nem Mogget nem Touchstone responderam. Por um momento, Sabriel ponderou perguntar à própria mulher, mas o seu desejo impetuoso de viagens até à Morte diminuía consideravelmente devido à experiência recente. Cortou antes as cordas da mulher e compô-la o melhor que pôde, terminando numa posição adormecida enrolada.

— Desconheço o seu nome, Curandeira — murmurou Sabriel. — Mas espero que vá rapidamente além do Último Portão. Adeus.

Afastou-se e desenhou as marcas da Carta para a pira fúnebre por cima do corpo, murmurando os nomes das marcas enquanto o fazia mas os dedos atrapalharam-se e as palavras falharam. A influência sinistra da pedra partida pressionava-a, como um lutador agarrando-lhe os pulsos, prendendo-lhe o

maxilar. O suor escorria-lhe pela testa e a dor subiu-lhe pelos membros, as mãos tremendo com o esforço, a língua desajeitada, aparentemente inchada na sua boca subitamente seca.

Sentiu então a ajuda chegar, a força a fluir através dela, reforçando as marcas, firmando-lhe as mãos, aclarando a voz. Concluiu a litania e explodiu uma faísca por cima da mulher, tornou-se uma chama agitando-se, depois transformou-se num fogo rubro-branco intenso que se espalhou ao comprimento do corpo da mulher, consumindo-o por completo, deixando apenas cinza, uma carga leve para os ventos marítimos.

A força extra proveio da mão de Touchstone, a sua palma aberta apoiada de leve no seu ombro. Quando se endireitou, a sensação desaparecera. No momento em que Sabriel se voltou, Touchstone estava apenas puxando a espada do lado direito, os olhos fixos nas casas como se não tivesse tido nada a ver com a ajuda que lhe dera.

— Obrigada — disse Sabriel.

Touchstone era um forte Mago da Carta, talvez tão forte quanto ela. O que a surpreendeu, muito embora não lhe ocorresse a razão. Ele não fizera segredo de ser um Mago da Carta, ela é que presumira que ele conheceria apenas algumas das marcas e fórmulas mais relacionadas com a luta. Magia insignificante.

— Devíamos ir andando — disse Mogget, caminhando para trás e para a frente, agitado, evitando cuidadosamente os fragmentos da pedra partida. — Procurar um barco e fazer-nos ao mar antes que anoiteça.

— O porto fica naquela direção — acrescentou Touchstone, apontando com a espada. Tanto ele como o gato pareciam muito desejosos de abandonar a zona à volta da pedra partida, pensou Sabriel. E ela também, agora. Mesmo com a luz forte do dia, parecia diminuir a intensidade da cor envolvente. A relva encontrava-se já mais amarela do que verde e até as sombras pareciam mais espessas e abundantes do que deveriam. Estremeceu, lembrando-se do Cume Fendido e da coisa chamada Thralk.

O porto situava-se no lado norte da falésia, alcançando-se através de outra série de degraus na colina rochosa ou, no caso de cargas, através de um dos cabos grossos dos guindastes que enchiam a beira da falésia. Compridos molhes de madeira entravam pela água límpida verde-azulada, protegidos por uma ilha rochosa, uma irmã menor da falésia da aldeia. Um longo quebra-mar de pedregulhos enormes unia a ilha à praia, completando a proteção do porto contra o vento e as ondas.

Não havia barcos ancorados no porto, presos aos molhes ou ao muro do porto. Nem uma baleeira, içada para reparos. Sabriel ficou nos degraus, olhando

para baixo, a mente temporariamente desprovida de mais planos. Observava apenas a agitação do mar à volta dos pilares dos molhes, cobertos de lapas; as sombras em movimento no azul, assinalando pequenos cardumes de peixes na sua atividade. Mogget sentou-se aos pés dela, cheirando o ar, silencioso. Touchstone mais alto, por trás dela, protegendo a retaguarda.

— E agora? — perguntou Sabriel, indicando genericamente o porto vazio lá embaixo, o braço acompanhando o ritmo da ondulação, na sua luta eterna contra a madeira e a pedra.

— Há pessoas na ilha — disse Mogget, os olhos semicerrados por causa do vento. E barcos presos entre dois afloramentos de rocha a sudoeste.

Sabriel olhou mas não viu nada, até retirar o telescópio da mochila às costas de Touchstone. Ele manteve-se completamente imóvel enquanto ela remexia, silencioso como a aldeia vazia. Transformando-se novamente em madeira, pensou Sabriel, mas na verdade não se importava. Estava sendo útil, puxando metaforicamente a madeixa sobre a testa de tantos em tantos minutos.

Através do telescópio viu que Mogget tinha razão. Havia vários barcos parcialmente escondidos entre duas saliências de rocha e alguns ligeiros sinais de habitação: o vislumbre de uma corda de roupa, agitando-se a uma esquina de uma rocha alta; a visão momentânea de movimento entre duas das seis ou sete construções de madeira decrépitas alojadas na vertente sudoeste da ilha.

Olhando depois para o quebra-mar, Sabriel acompanhou-o no seu comprimento. E, tal como esperara em parte, havia um intervalo mesmo no meio, onde o mar se precipitava com força considerável. Uma pilha de madeira no quebra-mar do lado da ilha indicava que em tempos existira ali uma ponte, agora retirada.

— Parece que os aldeãos fugiram para a ilha — anunciou, recolhendo o telescópio. — Há um intervalo no quebra-mar para impedir que a água circule entre a ilha e a praia. Uma defesa ideal contra os Mortos. Não creio sequer que um Mordicante se arriscasse a atravessar a água funda da maré...

— Vamos então — murmurou Touchstone. Parecia outra vez nervoso, agitado. Sabriel olhou para ele, depois por cima da sua cabeça e viu porque estava nervoso. As nuvens avançavam de sueste, por trás da aldeia, nuvens escuras, carregadas de chuva. O ar estava calmo, mas agora que via as nuvens Sabriel reconheceu que era a calma que antecedia uma chuva. O Sol não iria impedi-las por muito mais tempo e a noite chegaria mais cedo.

Sem mais insistência começou a descer os degraus até ao porto, depois ao longo do quebra-mar. Touchstone seguiu mais devagar, virando-se de tantos em tantos degraus para vigiar a retaguarda. Mogget fez o mesmo, o seu pequeno focinho de gato olhando continuamente para trás, espreitando as casas.

Por trás delas, persianas entreabertas e olhos sem carne observavam da segurança das sombras, vigiavam o trio em marcha até o quebra-mar, ainda banhado pelo sol forte, ladeado pelas ondas fortemente agitadas da água terrível. Dentes podres, corroídos, cerraram-se e rangeram em bocas de esqueletos. Mais recuadas das janelas, sombras ainda mais negras do que as projetadas pela luz agitavam-se com a frustração, a raiva e o medo. Todas sabiam quem tinha passado.

Uma dessas sombras, tirada à sorte e instigada pelas suas iguais, desistiu da sua existência na Vida com um grito silencioso, desaparecendo na Morte. O seu amo estava a muitas, muitas léguas dali e a forma mais rápida de alcançá-lo estava na Morte. Claro que, entregue a mensagem, o mensageiro transportaria os Portões até uma morte derradeira. Mas o amo não queria saber disso.

O intervalo no quebra-mar surgiu finalmente nos seus quatro metros e meio de largura e a água tinha o dobro da altura de Sabriel, O mar passando com uma força violenta. Estava também coberto de arqueiros da ilha, como verificaram quando uma seta atingiu as pedras à frente deles e vôou para o mar.

Imediatamente, Touchstone passou para a frente de Sabriel e ela sentiu o fluxo da Magia da Carta vindo dele, as suas espadas descrevendo um círculo no ar em frente de ambos. Linhas brilhantes seguiram o percurso das espadas, até pairar no ar um círculo reluzente.

Quatro flechas cortaram o ar vindas da ilha. Uma, ao atingir o círculo, desapareceu simplesmente. As outras três falharam por completo, batendo nas pedras ou no mar.

— Proteção contra flechas — arfou Touchstone. — Eficaz, mas difícil de manter. Vamos nos retirar?

— Ainda não — respondeu Sabriel.

Sentia os Mortos agitando-se na aldeia atrás deles e conseguia ver agora também os arqueiros. Eram quatro, dois pares, cada um por trás das pedras grandes e altas que assinalavam o lugar onde o quebra-mar se unia à ilha. Pareciam jovens, nervosos e tinham já provado constituir ameaça de pouca monta.

— Alto! — gritou Sabriel. — Somos amigos!

Não obteve resposta, mas os arqueiros não dispararam as flechas colocadas nos arcos.

— Qual é o título do chefe da aldeia, normalmente, quero dizer? Como lhes chamam? — segredou Sabriel apressadamente a Touchstone, mais uma vez desejando estar melhor informada a respeito do Reino Antigo e dos seus costumes.

— No meu tempo... — respondeu Touchstone lentamente, as suas

palavras retirando a proteção contra as flechas, a atenção quase exclusivamente nisso, — no meu tempo, Ancião, para uma aldeia deste tamanho.

— Desejamos falar com o Ancião da aldeia! — gritou Sabriel. Apontou para a frente nublada que avançava por trás dela e acrescentou: — Antes que a escuridão se instale!

— Esperem! — chegou a resposta e um dos arqueiros saiu correndo de trás das rochas, em direção às casas lá em cima. Mais perto, Sabriel percebeu que provavelmente seriam barcos-casas ou algo do gênero.

O arqueiro regressou passados alguns minutos, um homem mais velho mancando atrás dele por cima das rochas. Os outros três arqueiros, vendo-o, baixaram os arcos e depositaram as flechas nas aljavas. Touchstone, vendo isto, cessou a manutenção da proteção contra as flechas. Pairou no ar por um momento, depois desapareceu, deixando temporariamente um arco-íris.

Ancião era, na verdade, além do título, como puderam constatar, seguindo coxeando ao longo do quebra-mar. O cabelo branco comprido agitava-se como frágeis teias de aranha à volta do rosto magro e enrugado e movia-se com a intenção deliberada dos muito idosos. Parecia não ter medo, talvez imbuído da coragem desinteressada daqueles que já estão próximo da morte.

— Quem é você? — perguntou ele, quando chegou ao intervalo, erguendo-se por cima das águas agitadas como um profeta de uma lenda, a sua capa cor de laranja forte esvoaçando à sua volta com a brisa que se levantava. — O que quer?

Sabriel abriu a boca para responder, mas Touchstone começara a falar. Alto.

— Sou Touchstone, espadachim ajuramentado de Abhorsen, que se encontra perante você. As flechas são bem-vindas para gente como nós?

O velho permaneceu em silêncio por um momento, os olhos muito fixos incidindo em Sabriel, como se pudesse arrancar qualquer falsidade ou ilusão só com a vista. Sabriel correspondeu ao olhar dele, mas pelo canto da boca murmurou a Touchstone.

— O que o leva a pensar que pode falar por mim? Não seria preferível uma abordagem amigável? E desde quando é o meu espadachim...

Calou-se quando o velho pigarreou para falar e cuspiu para a água. Por um momento chegou a pensar que aquela fosse a resposta dele, mas, como nem os arqueiros nem Touchstone reagiram, obviamente que isso não tinha importância.

— São tempos maus — disse o Ancião. — Fomos obrigados a trocar as nossas lareiras pelos barracões de fumagem e o calor e o conforto pelos ventos marítimos e o cheiro de peixe. Muitas das pessoas de Nestowe estão mortas, ou

pior. Os desconhecidos e os viajantes são raros nestes tempos e nem sempre são o que parecem.

— Sou Abhorsen — disse Sabriel, com relutância. — Inimiga dos Mortos.

— Lembro-me — respondeu o velho, lentamente. — Abhorsen esteve aqui quando eu era jovem. Veio pôr termo aos fantasmas que o mercador de especiarias trouxe, que a Carta o amaldiçoe. Abhorsen. Recordo essa capa que usa, azul como dez braças de mar, com as chaves prateadas. Havia também uma espada...

Fez uma pausa, na expectativa. Sabriel manteve-se em silêncio, aguardando que ele prosseguisse.

— Ele quer ver a espada — disse Touchstone, a voz uniforme, depois do silêncio se prolongar demais.

— Oh! — respondeu Sabriel, corando.

Era bastante óbvio. Cuidadosamente, para não alarmar os arqueiros, puxou a espada, segurando-a para o Sol, para que as marcas da Carta pudessem ser vistas com clareza, bailarinas de prata sobre a lâmina.

— Sim — suspirou o Ancião, os seus ombros idosos descaindo com o alívio. — É essa a espada. Criada pela Carta. Ela é Abhorsen. — Virou-se e recuou na direção dos arqueiros, a voz cansada aumentando para uma sombra do tom de saudação de um pescador do lado de lá da água. — Venham, vocês quatro. Rápido com a ponte. Temos visitas! Finalmente a ajuda!

Sabriel olhou para Touchstone, arqueando os sobrolhos ante a implicação das três últimas palavras do velho. Surpreendentemente, Touchstone retribuiu o olhar e não o desviou.

— É tradicional alguém com uma alta patente, como a senhora, ser anunciado pelo seu espadachim ajuramentado — informou calmamente. — E a única maneira aceitável para mim de viajar consigo é como seu espadachim ajuramentado. Caso contrário, as pessoas presumirão que somos, na melhor das hipóteses, amantes ilícitos. Ter o seu nome associado ao meu desta maneira iria rebaixá-la à maior parte dos olhos. Entende?

— Ah — respondeu Sabriel, engolindo em seco, sentindo o rubor do embaraço voltar e estender-se das faces ao pescoço. A sensação era muito parecida com ser objeto de uma das mais severas reprimendas sociais de Miss Prionte. Não pensara sequer no que pareceria os dois viajando juntos. Certamente em Ancelstierre seria considerado vergonhoso, mas estavam no Reino Antigo, onde as coisas eram diferentes. Mas apenas algumas coisas, ao que parecia.

— Lição número duzentos e sete — murmurou Mogget, Em algum lugar

próximo dos pés dela. — Três em dez. Pergunto-me se terão linguado fresco? Gostaria de um pequeno, ainda saltitando...

— Cale-se! interrompeu Sabriel. — É melhor se fazer passar por um gato normal durante algum tempo.

— Muito bem, minha ama. Abhorsen — respondeu Mogget, afastando-se para se sentar ao lado de Touchstone.

Sabriel preparava-se para dar uma resposta mordaz quando viu a curvatura muito leve no canto da boca de Touchstone. Touchstone? Sorrindo ironicamente? Surpresa, desviou a resposta da língua, depois esqueceu-a por completo no momento em que quatro arqueiros colocaram uma prancha sobre o intervalo, a extremidade batendo na pedra com um ruído alarmante.

— Por favor atravessem rapidamente — pediu o Ancião, enquanto os homens firmavam a prancha. — Existem agora muitas criaturas terríveis na aldeia e receio que o dia esteja quase acabando.

Fiéis às suas palavras, as sombras das nuvens incidiram sobre eles enquanto falava e o odor fresco da ameaça de chuva misturou-se com o cheiro úmido e salgado do mar. Sem mais delongas, Sabriel correu rapidamente sobre a prancha, Mogget atrás dela, Touchstone na retaguarda.

Todos os sobreviventes de Nestowe estavam reunidos no maior dos barracões de fumagem do peixe, exceto o presente turno de arqueiros que vigiava o quebra-mar. Na semana anterior havia cento e vinte e seis aldeãos agora apenas trinta e um.

Havia trinta e dois até esta manhã comunicou o Ancião a Sabriel, quando lhe entregou uma caneca de vinho medíocre e um pedaço de peixe seco em cima de um naco de pão muito duro e muito seco. Julgamos que estaríamos a salvo quando chegamos à ilha, mas o filho de Monjer Stewart foi encontrado hoje pouco depois da alva todo sequinho e mirrado. Quando lhe tocamos parecia... papel queimado, que ainda mantém a sua forma... tocamos-lhe e ele se desfez em flocos de... algo como cinza.

Sabriel olhou à sua volta enquanto o velho falava, reparando nas muitas lanternas, velas e círios de junco que intensificavam tanto a luz como o ambiente de fumaça e cheiro de peixe do barracão. Os sobreviventes eram um grupo muito heterogêneo homens, mulheres e crianças, desde os muito jovens ao próprio Ancião. A sua única característica comum era o receio de comprimirem os rostos, o receio de mostrarem o seu movimento nervoso, compassado.

— Achamos que um deles está aqui — disse uma mulher, a sua voz há muito que passara do medo ao fatalismo. Estava sozinha, acompanhada pelo espaço livre da tragédia. Sabriel calculou que tivesse perdido toda a família. Marido, filhos, talvez pais e irmãos também, pois não teria mais de quarenta anos. — Nos levará um por um — continuou a mulher, sem rodeios, a sua voz a encher o barracão com sinistra certeza. À sua volta, as pessoas agitavam-se como se tivessem tiques, sem olhar para ela, como se fazê-lo fosse o mesmo que aceitar as suas palavras. A maior parte fitava Sabriel e ela viu a esperança nos seus olhos. Não uma fé cega ou a confiança absoluta, mas uma esperança de jogador de que um novo cavalo possa fazer mudar os sucessivos reveses.

— O Abhorsen que veio quando eu era novo — prosseguiu o Ancião, e Sabriel viu que com aquela idade seria uma recordação só dele, de entre todos os aldeãos, — este Abhorsen disse-me que o seu objetivo era matar os Mortos. Ele nos salvou dos fantasmas que vieram na caravana do mercador. Ainda é o mesmo, senhora? Abhorsen nos salvará dos Mortos?

Sabriel pensou por um momento, o seu espírito folheando mentalmente as páginas do Livro *dos Mortos*, sentindo-o agitar-se na mochila aos seus pés. Os seus pensamentos desviaram-se para o pai; a próxima viagem a Belisaere; a forma como os inimigos Mortos pareciam ter-se mobilizado contra ele através de

alguma mente controladora.

— Garantirei que esta terra fique livre dos Mortos — disse finalmente, falando com clareza para que todos pudessem ouvi-la. — Mas não posso libertar a aldeia do continente. Existe um mal maior ativo no Reino, o mesmo mal que partiu a sua Pedra da Carta, e tenho de encontrá-lo e derrotá-lo o mais depressa que puder. Quando isso acontecer, regressarei, espero que com outra ajuda, e tanto a aldeia como a Pedra da Carta serão recuperadas.

— Compreendemos — respondeu o Ancião. Parecia entristecido, mas filosófico. Continuou, falando mais com a sua gente do que com Sabriel. — Podemos sobreviver aqui. Temos a nascente e o peixe. Temos barcos. Se Callibe não sucumbiu aos Mortos, podemos trocar legumes e outras coisas.

— Terão de manter a vigilância do quebra-mar — disse Touchstone. Encontrava-se atrás da cadeira de Sabriel, a própria imagem de um guarda-costas severo. — Os Mortos, ou os seus escravos vivos, podem tentar enchê-lo com pedras ou estender uma ponte. Podem atravessar a água corrente construindo pontes de terra de sepultura encaixotada.

— Portanto, estamos sitiados — disse um homem na primeira linha da massa de aldeãos. — Mas e esta coisa Morta que se encontra aqui na ilha, a predar-nos? Como irá encontrá-la?

Fez-se silêncio quando o interrogador falou, pois era a única resposta que todos queriam ouvir. O som da chuva caindo com força no telhado substituiu a ausência de discurso humano, uma chuva constante, que caía desde o final da tarde. Os Mortos detestavam chuva, pensou Sabriel inconsequentemente, enquanto pensava na questão. A chuva não destruía, mas machucava e irritava os Mortos. Onde quer que a coisa Morta estivesse na ilha, se encontraria abrigada da chuva.

Levantou-se com aquele pensamento. Trinta e um pares de olhos observavam-na, mal pestanejando, apesar da fumaça desagradável de muitas lanternas, velas e círios. Touchstone observava os aldeãos; Mogget observava um peixe; Sabriel fechou os olhos, procurando no exterior com outros sentidos, tentando sentir a presença do Morto.

Estava ali uma emanção tênue, disfarçada, como um odor não identificável de algo estragado. Sabriel concentrou-se nele, seguiu-o e encontrou-o, ali mesmo no barracão. O Morto estava de alguma forma escondido entre os aldeãos.

Abriu os olhos lentamente, olhando diretamente para o ponto onde os seus sentidos lhe indicavam que a criatura Morta espreitava. Viu um pescador de meia-idade, o rosto causticado pelo sal vermelho por baixo do cabelo manchado pelo sol. Não se distinguia dos que o rodeavam, escutando intencionalmente a

resposta dela, mas havia definitivamente algo Morto nele ou muito próximo disso. Envergava uma capa de barqueiro, o que parecia estranho, dado que o barracão de fumagem estava aquecido da concentração humana e das muitas luzes.

—Digam-me — pediu Sabriel.- Alguém trouxe consigo uma caixa grande para a ilha? Algo, digamos, um quadrado tendo de lado a distância de dois braços abertos ou maior ainda? Seria pesado, com terra de sepultura.

Esta pergunta foi respondida com murmúrios e inquirições, os vizinhos virando-se uns para os outros, com poucos movimentos de receio ou suspeita. Enquanto falavam, Sabriel caminhou entre eles, desprendendo discretamente a espada, fazendo sinal a Touchstone para que se mantivesse atrás dela. Ele seguiu-a, os seus olhos percorrendo os pequenos grupos de aldeãos. Mogget, levantando a cabeça do seu peixe, espreguiçou-se e seguiu indolentemente atrás de Touchstone, após um olhar de advertência aos dois gatos que fitavam a cabeça e a cauda meio consumidas da sua refeição de peixe.

Tendo o cuidado de não alarmar a sua vítima, Sabriel seguiu em ziguezague pelo barracão, escutando os aldeãos com atenção calculada, apesar do pescador louro nunca abandonar o canto do seu olho. Estava envolvido numa profunda discussão com outro homem, que parecia ficar mais desconfiado a cada segundo.

Mais próxima agora, Sabriel teve certeza de que o pescador era um vassalo dos Mortos. Tecnicamente, continuava a estar vivo, mas um espírito Morto suprimira-lhe a vontade, passeando-se na sua carne como um sombrio bonecreiro, usando o corpo dele como marionete. Algo imensamente desagradável estaria semi-submerso nas suas costas, debaixo da capa de barqueiro. Mordaut, assim se chamavam, recordou-se Sabriel. O *Livro dos Mortos* dedicava uma página inteira aos espíritos parasitas. Gostavam de conservar um hospedeiro principal vivo, saindo à noite para saciar a sua fome de outras presas vivas como as crianças.

— Tenho certeza de o ter visto com uma caixa como essas, Patar — dizia o pescador desconfiado. — Jall Stewart o ajudou a trazê-la para terra. Hei, Jall!

Gritou a última parte, virando-se para olhar para outra pessoa do lado de lá da divisão. Naquele instante, Patar, dominado pelos Mortos, irrompeu em ação, agredindo o inquiridor com os dois antebraços, atirando-o para o lado, correndo para a porta com a ferocidade silenciosa de um aríete.

Mas Sabriel contara com aquilo. Colocou-se diante dele, a espada a postos, a mão esquerda retirando Ranna, o suave adormentador, da bandoleira. Tinha ainda esperança de salvar o homem subjugando o Mordaut.

Patar imobilizou-se e deu meia-volta, mas Touchstone estava ali atrás

dele, as espadas gêmeas brilhando de maneira fantástica com as marcas da Carta mudando e chamuscateadas. Sabriel olhou para as lâminas com surpresa, desconhecia que estavam enfeitadas. Perdera a oportunidade de perguntar, percebeu.

Depois Ranna ficou livre na sua mão, mas o Mordaut não esperou pela inevitável canção de embalar. Patar gritou subitamente e ficou rígido, o rubor escoando-se do rosto, para ser substituído por cinzento. Depois a sua carne enrugou-se e separou-se, até os ossos se desfazerem em cinza ensopada quando o Mordaut sugou toda a vida dele num instante voraz. Recém-alimentado e fortalecido, o Morto deslizou da capa caindo, uma poça de escuridão avassaladora. Ganhou forma ao deslocar-se, tornando-se uma espécie de rato grande, repugnantemente alongado. Mais veloz do que qualquer rato natural, correu para um buraco na parede e fugiu!

Sabriel desferiu uma estocada, a sua lâmina fazendo saltar lascas das pranchas do soalho, errando a forma sombria por um escasso instante.

Mas Touchstone não errou. A espada da mão direita atravessou a criatura por trás da cabeça, a manejada pela esquerda empalando a sua seção média sinuosa. Pregada ao chão, a criatura contorceu-se e arqueou-se, a sua matéria-sombra desviando-se das lâminas. Estava reconstituindo o seu corpo, fugindo da armadilha.

Rapidamente, Sabriel colocou-se por cima dele, Ranna tocando na sua mão, o tom suave, indolente, ecoando no barracão.

Antes dos ecos morrerem, o Mordaut parou de se contorcer. A forma parcialmente perdida por se tentar esquivar às espadas jazia como um pedaço de fígado carbonizado, estremecendo no chão, ainda empalado.

Sabriel guardou Ranna e retirou o impaciente Saraneth. A sua voz enérgica ressoou, o som criando uma rede de domínio sobre a criatura abjeta. O Mordaut não fez qualquer esforço para resistir, para formar sequer uma boca para lamentar o seu destino. Sabriel sentiu-o sucumbir à sua vontade por intermédio de Saraneth.

Guardou o sino, mas hesitou quando a sua mão incidiu sobre Kibeth. O Adormecedor e o Dominador tinham falado bem, mas o Caminhante por vezes tinha idéias próprias e agitava-se, desconfiado, debaixo da mão dela. Era melhor esperar um momento, acalmar-se, pensou Sabriel, afastando a mão da bandoleira. Embainhou a espada e olhou à volta do barracão. Para surpresa sua, todos, exceto Touchstone e Mogget, dormiam. Havia apenas captado os ecos de Ranna, que não teriam sido suficientes. Claro que às vezes Ranna podia ser também traiçoeiro, mas o seu logro era bem menos perturbador.

— Isto é um Mordaut — disse ela a Touchstone, que reprimia um bocejo

que começava a formar-se. — Um espírito fraco, catalogado como um dos Mortos Menores. Gostam de passar-se por Vivos, coabitando o corpo em certa medida, dirigindo-o e absorvendo lentamente o espírito. O que os torna difíceis de encontrar.

— O que fazemos com ele agora? — perguntou Touchstone, olhando com repulsa o monte de sombra trêmula. Não podia manifestamente ser cortado, consumido pelo fogo ou algo que lhe ocorresse.

— Vou bani-lo, o mandarei para uma morte verdadeira — respondeu Sabriel. Lentamente retirou Kibeth, usando ambas as mãos. Sentia-se ainda apreensiva, pois o sino agitava-se na sua mão, tentando tocar de modo próprio, um som que a atiraria para a Morte.

Agarrou-o com mais força e descreveu o número oito ortodoxo para trás e para a frente, conforme o pai lhe ensinara. A voz de Kibeth soou, cantando uma melodia alegre, uma jiga saltitante que quase pôs os pés de Sabriel também a saltar, até se obrigar a ficar absolutamente imóvel.

O Mordaut não possuía semelhante livre-arbítrio. Por um momento, Touchstone julgou que aquilo ia embora, a forma sombria saltando subitamente para a frente, a carne artificial esquivando-se das suas lâminas quase até aos punhos cruzados. Depois, deslizou novamente para trás e desapareceu. De volta à Morte, balançando e girando na corrente, uivando e gritando com a voz que tinha ali, o tempo todo até ao Último Portão.

— Obrigada — disse Sabriel a Touchstone. Olhou para as suas duas espadas, ainda profundamente cravadas no soalho de madeira. Já não deitavam chamuscas de prata, mas podia ver as marcas da Carta deslocando-se nas lâminas. — Não percebi que suas espadas estavam enfeitiçadas — prosseguiu ela. — Mas ainda bem que estão.

A surpresa e a confusão estamparam-se no rosto de Touchstone.

— Achei que sabia — disse ele. Tirei-as do navio da Rainha. Eram espadas de um Paladino Real. Não queria ficar com elas, mas Mogget disse que você...

Parou no meio da frase, quando Sabriel soltou um suspiro sentido.

— Bem, seja como for — continuou ele. — Diz a lenda que o Construtor da Muralha as fez, ao mesmo tempo ele, ou ela, suponho, fez a sua espada.

— A minha? — perguntou Sabriel, tocando-a de leve com a mão no bronze do punho. Nunca pensara em quem fizera a espada, existia simplesmente. "Fui feita para Abhorsen, para matar os que já estão Mortos", dizia a inscrição, quando dizia algo compreensível. Por isso provavelmente fora forjada há muito tempo, lá no passado remoto, quando a Muralha fora construída. Mogget devia saber, pensou. Mogget provavelmente não queria, ou não podia, contar-lhe, mas

devia saber. — Acho que é melhor acordarmos todos — disse ela, pondo termo à especulação sobre as espadas no presente imediato.

— Existem mais Mortos? — perguntou Touchstone, resmungando ao soltar as suas espadas do chão.

— Não creio — respondeu Sabriel. — Aquele Mordaut foi muito esperto, pois quase não danificara o espírito do pobre... Patar... por isso a sua presença estava mascarada pela vida. Teria vindo para a ilha naquela caixa de terra de sepultura, tendo metido as instruções na cabeça do pobre homem antes de abandonarem o continente. Duvido que qualquer outro tenha feito o mesmo. Não consigo captar nenhum aqui, pelo menos. Talvez devesse ir ver nos outros edifícios e dar a volta à ilha, apenas para me certificar.

— Agora? — perguntou Touchstone.

— Agora — confirmou Sabriel. — Mas vamos acordá-los primeiro e organizar algumas pessoas para transportarem os archotes por nós. É bom falarmos também com o Ancião para conseguirmo um barco para de manhã.

— E uma boa provisão de peixe — acrescentou Mogget, que voltara ao linguado meio comido, a sua voz nítida acima do forte ruído do ressonar dos pescadores.

Não havia Mortos na ilha, apesar de os arqueiros dizerem ter visto estranhas luzes movendo-se na aldeia durante os breves períodos de calmaria da chuva. Tinham ouvido também movimento no quebra-mar e disparado flechas incendiadas para as pedras, mas não haviam visto nada antes das pontas das flechas envoltas em tecido e embebidas em combustível se apagarem.

Sabriel avançou pelo quebra-mar e ficou próximo do intervalo no mar, a capa impermeabilizada frouxamente colocada sobre os ombros, fazendo a chuva descer para o solo e pelo pescoço abaixo. Não conseguiu ver nada através da chuva e do escuro, mas conseguiu sentir os Mortos. Eram ainda mais do que captara mais cedo ou tinham-se tornado muito mais fortes. Depois, com uma sensação repugnante, percebera que esta força pertencia a uma única criatura, emergindo apenas agora da Morte, usando a pedra partida como portal. Um instante depois reconheceu a sua presença particular.

O Mordicante encontrara-a.

— Touchstone — perguntou, esforçando-se por afastar os arrepios da sua voz. — Consegue manobrar um barco à noite?

— Sim — respondeu Touchstone, a sua voz novamente impessoal, o rosto escuro na noite chuvosa, a luz das lanternas dos aldeãos por trás dele iluminando-lhe apenas as costas e os pés. Hesitou, como se não devesse emitir uma opinião, a seguir acrescentou: — Mas seria muito mais perigoso. Não conheço esta costa e a noite está muito escura.

— Mogget consegue ver no escuro — disse Sabriel em voz baixa, aproximando-se mais de Touchstone para os aldeãos não poderem ouvi-la. — Temos de partir imediatamente — murmurou, enquanto fingia ajustar o tecido impermeabilizado. — Chegou um Mordicante. O mesmo que me perseguiu antes.

— E as pessoas daqui? — perguntou Touchstone, tão baixinho que o som da chuva quase lhe levou as palavras, mas havia um ligeiro som de reprovação no seu tom prático.

— O Mordicante veio atrás de mim — murmurou Sabriel. — Conseguia senti-lo afastando-se da pedra, em busca, usando os seus sentidos transcendentais para encontrá-la. Ele consegue sentir a minha presença, tal como eu sinto a dele. Para onde eu for, ele me seguirá.

— Se ficarmos até de manhã — respondeu Touchstone também num murmúrio, — não estaremos seguros? Disse que nem um Mordicante conseguiria atravessar este intervalo.

— Eu disse, ”acho” — vacilou Sabriel. — Tornou-se mais forte. Não posso ter certeza...

— Aquela coisa lá no barracão, o Mordaut, não foi muito difícil de destruir — murmurou Touchstone, a confiança da ignorância na sua voz. — Este Mordicante é muito pior?

— Muito — respondeu Sabriel laconicamente.

O Mordicante parara de se mover. A chuva parecia diminuir-lhe tanto os sentidos como o desejo de encontrá-la e matar. Em vão Sabriel olhava para a escuridão, tentando ver além dos lençóis de chuva, conseguir as provas dadas pela sua visão bem como pelos seus sentidos necromânticos.

— Riemer — disse ela, agora em voz alta, chamando o aldeão encarregue dos seus porta-lanternas. Ele avançou rapidamente, o cabelo ruivo colado à cabeça redonda, a água da chuva escorrendo por uma testa alta para se catapultar da ponta do seu nariz abatatado. — Riemer, diga aos arqueiros que fiquem muito atentos. Eles que disparem sobre tudo o que aparecer no quebramar, não existe nada vivo agora ali. Apenas os Mortos. Precisamos voltar e falar com o Ancião.

Regressaram em silêncio, com exceção do chapinhar das botas nas poças de água e do constante aplauso digital da chuva. Pelo menos metade da atenção de Sabriel estava concentrada no Mordicante; uma presença maligna, causadora de dores de estômago do outro lado da água escura. Perguntou-se porque aguardava.

Aguardava que a chuva parasse ou talvez que o Mordaut agora banido atacasse de dentro. Fossem quais fossem as razões dele, tinham algum tempo

para arranjar um barco e levá-lo para longe. E, possivelmente, havia sempre a possibilidade de ele não conseguir atravessar o intervalo no quebra-mar.

— A que horas é a maré baixa? — perguntou a Riemer, quando lhe ocorreu um novo pensamento.

— Ah, cerca de uma hora antes da alva — respondeu o pescador. — Daqui a seis horas, se calculo corretamente.

O Ancião acordou mal-humorado do seu segundo sono. Opôs-se a que mergulhassem na noite, apesar de Sabriel achar que pelo menos metade da sua relutância se devia ao fato de precisarem de um barco. Só restavam cinco aos aldeãos. Os outros haviam sido afundados no porto, engolidos e destruídos pelas pedras arremessadas pelos Mortos, ansiosos por porem cobro à fuga da sua presa viva.

— Desculpe — respondeu Sabriel. — Mas precisamos de um barco e precisamos dele agora. Existe uma criatura Morta terrível na aldeia, persegue o meu rastro feito um cão de caça. Se eu ficar, tentará vir até aqui, e na maré baixa pode conseguir atravessar o intervalo no quebra-mar. Se eu partir, ela me seguirá.

— Muito bem — concordou o Ancião, obstinadamente. — Limpou esta ilha para nós; um barco é pouca coisa. Riemer o aprontará com comida e água. Riemer! A Abhorsen ficará com o barco de Landalin, encarregue-se de aprovisioná-lo e veja se está em condições de navegar. Tira as velas de Jaled se as de Landalin forem pequenas ou estiverem estragadas.

— Obrigada — disse Sabriel. Vencia-a o cansaço, o cansaço e o peso da consciência. Consciência dos seus inimigos, como uma escuridão sempre toldando a orla da sua visão. — Partiremos agora. Desejo que corra tudo bem e anseio pela sua segurança.

— Que a Carta nos preserve a todos — acrescentou Touchstone, fazendo uma vênica ao idoso. O Ancião retribuiu-a, uma figura curvada, solene, muito menor do que a sua sombra, elevando-se na parede por trás.

Sabriel virou-se para partir, mas formava-se uma longa fila de aldeãos a caminho da porta. Todos eles queriam fazer uma vênica diante dela, proferir tímidos agradecimentos e despedidas. Sabriel aceitou-os com embaraço e culpa, lembrando-se de Patar. É certo que expulsara o morto, mas outra vida se perdera nesse entretanto. O pai não seria tão desastrado...

A penúltima pessoa na fila era uma menina, o seu cabelo preto preso em duas tranças, uma de cada lado da cabeça. Ao vê-la, Sabriel recordou algo que Touchstone dissera. Parou e tomou as mãos da menina entre as suas.

— Como se chama, pequena? — perguntou, sorrindo. Invadiu-a uma sensação de *déjà-vu* quando os dedos pequenos se encontraram com os dela, a

lembrança de uma caloura assustada estendendo com hesitação os dedos para a aluna mais velha que seria sua guia no primeiro dia no Colégio Wyverley. Sabriel estivera de ambos os lados, na sua época.

— Aline — disse a menina, retribuindo o sorriso. Os seus olhos estavam brilhantes e vivos, muito jovens para serem obscurecidos pelo desespero assustado que envolvia a expressão dos adultos. Uma boa escolha, pensou Sabriel.

— Agora diga-me o que aprendeu nas aulas sobre a Carta Grande — pediu Sabriel, adotando o tom inquiridor familiar, maternal e geralmente irrelevante do Inspetor Escolar que visitava cada turma duas vezes por ano em Wyverley.

— Sei a cantiga... — respondeu Aline, um pouco hesitante, a sua pequena testa enrugando-se. — Quer que a cante, como fazemos na aula?

Sabriel anuiu.

— Dançamos também à volta da pedra — acrescentou Aline, em tom confidente. Endireitou-se, avançou um pé e retirou as mãos para as prender atrás das costas.

*Cinco Cartas Grandes ligam a terra
unindo-a toda, dando as mãos
A Primeira está nas pessoas que usam a coroa
a Segunda na gente que afasta os Mortos
a Terceira e a Quinta tornam-se pedra e argamassa
a Quarta vê tudo na água gelada.*

— Obrigada, Aline — disse Sabriel. — Foi muito bonita. Despenteou o cabelo da criança e apressou-se nas despedidas finais, subitamente ansiosa por abandonar a fumaça e o cheiro de peixe e vir para o ar puro e molhado onde podia pensar.

— Portanto agora já sabe — murmurou Mogget, saltando-lhe para os braços para escapar das poças. — Ainda não te posso contar, mas sabe que uma está no teu sangue.

— A Segunda — respondeu Sabriel com altivez. — ”A Segunda na gente que afasta os Mortos.” Portanto, qual é o... ah... também não posso falar sobre isso!

Mas pensou nas perguntas que gostaria de fazer quando Touchstone a ajudou a subir para o pequeno barco de pesca que se encontrava junto à pequena praia cheia de conchas que servia de porto à ilha.

Uma das Cartas Grandes estava no sangue real. A Segunda no de Abhorsen. O que eram a Terceira e a Quinta, e a Quarta que via tudo na água gelada? Teve certeza de que muitas respostas podiam ser encontradas em Belisaere. O pai dela podia provavelmente responder-lhe a mais, pois muitas coisas que estavam ligadas à Vida eram desvendadas na Morte. E havia a projeção da mãe, para aquela terceira e última pergunta nestes sete anos.

Touchstone empurrou o barco, subiu para bordo e pegou os remos. Mogget saltou dos braços de Sabriel e assumiu uma posição de destaque próximo da proa, servindo de vigia e visão noturna, ao mesmo tempo que imitava Touchstone.

Lá na praia, o Mordicante uivou subitamente, um grito longo e penetrante que ecoou pela água, gelando os corações tanto no barco como na ilha.

— Siga um pouco mais para estibordo — disse Mogget, no silêncio depois do uivo diminuir. Precisamos de mais espaço de manobra.

Touchstone obedeceu prontamente.

Na manhã do sexto dia fora de Nestowe, Sabriel estava manifestamente cansada da vida no mar. Navegaram praticamente sem parar todo aquele tempo, acostando somente ao meio-dia para água potável e apenas quando fizera sol. As noites eram passadas com as velas desfraldadas ou, quando a exaustão atacava Touchstone, parados baixando a âncora, o vigilante Mogget de atalaia. Felizmente o tempo fora amigo.

Tinham sido cinco dias calmos. Dois dias de Nestowe à Ponta Bicuda, uma península pouco simpática cujos únicos aspectos interessantes eram uma praia de fundo de areia e águas límpidas. Destituída de vida e destituída também de Mortos. Aqui, pela primeira vez, Sabriel deixara de sentir a perseguição do Mordicante. Um vento bom e forte de leste empurrara-os na direção norte, a um ritmo muito rápido para ele os seguir.

Três dias da Ponta Bicuda à Ilha de Ilgard, os seus penhascos rochosos erguendo-se a pique do mar, uma morada cinzenta e bexigosa, o lar de dezenas de milhares de aves marinhas. Passaram por lá ao final da tarde, a sua única vela esticada ao ponto de rebentar, as tábuas sobrepostas do casco aguentando-se bem, a proa cortando uma coluna de borriço que salgava as bocas, os olhos e os corpos.

Foi meio dia de Ilgard à Foz do Belis, aquela passagem estreita que conduzia ao Mar de Saere. Mas era perigoso velejar, de modo que passaram a noite parados fora do campo de visão de Ilgard, aguardando a luz do dia.

— Existe uma barreira de corrente na Foz do Belis — explicou Touchstone, quando levantou a vela e Sabriel içou a âncora sobre a proa. O Sol subia atrás dele, mas ainda não saíra completamente do mar, pelo que ele não passava de uma sombra difusa na popa. Foi construída para afastar os piratas e quejandos do Mar de Saere. Não vai acreditar no tamanho dela, não consigo imaginar como foi forjada ou colocada ali.

— Ainda estará lá? — perguntou Sabriel, cautelosamente, não querendo fazer cessar o modo estranhamente falador de Touchstone.

— Tenho certeza absoluta — respondeu Touchstone. — Veremos primeiro as torres nas praias em frente. O Posto em Espiral a sul e o Gancho da Barreira a norte.

— Que nomes tão pouco imaginativos — comentou Sabriel, sem conseguir impedir a interrupção. Estava sendo uma conversa tão agradável! Touchstone retomara a ausência de comunicação a maior parte da viagem, apesar de ter uma boa desculpa, manobrar um barco de pesca dezoito horas por dia,

mesmo com bom tempo, não deixava muita energia para conversar.

— Foram chamados de acordo com a sua finalidade — respondeu Touchstone. — O que faz sentido.

— Quem decide se os navios passam a corrente? — perguntou Sabriel. Estava já antecipando-se nos pensamentos, interrogando-se sobre Belisaere. — Poderia ser como Nestowe, a cidade abandonada crivada de Mortos?

— Ah — disse Touchstone. — Não tinha pensado nisso. No meu tempo, havia um Mestre Real da Barreira, com um corpo de guardas e um esquadrão de pequenas vedetas de fiscalização. Se, como afirma Mogget, a cidade mergulhou na anarquia...

— Pode haver muitas pessoas trabalhando para, ou em aliança com os Mortos — acrescentou Sabriel com ar pensativo. — Por isso, mesmo que atravessemos a barreira de dia, podem surgir problemas. Acho que seria preferível virar a minha capa do avesso e esconder a cobertura do elmo.

— E os sinos? — perguntou Touchstone. Debruçou-se além dela, para prender melhor a escota, a mão direita dando um ligeiro toque na cana do leme para aproveitar uma mudança do vento. — Dão muito nas vistas, é o mínimo que se pode dizer.

— Parecerei apenas uma necromante — respondeu Sabriel. — Uma necromante suja e salgada.

— Não sei — respondeu Touchstone, que não via que Sabriel estava brincando. — Nenhum necromante seria deixado entrar na cidade, ou ficaria vivo, no...

— No seu tempo — interrompeu Mogget, do seu posto favorito na proa. — Mas os tempos são outros e tenho certeza de que os necromantes e pior não são visões regulares em Belisaere.

— Usarei uma capa... — começou Sabriel a dizer.

— Se assim entende — afirmou Touchstone, ao mesmo tempo. Não acreditava simplesmente no gato. Belisaere era a capital do reino, uma cidade enorme, terra de pelo menos cinquenta mil pessoas. Touchstone não podia imaginá-la caída, destruída e nas mãos dos Mortos. Não obstante os seus próprios receios internos e conhecimento secreto, não podia deixar de estar confiante de que a Belisaere em direção à qual navegavam estivesse tão pouco mudada em relação às imagens com duzentos anos retidas na sua memória.

Essa confiança foi abalada quando as torres na Foz do Belis surgiram acima da linha azul do horizonte, de cada lado do estreito. De início, as torres não eram mais do que borões, que foram crescendo quando o vento e as ondas empurraram o barco na direção delas. Através do seu telescópio, Sabriel viu que eram feitas de uma bela pedra rósea que outrora devia ter sido magnífica. Agora

estavam quase todas enegrecidas pelo fogo; a sua majestosidade desaparecera. O Posto em Espiral perdera os três andares superiores, de sete; o Gancho da Barreira erguia-se tão alto como sempre, mas a luz do Sol brilhava através de buracos, revelando a ruína esventrada que era o seu interior. Não havia sinal de qualquer guarnição, cobrança de peagem, mulas para puxar tirantes ou algo vivo.

A grande barreira de corrente estendia-se ao longo do estreito. Elos de ferro enormes, cada um do tamanho e do comprimento do barco de pesca, verde-rosados e cheios de lapas saíam da água e subiam até cada uma das torres. Era possível ver pedaços dela no meio da foz quando a rebentação baixava e uma porção de corrente brilhava escorregadia e verde na depressão da onda, como um monstro espreitando das profundezas.

— Teremos de nos aproximar do Posto em Espiral, tirar o mastro da carlinga e remar por baixo da corrente onde ela se eleva — declarou Touchstone, depois de observar a corrente durante vários minutos através do telescópio, tentando avaliar se afundava o suficiente para lhes permitir a passagem. Mas, mesmo com uma embarcação de calado relativamente baixo como a deles, seria muito arriscado e não ousavam esperar pela maré alta do final da tarde. A dada altura no passado, talvez quando as torres foram abandonadas, a corrente estivera esticada na sua tensão máxima. Os engenheiros que a tinham construído haveriam ficado satisfeitos, pois parecia não se verificar qualquer deslizamento perceptível.

— Mogget, vá para a proa e fique atento a algo na água. Sabriel, pode fazer o favor de observar a costa e a torre, para nos precavermos de um ataque.

Sabriel anuiu, satisfeita pelo empenho de Touchstone como comandante da pequena embarcação deles ter servido para eliminar o seu comportamento servil e torná-lo uma pessoa mais normal. Mogget, por sua vez, saltara para a proa sem protestar, apesar da borriça que esporadicamente lhe atingia a cabeça quando cortavam a ondulação na diagonal rumo ao pequeno triângulo de oportunidade entre a costa, o mar e a corrente.

Aproximaram-se o máximo que ousaram antes de tirarem o mastro da carlinga. A ondulação diminuía, pois a Foz do Belis estava bem abrigada pelos dois braços de terra, mas a maré mudara e a respectiva corrente começava a vir do oceano para o Mar de Saere. Assim, mesmo sem mastro nem vela, eram impelidos rapidamente para a corrente; Touchstone remava com toda a sua força apenas para obedecer ao leme. Após um momento, isto tornou-se manifestamente impossível, por isso Sabriel pegou um dos remos e remaram juntos, com Mogget miando indicações.

De poucos em poucos segundos, no fim de uma remada completa, com as costas quase ao nível dos bancos, Sabriel captou fugazmente algo por cima do

ombro. Dirigiam-se para a passagem estreita, entre o muro de defesa alto e desmoronando-se do Posto em Espiral e a enorme corrente que saía do mar agitado numa faixa de espuma branca. Conseguia ouvir o gemido melancólico dos elos, como um coro de morsas pesarosas. Até aquela corrente gigantesca se movia ao sabor do capricho do mar.

— Um pouco para bombordo — miou Mogget. Touchstone apoiou o seu remo por um momento, depois o gato pulou para baixo, gritando:

— Aprontar os remos e baixar!

Os remos fizeram barulho, esparrinharam, tanto Sabriel como Touchstone simplesmente deitados de costas, com Mogget Em algum lugar entre eles. O barco balançou e mergulhou a proa e ouviu-se o gemido da corrente perto e terrível. Sabriel num momento olhando para o céu azul e limpo, no seguinte vendo apenas o ferro verde e cheio de algas por cima dela. Quando a ondulação levantou o barco, podia ter esticado a mão e tocado na grande barreira de corrente da Foz do Belis.

Depois tinham-na transposto e Touchstone estava já empurrando o seu remo, Mogget deslocando-se para a proa. Sabriel queria ficar ali deitada, apenas olhando para o céu, mas o molhe de defesa caído do Posto em Espiral estava apenas à distância do comprimento de um remo. Endireitou-se e retomou as suas funções de remadora.

A água mudou de cor no Mar de Saere. Sabriel arrastou a mão nela, maravilhando-se com o seu brilho turquesa cristalino. Apesar de toda a sua cor, era incrivelmente transparente. A água era muito profunda, mas conseguia ver lá embaixo as primeiras três ou quatro braças, observando os peixes pequenos dançando debaixo das bolhas do sulco do barco deles.

Sentiu-se descontraída, momentaneamente despreocupada, todos os problemas que tinha pela frente e passados temporariamente perdidos numa contemplação concentrada de água verde-azulada cristalina. Não havia aqui a presença dos Mortos nem a percepção constante das muitas portas para a Morte. Até a Magia da Carta se dissipava no mar. Durante alguns minutos esqueceu Touchstone e Mogget. Até o pai se esfumou na sua mente. Havia apenas a cor do mar e a sua frescura na mão dela.

— Poderemos ver a cidade em breve — disse Touchstone, interrompendo o descanso mental dela. — Se as torres ainda estiverem de pé.

Sabriel anuiu pensativamente e retirou lentamente a mão da água, como se se separasse de uma amiga querida.

— Deve ser difícil para você — disse ela, quase para si mesma, sem esperar propriamente que ele lhe desse uma resposta. — Duzentos anos passados, o Reino caindo lentamente em ruínas enquanto dormia.

— Na realidade, não acreditei, até ver Nestowe e depois as torres na Foz do Belis — respondeu Touchstone. — Agora temo, mesmo por uma grande cidade que nunca acreditei que pudesse realmente mudar.

— Que falta de imaginação — disse Mogget, com austeridade. — Incapaz de pensar antecipadamente. Uma falha na sua personalidade. Uma falha fatal.

— Mogget — disse Sabriel com indignação, aborrecida pelo gato estragar outra possível conversa. — Porque está sendo tão grosseiro com Touchstone?

Mogget bufou e o pêlo eriçou-se no dorso.

— Sou exato, não grosseiro — respondeu, virando-lhes as costas com desprezo estudado. E ele o merece.

— Estou farta disto! — anunciou Sabriel. — Touchstone, o que Mogget sabe que eu não sei?

Touchstone ficou calado, os nós dos dedos brancos na cana do leme, os olhos focados no horizonte distante, como se já conseguisse ver as torres de Belisaere.

— Vai acabar por ter de me contar — disse Sabriel, uma parte da chefe de turma entrando na sua voz. — Certamente não pode ser mau, ou pode?

Touchstone umedeceu os lábios, hesitou, depois falou.

— Foi uma estupidez da minha parte, nenhum mal, minha ama. Há duzentos anos, quando a última Rainha reinou... creio... sei que sou parcialmente responsável pelo fracasso do Reino, o fim da linha de descendência real.

— O quê! — exclamou Sabriel. — Como foi isso possível?

— Sou — prosseguiu Touchstone, infelicíssimo, as suas mãos tremendo tanto que a cana do leme se moveu, fazendo o barco descrever um sulco num ziguezague louco. — Existe um... quer dizer...

Parou, respirou fundo, endireitou-se um pouco mais no banco e prosseguiu, como se relatasse uma ocorrência a um oficial graduado.

— Não sei até onde lhe posso contar, porque envolve as Cartas Grandes. Por onde começo? Pela Rainha, creio. Ela teve quatro filhos. O filho mais velho, Rogir, foi meu companheiro de brincadeira na infância. Foi sempre o líder, em todos os nossos jogos. Ele tinha as idéias, nós as seguíamos. Mais tarde, quando crescemos, as suas idéias tornaram-se estranhas, menos agradáveis. Afastamos. Eu fui para a Guarda; ele seguiu os seus próprios interesses. Sei agora que esses interesses devem ter incluído a Magia Livre e a necromancia, nunca suspeitei disso então. Deveria ter suspeitado, eu sei, mas ele era reservado e muitas vezes estava ausente. Por fim... quero dizer, alguns meses antes daquilo acontecer... bem, Rogir estivera fora vários anos. Voltou apenas antes do Festival

do Solstício de Inverno. Fiquei satisfeito por vê-lo, pois ele pareceu-me mais como era em criança. Perdera o interesse pelas bizarrias que o haviam atraído. Passamos mais tempo juntos de novo, vadiando pelas ruas, cavalgando, bebendo e dançando. Depois, um final de tarde, uma tarde fria e seca, quase ao pôr do Sol, eu estava de serviço, guardando a Rainha e as suas damas. Elas jogavam cranaque. Rogir veio ter com ela e pediu-lhe que o acompanhasse até ao local onde estão as Pedras Grandes... hei, não posso falar disso!

— Sim — interrompeu Mogget. Parecia cansado, como um gato vadio que apanhou muitos pontapés. — O mar lava tudo, por uns tempos. Podemos falar das Cartas Grandes, pelo menos durante um pouco. Tinha-me esquecido de que era assim.

— Continue — pediu Sabriel, toda entusiasmada. — Vamos aproveitar a vantagem enquanto podemos. As Pedras Grandes seriam as pedras e a argamassa da cantiga, a Terceira e a Quinta Cartas Grandes?

— Sim — respondeu Touchstone, vagamente, como se recitasse uma lição, com a Muralha. — As pessoas, ou lá o que fossem aqueles que criaram as Cartas Grandes, colocaram três nas linhas de descendência e duas nas construções físicas: a Muralha e as Pedras Grandes. Todas as pedras menores retiram o seu poder de umas ou de outras. As Pedras Grandes... Rogir veio e disse que faltava algo ali, algo que a Rainha precisava ver. Ele era seu filho, mas ela não tinha em grande conta a sabedoria dele nem acreditou nele quando citou os problemas com as Pedras. Era uma Maga da Carta e não sentia nada de errado. Além disso, estava ganhando no cranaque, por isso disse-lhe que esperasse até de manhã. Rogir virou-se para mim, pediu-me que intercedesse e, que a Carta me ajude, assim fiz. Acreditei em Rogir. Confiei nele e a minha convicção convenceu a Rainha. Acabou por concordar. Naquela altura o Sol já se pusera. Com Rogir, eu próprio, três guardas e duas damas de companhia, descemos até o reservatório onde estão as Pedras Grandes.

A voz de Touchstone diminuiu para um murmúrio ao prosseguir e tornou-se rouca.

Havia um mal terrível ali em baixo, mas era obra de Rogir, não descoberta sua.

— Existem seis Pedras Grandes e duas estavam sendo partidas, partidas com o sangue das suas próprias irmãs, sacrificadas com a Magia Livre dos esbirros dele quando nos a aproximamos. Vi os seus últimos segundos, a tênue esperança nos seus olhos turvos, quando a barca da Rainha surgiu flutuando na água. Senti o choque das Pedras partindo-se e lembro-me de Rogir vir por trás da Rainha, um punhal de lâmina denteada descendo rapidamente sobre a garganta dela. Tinha um cálice, um cálice dourado, um dos da Rainha, para apanhar o

sangue, mas fui muito lento, muito lento...

— Portanto, a história que me contou em Holehallow não era verdade — murmurou Sabriel, quando a voz de Touchstone falhou e sumiu e as lágrimas lhe desceram pelo rosto. — A Rainha não sobreviveu...

— Não — balbuciou Touchstone. — Mas não foi minha intenção mentir. Estava tudo misturado na minha cabeça.

— O que aconteceu?

— Os outros dois guardas eram homens de Rogir — prosseguiu Touchstone, a voz embargada pelas lágrimas, abafada pela tristeza. — Eles me atacaram, mas Vlare, uma das damas de companhia, atirou-se a eles. Fiquei louco, enfurecido, transtornado. Matei os dois guardas. Rogir saltara da barca e caminhava para as Pedras, segurando o cálice. Os seus quatro feiticeiros aguardavam, com capuzes escuros, à volta da terceira pedra, a próxima a ser partida. Não conseguiria alcançá-lo a tempo. Atirei a minha espada. Ela vôou direta a ele, atingindo-o por cima do coração. Ele gritou, o eco repercutindo-se sucessivamente, e virou-se para mim! Trespasado pela minha espada, mas continuando a andar, segurando aquele cálice abjeto de sangue no ar, como se me oferecesse uma bebida.

— “Pode dilacerar este corpo”, — disse ele, enquanto caminhava. — ”Arrancá-lo, como uma máscara mal feita. Mas não posso morrer.”

— Ele falava à distância de um braço de mim e apenas consegui olhar-lhe para o rosto, olhar para o mal que se encontrava por trás daquelas feições familiares... depois apareceu uma luz branca ofuscante, o som de sinos, sinos como os seus, Sabriel, e vozes, vozes ásperas... Rogir recuando, o cálice derramado, o sangue flutuando na água como óleo. Virei-me, vi guardas nas escadas, uma coluna espiralada ardente de fogo branco, um homem com espada e sinos... a seguir desmaiei ou fui deixado sem sentidos. Quando recobrei estava em Holehallow vendo o seu rosto. Não sei como fui parar lá, quem me pôs ali... apenas me consigo lembrar aos poucos.

— Devia ter me contado — disse Sabriel, tentando imprimir o máximo de compaixão possível à sua voz. — Mas talvez fosse preciso esperar que o mar o libertasse desse feitiço aprisionante. Diga-me, o homem com a espada e os sinos era o Abhorsen?

— Não sei — respondeu Touchstone. — Provavelmente.

— Quase com certeza, — diria acrescentou Sabriel. Olhou para Mogget, pensando naquela coluna de fogo em espiral. — Você também estava lá, não estava, Mogget? Liberto, na sua outra forma.

— Sim, eu estava lá — disse o gato. — Com o Abhorsen daquela época. Um Mago da Carta muito poderoso e um mestre dos sinos, mas um pouco

virtuoso demais para lidar com a traição. Tive uma dificuldade enorme em trazê-lo para Belisaere e, no fim, não chegamos suficientemente a tempo de salvar a Rainha ou as suas filhas.

— O que aconteceu? — murmurou Touchstone. — O que aconteceu?

— Rogir era já um dos Mortos quando voltou para Belisaere — informou Mogget com ar enfasiado, como se contasse uma patranha cínica a um grupo de amigos íntimos endurecidos pela experiência. — Mas apenas um Abhorsen podia ter sabido disso e ele não estava lá. O corpo verdadeiro de Rogir foi escondido Em algum lugar... está escondido em algum lugar... e ele usou uma construção da Magia Livre para a sua forma física. Em algum lugar ao longo do caminho dos seus estudos ele trocou a Vida verdadeira pelo poder e, como todos os Mortos, precisava tirar constantemente a vida para se afastar da Morte. Mas a Carta dificultou-lhe muito essa possibilidade em qualquer parte do Reino. Então ele decidiu destruir a Carta. Podia ter se limitado a partir algumas das pedras menores, Em algum lugar longe, mas isso só lhe teria proporcionado uma ínfima zona para predar e o Abhorsen em breve o expulsaria. Por isso decidiu partir as Pedras Grandes e para tal necessitava de sangue real, o sangue da sua própria família. Ou de Abhorsen ou das Clayr, claro, mas isso seria muito mais difícil de conseguir.

— Como ele era o filho da Rainha, inteligente e muito poderoso, quase alcançou os seus objetivos. Duas das Pedras Grandes foram partidas. A Rainha e as filhas mortas. Abhorsen interveio um pouco tarde demais. É certo que ele conseguiu impeli-lo bem para a Morte, mas, como o seu corpo verdadeiro nunca foi encontrado, Rogir tem continuado a existir. Mesmo da Morte tem orientado a dissolução do Reino, um reino sem uma família real, com uma das Cartas Grandes estropiada, corrompendo e enfraquecendo as outras. Ele não chegou a ser derrotado naquela noite, no reservatório. Apenas retardado, e durante duzentos anos tem tentado regressar, tentado reentrar na Vida...

— E conseguiu, não conseguiu? — interrompeu Sabriel. — Ele é a coisa chamada Kerrigor, aquela que os Abhorsens têm combatido durante gerações, tentando mantê-lo na Morte. Ele é aquele que voltou, o Morto Maior que assassinou a patrulha próximo do Cume Fendido, o amo do Mordicante.

— Não sei — respondeu Mogget. — O seu pai achava que sim.

— É ele afirmou — Touchstone com altivez. — Kerrigor era a alcunha de Rogir quando criança. Inventei-a no dia em que travamos um combate na lama. O seu nome completo do cerimonial era Rogirek.

— Ele ou os seus servos devem ter atraído o meu pai a Belisaere antes mesmo de emergir da Morte — pensou Sabriel em voz alta.

— Pergunto-me porque terá voltado para a Vida tão próximo da

Muralha?

— O corpo dele deve estar perto da Muralha. Precisaria estar perto dela — disse Mogget. — Devia sabê-lo. Para renovar a fórmula original que o impede de passar além do Último Portão.

— Sim — respondeu Sabriel, recordando os excertos *do Livro dos Mortos*. Estremeceu, mas reprimiu-o antes de se tornar um soluço violento. Por dentro, sentia vontade de gritar, chorar. Queria fugir para Ancelstierre, atravessar a Muralha, deixar para trás os Mortos *e a magia*, ir o máximo possível para sul. Mas reprimiu esses sentimentos e afirmou: — Um Abhorsen o derrotou uma vez. Posso voltar a fazê-lo. Mas primeiro temos de encontrar o corpo do meu pai.

Fez-se silêncio por um momento, à exceção do vento nas lonas e o suave sussurro do cordoame. Touchstone limpou os olhos com a mão e olhou para Mogget.

— Há uma coisa que gostaria de perguntar. Quem pôs o meu espírito na Morte e transformou o meu corpo em figura de proa?

— Nunca soube o que te acontecera — replicou Mogget. Os seus olhos verdes cruzaram-se com os de Touchstone e não foi o gato que pestanejou. — Mas deve ter sido Abhorsen. Você estava louco quando o tiramos do reservatório. Enlouquecido, provavelmente pela destruição das Pedras Grandes. Sem memória, sem nada. Parece que duzentos anos não foram suficientes para uma cura de sono. Ele deve ter visto algo em você ou as Clayr viram algo no gelo... ah, custou a dizer. Devemos estar nos aproximando da cidade e a influência do mar diminui. O aprisionamento regressa...

— Não, Mogget! — exclamou Sabriel. — Quero saber, preciso de saber quem você é. Qual a sua ligação com as Pedras...

A voz perdeu-se na garganta e a única coisa que saiu foi um gargarejo sobressaltado.

— Tarde demais — respondeu Mogget. Começou a lavar o pêlo, a língua rosada saindo, a cor viva em contraste com o pêlo branco.

Sabriel suspirou e olhou para o mar turquesa, depois para o Sol lá em cima, um disco amarelo num campo azul raiado de branco. Uma leve brisa enfunou a vela por cima dela, agitando-lhe o cabelo ao passar. As gaivotas voavam nela lá no alto, para se juntarem à massa grasnante das suas irmãs, alimentando-se de um cardume de peixes, o prateado intenso agitando-se próximo da superfície.

Estava tudo vivo, colorido, cheio de alegria de viver. Até o sabor de sal na sua pele, o cheiro de peixe e o seu próprio corpo por lavar se tornaram de alguma forma intensos e vivos. Bem, bem distante do passado triste de

Touchstone, da ameaça de Rogir/Kerrigor e da tonalidade cinzenta enregelante da Morte.

— Temos de ser muito cautelosos — disse finalmente Sabriel — e esperar que... o que foi que disse ao Ancião de Nestowe, Touchstone?

Ele adivinhou imediatamente ao que ela se referia.

— Espero que a Carta nos preserve a todos.

Sabriel esperara que Belisaere fosse uma cidade em ruínas, destituída de vida, mas não era assim. No momento em que viram as torres e as muralhas verdadeiramente imponentes que circundavam a península onde se encontrava a cidade, viram também barcos de pesca, do tamanho do deles. Pessoas pescando neles, pessoas normais, simpáticas, que acenaram e gritaram à passagem deles. Só a sua saudação era reveladora da possível situação em Belisaere. "Muito sol e água rápida" não era uma saudação típica na época de Touchstone.

Acedia-se de oeste ao porto principal da cidade. Um canal largo, balizado com bóias, passava por entre duas pesadas fortificações de defesa, conduzindo a uma grande lagoa, quase tão grande como vinte ou trinta campos de jogo. Os molhes revestiam três lados da lagoa, mas na sua maioria estavam desertos. A norte e a sul os armazéns apodreciam por trás dos molhes vazios, os muros caídos e os telhados esburacados testemunhando o longo abandono.

Apenas o cais oriental parecia animado. Não se viam os grandes navios mercantes de tempos passados, mas muitas embarcações costeiras pequenas, carregando e descarregando. Gruas balançavam para dentro e para fora; estivadores carregavam fardos ao longo de pranchas de embarque; crianças pequenas mergulhavam e nadavam por entre os barcos. Não havia quaisquer armazéns por trás destes molhes mas antes centenas de cabinas sem telhado, pouco mais do que estruturas garridamente decoradas delineando um pedaço de espaço, com mesas para os gêneros e bancos para os vendedores e clientes preferidos. Parecia não haver falta de clientes de um modo geral, reparou Sabriel, enquanto Touchstone se dirigia para um ancoradouro vazio. As pessoas aglomeravam-se em todo o lado, correndo como se o seu tempo estivesse lamentavelmente limitado.

Touchstone afrouxou a escota grande e virou o barco para o vento a tempo de perderem velocidade e deslizarem num ângulo oblíquo até às defesas que revestiam o molhe. Sabriel atirou uma corda, mas, antes de conseguir saltar para terra e prendê-la a um pegão, um garoto de rua o fez por ela.

— Uma moeda pelo nó — gritou, a voz esganiçada elevando-se acima do ruído da multidão. — Uma moeda pelo nó, senhora?

Sabriel fez um esforço para sorrir e atirou uma moeda de prata ao rapaz. Ele apanhou-a e desapareceu na corrente de pessoas que se deslocavam pelo cais. O sorriso de Sabriel esmoreceu. Consequia sentir muitos, muitos Mortos aqui... ou não precisamente aqui, mas mais lá em cima na cidade. Belisaere fora construída sobre quatro colinas, circundando um vale central, que se abria para o

mar neste porto. Tanto quanto os sentidos de Sabriel lhe indicavam, apenas o vale estava livre de Mortos desconhecia por que motivo. As colinas, que constituíam pelo menos dois terços da área da cidade, estavam infestadas deles.

Podia verdadeiramente afirmar-se que esta parte da cidade pululava de vida. Sabriel esquecera-se de como uma cidade podia ser buliçosa. Mesmo em Ancelstierre, raramente visitara algo maior do que Bain, uma cidade com apenas dez mil habitantes. Claro que Belisaere não era uma cidade grande pelos padrões ancelsierranos e não possuía os ruidosos ônibus e carros particulares que tinham contribuído significativamente para a poluição sonora de Ancelstierre nos últimos dez anos, mas Belisaere compensava-o com as pessoas. Pessoas correndo, discutindo, gritando, vendendo, comprando, cantando...

— Era assim antes? — gritou a Touchstone, quando subiram para o molhe, certificando-se de que traziam consigo os seus pertences.

— Não tanto. — respondeu Touchstone. — A Lagoa estava normalmente cheia, com barcos muito maiores, e havia aqui armazéns, não um mercado. Era também mais sossegada e as pessoas andavam menos apressadas.

Ficaram à beira do cais, observando a torrente humana e de mercadorias, ouvindo o tumulto e captando todos os novos odores da cidade em vez da frescura da brisa marítima. Alimentos cozidos, fumaça de madeira, incenso, óleo, o esporádico fedor repugnante do que só podiam ser os esgotos...

— Era também muito mais limpa — acrescentou Touchstone. — Olhem, acho melhor procurarmos uma estalagem ou hospedaria. Um lugar para passarmos a noite.

— Sim — respondeu Sabriel. Sentia-se relutante em entrar na maré humana. Não havia Mortos entre as pessoas, tanto quanto conseguia sentir, mas deviam ter algum tipo de compromisso ou acordo com os Mortos e isso cheirava-lhe muito pior do que os esgotos.

Touchstone tocou com um ombro em um rapaz que passava enquanto Sabriel continuava a olhar para a multidão, de nariz franzido. Falaram os dois por um momento, uma moeda de prata trocou de mãos, depois o rapaz introduziu-se na multidão, Touchstone atrás dele. Olhou para trás, viu Sabriel fitando absorta e agarrou-a pela mão, arrastando-a atrás de si e ao indolente Mogget enrolado no pescoço dele como uma gola de raposa.

Era a primeira vez que Sabriel lhe tocava desde que ele fora reanimado e ficou surpresa pelo choque que isso lhe causou. Certamente a sua mente andara divagando e fora um puxão súbito... a mão dele parecia ser maior do que deveria e, curiosamente, calosa e texturada. Rapidamente retirou a sua mão da dele e concentrou-se em segui-lo e ao rapaz, circulando no sentido do grosso da multidão.

Chegaram no meio de um mercado aberto em cima, ao longo de uma rua com poucas cabinas obviamente a rua do peixe e da caça. A extremidade do porto pululava com caixas e caixas de peixe, de olhos vivos e debatendo-se. Os vendedores gritavam os seus preços ou a melhor compra e os compradores gritavam ofertas ou espanto ante o preço. Cestos, sacos e caixas trocavam de mãos, os vazios para serem enchidos com peixe e lagostas, lulas ou crustáceos. As moedas iam de palma em palma ou, esporadicamente, bolsas inteiras vomitavam o seu conteúdo reluzente para dentro das algibeiras à cintura dos tendeiros.

No outro extremo estava um pouco mais sossegado. As bancas aqui tinham gaiolas com frangos, mas o negócio decorria mais lentamente e muitos dos frangos pareciam velhos e atrofiados. Sabriel, vendo um homem hábil com uma faca decapitando fila após fila de frangos e atirando-os sem cabeça para dentro de uma caixa, concentrou-se em pôr termo à sua experiência confusa e atordoada da morte.

Para lá do mercado havia uma faixa larga de terreno vazio. Via-se que fora intencionalmente limpo, primeiro com o fogo, depois com alvião, pá e enxada. Sabriel perguntou-se porquê, até ver o aqueduto que seguia por trás desta faixa de baldio. A população da cidade que vivia no vale não tinha um acordo com os Mortos a sua parte da cidade era limitada por aquedutos e os Mortos não podiam caminhar debaixo de água corrente nem sobre ela.

O terreno limpo era uma precaução, permitindo aos aquedutos serem guardados e Sabriel não tardou a ver uma patrulha de arqueiros marchando por cima dele, as suas formas em movimentos regulares silhuetados, marionetes-sombra em contraste com o céu. O rapaz que os conduzia levou-os a um arco central, que se elevava através de dois dos quatro andares do aqueduto, e havia ali mais arqueiros. Os arcos menores continuavam de cada lado, sustentando o canal principal do aqueduto, mas estes estavam maciçamente cobertos com espinheiros, para impedir a entrada não autorizada dos vivos, enquanto a água rápida por cima afastava os Mortos.

Sabriel aconchegou a capa de barqueiro quando passaram baixo do arco, mas os guardas não lhes dedicaram mais atenção do que a necessária para extorquir uma moeda de prata de Touchstone. Pareciam soldados de terceira categoria ou mesmo de quarta, sendo provavelmente polícias, marinheiros em vez de outra coisa. Nenhum ostentava a marca da Carta ou apresentava qualquer vestígio de Magia Livre.

Por trás do aqueduto, as ruas serpenteavam caoticamente a partir de uma praça de pavimento irregular, adornada com uma fonte de jorros excêntricos a água brotava das orelhas de uma estátua, uma estátua de um homem

impressionantemente coroadado.

— O Rei Anstyr III — informou Touchstone, apontando para a fonte. — De qualquer forma, ele tinha um estranho sentido de humor. Ainda bem que continua ali.

— Para onde vamos? — perguntou Sabriel. — Sentia-se melhor agora que sabia que o conjunto dos cidadãos não estava de conluio com os Mortos.

— Este rapaz diz que conhece uma boa estalagem — respondeu Touchstone, indicando o garoto de rua andrajoso que sorria mesmo fora do alcance do soco sempre esperado.

— O Sinal dos Três Limões — disse o rapaz. — A melhor da cidade, senhor, senhora.

Acabara de se virar para a frente para prosseguir quando se ouviu o som de um sino mal tocado, vindo de algum lugar da direção do porto. Tocou três vezes, o som fazendo os pombos levantar vôo da praça.

— O que é aquilo? — perguntou Sabriel.

O rapaz olhou para ela, boquiaberto.

— O sino.

— O pôr do Sol — respondeu o rapaz, assim que percebeu o que ela queria saber. Disse-o como se afirmasse o extraordinariamente óbvio. — Cedo, acho. Devem vir aí nuvens ou qualquer coisa.

Todos recolhem quando o sino do pôr do Sol toca? — perguntou Sabriel.

— Claro — resmungou o rapaz. — Caso contrário, os fantasmas ou os espectros nos apanham.

— Estou vendo — replicou Sabriel. — Continue.

Surpreendentemente, o Sinal dos Três Limões era uma estalagem bastante agradável. Um edifício caiado de quatro andares, confrontava com uma praça menor a cerca de duzentos metros da Praça da Fonte do Rei Anstyr. Havia três limoeiros enormes no meio da praça, de alguma forma cobertos de folhas de cheiro agradável e quantidades abundantes de fruta, não obstante a época do ano. “Magia da Carta”, pensou Sabriel, e, com toda a certeza, havia uma Pedra da Carta escondida entre as árvores e uma série de antigas fórmulas de fertilidade, calor e prodigalidade. Sabriel cheirou o ar agradavelmente fragrante a limão, grata por o quarto dela ter uma janela com vista para a praça. Atrás de si, uma criada enchia uma banheira de folha com água quente. Vários baldes grandes tinham já sido despejados este seria o último. Sabriel fechou a janela e veio espreitar, ansiosa, a água ainda fumegante.

— É tudo, menina? — perguntou a criada, esboçando uma ligeira vênia.

— Sim, obrigada — respondeu Sabriel. A criada transpôs a porta e Sabriel correu o fecho, antes de despir a capa e depois a armadura e a roupa com

cheiro de suor e sal incrustados que se colava praticamente a ela após quase uma semana no mar. Nua, encostou a espada à borda da banheira, ao alcance da mão, a seguir mergulhou, grata, na água, pegando o sabonete com aroma a limão para começar a retirar a sujeira e o suor secos.

Conseguiu ouvir, através da parede, uma voz masculina a voz de Touchstone. Depois a água gorgolejando, aquela criada rindo. Sabriel parou de se ensaboar e concentrou-se no som. Era difícil de ouvir, mas houve mais risos abafados, uma voz masculina cava, indistinta, depois uma pancada sonora na água. Como dois corpos numa banheira em vez de um.

Fez-se silêncio por um tempo, depois mais chapes, arfadas, risadas seria Touchstone rindo? Depois uma série de gemidos curtos, fortes. De mulher. Sabriel corou e rangeu os dentes ao mesmo tempo, a seguir mergulhou rapidamente a cabeça na água para não ouvir, deixando apenas o nariz e a boca de fora. Debaixo de água reinava o silêncio, à exceção do bater monótono do seu coração, ecoando nos seus ouvidos inundados.

O que importava? Não pensava em Touchstone daquela maneira. O sexo era a última coisa que tinha em mente. Apenas outra complicação contracepção, porcaria de emoções. Já tinha problemas de sobra. Concentrar-se num plano. Pensar antecipadamente. Era apenas por Touchstone ser o primeiro homem que conhecera fora do colégio, nada mais. Não tinha nada com isso. Nem sequer sabia o seu nome verdadeiro...

Uma pancada surda na parte lateral da banheira fê-la erguer a cabeça da água, mesmo a tempo de ouvir do outro lado da parede um gemido muito presunçoso, masculino e arrastado. Preparava-se para voltar a enfiar a cabeça debaixo de água quando o focinho rosado de Mogget apareceu junto à borda da banheira. Então sentou-se, a água descendo-lhe em cascata pelo rosto, ocultando as lágrimas cuja presença rejeitou de si para si. Furiosa, cruzou os braços sobre os seios e disse:

— O que você quer?

— Achei que gostaria de saber que o quarto de Touchstone fica daquele lado — disse Mogget, indicando o quarto silencioso em frente do ocupado pelo casal ruidoso. — Não tem banheira, por isso ele gostaria de saber se pode usar a sua quando terminar. Entretanto, está à espera lá embaixo, procurando saber as novidades da região.

— Oh! — respondeu Sabriel. Olhou para a parede distante, silenciosa, depois de novo para a parede próxima, onde os ruídos humanos se perdiam agora significativamente nos gemidos das molas do colchão. — Bem, diga-lhe que não demoro.

Vinte minutos depois, Sabriel, limpa, envergando um vestido emprestado tornado inarmônico pelo cinturão da espada (a bandoleira dos sinos encontrava-se debaixo da cama, com Mogget dormindo em cima dela), deslocou-se vagarosamente, calçando chinelos, pela sala comum quase vazia e bateu nas costas salgadas e sujas de Touchstone, fazendo-o entornar a cerveja.

— É a sua vez da banheira — anunciou Sabriel, animada, — meu espadachim malcheiroso. Acabei de mandar enchê-la de novo. Espero que não se importe.

— Porque haveria de me importar? — perguntou Touchstone, tão intrigado com os modos como com a pergunta dela. — Só me quero lavar, é tudo.

— Ótimo — respondeu Sabriel, obscuramente. — Vou mandar servir o jantar no seu quarto para podermos fazer planos enquanto comemos.

A planificação não demorou muito tempo, nem tão-pouco veio afetar o que de outro modo seria uma ocasião relativamente festiva. Estavam seguros no momento, lavados, bem alimentados e em condições de esquecer por uns tempos os problemas passados e os receios futuros. Mas, assim que o último prato um guisado de lula, com alho, cevada, abóbora-amarela e vinagre de estragão foi retirado, o presente reafirmou-se, não faltando com as preocupações e a angústia.

— Acho que o lugar mais provável para encontrarmos o corpo do meu pai será no... naquele lugar, onde a Rainha foi morta — disse Sabriel, lentamente. — O reservatório. A propósito, onde fica?

— Debaixo da Colina do Palácio — respondeu Touchstone.

— Existem várias maneiras diferentes de entrar. Ficam todas por trás deste vale protegido pelo aqueduto.

— Provavelmente está certa em relação ao seu pai — comentou Mogget do seu ninho de cobertores no meio da cama de Touchstone. — Mas esse é também o lugar mais perigoso para irmos. A Magia da Carta terá sido bastante reforçada, incluindo vários aprisionamentos, e existe uma hipótese do nosso inimigo...

— Kerrigor — interrompeu Sabriel. — Mas ele pode não estar lá. Mesmo que esteja podemos esgueirar-nos...

— Poderíamos esgueirar-nos pelas extremidades — disse Touchstone. — O reservatório é enorme e existem centenas de colunas. Mas passar a vau faz barulho e a água está muito parada, o som é transportado. E as seis... aquilo que sabe... estão no meio.

— Se eu conseguir encontrar o meu pai e trazer o espírito dele de volta ao corpo — afirmou Sabriel obstinadamente, — nesse caso podemos enfrentar o que quer que nos espera. Isto é a primeira coisa. O meu pai. Tudo o mais é

apenas uma complicação que veio por consequência.

— Ou a precedeu — disse Mogget. — Por isso calculo que o seu plano-mestre seja entrar sorrateiramente até onde nos for possível, encontrar o corpo do seu pai, que, esperamos, estará guardado num canto seguro, e depois vemos o que acontece?

— Iremos no meio de um dia de sol, um dia claro... — começou Sabriel.

— É subterrâneo — interrompeu Mogget.

— Nesse caso podemos refugiar-nos na luz do Sol — prosseguiu Sabriel em tom apaziguador.

— E existem poços de luz — acrescentou Touchstone. — Ao meio-dia é uma espécie de crepúsculo difuso lá embaixo, com manchas de sol tênue na água.

— Portanto, vamos procurar o corpo do Pai, nós o trazemos para um local seguro aqui — disse Sabriel — e... e tiramos as coisas de lá.

— Parece-me um plano incrivelmente brilhante — murmurou Mogget. — O gênio da simplicidade...

— Tem outra idéia? — respondeu Sabriel. — Já tentei e não sou capaz. Quem me dera ir para casa em Ancelstierre e esquecer tudo, mas, nesse caso, nunca mais voltaria a ver meu Pai e os Mortos destruiriam tudo o que estivesse vivo em todo este Reino podre. Talvez não de certo, mas pelo menos estarei fazendo uma tentativa, como o Abhorsen que é suposto eu ser e você está sempre dizendo que não sou!

Este dito foi recebido com silêncio. Touchstone desviou o olhar, embaraçado. Mogget olhou para ela, bocejou e encolheu os ombros.

— Por acaso não me ocorre mais nada. Tornei-me estúpido ao longo dos milênios, ainda mais estúpido do que os Abhorsens que sirvo.

— Acho que é um plano tão bom como qualquer outro — afirmou Touchstone, inesperadamente. Hesitou, depois acrescentou: — Muito embora tenha medo.

— Eu também — murmurou Sabriel. — Mas se amanhã fizer sol iremos até lá.

— Sim — concordou Touchstone. — Antes que o nosso medo aumente mais.

Abandonar a segurança do bairro de Belisaere delimitado pelo aqueduto afigurou-se uma tarefa mais difícil do que entrar nele, particularmente através da arcada setentrional, que conduzia à rua de casas decrepitas há muito abandonadas, subindo em direção às colinas a norte da cidade.

Havia seis guardas na arcada e pareciam consideravelmente mais alerta e eficientes do que aqueles que guardavam o caminho desde o cais. Havia também um grupo de outras pessoas à frente de Sabriel e Touchstone, à espera de que as deixassem passar. Nove homens, todos com as marcas da violência estampadas no semblante, pela maneira como falavam e se moviam. Cada um estava armado, indo as armas dos punhais a um machado de lâmina larga. A maioria deles carregava também arcos curtos, profundamente curvados, suspensos das costas.

— Quem são estas pessoas? — perguntou Sabriel a Touchstone. — Porque vão para a parte Morta da cidade?

— Saqueadores — respondeu Touchstone. — Algumas das pessoas com quem falei ontem à noite mencionaram-nos. Houve partes da cidade que foram abandonadas muito rapidamente aos Mortos, por isso existe ainda muito que procurar e saquear. Uma empresa arriscada, me parece...

Sabriel anuiu pensativa e olhou para os homens, a maioria dos quais estava sentada ou acorada junto à parede do aqueduto. Alguns olharam-na também, desconfiados. Por um momento pensou que eles pudessem ter visto os sinos debaixo da capa, identificando-a como necromante, depois percebeu que ela e Touchstone pareciam, muito provavelmente, saqueadores concorrentes. Afinal, quem mais queria abandonar a proteção da água corrente? Sentiu-se um pouco como um saqueador persistente. Apesar de acabada de se lavar e esfregar, as suas roupas e a armadura não eram as peças mais agradáveis de usar. Estavam também ainda ligeiramente úmidas e a capa de barqueiro que a cobria encontrava-se na fronteira entre o úmido e o molhado, porque não fora devidamente pendurada depois de lavada. Vendo as coisas pelo lado positivo, cheirava tudo a limão, pois as lavadeiras do Sinal dos Três Limões tinham usado sabão com perfume de limão.

Sabriel julgou que os saqueadores tinham estado à espera dos guardas, mas era evidente que haviam aguardado algo mais, que avistaram subitamente atrás dela. Os homens sentados ou acorados levantaram-se, resmungando e praguejando, e juntaram-se em algo que lembrava uma fila.

Sabriel olhou por cima do ombro para saber o que eles viam e ficou

estarecida. Pois vinham dois homens em direção ao arco e cerca de vinte crianças, crianças com idades entre os seis e os dezesseis anos. Os homens tinham o mesmo ar que os outros saqueadores e traziam chicotes de quatro pontas. As crianças estavam acorrentadas pelos tornozelos, as algemas presas a uma comprida corrente central. Um homem segurava a corrente, conduzindo as crianças pelo meio da rua. O outro seguia atrás, cortando ociosamente o ar por cima dos corpos pequenos com o seu chicote, as quatro pontas roçando esporadicamente a orelha ou a parte de cima de uma cabeça pequena.

— Também ouvi falar disto — murmurou Touchstone, aproximando-se mais de Sabriel, levando as mãos aos punhos das espadas. — Mas pensei tratar-se de uma conversa enquanto se tomava um copo de cerveja. Os saqueadores usam as crianças, escravos, como armadilhas, ou isca, para os Mortos. Deixam-nas num lugar, para afastar os Mortos do lugar onde tencionam passar busca.

— Isto é... repugnante! — enfureceu-se Sabriel. Imoral! — São escravizadores e não saqueadores! Temos de acabar com isto!

— Avançou, — a mente já a formar uma fórmula da Carta para cegar e confundir os saqueadores, mas uma dor aguda no pescoço impediu-a. Mogget, que seguia aos ombros dela, cravara-lhe as unhas por baixo do queixo. O sangue escorreu em fios finos, enquanto lhe sibilava junto ao ouvido.

— Espere! São nove saqueadores e seis guardas, com mais por perto. Em que é que isso beneficiará estas crianças e todas as outras que possam vir se vocês forem mortos? São os Mortos que estão na raiz deste mal e o trabalho de Abhorsen tem a ver com os Mortos!

Sabriel imobilizou-se, estremecendo, as lágrimas de fúria e de raiva acumulando-se nos cantos dos olhos. Mas não atacou. Ficou ali, observando as crianças. Pareciam resignadas ao seu destino, silenciosas, sem esperança. Não se preocupavam sequer com as correntes, imóveis, cabisbaixas, até os saqueadores voltarem a chicoteá-las e elas empreenderem uma marcha desalentada em direção à arcada.

Em breve tinham ultrapassado o arco, dirigindo-se para a rua em ruínas, a equipe de saque seguindo lentamente atrás deles. O sol incidia com força na rua empedrada, refletindo-se na armadura e nas armas e por breves instantes na cabeça loura de um rapazinho. Depois desapareceram, virando à direita, tomando o caminho da Colina do Falsário.

Sabriel, Touchstone e Mogget seguiram, depois de passarem dez minutos negociando com os guardas. Primeiro, o chefe, um homem grande com uma couraça de pele suja de molho, quis ver uma "licença oficial de saqueador", mas esta acabou por se traduzir num pedido de suborno. Depois foi uma mera questão de regatear, até ao preço final de três moedas de prata tanto por Sabriel

como por Touchstone e uma pelo gato. Estranha conta, pensou Sabriel, mas felizmente que Mogget decidira ficar calado, não emitindo a opinião de que estava sendo subestimado.

Passado o aqueduto e a barreira calmante de água corrente, Sabriel sentiu a presença imediata dos Mortos. Estavam por todo o lado, nas casas em ruínas, nas caves e nos canos de esgoto, espreitando de onde quer que a luz do Sol não entrasse. Adormecidos. Aguardando a noite, enquanto o Sol brilhasse.

De muitas formas, os Mortos de Belisaere eram réplicas diretas dos saqueadores. Escondidos de dia, apanhavam o que podiam à noite. Havia muitos, muitos Mortos em Belisaere, mas eram fracos, covardes e invejosos. Combinado, o seu apetite era enorme, mas a oferta de vítimas lamentavelmente limitada. Cada manhã via inúmeros deles perderem o apego à Vida, para caírem na Morte. Mas muitos mais voltavam...

— Há milhares de Mortos aqui — disse Sabriel, os olhos movendo-se de um lado para o outro. — Estão fracos, na sua maior parte, mas são tantos!

— Vamos direto ao reservatório? — perguntou Touchstone. Havia ali uma pergunta não mencionada, sabia Sabriel. — Deveriam, poderiam, salvar primeiro as crianças?

Ela olhou para o céu e o Sol antes de responder. Tinham cerca de quatro horas de luz do Sol forte, se não aparecessem nuvens. Pouquíssimo tempo, de qualquer forma. Presumindo que derrotariam os saqueadores, poderiam deixar para amanhã a procura do seu pai? Cada dia tornava menos provável que o espírito e o corpo dele pudessem ser reunidos outra vez. Sem ele não conseguiriam derrotar Kerrigor e Kerrigor tinha de ser derrotado para poderem ter alguma esperança de reparar as pedras da Carta Grande, expulsando os Mortos do Reino...

— Iremos diretamente para o reservatório — afirmou Sabriel, lentamente, tentando apagar um súbito fragmento de memória visual; a luz do Sol na cabeça daquele corpito, os passos arrastados...

— Talvez nós... talvez consigamos salvar as crianças na volta. — Touchstone seguiu na dianteira com confiança, mantendo-se no meio das ruas, onde o sol era mais forte. Durante quase uma hora percorreram ruas vazias, desertas, o único som o estalido das botas deles nas pedras. Não havia aves nem animais. Nem sequer insetos. Apenas ruína e decadência.

Chegaram finalmente a um parque com vedação de ferro que rodeava a base da Colina do Palácio. no alto da colina, pedaços de pedra enegrecida e madeira carbonizada eram tudo o que restava do Palácio Real.

— O último Regente incendiou-o — disse Mogget, quando os três pararam para olhar. — Há cerca de vinte anos. Estava ficando infestado de

Mortos, apesar de todos os guardas e vigias que os vários Abhorsen de visita instalaram. Dizem que o Regente enlouqueceu e tentou queimá-los.

— O que aconteceu a ele? — perguntou Sabriel.

— A ela, na verdade — replicou Mogget. — Ela morreu no incêndio, os Mortos levaram-na. E isso marcou o fim de qualquer tentativa de governar o Reino.

— Era um edifício bonito — recordou Touchstone. — Podia ver-se todo o Saere. Tinha tetos altos e um inteligente sistema de respiradouros e poços para captar a luz e a brisa marítima. Havia sempre música e danças. Em algum lugar no Palácio e o jantar do solstício de Verão no jardim do telhado, com mil velas perfumadas acesas...

Suspirou e apontou para um buraco na vedação do parque.

— Podíamos perfeitamente entrar por aqui. Existe uma entrada para o reservatório numa das grutas ornamentais do parque. Apenas cinquenta passos até à água, em vez dos cento e cinquenta do Palácio propriamente dito.

— Cento e cinquenta e seis — corrigiu Mogget. — Se bem me lembro.

Touchstone encolheu os ombros e enfiou-se pelo buraco, para a terra mole do parque. Não havia ninguém nem nada à vista, mas, de qualquer forma, puxou as espadas. Existiam árvores grandes próximo e, conseqüentemente, sombras.

Sabriel seguiu-o, Mogget pulando dos ombros dela para caminhar na dianteira e cheirar o ar. Sabriel puxou também a sua espada, mas não mexeu nos sinos. Havia Mortos nas imediações, mas nenhum perto. O parque ficava muito exposto à luz do dia.

As grutas ornamentais situavam-se apenas a cinco minutos de marcha, além de um lago fétido que outrora exibira sete estátuas de tritões barbudos jorrando água. Agora, as suas bocas estavam obstruídas com folhas podres e o lago quase sólido com o lodo amarelo-esverdeado.

Existiam três entradas para a gruta, lado a lado. Touchstone conduziu-os pela entrada central maior. Degraus de mármore guarneciam os primeiros três ou quatro metros e colunas de mármore sustentavam o teto da entrada.

— Avança apenas cerca de quarenta passos colina adentro — explicou Touchstone, quando acenderam as velas à entrada, os fósforos de enxofre acrescentando o seu próprio cheiro ao ar desagradavelmente frio e úmido da gruta. — Foram construídas para piqueniques no pino do Verão. Existe uma porta ao fundo desta, mas cederá a uma fórmula da Carta. A escada fica logo por trás e é bastante direita, mas não existem poços de luz. E é estreita.

— Nesse caso irei à frente — disse Sabriel, com uma firmeza que denunciava a fraqueza nas suas pernas e a agitação no seu estômago. — Não

consigo sentir a presença de qualquer Morto, mas podem estar ali...

— Muito bem — afirmou Touchstone, após um momento de hesitação.

— Não precisa vir, sabe — disse subitamente Sabriel, quando se encontravam diante da gruta, as velas tremulando absurdamente ao sol. De repente sentiu-se tremendamente responsável por ele. Parecia assustado, muito mais branco do que deveria, quase tão pálido quanto um necromante sugado pela Morte. Vira coisas terríveis no reservatório e, apesar de se auto-recriminar, Sabriel não acreditava que fosse culpado. Não era o pai dele que estava lá embaixo. Ele não era um Abhorsen.

— Tenho de ir — respondeu Touchstone. Mordeu o lábio inferior nervosamente. — Tem de ser. Caso contrário nunca irei me libertar das minhas lembranças. Tenho de fazer algo, criar novas e melhores lembranças. Preciso... procurar a redenção. Além disso, ainda pertenço à Guarda Real. É meu dever.

— Assim seja — disse Sabriel. — De qualquer forma ainda bem que está aqui.

— Eu também acho, de uma forma algo estranha — disse Touchstone e quase, mas não propriamente, sorriu.

— Pois eu não — interrompeu Mogget, em tom decidido. — Vamos continuar com isto. Estamos desperdiçando a luz do Sol.

A porta estava trancada, mas abriu-se facilmente com a fórmula de Sabriel, os símbolos simples da Carta para fazer rodar a fechadura e abrir a fluírem da mente dela através do dedo indicador, que estava encostado ao buraco da fechadura. Mas, apesar do feitiço ser bem-sucedido, fora difícil de lançar. Mesmo aqui, as pedras partidas da Carta Grande exerciam uma influência que destruía a Magia da Carta.

A luz fraca da vela mostrou degraus úmidos, desfazendo-se, conduzindo diretamente para baixo. Nem curvas nem voltas, apenas um lance direto a caminho da escuridão.

Sabriel avançou vacilante, sentindo a pedra mole desfazer-se debaixo das suas botas pesadas, tendo que apoiar os calcanhares bem atrás em cada degrau. O que veio retardar o progresso, com Touchstone atrás dela, a luz da sua vela projetando a sombra de Sabriel nos degraus em frente, pelo que se via alongada e distorcida, penetrando no escuro além da luz.

Sentiu o cheiro do reservatório antes de vê-lo, Em algum lugar próximo do trigésimo nono degrau. Um cheiro frio e úmido que lhe penetrou nas narinas e nos pulmões e a encheu da impressão de uma extensão fria.

Depois, os degraus terminaram junto a uma porta ao fundo de uma entrada ampla e retangular, uma câmara gigante onde colunas de pedra se erguiam como uma floresta para sustentar um teto dezoito metros acima da

cabeça dela e o chão diante de si não era de pedra, mas de água tão fria e parada quanto a pedra. À volta das paredes, poços pálidos de luz solar atravessavam em contraponto as colunas de sustentação, projetando discos de luz na água. Estes transformavam a borda do reservatório num complexo estudo de luz e sombra, mas o centro permanecia uma incógnita, envolto em forte escuridão.

Sabriel sentiu Touchstone tocar-lhe no ombro, depois ouviu o murmúrio dele.

— Dá mais ou menos na cintura. Procure entrar o mais silenciosamente possível. Vá, eu levo a sua vela.

Sabriel assentiu, estendeu-lhe a vela, desembainhou a espada e sentou-se no último degrau, antes de avançar lentamente água dentro.

Estava fria, mas não insuportável. Apesar do cuidado de Sabriel, a ondulação irradiava dela, prata na água escura, e houvera um ínfimo chape. Os pés dela tocaram no fundo e reprimiu parcialmente uma arfada. Não do frio, mas da consciencialização súbita das duas pedras partidas da Carta Grande. Atingiu-a como o começo selvagem de uma gripe gástrica, provocando câibras no estômago, suores súbitos e tonturas. Curvada, agarrou-se ao degrau, até as primeiras dores diminuírem para uma moinha constante. Era muito pior do que as pedras menores partidas no Cume Fendido e em Nestowe.

— O que é? — murmurou Touchstone.

— Ah... as pedras partidas — segredou Sabriel. Respirou fundo, desejando que a dor e o desconforto passassem. — Eu consigo suportar. Tenha cuidado quando entrar.

Desembainhou a espada e recuperou a vela de Touchstone, que se preparava para entrar na água. Apesar de advertido, viu-o estremecer quando os seus pés tocaram no fundo e o suor irrompeu em fios na testa dele, refletindo a ondulação proveniente da sua entrada.

Sabriel contou que Mogget saltasse para o ombro dela, dada a sua aparente aversão por Touchstone, mas ele surpreendeu-a, saltando para o homem. Touchstone também se mostrou nitidamente surpreendido, mas recompôs-se bem. Mogget enrolou-se à volta da nuca de Touchstone e miou baixinho.

— Mantnha-se junto às extremidades, se puder. A corrupção, a quebra, terá efeitos ainda mais desagradáveis próximo do centro.

Sabriel ergueu a espada em assentimento e avançou, acompanhando a parede do lado esquerdo, tentando afetar o mínimo possível a tensão superficial da água. Mas o agitar suave do deslocamento deles parecia muito sonoro, ecoando e espalhando-se para cima e para os lados através da cisterna, fazendo aumentar o outro único ruído, o pingar regular de água, caindo do teto ou

resvalando mais tranquilamente pelas colunas.

Não conseguia pressentir qualquer Morto, mas não tinha certeza de isso se dever às pedras partidas. Afligiam-lhe o coração, como um ruído constante alto demais; o estômago apertava-se; tinha a boca cheia do gosto acre de bÍlis.

Haviam chegado ao canto noroeste, por baixo de um dos poços de luz, quando a luz diminuiu subitamente e o reservatório ficou escuro num ápice, à exceção do brilho ínfimo e suave das velas.

— Uma nuvem — sussurrou Touchstone. — Irá passar.

Sustiveram a respiração, olhando para cima, para o minúsculo contorno de claridade lá em cima, e foram recompensados quando a luz do Sol voltou a descer por ali abaixo. Aliviados, recomeçaram a caminhar, seguindo a longa parede oeste-leste. Mas foi alívio de pouca tempo. Outra nuvem atravessou o Sol, Em algum lugar naquele ar fresco lá tão alto por cima deles, e a escuridão regressou. Mais nuvens se seguiram, até haver apenas breves momentos de luz intercalados com longos períodos de escuridão total.

O reservatório parecia mais frio sem o sol, mesmo um sol diluído pela descida pelos poços longos através da terra. Sabriel sentia agora o frio, acompanhado do receio súbito, irracional, de que se tivessem demorado excessivamente e fossem emergir numa noite cheia de Mortos famintos de vida, aguardando. Touchstone sentiu igualmente o frio, mais acentuado pelas suas recordações de duzentos anos, quando entrara nesta mesma água e vira a Rainha e as duas filhas sacrificadas e as Pedras Grandes partidas. Houvera então sangue na água e via-o ainda um único momento parado no tempo que não lhe saía da cabeça.

Não obstante estes receios, foi a escuridão que os ajudou. Sabriel viu um brilho, uma tênue luminescência à sua direita, Em algum lugar na direção do centro. Protegendo os olhos do brilho da vela indicou-o a Touchstone.

— Existe algo ali — concordou ele, a sua voz tão baixa que Sabriel mal a ouviu. — Mas encontra-se pelo menos a quarenta passos em direção ao centro.

Sabriel não respondeu. Sentira algo daquela luz tênue, algo como a ligeira sensação na nuca que notava quando a projeção do pai a visitava no colégio. Abandonando a parede, avançou pela água, a ondulação desenhando um V atrás dela. Touchstone olhou de novo, depois seguiu-a, combatendo a náusea que subia nele, vindo em ondas como doses repetidas de um emético. Também estava tonto e já não conseguia sentir muito bem os pés.

Avançaram trinta passos, a dor e a náusea agravando-se cada vez mais.

Depois Sabriel estacou bruscamente, Touchstone erguendo a espada e a vela, os olhos procurando um ataque. Mas não estava presente qualquer inimigo. Uma luz intensa veio de um losango de proteção, as quatro marcas cardeais

incandescentes debaixo de água, linhas de força faiscando entre elas.

No meio do losango encontrava-se uma figura em forma de homem de pé, as mãos vazias esticadas, como se já tivessem segurado armas. A geada orlava-lhe as roupas e o rosto, obscurecendo-lhe as feições, e o gelo rodeava a água à volta da sua cintura. Mas Sabriel não tinha dúvidas quanto à sua identidade.

— Pai — murmurou, o murmúrio ecoando através da água escura, indo juntar-se aos sons tênues do constante gotejar.

O losango está concluído — disse Touchstone. — Não seremos capazes de move-lo.

— Sim, eu sei — respondeu Sabriel. O alívio que pairara dentro dela ao avistar o pai estava diminuindo, dando lugar ao mal-estar causado pelas pedras partidas. — Acho... acho que temos de ir daqui até à Morte e trazer o seu espírito de volta.

— O quê! — exclamou Touchstone. Depois, mais calmo, quando os ecos se propagaram: — Daqui?

— Se lançarmos o nosso losango de proteção... — prosseguiu Sabriel, pensando em voz alta. — Um grande, envolvendo nós dois e o losango do Pai, manterá afastada a maior parte do perigo.

— A maior parte do perigo — repetiu Touchstone, em tom sinistro, olhando à sua volta, tentando ver além dos estreitos limites do pequeno círculo luminoso da vela. Nos prenderá aqui também, mesmo que o lancemos, tão próximo das pedras partidas. Sei que não o conseguiria fazer sozinho, nesta altura.

— Deveríamos conjugar os nossos esforços. Depois, se você e Mogget ficarem de vigia enquanto eu estiver na Morte, conseguiremos.

— O que acha, Mogget? — perguntou Touchstone, virando a cabeça, a sua face roçando a do animalzito no seu ombro.

— Já tenho os meus próprios problemas — resmungou Mogget. E acho que provavelmente é uma armadilha. Mas, já que estamos aqui e o Abhorsen Emérito, digamos, parece estar vivo, suponho que não há nada mais a fazer.

— Não me agrada — segredou Touchstone. — O fato de se encontrar tão próximo das pedras partidas retirava-lhe a maior parte da força. E o fato de Sabriel entrar na Morte parece uma loucura, um desafio ao destino. Quem sabia o que podia espreitar na Morte, tão perto do portal criado pelas pedras partidas? Já agora, quem sabia o que espreitava dentro ou à volta do reservatório?

Sabriel não respondeu. Aproximou-se mais do losango de proteção do pai, observando as marcas cardeais debaixo de água. Touchstone seguiu relutantemente, obrigando as suas pernas a deslocarem-se em passos curtos, minimizando o chape e a ondulação atrás de si.

Sabriel apagou a sua vela, enfiou-a no cinto, depois estendeu a palma da mão aberta.

— Guarde a sua espada e dê-me a sua mão — disse ela num tom que não convidava à conversa ou à discussão. Touchstone hesitou, a sua mão esquerda

segurava apenas uma vela e não queria ter ambas as suas espadas embainhadas, depois acedeu. A mão dela estava fria, mais fria do que a água. Instintivamente, agarrou com um pouco mais de força, para lhe transmitir algum do seu calor.

— Mogget, fique atento — instruiu Sabriel.

Fechou os olhos e começou a visualizar a marca do Leste, a primeira das quatro proteções cardeais. Touchstone olhou rapidamente à sua volta, depois fechou também os olhos, atraído pela força do feitiço de Sabriel.

A dor subiu-lhe pela mão e o braço, quando juntou a sua vontade à de Sabriel. A marca pareceu difusa na cabeça dele é impossível a concentração. O formigueiro que já lhe atacava os pés começou a estender-se até acima dos joelhos, atingindo-os com dores reumáticas. Mas ele bloqueou a dor, reduzindo a sua consciência a apenas uma coisa: a criação de um losango de proteção.

Finalmente, a marca do Leste fluiu pela lâmina de Sabriel e arraigou-se no fundo do reservatório. Sem abrir os olhos, o duo voltou-se para ficar virado para o Sul e a marca seguinte.

Esta foi ainda mais difícil e ambos suavam e tremiam quando ela deu finalmente início à sua existência brilhante. A mão de Sabriel estava agora quente e febril e a carne de Touchstone era violentamente atingida pelo ricochete do calor ressoante e do frio arrepiante. Uma náusea terrível atingiu-o e teria vomitado, mas Sabriel agarrou-lhe a mão, como um falcão a sua presa, e emprestou-lhe força. Ele teve um vômito seco, depois recobrou-se.

A marca do Oeste foi simplesmente uma prova de resistência. Sabriel perdeu a concentração, Touchstone teve de segurar a marca sozinho durante alguns segundos, o esforço fazendo-o sentir-se inebriado de uma forma muito desagradável, o mundo girando dentro da sua cabeça, totalmente fora de controle. Depois Sabriel esforçou-se por se concentrar e a marca do Oeste aflorou debaixo de água. O desespero deu-lhes a marca do Norte. Lutaram com ela pelo que pareceram horas, mas foram apenas segundos, até ela quase sair deles por lançar. Mas, naquele momento, Sabriel utilizou toda a força do seu desejo de libertar o pai e Touchstone lançou o peso de duzentos anos de culpa e tristeza.

A marca do Norte rolou brilhando pela espada abaixo e ganhou incandescência, incandescência essa que foi reduzida pela água. Partiram dela linhas de fogo da Carta em direção à marca do Leste, da marca do Leste à marca do Sul, da marca do Sul à marca do Oeste e regressando de novo. O losango estava completo.

Imediatamente sentiram uma diminuição da presença terrível das pedras partidas. A dor intensa na cabeça de Sabriel diminuiu; a sensação normal regressou às pernas e aos pés de Touchstone. Mogget mexeu-se e espreguiçou-

se, o primeiro movimento importante que fazia desde que se enrolara à volta do pescoço de Touchstone.

— Um bom lançamento — disse Sabriel baixinho, olhando para as marcas com os olhos semicerrados de cansaço. — Melhor do que o último que lancei.

— Não sei como conseguimos — murmurou Touchstone, olhando para as linhas de fogo da Carta. percebeu de repente que segurava ainda a mão de Sabriel e afundava-se como um apanhador de lenha vergado pelo enorme peso. Endireitou-se subitamente, soltando a mão dela como se fosse a extremidade com presas de uma serpente.

Ela fitou-o, bastante surpresa, e ele encontrou-se a olhar para o reflexo da sua vela-chama nos olhos escuros dela. Quase pela primeira vez olhou-a a sério. Viu ali o cansaço e as rugas incipientes de preocupação e a forma como a boca dela parecia um pouco triste à volta das extremidades. O nariz continuava inchado e havia equimoses amareladas nos málares. Era também bela e Touchstone percebeu que pensara nela apenas em termos das suas funções, como Abhorsen. De forma alguma como uma mulher...

— É melhor eu ir andando — disse Sabriel, subitamente embaraçada pelo olhar fixo de Touchstone. A mão esquerda dirigiu-se para a bandoleira dos sinos, os dedos apalpando as tiras que seguravam Saraneth.

— Deixe-me ajudar — disse Touchstone. Aproximou-se, mexendo na pele rígida, as mãos enfraquecidas pelo esforço despendido no losango de proteção, a cabeça debruçada sobre os sinos. Sabriel olhou para o cabelo dele e sentiu-se estranhamente tentada a beijar o centro exato, uma parte minúscula que assinalava o epicentro de onde os seus caracóis castanhos irradiavam. Mas não o fez.

— Solte a faixa, — Touchstone recuou. Sabriel retirou Saraneth, silenciando cuidadosamente o sino.

— Provavelmente não será uma longa espera para você — disse ela. — O tempo passa de uma forma estranha na Morte. Se... se eu não voltar dentro de duas horas, então provavelmente... provavelmente estarei também presa, por isso você e Mogget deveriam ir embora...

— Ficarei à espera — respondeu Touchstone com firmeza. — De qualquer forma, quem sabe que horas são aqui embaixo?

— E pelo visto também eu esperarei — acrescentou Mogget. — A menos que saia daqui a nado. O que não farei. Que a Carta te acompanhe, Sabriel.

— E a você — disse Sabriel. Olhou ao redor da extensão escura do reservatório. Conseguia ainda sentir alguns dos Mortos lá fora, e no entanto...

— Vamos precisar que ela esteja conosco — replicou Mogget com

azedume. — De uma maneira ou de outra.

— Espero que não — murmurou Sabriel. Verificou a bolsa no cinto para as coisas pequenas que preparara no Sinal dos Três Limões, depois virou-se de modo a ficar de frente para a marca do Norte e começou a erguer a espada, iniciando os preparativos para entrar na Morte.

De repente, Touchstone precipitou-se e beijou-a rapidamente na face um beijo desajeitado, de lábios secos, que quase incidiu no rebordo do elmo em vez de no rosto.

— Boa sorte — disse Touchstone, com nervosismo.

Ela sorriu e anuiu duas vezes, depois olhou de novo para o Norte.

Os olhos dela concentraram-se em algo que não estava lá e ondas de ar frio partiram da sua forma sem movimento. Um segundo depois, os cristais de gelo começaram a sair-lhe do cabelo e a geada desceu em fios pela espada e o sino.

Touchstone observava, próximo, até ficar excessivamente frio, depois retirou-se para o vértice sul mais distante do losango. Puxando uma espada, virou-se para fora, erguendo a vela, e começou a caminhar à volta da parte de dentro das linhas de fogo da Carta como se patrulhasse as ameias de um castelo. Mogget observava também, do ombro dele, os seus olhos verdes acesos com a sua própria luminescência interna. Ambos se viraram com frequência para olhar para Sabriel.

A travessia para a Morte foi facilitada, muito facilitada pela presença das pedras partidas. Sabriel sentiu-as próximo de si, anunciando a entrada fácil na Vida para qualquer Morto nas imediações. Felizmente, o outro efeito das pedras o mal-estar nauseante desaparecia na Morte. Havia apenas o frio e a corrente do rio.

Sabriel avançou imediatamente, perscrutando cuidadosamente a extensão cinzenta diante dela. Moviam-se coisas na beira da sua visão; ouviu movimento nas águas frias. Mas não veio nada na direção dela, nada a atacou, a não ser o constante entrelaçar e puxar da corrente.

Chegou ao Primeiro Portão, parando do lado de lá da parede de bruma que se estendia até onde era possível ver de cada lado. O rio atroava por trás daquela bruma, os rápidos turbulentos avançando para o Segundo Recinto e continuando até ao Segundo Portão. Recordando as páginas *do Livro dos Mortos*, Sabriel proferiu palavras de poder. Magia Livre, que sacudiu a sua boca ao falar, fazendo os dentes bater, queimando-lhe a língua com força bruta.

O véu de névoa afastou-se, revelando uma série de cascatas que pareciam precipitar-se numa escuridão infindável. Sabriel articulou mais palavras e fez um gesto para a direita e para a esquerda com a espada. Apareceu um caminho,

separando a cascata como um dedo passado por manteiga. Sabriel avançou para ele e desceu, as águas caindo inofensivamente de cada lado. Por trás dela, a névoa cerrou-se e, quando o seu calcanhar mais à retaguarda se levantou para o passo seguinte, o caminho desapareceu.

O Segundo Recinto era mais perigoso do que o Primeiro. Havia buracos fundos, bem como a corrente sempre presente. A luz era também pior. Não a escuridão total prometida no fim das cascatas, mas havia uma qualidade diferente no seu tom cinzento. Um efeito indefinido, que dificultava a visão para além do que era possível tocar.

Sabriel prosseguiu cuidadosamente, servindo-se da espada para sondar o terreno à frente. Sabia existir um caminho fácil, um rumo criado e traçado pelos muitos necromantes e não poucos Abhorsens, mas não confiava na sua memória para avançar confiantemente com velocidade.

Os seus sentidos procuravam constantemente o espírito do pai. Ele estava em algum lugar na Morte, tinha certeza disso. Havia sempre o mais remoto vestígio dele, a última recordação. Mas não estava tão perto assim da Vida. Teria de continuar.

O Segundo Portão era essencialmente um buraco enorme, com pelo menos duzentos metros de largura, no qual o rio descia como água por um cano abaixo. Ao contrário de um cano normal, estava misteriosamente silencioso e, com a pouca luz, era fácil os incautos aproximarem-se da sua borda. Sabriel tinha sempre particular cuidado com este Portão. Aprendera a captar, desde muito cedo, a sensação do seu puxão nas canelas. Parou bem atrás quando veio o puxão e tentou concentrar-se no remoinho silenciosamente furioso.

O som leve de algo agitando-se atrás de si fê-la virar-se, a espada ceifando a todo o comprimento do braço, um grande círculo de aço protegido pela Carta. Atingiu a carne-espírito Morta, fazendo saltar faíscas, um grito de raiva e de dor enchendo o silêncio. Sabriel quase saltou para trás ante aquele grito, mas firmou-se. O Segundo Portão estava muito próximo.

A coisa que atingiu recuou, a sua cabeça pendendo de um pescoço quase todo cortado. Tinha a forma humanóide, pelo menos à primeira vista, mas possuía braços que se estendiam até abaixo dos joelhos, para dentro do rio. A sua cabeça, agora tombada sobre um ombro, era mais comprida do que larga ou alta, possuindo uma boca com várias filas de dentes. Apresentava carvões incandescentes nas órbitas, uma característica dos Mortos profundos, além do Quinto Portão.

Rosnou e trouxe os seus dedos da largura de um espeto até fora da água para tentar endireitar a cabeça, procurando assentá-la de novo em cima do pescoço cortado com limpeza.

Sabriel desferiu novo golpe e a cabeça e uma mão voaram, caindo com um chape no rio. Balançaram à superfície por um momento, a cabeça uivando, os olhos chispando de ódio sobre a água. Depois foi sugada, até à agitação do Segundo Portão.

O corpo sem cabeça ficou ali um segundo, depois começou a andar cautelosamente de lado, a sua mão restante apalpando à frente dele. Sabriel observou-o cuidadosamente, ponderando o recurso a Saraneth para o subjugar à sua vontade e depois a Kibeth para o enviar no seu caminho até à morte derradeira. Mas se usasse os sinos poderia alertar tudo o que estivesse Morto pelo menos entre o Primeiro e o Terceiro Portões e não pretendia isso.

A coisa sem cabeça deu outro passo e tombou de lado num buraco fundo. Procurou às apalpadelas, os braços compridos trilhando a água, mas não conseguiu levantar-se e sair. Logrou tão-somente atravessar-se na corrente forte, que o arrebanhou e arremessou no remoinho do Portão.

Mais uma vez, Sabriel recitou palavras de poder da Magia Livre, palavras há muito registradas na sua mente, retiradas do *Livro dos Mortos*. As palavras fluíram dela, empolando-lhe os lábios, estranho calor neste lugar de frio importuno.

Com as palavras, as águas do Segundo Portão abrandaram e silenciaram-se. O turbilhão do remoinho separou-se num longo caminho em espiral, sempre descendo. Sabriel, verificando os últimos buracos próximo da extremidade, avançou cautelosamente por este caminho e começou a descer. Por trás e por cima dela, as águas começaram novamente a rodopiar.

O caminho em espiral parecia longo, mas a Sabriel pareceu apenas uma questão de minutos antes de transpor a própria base do remoinho e chegar ao Terceiro Recinto. Era um lugar traiçoeiro. A água era baixa aqui, apenas pelos tornozelos, e um pouco mais quente. A claridade melhorava também era ainda cinzenta, mas podia ver-se mais longe. Até a corrente ubíqua não passava de umas cócegas nos pés.

Mas o Terceiro Recinto tinha ondas. Pela primeira vez, Sabriel disparou numa corrida, avançando o mais depressa que podia em direção ao Terceiro Portão, apenas visível ao longe. Era como o Primeiro Portão uma cascata encoberta por uma parede de bruma.

Sabriel ouviu atrás de si o ruído estrondante que anunciava a onda, que fora contida pela mesma fórmula que lhe permitira atravessar o remoinho. A onda fazia-se acompanhar de gritos, guinchos e berros estridentes. Havia manifestamente muitos Mortos por ali, mas Sabriel não perdeu tempo pensando neles. Nada nem ninguém resistia às ondas do Terceiro Recinto. Corria-se simplesmente o máximo possível, esperando alcançar o portão seguinte

independentemente do caminho que se seguisse.

O estrondo e o choque aumentaram e um por um os vários berros e gritos foram submersos pelo som maior. Sabriel não olhou, limitando-se a correr mais depressa. Olhar por cima do ombro implicaria a perda de uma fração de segundo e isso podia ser o suficiente para a onda a alcançar, levantar e atirar pelo Terceiro Portão, destroços atordoados para a corrente do outro lado.

Touchstone olhou além do vértice sul, escutando. Ouvira algo, tinha certeza, além do gotejar constante. Algo mais sonoro, algo baixo, tentando ser discreto. Sabia que Mogget também o ouvira, devido à tensão súbita das patas do gato no seu ombro.

— Consegue ver alguma coisa — murmurou, espreitando a escuridão. As nuvens continuavam a bloquear a luz dos poços do Sol, apesar de achar que os intervalos de luz do Sol eram mais longos. Mas, de qualquer forma, estavam muito longe da extremidade para se beneficiar de um retorno súbito do sol.

— Sim — segredou Mogget. — Os Mortos. Muitos, saindo em fila da escada principal virada para o sul. Estão se alinhando ao lado das portas, junto às paredes do reservatório.

Touchstone olhou para Sabriel, agora coberta de gelo, como uma estátua no Inverno. Tinha vontade de lhe sacudir o ombro, gritar por socorro...

— Que tipo de Mortos são? — perguntou. Não sabia muito a respeito dos Mortos, exceto que as Mãos-Sombra eram os piores da variedade normal e os Mordicantes, como aquele que seguira Sabriel, eram os piores de todos eles. Exceto aquilo que Rogir se tornara. Kerrigor, o Adepto da Morte...

— Mãos — murmurou Mogget. — Todos Mãos e bem putrescentes, também. Estão desfazendo-se ao caminhar.

Touchstone olhou de novo, tentando ver pela mera força da vontade mas não havia nada que ver, exceto escuridão. Conseguia ouvi-los, porém, caminhando com dificuldade, chapinhando na água parada. Muito parada para o seu gosto perguntou-se subitamente se o reservatório teria um ralo e uma válvula. Depois rejeitou semelhante idéia absurda. Se houvesse uma válvula ou tampa do cano há muito que teria enferrujado e ficado presa.

— O que estão fazendo? — segredou ansiosamente, tocando com os dedos a espada, virando a lâmina para cá e para lá. A mão esquerda parecia segurar a vela com firmeza, mas a chama pequena agitava-se, indício claro das ínfimas tremuras que lhe desciam pelo braço.

— Estão apenas alinhando-se junto às paredes, em filas — respondeu Mogget segredando também. — Estranho, parece quase uma guarda de honra...

— Que a Carta nos preserve — gemeu Touchstone, com um peso na

garganta do absoluto pavor e terrível presságio. — Rogir... Kerrigor. Ele deve estar aqui... e aproxima-se...

Sabriel alcançou o Terceiro Portão à frente da onda, proferindo à pressa uma fórmula de Magia Livre enquanto corria, sentindo-a chegar à sua boca e sair, enchendo-lhe as narinas com fumaças acres. A fórmula separou as brumas e Sabriel entrou para lá, a onda rebentando inofensivamente à sua volta, lançando a sua carga de Mortos na cascata mais além. Sabriel esperou mais um momento que o caminho aparecesse, depois avançou até ao Quarto Recinto.

Este era uma zona relativamente fácil de atravessar. A corrente continuava a ser forte, mas previsível. Havia poucos Mortos, porque a maior parte ficara atordoada e fora levada pela onda do Terceiro Recinto. Sabriel caminhava rapidamente, usando a força da sua vontade para suprimir o frio importuno e as mãos enérgicas da corrente. Conseguia sentir agora o espírito do pai, próximo, como se ele estivesse numa divisão de uma casa grande e ela em outra, localizando-o através dos leves sons da habitação. Ou estava aqui no Quarto Recinto ou além do Quarto Portão, no Quinto Recinto.

Aumentou mais um pouco o ritmo, ansiosa por encontrá-lo, falar com ele, libertá-lo. Sabia que tudo ficaria bem assim que o Pai fosse liberto...

Mas ele não estava no Quarto Recinto. Sabriel chegara ao Quarto Portão sem sentir qualquer intensificação da sua presença. Este portão era outra cascata, de várias espécies, mas não estava envolta em bruma. Parecia o cair fácil da água de um pequeno açude, a uma questão de apenas meio ou um metro abaixo. Mas Sabriel sabia que se aproximasse da beira haveria mais do que força suficiente para arrastar o espírito mais forte para baixo. Parou bem atrás e preparava-se para lançar a fórmula que invocaria o seu caminho quando uma ligeira sensação na nuca a fez parar e olhar para trás.

A cascata estendia-se de cada lado até onde a sua vista alcançava e Sabriel sabia que se caísse na asneira de tentar percorrê-la ao comprido seria uma viagem infundável. Talvez chegasse a dar uma volta sobre si mesma, mas, como não existiam referências, estrelas ou o que fosse para determinar a posição, não era possível vir a saber. Nunca ninguém percorrera um recinto ou portão interior na sua largura. De que serviria? Todos iam para a Morte ou saíam dela. Nem de lado, exceto na fronteira com a Vida, onde seguir ao longo dela alterava o lugar onde se saía mas isso só tinha utilidade para as formas-espírito ou seres raros como o Mordicante, que se faziam acompanhar da sua forma física.

Todavia, Sabriel sentia uma necessidade de caminhar até ao Portão, virar-se e acompanhar o percurso da cascata. Era uma necessidade não identificável, que a deixava inquieta. Havia outras coisas na Morte além dos Mortos seres

inexplicáveis da Magia Livre, estranhas construções e forças incompreensíveis. Esta necessidade este apelo podia provir de um deles.

Hesitou, pensando no assunto, depois avançou pela água, seguindo paralela à cascata. Podia ser alguma força invocada pela Magia Livre ou podia ter alguma ligação com o espírito do pai.

— Vêm descendo pelas escadas de leste e de oeste — anunciou Mogget.
— Mais Mãos.

— E a do sul, por onde entramos? — perguntou Touchstone, olhando nervosamente de um lado para o outro, apurando os ouvidos para escutar cada som, ouvindo os Mortos que se encaminhavam para o reservatório para formar as suas estranhas filas arregimentadas.

— Ainda não — respondeu Mogget. — Aquela escada termina na luz do Sol, lembra-se? Eles têm de atravessar o parque.

— Não pode haver muita luz solar — murmurou Touchstone, olhando para os poços de luz. Vinha de lá algum sol, fortemente filtrado pelas nuvens, mas não era suficiente para afetar os Mortos no reservatório ou levantar o moral de Touchstone. — Quando... quando acha que ele virá? — perguntou Touchstone. Mogget não precisou perguntar quem era "ele".

— Em breve — respondeu o gato, em tom circunspecto. — Eu disse que era uma armadilha.

— E como é que saímos dela? — indagou Touchstone, tentando manter a sua voz firme. Combatia um forte desejo interior de abandonar o losango de proteção e correr para a escada de sul, chapinhando através do reservatório como um cavalo em fuga, ignorando o ruído, mas lá estava Sabriel, gelada, imóvel...

— Não sei se podemos — afirmou Mogget, olhando de soslaio às duas estátuas orladas de gelo próximo. — Depende de Sabriel e do pai dela.

— O que podemos fazer?

— Defender-nos se formos atacados, suponho — Mogget falou vagarosamente, como se afirmasse o óbvio a uma criança. — Ter esperança. Pedir à Carta para que Kerrigor não apareça antes de Sabriel regressar.

— E se aparecer? — perguntou Touchstone, olhando esgazeado para a escuridão. — E se aparecer?

Mas Mogget ficou silencioso. Tudo o que Touchstone ouvia era o arrastar, caminhar e chapinhar dos Mortos, enquanto se aproximavam lentamente, como ratos esfomeados rastejando por cima do jantar de um bêbado adormecido.

Sabriel não fazia idéia do quanto avançara antes de encontrá-lo. Aquela

mesma ligeira sensação impeliu-a a parar, a espreitar para a própria água e lá estava ele. Abhorsen. O Pai. De alguma forma aprisionado dentro do próprio Portão, sendo possível ver apenas a cabeça acima da agitação da água.

— Pai! — exclamou Sabriel, mas resistiu ao impulso de se precipitar. De início, julgou que não a vira, depois um ligeiro piscar de um dos olhos revelou percepção consciente. Tornou a piscar o olho e deslocou os globos oculares para a direita, várias vezes.

Sabriel seguiu o olhar dele e viu algo alto e sombrio irromper da cascata, erguendo os braços para sair do portão. Ela deu um passo em frente, a espada e o sino a postos, depois hesitou. Era um humanóide Morto, muito semelhante na forma àquele que lhe trouxera os sinos e a espada ao Colégio Wyverley. Olhou para o pai e ele voltou a piscar o olho, os cantos da sua boca curvando-se muito ligeiramente quase um sorriso.

Recuou, ainda desconfiada. Havia sempre a hipótese do espírito acorrentado na cascata ser apenas uma imitação do seu pai ou, mesmo que fosse ele, que estivesse sob o domínio de alguma força.

A criatura Morta içou-se finalmente, os músculos dispostos de forma diferente dos de um humano em nítido esforço dos antebraços. Parou por um momento na beira, a cabeça volumosa procurando de um lado para o outro, a seguir deslocou-se na direção de Sabriel com aquele andar bamboleante familiar. A vários passos dela fora do alcance da espada parou e apontou para a sua boca. O maxilar abriu-se e fechou-se, mas não saiu nenhum som da sua boca carnuda e vermelha. Vinha-lhe pelas costas um fio preto, que entrava nas águas agitadas do Portão.

Sabriel pensou por um momento, depois voltou a guardar Saraneth, com uma mão, e retirou Dyrin. Ergueu o pulso para fazer soar o sino, hesitou pois tocar Dyrin alertaria os Mortos em redor, depois agitou-o. Dyrin soou, suave e cristalino, saindo várias notas daquele toque, misturando-se todas como muitas conversas escutadas numa multidão. Sabriel tocou de novo o sino antes dos ecos morrerem, numa série de ligeiras contorções do pulso, impelindo o som na direção da criatura Morta, entrelaçando-se nos ecos do primeiro toque. O som pareceu envolver o monstro, girando à volta da sua cabeça e boca emudecida.

Os ecos diminuíram. Sabriel guardou rapidamente Dyrin, antes que ele resolvesse soar de modo próprio, e retirou Ranna. O Adormentador conseguia subjugar de imediato um grande número de Mortos e receou que muitos pudessem ser atraídos pelo som dos sinos. Provavelmente esperariam encontrar um necromante tonto e pouco experiente, mas mesmo assim seriam perigosos. Ranna agitou-se na mão dela, expectante, como uma criança que acorda com a carícia dela.

A boca da criatura voltou a mover-se e agora tinha uma língua, uma massa polposa horrível de carne branca que se contorcia como uma lesma. Mas funcionou. A coisa emitiu vários sons gorgolejantes, engoliu, depois falou com a voz de Abhorsen.

— Sabriel! Esperei e receei que viesse.

— Pai... — começou Sabriel, olhando para o seu espírito aprisionado e não para a criatura. — Pai...

Não aguentou e desatou a chorar. Viera até ali, correndo tantos perigos, apenas para encontrá-lo aprisionado, aprisionado para além do seu poder de o libertar. Nem sabia que era possível aprisionar alguém dentro de um Portão!

— Sabriel! Silêncio, filha! Não temos tempo para lágrimas. Onde está o seu corpo físico?

— No reservatório — fungou Sabriel. — Ao lado do seu. Dentro de um losango de proteção.

— E os Mortos? Kerrigor?

— Não havia sinal deles lá. Kerrigor encontra-se Em algum lugar na Vida. Não sei onde.

— Sim, eu sabia que ele emergira — murmurou Abhorsen, através da boca da coisa. — Receio que ele esteja próximo do reservatório. Temos de ser rápidos. Sabriel, recordas-se de como se tocam dois sinos simultaneamente? Mosrael e Kibeth?

— Dois sinos? — perguntou Sabriel, intrigada. — O Despertador e o Caminheiro? Ao mesmo tempo? Nunca ouvira dizer que tal fosse possível, ou ouvira?

— Pense — disse a boca de Abhorsen. — Lembre-se. *O Livro dos Mortos*.

Lentamente, recordou-se, as páginas flutuando pela memória consciente, como folhas de uma árvore sacudida. Os sinos podiam ser tocados aos pares ou em combinações ainda maiores se se reunissem necromantes suficientes para segurar os sinos. Mas os riscos eram muito maiores...

— Sim — respondeu Sabriel, lentamente. — Lembro-me. Mosrael e Kibeth. Eles o libertarão?

A resposta chegou com lentidão.

— Sim. Durante algum tempo. O suficiente, espero, para fazer o que tem de ser feito. Rapidamente, agora.

Sabriel anuiu, tentando não pensar no que ele acabara de dizer. Subconscientemente, sempre tivera a noção de que o espírito de Abhorsen estivera muito longe do seu corpo e muito fundo no reino da Morte. Ele nunca conseguiria verdadeiramente voltar a viver. Conscientemente, escolheu fechar a

sua mente a este conhecimento.

Embainhou a espada, guardou Ranna e retirou Mosrael e Kibeth. Sinos perigosos, os dois, e mais ainda em combinação do que isolados. Parou a sua mente, esvaziando-se de qualquer pensamento e emoção, concentrando-se unicamente nos sinos. Depois tocou-os. Agitou Mosrael num círculo a três quartos por cima da sua cabeça; sacudiu Kibeth num número oito ao contrário. O despertador irritante, conjugado com uma jiga movimentada, fundindo-se num tom discordante, exasperante, mas enérgico. Sabriel entendeu porque se encaminhava para a cascata, apesar de todos os seus esforços para permanecer imóvel. Uma força semelhante à de um gigante demente moveu as suas pernas, dobrou-lhe os joelhos, fê-la avançar.

Ao mesmo tempo, o pai emergia da cascata do Quarto Portão. A cabeça foi a primeira a libertar-se e flectiu o pescoço, depois rodou os ombros, ergueu os braços acima da cabeça e esticou-se. Mas Sabriel continuou a avançar, até ficar apenas a dois passos da borda e poder olhar lá para baixo para as águas em turbilhão, o som dos sinos enchendo-lhe os ouvidos, obrigando-a a avançar.

Depois Abhorsen ficou liberto e deu um salto, estendendo as mãos para as bocas dos sinos, agarrando os badalos com as suas mãos pálidas, calando-os subitamente. Fez-se silêncio e pai e filha abraçaram-se à beira do Quarto Portão.

— Muito bem — disse Abhorsen, a sua voz cava e familiar, conferindo conforto e calor como um brinquedo infantil preferido. — Uma vez preso, foi tudo o que pude fazer para te enviar os sinos e a espada. Agora receio que tenhamos de nos apressar, voltar para a Vida, antes que Kerrigor possa concluir o seu plano. Dê-me Saraneth, por agora... não, fique com a espada, e Ranna, creio. Ande!

Empreendeu o caminho de regresso, em passo célere. Sabriel seguia atrás dele, perguntas fervilhando dentro nela. Não parava de olhar para ele, a forma como o cabelo se apresentava irregular na nuca, a barba grisalha hirsuta despontando no queixo e nas patilhas. Vestia o mesmo tipo de roupas que ela, cobertas com a capa das chaves de prata. Não era tão alto quanto se recordava.

— Pai! — exclamou, tentando conversar, acompanhar o passo dele e vigiar, tudo ao mesmo tempo. — O que está acontecendo? Qual é o plano de Kerrigor? Não compreendo. Porque não fui trazida aqui, para ficar a par da situação?

— Aqui? — perguntou Abhorsen, sem abrandar. — À Morte?

— Sabe o que quero dizer — protestou Sabriel. — O Reino Antigo! Porque não... quero dizer, devo ser o único Abhorsen que não faz a menor idéia de como tudo funciona! Porquê! Porquê?

— Não existe uma resposta simples — respondeu Abhorsen, por cima do ombro. — Mas eu a enviei para Ancelstierre por duas razões principais. Uma foi mantê-la a salvo. Já havia perdido sua mãe e a única maneira de ficar segura no Reino Antigo era ou comigo ou sempre na nossa Casa, praticamente prisioneira. Não podia tê-la comigo, porque as coisas estavam cada vez piores desde a morte da Regente, dois anos antes de você nascer. A segunda razão foi porque as Clayr me aconselharam a fazê-lo. Disseram que precisávamos de alguém, ou precisaremos de alguém, não têm muito jeito com o tempo, que conheça Ancelstierre. Na época não entendi porquê, mas agora desconfio que sei.

— Porquê? — perguntou Sabriel.

— O corpo de Kerrigor — respondeu Abhorsen. — Ou de Rogir, para lhe chamar o nome original. Ele nunca podia estar verdadeiramente morto porque o seu corpo está preservado pela Magia Livre, Em algum lugar na Vida. É como uma âncora que o traz sempre de volta. Cada Abhorsen, desde a destruição das Pedras Grandes, tem andado à procura do corpo dele, mas nenhum de nós chegou a encontrá-lo, incluindo eu, porque nunca desconfiamos que se encontrasse em Ancelstierre. Obviamente em algum lugar próximo da Muralha. As Clayr localizaram-no entretanto, porque Kerrigor deve ter ido até ela quando emergiu para a Vida. Muito bem, quer dizer a fórmula ou eu digo?

Tinham alcançado o Terceiro Portão. Não esperou pela resposta dela, proferindo imediatamente as palavras. Sabriel sentiu-se estranha ao ouvi-las em vez de as dizer curiosamente distante, como um observador remoto.

Erguiam-se degraus à frente deles, penetrando na cascata e na bruma. Abhorsen subiu-os dois de cada vez, revelando uma energia surpreendente. Sabriel seguiu-o o melhor que pôde. Sentia agora o cansaço nos ossos, um cansaço além dos músculos exaustos.

— Preparada para correr? — perguntou Abhorsen quando abandonaram os degraus e entraram nas brumas separadas, um gesto curiosamente formal que lhe recordou uma ocasião em que ela era criança, pedindo para ser devidamente acompanhada quando levavam um cesto de piquenique numa das visitas físicas do pai ao colégio.

Correram antes da onda, com as mãos dentro dos sinos, cada vez mais depressa, até Sabriel pensar que as suas pernas iriam ficar presas e viria a rebolar, sempre às voltas, até finalmente se imobilizar ruidosamente num emaranhado de espada e sinos. Mas sem saber como conseguiu, Abhorsen entoando a fórmula que abriria a base do Segundo Portão, para que pudessem ascender através do remoinho.

— Como ia dizendo — continuou Abhorsen, subindo também esses degraus dois de cada vez, falando tão rapidamente quanto galgava, — Kerrigor

nunca poderá ser devidamente derrotado enquanto um Abhorsen não encontrar o corpo dele. Todos nós o repelimos em várias ocasiões, até o Sétimo Portão, mas isso apenas adiou o problema. Ele foi se tornando cada vez mais forte, quando as Pedras da Carta menores foram partidas e o Reino destruído, e nós ficamos enfraquecidos.

— Nós, quem? — perguntou Sabriel. Toda esta informação chegava muito rapidamente, em particular porque fornecida durante a corrida.

— A descendência das Cartas Grandes — respondeu Abhorsen. — O que, para todos os efeitos, significa os Abhorsens e as Clayr, dado que a linhagem real está tudo menos extinta. E existe, claro, a relíquia dos Construtores da Muralha, uma espécie de construção deixada ficar depois de eles introduzirem os seus poderes na Muralha e nas Pedras Grandes.

Deixou a beira do remoinho e avançou confiantemente para o Segundo Recinto, Sabriel logo atrás dele. Ao contrário do seu anterior progresso hesitante e probatório, Abhorsen quase voava, obviamente seguindo um percurso familiar. Sabriel não fazia idéia de como ele podia saber, sem referências ou quaisquer sinais óbvios. Talvez quando tivesse passado trinta e tantos anos atravessando a Morte o conseguisse achar igualmente fácil.

— Portanto — continuou Abhorsen, — temos finalmente a oportunidade de acabar com Kerrigor de uma vez por todas. As Clayr a conduzirão ao corpo dele, você o destruirá e depois expulsará a forma do espírito de Kerrigor, que ficará seriamente enfraquecido. Depois disso pode retirar o príncipe real do seu estado suspenso e, com a ajuda da relíquia do Construtor da Muralha, reparar as Pedras da Carta Grande...

— O príncipe real sobrevive — disse Sabriel, com uma sensação de inesperado conhecimento crescendo nela. — Ele não estava... ah... suspenso como figura de proa em Holehallow ou estava... e o seu espírito na Morte?

— Um filho bastardo, na verdade, e possivelmente louco — disse Abhorsen, sem escutar realmente. — Mas ele tem o sangue. O quê? Oh, sim, sim, ele está... você disse que estava... quer dizer...

— Sim — disse Sabriel com ar infeliz. Ele diz chamar-se Touchstone. E está à espera no reservatório. Próximo das Pedras. Com Mogget.

Abhorsen parou pela primeira vez, manifestamente surpreso.

— Todos os nossos planos se perderam, parece — disse ele sombriamente, suspirando. — Kerrigor atraiu-me ao reservatório para usar o meu sangue para destruir uma Pedra Grande, mas eu consegui proteger-me e ele teve de se contentar em aprisionar-me na Morte. Ele pensou que pudesse ser atraída, ao meu corpo para ele usar o seu sangue, mas eu não fiquei tão aprisionado quanto ele julgava e planejei uma derrota. Mas agora, se o Príncipe

está aqui, ele dispõe de outra fonte de sangue para destruir a Pedra da Carta...

— Ele está no losango de proteção — disse Sabriel, temendo subitamente por Touchstone.

— Isso pode não bastar — replicou Abhorsen com ar sinistro. — Kerrigor torna-se mais forte a cada dia que passa na Vida, retirando a força dos vivos e alimentando-se das pedras partidas. Em breve conseguirá destruir até as defesas mais fortes da Magia da Carta. Pode estar agora suficientemente forte. Mas fale-me do companheiro do Príncipe. Quem é Mogget?

— Mogget? — repetiu Sabriel, novamente surpresa. — Mas eu o encontrei na sua Casa! Ele é uma Magia Livre, algo, que usa a forma de um gato branco, com uma coleira vermelha com um Saraneth em miniatura.

— Mogget — disse Abhorsen, como se tivesse algo desagradável na boca. — É a relíquia do Construtor da Muralha, ou a última criação deles, ou filho deles, ninguém sabe, possivelmente nem sequer ele. Pergunto-me porque assumiu a forma de um gato? Para mim sempre foi um anãozinho albino e praticamente nunca abandonou a Casa. Suponho que possa ser uma espécie de proteção para o Príncipe. Temos de nos apressar.

— Achei que já estivéssemos! — respondeu Sabriel, ao recomeçar a correr. Não queria mostrar-se mal-humorada, mas aquela não era a sua idéia de um reencontro caloroso entre pai e filha. Mal parecia reparar nela, exceto como um repositório de inúmeras revelações e como agente para lidar com Kerrigor.

Abhorsen estacou de repente e cingiu-a rapidamente com um só braço. O amplexo dele foi forte, mas Sabriel sentiu ali outra realidade, como se o braço dele fosse uma sombra, temporariamente nascida da luz, mas condenada a extinguir-se com o cair da noite.

— Não tenho sido um pai ideal, eu sei — disse Abhorsen, baixinho. — Nunca nenhum de nós o é. Quando nos tornamos o Abhorsen, perdemos muita coisa. A responsabilidade para com pessoas demais passa por cima das responsabilidades pessoais; as dificuldades e os inimigos destroem a brandura; os nossos horizontes estreitam-se. Você é minha filha e sempre te amei. Mas agora vivo novamente apenas por um curto período de tempo, cem centos de batimentos cardíacos, não mais, e tenho de vencer uma batalha contra um inimigo terrível. Os nossos papéis agora, que temos obrigatoriamente de desempenhar, não são de pai e de filha, mas de um Abhorsen velho criando espaço para o novo. Mas por trás disto estará sempre o meu amor.

— Cem centos de batimentos cardíacos... — murmurou Sabriel, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. Libertou-se delicadamente do braço dele e avançaram juntos, em direção ao Primeiro Portão, ao Primeiro Recinto, à Vida, e depois ao reservatório.

Touchstone conseguia ver agora os Mortos e não tinha qualquer dificuldade em ouvi-los. Entoavam um cântico e batiam as palmas, as mãos decompostas reunindo-se num ritmo constante e lento que lhe eriçou todos os cabelos na nuca. Um ruído sinistro, os sons ásperos de osso no osso ou as pancadas líquidas da carne decomposta, gelificada. O cântico agravou-se, pois muito poucos deles tinham as bocas funcionando. Touchstone nunca vira nem ouvira um naufrágio mas conhecia o som de mil marinheiros afogando-se, todos de uma vez, num mar silencioso.

As filas de Mortos tinham se aproximado do lugar onde Touchstone estava, formando uma grande massa de sombra móvel, estendida como um fungo sufocante à volta das colunas. Touchstone não conseguiu distinguir o que faziam, até Mogget lhe explicar com a sua visão noturna.

— Estão formando duas filas, criando um corredor — segredou o gatinho, apesar da necessidade de silêncio há muito ter passado. — Um corredor de Mãos Mortas, vindo das escadas setentrionais em direção a nós.

— Consegue ver a entrada das escadas? — perguntou Touchstone. Já não sentia medo, agora conseguia ver e cheirar os cadáveres putrescentes, fétidos, alinhados numa imitação de um desfile. Devia ter morrido no reservatório há muito tempo, pensou. Houvera apenas um atraso de duzentos anos...

— Sim, consigo — continuou Mogget, os seus olhos verdes com um fogo cintilante. Chegou um monstro alto, a sua carne ardendo com chamas imundas. Um Mordicante. Está acororado na água, olhando para trás e para cima como um cão para o seu dono. O nevoeiro desce em rolos pelas escadas atrás dele, um truque da Magia Livre, esse. Pergunto-me porque terá ele tanta necessidade de impressionar?

— Rogir sempre gostou de ser notado — disse Touchstone, como se pudesse estar comentando sobre alguém num jantar festivo. — Ele gostava que todos olhassem para ele. Ele não é diferente de Kerrigor, não é diferente dos Mortos.

— Oh, mas é — disse Mogget. — Muito diferente. Ele sabe que está aqui e o nevoeiro é uma questão de vaidade. Ele deve ter sido extremamente precipitado ao criar o corpo que usa agora. Um homem vaidoso, mesmo um Morto, não gostaria que olhassem para o seu corpo.

Touchstone engoliu em seco, tentando não pensar no assunto. Imaginou se poderia atacar de dentro do losango, precipitando-se com as espadas para aquele nevoeiro, um ataque louco mas mesmo que lá chegasse teriam as suas

palavras, apesar de protegidas pela Carta, algum efeito sobre a carne mágica que Kerrigor usava agora?

Algo se moveu na água, nos limites da sua visão, e as Mãos aumentaram o tempo das suas pancadas, o cântico-gorgolejo frenético crescendo de volume.

Touchstone olhou de soslaio, confirmando o que pensara ter visto gavinhas de nevoeiro, deslocando-se indolentemente pela água entre as filas de Mortos, mantendo-se no corredor que tinham aberto.

— Ele está brincando conosco — arfou Touchstone, surpreso pela sua própria falta de fôlego para falar. Sentia-se como se tivesse corrido quilômetro e meio, o seu coração fazendo pum-pum-pum-pum...

Subitamente, um uivo terrível ergueu-se acima das pancadas dos Mortos e Touchstone pulou para trás, quase desalojando Mogget. O uivo foi crescendo, tornando-se insuportável, e depois uma forma imensa irrompeu do nevoeiro e da escuridão, em fuga precipitada na direção deles com um poder medonho, grandes extensões de líquido pulverizado explodindo à sua volta enquanto corria.

Touchstone gritou, ou berrou não soube bem, atirou fora a sua vela, puxou da espada esquerda e empunhou ambas as lâminas, acocorando-se para receber o ataque, os joelhos tão dobrados que a água lhe dava pelo meio do peito.

— O Mordicante! — berrou Mogget, a seguir desapareceu, pulando de Touchstone para Sabriel, ainda congelada.

Touchstone mal teve tempo de absorver esta informação e uma imagem de fração de segundo de algo como um urso enorme, envolto em chamas, uivando como o grito derradeiro de um sacrifício depois o Mordicante colidiu com o losango de proteção e as espadas espetadas de Touchstone.

Explodiram faíscas de prata com um estrondo que abafou o uivo, atirando tanto Touchstone como o Mordicante vários metros para trás. Touchstone perdeu o equilíbrio e submergiu, a água borbulhando no nariz e na boca ainda gritando. Entrou em pânico, pensando que o Mordicante o atacaria dentro de um segundo, deu um sacão com força desnecessária, rompendo selvagememente os músculos abdominais.

Quase vôou da água, as espadas novamente na defensiva, mas o losango estava intacto e o Mordicante retirava-se, recuando ao longo do corredor de Mãos. Estas cessaram o seu ruído, mas havia algo mais algo que Touchstone não reconheceu, até a água lhe escorrer dos ouvidos.

Eram gargalhadas, gargalhadas ecoando no nevoeiro, que se propagava agora através da água, aproximando-se mais e mais, até o Mordicante em retirada ser envolto nele e o perder de vista.

— O meu mastim o assustou, maninho? — disse uma voz dentro do nevoeiro.

— Au! exclamou Sabriel, sentindo as garras de Mogget no seu corpo físico. Abhorsen olhou para ela, erguendo uma sobrancelha prateada com ar inquiridor. — Algo tocou no meu corpo na Vida explicou ela. Mogget, creio. Pergunto-me o que estará acontecendo.

Encontravam-se à beira da Morte, na fronteira com a Vida. Nenhum Morto tentara detê-los e haviam transposto facilmente o Primeiro Portão. Talvez algum Morto ficasse intimidado ao avistar os dois Abhorsens...

Aguardaram então. Sabriel não sabia porquê. De alguma forma, Abhorsen parecia conseguir ver para a Vida e esperara encontrar aqui muitos Mortos ou descobrir o que estava acontecendo. Parecia estar escutando às portas, o corpo ligeiramente inclinado, o ouvido encostado a uma porta inexistente.

Sabriel, por outro lado, tinha a postura de um soldado, vigiando os Mortos. As pedras destruídas tornavam esta parte da Morte uma atraente estrada principal para a Vida, tentando tirar partido do "buraco". Mas não era assim. Pareciam estar sozinhos no cinzento e sem interesse, tendo como únicos vizinhos a ondulação e os refluxos da água.

Abhorsen fechou os olhos, concentrando-se ainda mais, depois abriu-os com uma expressão espantada e tocou de leve no braço de Sabriel.

— Está quase na hora — disse suavemente. — Quando emergirmos quero que pegue em... Touchstone... e corra para as escadas do sul. Não pare para nada, nada de nada. Uma vez lá fora suba até ao alto da Colina do Palácio, até ao Pátio Ocidental. Agora é um campo vazio, Touchstone saberá como lá chegar. Se as Clayr estiverem vigiando devidamente e não misturarem os tempos, haverá lá uma Asa de Papel...

— Uma Asa de Papel! — interrompeu Sabriel. Mas eu a destruí.

— Existem várias por aí — respondeu Abhorsen. — O Abhorsen que a construiu, o quadragésimo sexto, creio, ensinou a vários outros como construí-las. De qualquer forma, deveria estar lá. As Clayr também estarão lá, ou uma mensageira, para te dizerem onde encontrar o corpo de Kerrigor em Ancelstierre. Voe o mais próximo possível da Muralha, atravesse, encontre o corpo e destrua-o!

— E o que você irá você fazer? — murmurou Sabriel.

— Aqui está Saraneth — respondeu Abhorsen, sem a olhar. — Dê-me a tua espada e... Astarael.

— O sétimo sino. Astarael, o Pesaroso. O Pranteador.

Sabriel não se mexeu, não esboçou qualquer movimento para entregar o

sino ou a espada. Abhorsen enfiou Saraneth na sua bolsa e puxou os cordões. Começou a desatar o laço que prendia Astarael, mas a mão de Sabriel fechou-se sobre a dele, agarrando-a com força.

— Tem de haver outra maneira — gritou. — Podemos fugir todos juntos...

— Não — disse Abhorsen com firmeza. Afastou delicadamente a mão dela. Sabriel soltou-o e ele retirou Astarael cuidadosamente da bandoleira, certificando-se de que não tocava. — É o caminhante que escolhe o caminho ou o caminho o caminhante?

Como que entorpecida, Sabriel entregou-lhe a sua espada... a espada dele. As suas mãos vazias penderam ao lado do corpo.

— Caminhei na Morte até ao precipício do Nono Portão — afirmou Abhorsen calmamente. — Conheço os segredos e os horrores dos Nove Recintos. Não sei o que há além, mas tudo o que vive deve ir para lá, a seu tempo. É a regra que rege o nosso trabalho como Abhorsen, mas também nos rege a nós. Você é o quinquagésimo terceiro Abhorsen, Sabriel. Não a preparei tão bem como devia, deixe que esta seja a minha última lição. Tudo e todos têm um tempo de morrer.

Curvou-se e beijou-lhe a testa, por cima do rebordo do elmo. Por um momento, ficou ali como uma marionete em repouso, depois atirou-se ao seu peito, sentindo o tecido macio da capa. Pareceu diminuir de tamanho, até voltar a ser uma menininha, correndo para abraçá-lo junto aos portões do colégio. Como conseguia então, ouviu o lento bater do coração dele. Apenas naquele momento ouviu os batimentos como o ponteiro de um cronômetro, contando os seus cem centos conseguidos com muito esforço, contando até chegar a hora de ele morrer.

Abraçou-o com força, envolvendo-lhe o pescoço com os braços, os dele esticados como uma cruz, a espada numa mão, o sino na outra. Depois, deixou-o ir.

Viraram-se ao mesmo tempo e mergulharam na Vida.

Kerrigor riu de novo, uma gargalhada obscena que atingiu um crescendo maníaco, antes de passar subitamente a um silêncio sinistro. Os Mortos retomaram as suas pancadas, agora mais suaves, e o nevoeiro avançou com horrível certeza. Touchstone, encharcado e parcialmente afogado, observava com os nervos tensos de um rato hipnotizado por uma cobra deslizando. Em algum lugar ao fundo da sua mente reparou que era mais fácil ver a brancura do nevoeiro. Lá em cima, as nuvens tinham desaparecido e as extremidades do reservatório eram novamente iluminadas pela luz do Sol filtrada. Mas estavam a quarenta passos ou mais da beirada...

Um ruído seco atrás dele o fez saltar e virar-se, um sobressalto de medo subitamente revestido de alívio. Sabriel e o pai regressavam à vida! Caíam deles flocos de gelo numa precipitação em miniatura e a camada de gelo à volta da cintura de Abhorsen partiu-se em várias pequenas massas de gelo flutuante que se afastaram.

Touchstone piscou os olhos quando o gelo lhes caiu das mãos e dos rostos. Agora Sabriel tinha as mãos vazias e Abhorsen empunhava a espada e o sino.

— Graças à Carta! — exclamou Touchstone, quando abriram os olhos e se mexeram.

Mas ninguém o ouviu, pois nesse instante um grito terrível de raiva e de fúria irrompeu do nevoeiro, tão forte que as colunas estremeceram e surgiram ondas na água.

Touchstone virou-se de novo e o nevoeiro estava dissipando-se em farrapos, revelando o Mordicante acorado, apenas os seus olhos e a boca comprida, borbulhando com chamas oleosas, visíveis acima da água. Por trás dele, com uma mão alongada sobre a sua cabeça disforme, estava algo que se poderia pensar ser um homem.

Olhando espantado, Touchstone viu que Kerrigor tentara fazer com que o corpo que habitava presentemente se assemelhasse ao Rogir de outros tempos, mas tanto as suas capacidades como a sua memória e o seu gosto deixavam muito a desejar. Kerrigor erguia-se a pelo menos dois metros de altura, o seu corpo com um peito impossivelmente amplo e uma cintura estreita. A cabeça era magra demais e muito comprida e a boca estendia-se de orelha a orelha. Os seus olhos não suportavam olhar, pois não passavam de finas fendas onde ardiam as chamas da Magia Livre não eram sequer olhos. Mas, de alguma forma, mesmo assim distorcido, lembrava vagamente Rogir. Pega-se um homem, dá-lhe alguma maleabilidade, puxa-se aqui, torce-se ali...

A boca hedionda abriu-se, escancarando-se cada vez mais, depois Kerrigor soltou uma gargalhada, uma gargalhada curta, marcada pelo ruído dos maxilares a fecharem-se. A seguir falou e a sua voz saiu tão deformada e torcida quanto o seu corpo.

— Que sorte a minha. Três portadores de sangue, sangue para a destruição! Três!

Touchstone continuava a olhar, ouvindo a voz de Kerrigor, ainda vagamente parecida com a de Rogir, profunda mas não desagradável, molhada como fruta toda bichada. Viu tanto o novo Kerrigor torcido como o outro corpo mais elegante que conhecera como Rogir. Viu novamente o punhal, cortando a garganta da Rainha, o sangue jorrando, o cálice dourado...

Uma mão agarrou-o, virou-o, tirou-lhe a espada da mão esquerda. Voltou subitamente a concentrar-se, novamente arquejante, e viu Sabriel. Segurava na sua mão direita a espada esquerda dele e pegou com a esquerda na palma da mão dele, arrastando-o em direção ao Sul. Ele deixou-a puxar, seguindo numa corrida ruidosa, as pernas pouco firmes. Parecia estar tudo ficando menor, a sua visão diminuindo, como um sonho semi-recordado.

Viu o pai de Sabriel o Abhorsen pela primeira vez sem gelo. Tinha uma expressão severa, determinada, mas sorria, e baixou a cabeça um tudo-nada quando passaram. Touchstone perguntou-se porque seguia ele no sentido errado... na direção de Kerrigor, na direção do punhal e do cálice receptor. Mogget estava também no seu ombro e não era nada de Mogget ir direito ao perigo... havia também algo de muito peculiar em Mogget... sim, já não tinha a coleira... talvez devesse se virar e regressar, voltar a colocar a coleira em Mogget, tentar lutar com Kerrigor...

— Corra! Maldito seja! Corra! — gritou Sabriel, quando ele se semivirou.

A voz dela arrancou-o de qualquer transe em que ele estivesse. Veio a náusea, pois haviam abandonado o losango de proteção. Sem aviso, vomitou de imediato, virando a cabeça enquanto corriam. Percebeu de que era arrastado pela mão de Sabriel e fez um esforço para correr mais depressa, apesar de sentir as pernas mortas, entorpecidas pelo formigueiro cruel. Conseguia ouvir agora de novo os Mortos, entoando e batendo as palmas, muito, muito depressa. Havia também vozes, elevadas, ecoando na ampla caverna. O uivo do Mordicante e um estranho som de zumbido crepitante que sentiu mais do que ouviu.

Alcançaram as escadas de sul, mas Sabriel não diminuiu o ritmo, pulando para cima e para fora, do crepúsculo do reservatório para a escuridão total. Touchstone soltou-se dela, depois agarrou-lhe novamente a mão e precipitaram-se pelos degraus estreitos, as espadas perigosamente em riste à frente e atrás, fazendo saltar faíscas da pedra. Ouviam ainda o tumulto lá atrás, os uivos, as palmas, os gritos, tudo ampliado pela água e a vastidão do reservatório. Depois outro som, penetrando através do ruído com a clareza da perfeição.

Começou baixinho, como um diapasão feito soar de leve, mas cresceu, uma nota pura, soprada por um corneteiro de fôlego inesgotável, até não restar nada a não ser o som. O som de Astarael.

Sabriel e Touchstone pararam, quase a meio do passo. Sentiram uma necessidade terrível de abandonar os seus corpos, largá-los como tanta bagagem estragada. Os espíritos deles as suas partes essenciais queriam partir, ir para a Morte e mergulhar alegremente na corrente mais forte, ser levados até o fim.

— Pense na Vida! — gritou Sabriel, a sua voz apenas audível através da

nota pura. Sentiu Touchstone morrendo, a sua vontade insuficiente para o prender na Vida. Parecia quase esperar este chamamento súbito para a Morte. — Lute! — voltou a gritar-lhe, largando a espada para lhe bater no rosto. — Viva!

Mesmo assim, ele escapou. Desesperada, agarrou-o pelas orelhas e beijou-o selvagememente, mordendo-lhe o lábio, o sangue salgado enchendo ambas as bocas. Ele abriu os olhos e ela sentiu-o voltar a concentrar-se, a concentrar-se na vida, em viver. Largou a espada e estendeu os braços para ela, retribuindo o beijo. Depois apoiou a cabeça no ombro dela, e ela no dele, e estreitaram-se até a nota única de Astarael ir desaparecendo lentamente.

Veio finalmente o silêncio. Soltaram-se delicadamente. Touchstone, trêmulo, procurou a sua espada às apalpadelas, mas Sabriel acendeu uma vela antes que ele cortasse os dedos no escuro. Olharam um para o outro na luz trêmula. Os olhos de Sabriel estavam úmidos, a boca de Touchstone ensanguentada.

— O que foi aquilo? — perguntou Touchstone com voz rouca.

— Astarael — respondeu Sabriel. — O último sino. Chama quem o ouvir para a Morte.

— Kerrigor...

— Ele voltará — murmurou Sabriel. — Ele voltará sempre, até o seu corpo verdadeiro ser destruído.

— O seu pai? — murmurou Touchstone. — Mogget?

— Meu Pai morreu — disse Sabriel. Tinha o rosto calmo, mas os olhos transbordavam de lágrimas. — Ele irá rapidamente além do Último Portão. Mogget não sei.

Passou os dedos pelo anel de prata na mão, franziu o sobrolho e curvou-se para apanhar a espada que tirara de Touchstone.

— Venha — ordenou. — Temos de chegar ao Pátio Ocidental. Rapidamente.

— O Pátio Ocidental? — perguntou Touchstone, recuperando a sua própria espada. Estava confuso e doente, mas fez um esforço para se levantar. — Do Palácio?

— Sim — replicou Sabriel. — Vamos.

O sol feria-lhes a vista, pois, surpreendentemente, passava apenas um pouco do meio-dia. Saíram aos tropeções dos degraus de mármore da gruta, piscando os olhos como animais notívagos feitos sair prematuramente de uma toca subterrânea.

Sabriel olhou à sua volta as árvores tranquilas iluminadas pelo sol, a plácida extensão de relva, a fonte obstruída. Parecia tudo tão normal, tão distante da câmara de horrores louca e distorcida que era o reservatório, lá ao fundo debaixo dos pés deles.

Olhou também para o céu, perdendo a focagem nas linhas azuis das nuvens em retirada deslocando-se apenas na periferia difusa da sua visão. “O meu pai morreu”, pensou. “Desapareceu para sempre...”

— A estrada contorna a parte sudoeste da Colina do Palácio — disse uma voz, — Em algum lugar perto dela, além daquele azul.

— O quê?

— A estrada. Até ao Pátio Ocidental.

Era Touchstone quem falava. Sabriel fechou os olhos, disse a si própria para se concentrar, ligar-se ao momento presente. Abriu os olhos e fitou Touchstone.

Estava todo sujo. O rosto com fios de sangue do lábio sangrando, o cabelo molhado, colado, a armadura e as roupas todas encharcadas. Escorria-lhe água pela espada que empunhava ainda, oblíqua ao chão.

— Não me disse que era um Príncipe — comentou Sabriel, em tom de conversa. Podia ter estado a falar do tempo. A voz dela pareceu estranha aos seus próprios ouvidos, mas estava sem energia para fazer algo a esse respeito.

— Não sou — respondeu Touchstone, encolhendo os ombros. Olhou para o céu enquanto falava. — A Rainha era minha mãe, mas o meu pai um obscuro nobre do Norte, que “se associou a ela” alguns anos depois da morte do consorte dela. Ele foi morto num acidente de caça antes de eu nascer... Olhe, não devíamos ir andando? Para o Pátio Ocidental?

— Acho que sim — respondeu Sabriel em tom desanimado. — Meu Pai disse que haveria lá uma Asa de Papel à nossa espera e as Clayr, para nos dizerem qual o nosso destino.

— Estou vendo — disse Touchstone. Aproximou-se mais, espreitou para os olhos vazios de Sabriel, depois agarrou-lhe no braço estranhamente pendente e sem resistência e conduziu-a em direção à linha de faias que assinalava o caminho para a extremidade oeste do parque. Sabriel caminhou obedientemente,

aumentando o ritmo enquanto Touchstone acelerava, até seguirem praticamente em corrida. Touchstone puxava-a pelo braço, olhando muitas vezes para trás; Sabriel movia-se com a animação irregular de um sonâmbulo. A algumas centenas de metros das grutas ornamentais, as faias davam lugar a mais relva e uma estrada começava a subir a vertente da Colina do Palácio, ziguezagueando duas vezes até o alto.

A estrada estava bem pavimentada, mas as lajes tinham-se levantado, ou afundado, ao fim de duas décadas sem manutenção e havia alguns sulcos e buracos bastante fundos. Sabriel prendeu o pé num deles e quase caiu, Touchstone apanhando-a a tempo. Mas este pequeno choque pareceu afastá-la dos efeitos do choque maior e sentiu uma nova vivacidade a penetrar no seu desespero absurdo.

— Porque estamos a correr?

— Aqueles saqueadores nos perseguem — respondeu Touchstone laconicamente, apontando para o parque lá atrás. — Os que tinham as crianças junto ao portão.

Sabriel olhou para onde ele apontava e viu, sem dúvida, figuras movendo-se lentamente através do caminho ladeado pelas faias. Eram ao todo nove, reunidas, rindo e conversando. Pareciam confiantes de que Sabriel e Touchstone não lhes escapariam e o seu estado de espírito parecia ser o de batedores descontraídos, conduzindo facilmente a sua presa estúpida a um fim concreto. Uma delas viu Sabriel e Touchstone observando e esboçou um gesto que a distância não esclareceu, mas provavelmente obsceno. Chegaram-lhes as gargalhadas, levadas pelo vento. Eram claras as intenções dos homens. Hostis.

— Pergunto-me se eles lidam com os Mortos — disse Sabriel com tristeza, a repulsa naquelas palavras. — Fazem o seu trabalho quando a luz do Sol dá uma mãozinha aos vivos...

— De qualquer forma, não têm boas intenções — respondeu Touchstone, quando partiram novamente, passando de um passo rápido a uma corrida. — Têm arcos e aposto que sabem disparar, ao contrário dos aldeãos de Nestowe.

— Sim — respondeu Sabriel. — Espero que haja lá em cima uma Asa de Papel...

Não precisou entrar em explicações sobre o que aconteceria se não estivesse. Nenhum deles se encontrava em condições de lutar ou de muita Magia da Carta e nove arqueiros acabariam facilmente com eles ou os capturariam. Se os homens estivessem ao serviço de Kerrigor, seria a captura e a faca, lá embaixo no escuro do reservatório...

A estrada tornou-se mais íngreme e correram em silêncio, a respiração

saindo rápida e entrecortada, sem mais nenhuma para gastar com palavras. Touchstone tossiu e Sabriel olhou-o com preocupação, até perceber que também tossia. Dado o estado deles, não seria necessária uma flecha para arrumar o assunto. A colina se encarregaria disso sozinha.

— Não falta muito — arfou Touchstone quando contornaram o ziguezague, as pernas cansadas obtendo alguns segundos de alívio no terreno plano antes de começar a nova subida.

Sabriel desatou a rir, uma gargalhada amarga, no meio da tosse, porque faltava ainda muito. A gargalhada transformou-se num grito chocado quando algo a atingiu nas costelas, como um soco à traição. Tombou de lado, sobre Touchstone, arrastando ambos para as lajes duras. Uma flecha disparada de longe encontrara o seu alvo.

— Sabriel! — gritou Touchstone, a voz esganiçada com o medo e a raiva. Gritou outra vez o nome dela e depois Sabriel sentiu subitamente a Magia da Carta explodir para a vida dentro dele. Quando aumentou, ele pôs-se em pé de um salto e esticou os braços na direção do inimigo, daquele atirador sobredotado. Floresceram oito pequenos sóis nas pontas dos dedos dele, crescendo até ao tamanho dos seus punhos fechados, e projetaram-se, deixando rastros brancos de imagens remanescentes no ar. Uma fração de segundo depois, um grito vindo lá de baixo confirmou que tinham encontrado pelo menos um alvo.

Embotada, Sabriel perguntou-se como era possível Touchstone ter ainda força para semelhante feitiço. A maravilha tornou-se surpresa quando se curvou de repente e a ergueu, com mochila e tudo, carregando-a nos braços tudo num movimento suave. Ela gritou um pouco quando a seta se deslocou no flanco, mas Touchstone pareceu não perceber. Atirou a cabeça para trás, rugindo como um desafio animal, e desatou a correr estrada acima, ganhando velocidade com uma guinada desajeitada e passando a um arranco sobre-humano. Saía-lhe espuma dos lábios, escorrendo pelo queixo e para cima de Sabriel. Cada veia e músculo no seu pescoço e no rosto salientes e os olhos arregalados com a energia cega.

Enlouquecera e nada o conseguiria deter agora, exceto o desmembramento total. Sabriel tremia nos braços dele e virou a cara para o peito dele, muito perturbada para olhar o rosto selvagem e resfolegante com muito pouca semelhança com o Touchstone que conhecia. Mas pelo menos estava afastando-se rapidamente do inimigo...

Correndo continuou, abandonando a estrada, trepando pelas pedras tombadas do que fora em tempos um portão, mal parando, saltando de pedra em pedra com a precisão de uma cabra-montesa. O seu rosto estava agora vermelho-vivo como uma bomba de incêndio, as pulsações no seu pescoço tão rápidas

como as asas de um colibri. Sabriel, esquecendo a sua própria ferida com o receio súbito de que o coração dele fosse rebentar, começou a gritar-lhe, pedindo-lhe para que abandonasse a fúria.

— Touchstone! Estamos salvos! Ponha-me no chão! Pare! Por favor, pare!

Não a ouviu, toda a sua concentração empenhada no caminho. Atravessou correndo o portão em ruínas, seguiu por um caminho murado, as narinas dilatadas, a cabeça agitando-se de um lado para o outro como um cão que fareja uma pista.

— Touchstone! Touchstone! — soluçou Sabriel, batendo-lhe com as mãos no peito. — Escapamos! Estou bem! Pare! Pare!

Corria ainda, passando por baixo de outro arco; ao longo de um caminho sobrelevado, as pedras saltando sob os pés dele; descendo umas escadas curtas, pulando grandes buracos. Uma porta fechada deteve-o por um momento e Sabriel soltou um suspiro de alívio, mas ele foi-lhe aplicando pontapés com perversidade até a madeira apodrecida se desfazer e ele conseguir passar, protegendo cuidadosamente Sabriel das lascas de madeira.

Depois da porta ficava um grande campo aberto, ladeado por muros em ruínas. Ervas daninhas altas cobriam o terreno, com uma ou outra árvore atrofiada espontânea erguendo-se acima delas. Mesmo no extremo ocidental, empoleiradas no lugar onde um muro há muito se desmoronara, estavam duas Asas de Papel, uma virada para sul e a outra para norte e duas pessoas, as silhuetas indistintas delimitadas pelo laranja flamejante do Sol da tarde que descia atrás delas.

Touchstone irrompeu numa andadura que só podia ser descrita como um galope, separando as ervas daninhas como um navio sulcando um mar de sargaço. Correu direto às duas figuras de pé, depositando delicadamente Sabriel no chão diante delas e tombou, os olhos revirando-se nas órbitas, os membros estremecendo.

Sabriel tentou rastejar até ele, mas a dor no flanco atacou súbita e mortalmente com intensidade, pelo que apenas conseguiu se sentar e olhar para as duas pessoas e as Asas de Papel além delas.

— Olá — disseram elas, em uníssono. — Agora, somos as Clayr. Vocês devem ser a Abhorsen e o Rei.

Sabriel olhou fixamente, com a boca seca. O sol dava-lhe nos olhos, dificultando-lhe a nítida visão delas. Mulheres jovens, ambas com cabelo louro comprido e brilhante, olhos azuis penetrantes. Usavam vestidos de linho branco, com mangas compridas abertas. Vestidos acabados de engomar que fizeram Sabriel sentir-se extremamente suja e bárbara, com as calças ensopadas pela

água do reservatório e a armadura suada. Tal como as vozes delas, os seus rostos eram idênticos. Muito bonitas. Gêmeas.

Sorriram e ajoelharam, uma ao lado de Sabriel, a outra de Touchstone. Sabriel sentiu a Magia da Carta afluindo lentamente nelas, como a água brotando de uma nascente depois passou para ela, levando-lhe o ferimento e a dor da flecha. Ao lado dela, a respiração de Touchstone tornou-se menos difícil e ele mergulhou na fácil tranquilidade do sono.

— Obrigada — gemeu Sabriel. Tentou sorrir, mas parecia ter perdido o jeito. — Há escravizadores... aliados humanos dos Mortos... atrás de nós.

— Nós sabemos — disse a dupla. — Mas estão à distância de dez minutos. O seu amigo, o Rei, correu muito, muito depressa. Nós o vimos correndo ontem. Ou amanhã.

— Ah! — disse Sabriel, pondo-se em pé com dificuldade, pensando no pai e no que ele dissera a respeito das Clayr baralharem os tempos. O melhor era descobrir aquilo que precisava saber antes que a situação se tornasse realmente confusa. — Obrigada — disse novamente, pois a flecha caiu para o solo quando ela se endireitou completamente.

Era uma seta de caça, de ponta estreita, não uma daquelas que consegue perfurar armaduras. Tinham pretendido apenas atrasá-la. Estremeceu e sentiu o buraco entre as placas da armadura. A ferida não parecia exatamente curada, somente mais antiga, como se tivesse sido aberta há uma semana em vez de há minutos.

— Meu Pai disse que estariam aqui... que têm estado à nossa espera e atentas ao lugar onde está o corpo de Kerrigor.

— Sim — responderam as Clayr. — Bem, não exatamente nós. Só fomos autorizadas a ser as Clayr hoje, porque somos os melhores pilotos de Asas de Papel...

— Ou, na verdade, Ryelle é... — afirmou uma das gêmeas, apontando para a outra. — Mas, como ela precisava de uma Asa de Papel para regressar para casa, são necessárias duas Asas de Papel, por isso...

— Sanar veio também — prosseguiu Ryelle, indicando por sua vez a irmã.

As duas falaram em coro.

Agora, não temos muito tempo. Pode ficar com a Asa de Papel vermelha e dourada... nós a pintamos com as cores reais quando soubemos a semana passada. Mas primeiro há o corpo de Kerrigor.

— Sim — disse Sabriel. O inimigo do pai dela, da família dela, do Reino. Para ela enfrentar. Por mais pesado que fosse e por mais fracos que estivessem os ombros dela naquele momento, teria de suportar aquele fardo.

— O corpo dele está em Ancelstierre — disseram as gêmeas. — Mas a nossa visão é fraca do lado de lá da Muralha, por isso não temos um mapa, nem sabemos o nome dos lugares. Teremos de te mostrar e você terá de se lembrar.

— Sim — concordou Sabriel, sentindo-se como uma aluna estúpida que promete resolver uma questão que a ultrapassa. — Sim.

As Clayr assentiram e voltaram a sorrir. Os seus dentes eram muito brancos e regulares. Uma, possivelmente Ryelle, Sabriel já as confundia, retirou da manga flutuante da túnica uma garrafa feita de vidro verde transparente, o brilho denunciador da Magia da Carta mostrando que não estivera lá antes. A outra mulher Sanar exibiu uma comprida varinha de condão em marfim, também saída de dentro da manga.

— Preparada? — perguntaram uma à outra simultaneamente e "Sim" antes da pergunta delas ter sequer penetrado no cérebro cansado de Sabriel.

Ryelle desrolhou a garrafa com um "pop" ressoante e, num movimento rápido, deitou o conteúdo numa linha horizontal. Sanar, igualmente rápida, passou a varinha de condão sobre a água que caía e ela congelou a meio do ar, formando uma placa de gelo transparente. Uma janela congelada, suspensa diante de Sabriel.

— Veja, — ordenaram as mulheres, e Sanar bateu na janela de gelo com a varinha de condão. Toldou-se ante aquele toque, mostrando fugazmente uma cena de neve rodopiando, uma imagem da Muralha, que depois se firmou numa visão em movimento, muito parecida com um filme rodado de um carro andando. O Colégio Wyverley reprovava os filmes, mas Sabriel conseguira ver alguns em Bain. Este era muito semelhante, mas a cores, e podia ouvir os sons naturais com a mesma clareza como se estivesse lá.

A janela mostrou uma paisagem tipicamente agrícola de Ancelstierre um longo campo de trigo, maduro para a ceifa, com um trator parado ao longe, o seu condutor conversando com outro homem empoleirado no alto de uma carroça, os seus dois cavalos de tiro imperturbáveis, espreitando através dos antolhos.

A imagem aproximou-se mais destes dois homens, contornou-os apanhando um pedaço de conversa e continuou seguindo uma estrada, subindo uma colina, atravessando uma pequena mata e até um cruzamento, onde a gravilha intersectava uma estrada alcatroada de maior importância. Havia ali uma placa e o "olho", ou o que quer que fosse, aproximou-se dela, até o poste de sinalização encher toda a janela de gelo. "Wyverley 4 quilômetros", lia-se, indicando aos viajantes a estrada principal, e lá partiram novamente, descendo até à aldeia de Wyverley.

Alguns segundos depois, a imagem em movimento diminuiu a velocidade, para mostrar as casas familiares da aldeia de Wyverley; a oficina de

ferreiro e mecânica; a hospedaria Wyvern; a casa bem arranjada do polícia com a lanterna azul. Todos marcos indicadores conhecidos de Sabriel. Concentrou-se com ainda maior cuidado, pois, com toda a certeza, a visão, tendo-lhe mostrado um ponto de referência fixo, iria agora percorrer partes de Ancelstierre que lhe eram desconhecidas.

Mas a imagem continuava a deslocar-se lentamente. Em passo de marcha, atravessou a aldeia e saiu da estrada, seguindo uma pista para cavaleiros que subia a colina arborizada conhecida como Docky Point. Uma colina muito agradável, sem dúvida, coberta por uma plantação de sobreiros, com algumas árvores bastante antigas. O seu único ponto de interesse era um dólmén retangular no alto da colina... o dólmén... A imagem mudou, aproximando-se das enormes pedras cinzento-esverdeadas, angulosas e compactadas. Um capricho relativamente recente, recordou Sabriel das aulas de história da região. Com pouco menos de duzentos anos. Estivera para o visitar uma vez, mas algo a fizera mudar de idéia...

A imagem mudou outra vez, penetrando de alguma forma na pedra, passando por entre as junções de argamassa, ziguezagueando entre os blocos, até à câmara escura no seu âmago. Por um instante, a janela de gelo ficou completamente escura, depois apareceu luz. Havia um sarcófago de bronze por baixo do dólmén, metal cheio de marcas da Carta, perversões da Magia Livre. A visão desviou-se destas marcas móveis, penetrando o bronze. Lá dentro estava um corpo, um corpo vivo, envolto em Magia Livre.

A cena mudou, deslocando-se com enorme dificuldade até ao rosto do corpo. Um rosto belo, que flutuava cada vez mais próximo do foco, um rosto que mostrava o que Kerrigor fora em tempos. O rosto humano de Rogir, as suas feições mostrando claramente que tivera a mesma mãe que Touchstone.

Sabriel olhou, nauseada e fascinada pelas semelhanças entre os meios-irmãos depois a visão desfocou-se subitamente, adquirindo uma cor cinzenta, cinzento esse acompanhado de água corrente. A Morte. Algo imenso e monstruoso caminhava lentamente contra a corrente, um recorte denteado de escuridão, sem forma nem feições, exceto dois olhos que ardiam com uma chama artificial. Pareceu vê-la do outro lado da janela de gelo e avançou, dois braços como nuvens de tempestade sopradas que se estendiam para a frente.

— Descendente de Abhorsen! — gritou Kerrigor. — O teu sangue irá jorrar sobre as Pedras...

Os braços dele pareceram chegar à janela, mas subitamente o gelo estalou, os pedaços caindo num monte de lodo derretendo-se rapidamente.

— Você viu — disseram as Clayr em conjunto. Não era uma pergunta. Sabriel anuiu, tremendo, os seus pensamentos ainda na semelhança entre o corpo

humano original de Kerrigor e Touchstone. Onde se tinham os seus caminhos separado? O que levava Rogir a percorrer a longa estrada que conduzia à abominação conhecida como Kerrigor?

— Temos quatro minutos — anunciou Sanar. Até os escravizadores chegarem. Vamos ajudá-la a levar o seu Rei para a sua Asa de Papel, está bem?

— Sim, por favor — respondeu Sabriel. Apesar da imagem medonha da forma bruta do espírito de Kerrigor, a visão imbuíra-a de uma nova sensação concreta de objetivo. O corpo de Kerrigor estava em Ancelstierre. Ela o encontraria e destruiria e depois trataria do seu espírito. Mas primeiro tinham de chegar ao corpo...

As duas mulheres levantaram Touchstone, gemendo com o esforço. Ele nunca foi um peso-pluma, mas agora pesava ainda mais, todo encharcado devido ao seu banho forçado no reservatório. Mas as Clayr, apesar do seu aspecto etéreo, pareciam estar saindo-se bastante bem.

— Desejamos-lhe sorte, prima — disseram elas, enquanto caminhavam lentamente para a Asa de Papel vermelha e dourada, equilibrada tão perto da beira do muro destruído, o Saere brilhando lá embaixo branco e azul.

— Prima? — murmurou Sabriel. — Calculo que sejamos primas, mais ou menos, não somos?

— Parentes consanguíneas, todos os filhos das Cartas Grandes — concordaram as Clayr. — Apesar do clã estar diminuindo...

— Vocês sabem sempre o que vai acontecer? — perguntou Sabriel, quando depositaram delicadamente Touchstone na traseira da carlinga e o prenderam com as faixas normalmente usadas para firmar a bagagem.

As duas Clayr riram.

— Não, graças à Carta! A nossa família é a de descendência mais numerosa e o dom encontra-se espalhado por muitos. As nossas visões surgem aos pedaços, vislumbres e sombras. Quando é preciso, toda a família consegue aplicar a sua força para limitar a nossa visão, como nos aconteceu hoje. Amanhã voltaremos aos sonhos e confusão, sem sabermos onde, quando ou o que vemos. Agora só nos restam dois minutos...

Subitamente, abraçaram Sabriel, surpreendendo-a com o calor óbvio do gesto. Ela retribuiu-lhes, satisfeita, grata pelo seu cuidado. Sem o pai, já não lhe restava família, mas talvez encontrasse irmãs nas Clayr e talvez Touchstone pudesse ser...

— Dois minutos — repetiram ambas as mulheres, uma em cada ouvido. Sabriel soltou-as e tirou apressadamente da mochila *O Livro dos Mortos* e dois livros de Magia da Carta, prendendo-os ao lado da forma ressonando de Touchstone. Após um breve pensamento, meteu também o impermeável forrado

de lã e a capa de barqueiro. As espadas de Touchstone foram para os suportes especiais ao lado, mas a mochila e o resto do seu conteúdo tiveram de ser abandonados.

— Próxima parada, a Muralha — murmurou Sabriel quando subiu para o aparelho, tentando não pensar no que aconteceria se entretanto tivessem de aterrar em um lugar não civilizado.

As Clayr estavam já no seu aparelho verde e prateado e, quando Sabriel prendeu as faixas, ouviu-as começar a assobiar, a Magia da Carta espalhando-se no ar. Sabriel lambeu os lábios, reuniu o seu fôlego e força, e juntou-se a elas. O vento veio por trás do aparelho, agitando o cabelo negro e louro, levantando as caudas das Asas de Papel e empurrando as suas asas.

Sabriel respirou depois de assobiar ao vento e acariciou o papel suave e laminado do casco. Veio-lhe à mente uma breve imagem da primeira Asa de Papel, destruída e ardendo nas profundezas de Holehallow.

— Espero que nos saíamos bem — murmurou, antes de se reunir às Clayr para assobiar uma última nota, o som puro e cristalino que despertaria a Magia da Carta no aparelho delas.

Um segundo depois, duas Asas de Papel de olhos vivos saltaram do palácio em ruínas de Belisaere, planaram quase até à ondulação do Mar de Saere, depois elevaram-se em círculo cada vez mais alto, por cima da colina. Um aparelho, o verde e prateado, virou para noroeste. O outro, o vermelho e dourado, virou para sul.

Touchstone, acordando com o fluxo de ar frio no rosto e a sensação desconhecida de voar, murmurou meio grogue:

— O que aconteceu?

— Vamos para Ancelstierre — gritou Sabriel. — Atravessaremos a Muralha, para encontrar o corpo de Kerrigor e destruí-lo!

— Oh — disse Touchstone, que ouvira apenas "atravessaremos a Muralha". — Que bom.

— Com licença, senhor — disse o soldado, fazendo continência à porta do banheiro dos oficiais. O oficial de serviço cumprimenta e pede licença para entrar imediatamente.

O Coronel Horyse suspirou, pousou a lâmina de barbear e pegou o pano de flanela para limpar do rosto os restos de creme de barbear. Já naquela manhã fora interrompido enquanto se barbeava e diversas vezes ao longo do dia tentara terminar a tarefa. Talvez fosse um sinal de que deveria deixar crescer o bigode.

— O que aconteceu? — perguntou resignadamente. O que quer que fosse, muito provavelmente não seria bom.

— Um avião, senhor — respondeu o soldado raso, impassivelmente.

— Do Q. G. do Exército? Vem largar um cilindro com mensagem?

— Não sei, senhor. Está do outro lado da Muralha.

— O quê! — exclamou Horyse, largando todo o equipamento de barba, pegando o capacete e a espada e tentando sair disparado, tudo ao mesmo tempo. Impossível!

Mas, quando finalmente conseguiu sair e dirigir-se ao Posto de Observação Avançado uma posição fortificada octogonal que irrompia pelo Perímetro até cinquenta metros da Muralha, era manifestamente possível. A claridade diminuía com a chegada do final da tarde estaria provavelmente próximo do pôr do Sol do outro lado, mas a visibilidade era suficientemente boa para permitir distinguir a forma helitransportada que descia numa série de voltas longas e graduais... do outro lado da Muralha. No Reino Antigo.

O Oficial de Serviço observava através de binóculos de localização de artilharia, os cotovelos apoiados no parapeito protegido com sacos de areia da posição estratégica. Horyse parou por um momento para pensar no nome do sujeito era novo na Guarnição do Perímetro, depois bateu-lhe no ombro.

— Jorbert. Me dá licença para que veja?

O jovem oficial baixou os binóculos com relutância e estendeu-os, como um rapaz privado de um doce meio comido.

— É sem dúvida um avião, senhor — disse ele, animando-se ao falar. — Absolutamente silencioso, tipo planador, mas vê-se que é propulsionado de alguma forma. Muito manobrável e magnificamente pintado, também. Traz duas... pessoas lá dentro, senhor.

Horyse não respondeu, mas pegou os binóculos e assumiu a mesma posição com os cotovelos apoiados. Por um momento não conseguiu ver o avião

e apressou-se a virar para a esquerda e para a direita, depois ziguezagueou para cima e para baixo e lá estava ele, mais baixo do que esperara, quase em aproximação para a aterragem.

— Soar o alerta — ordenou bruscamente, quando percebeu que o avião iria aterrar muito próximo do Ponto de Passagem, talvez apenas a cem metros do portão.

Ouviu a sua ordem ser repetida por Jorbert a um sargento e depois gritada, para ser acatada por sentinelas, subalternos de serviço e, eventualmente, as buzinas de manivela e o velho sino que estava pendurado defronte da Messe dos Oficiais.

Foi difícil ver exatamente quem ou o que vinha no aparelho, até ajustar o foco e o rosto de Sabriel saltar na direção dele, ampliado para uma forma reconhecível, mesmo à distância atual. Sabriel, a filha de Abhorsen, acompanhada de um desconhecido ou algo que aparentava a forma de um homem. Por um momento, Horyse pensou ordenar aos homens que se retirassem, mas ouvia já as botas batendo nas pranchas, os sargentos e cabos gritando e podia não ser propriamente Sabriel. O Sol declinava e a próxima noite seria a primeira de lua cheia...

— Jorbert! — gritou, devolvendo os binóculos ao subalterno surpreso e desprevenido. — Vá apresentar os meus cumprimentos ao SAR e peça-lhe que se encarregue de organizar pessoalmente uma seção de Batedores, nós vamos sair para ver melhor o avião.

— Oh, obrigado, senhor! — entusiasmou-se o Tenente Jorbert, presumindo-se, obviamente, incluído no "nós". O entusiasmo dele surpreendeu Horyse, pelo menos momentaneamente.

— Diga-me, Mr. Jorbert — ordenou ele. — Alguma vez chegou a pensar na possibilidade de pedir transferência para a Força Aérea?

— Bem, sim, senhor — respondeu Jorbert. — Oito vezes...

— Lembre-se apenas — disse Horyse, interrompendo-o — que o que quer que esteja ali pode ser uma criatura voadora, não uma máquina voadora, e os seus pilotos podem ser coisas meio decompostas que deveriam estar bem mortas ou seres da Magia Livre que nunca chegaram realmente a viver. Não colegas aviadores, cavaleiros do céu ou algo desse gênero.

Jorbert anuiu, esboçou uma continência nada militar e girou nos calcanhares.

— E da próxima vez que estiver de serviço não se esqueça da sua espada — gritou-lhe Horyse. — Nunca lhe disseram que o revólver pode não funcionar?

Jorbert anuiu de novo, quase fez a continência, depois correu apressado pela trincheira de comunicação. Um dos soldados no Posto de Observação

Avançado, um cabo com uma manga cheia de divisas denotando vinte anos de serviço e uma marca da Carta na testa para mostrar a sua estirpe do Perímetro, abanou a cabeça ante a partida do jovem oficial.

— Porque está abanando a cabeça, Cabo Anshey? perguntou Horyse, aborrecido pelas suas muitas barbas interrompidas e este novo aparecimento potencialmente perigoso de um avião.

— Agua no cérebro — respondeu o cabo todo bem-disposto e de uma forma bastante ambígua. Horyse abriu a boca para soltar uma reprimenda forte, a seguir fechou-a quando os cantos da sua boca se levantaram involuntariamente num sorriso. Antes de chegar propriamente a rir, abandonou o posto, dirigindo-se para a junção da trincheira onde a sua seção e o SAR se encontrariam para atravessar a Muralha.

Cinco passos depois, o seu sorriso desaparecera.

A Asa de Papel deslizou para uma aterragem perfeita numa agitação de neve. Sabriel e Touchstone vinham lá dentro, tremendo, respectivamente, debaixo do impermeável e da capa de barqueiro, depois içaram-se lentamente ficando enterrados na neve compacta até à altura dos joelhos. Touchstone sorriu a Sabriel, o seu nariz vermelho-vivo e as sobrancelhas geladas.

— Conseguimos.

— Até aqui — respondeu Sabriel, olhando cautelosamente à sua volta. Via o volume cinzento e comprido da Muralha, com o Sol cor de mel carregado do Outono do lado de Ancelstierre. Aqui, a neve acumulava-se junto à pedra cinzenta e estava nublado, com o Sol quase desaparecido. Suficientemente escuro para os Mortos andarem por ali.

O sorriso de Touchstone desapareceu quando captou o estado de espírito dela e tirou as suas espadas da Asa de Papel, entregando a espada esquerda a Sabriel. Ela embainhou-a, mas não encaixava bem outra recordação da sua perda.

— Vou buscar também os livros — disse, curvando-se para retirá-los da carlinga. Os dois livros de Magia da Carta estavam ótimos, intocados pela neve, mas *O Livro dos Mortos* parecia molhado. Quando Sabriel o retirou, verificou que não fora a neve que o molhara. Saíam-lhe da capa gotas de sangue escuro e espesso. Em silêncio, Sabriel limpou-o na crosta dura da neve, deixando uma marca lívida. A seguir guardou os livros nos bolsos da sua capa.

— Porque... porque o livro estava assim? — perguntou Touchstone, tentando, e quase conseguindo, revelar curiosidade em vez de medo.

— Acho que está reagindo à presença de muitas mortes — respondeu Sabriel. — Existe aqui um enorme potencial para os Mortos ressuscitarem. Este

é um ponto muito fraco...

— Shhh! — interrompeu-a Touchstone, apontando para a Muralha. Vultos, escuros na neve, moviam-se numa linha que se estendia na direção deles, a um ritmo deliberado, constante. Traziam arcos e lanças e, pelo menos, Sabriel reconheceu as carabinas suspensas das costas deles.

— Tudo bem — disse Sabriel, apesar de uma ligeira pontada de nervosismo lhe atacar o estômago. — São soldados do lado ancelstierrano. — Mesmo assim, estava capaz de mandar a Asa de Papel de volta... Rapidamente, verificou se tinham tirado tudo da carlinga, depois colocou a mão no focinho da Asa de Papel, por cima do olho cintilante. Pareceu olhar para ela enquanto lhe falou.

— Agora vá, amiga. Não quero arriscar que seja arrastada para Ancelstierre e desmembrada. Voe para onde quiser, para o Glaciar das Clayr ou, se quiser, para a Casa de Abhorsen, onde a água cai.

Recuou e formou as marcas da Carta que imbuíram a Asa de Papel de escolha e os ventos para a levar dali. As marcas saíram no assobio dela e a Asa de Papel deslocou-se com o tom alto, acelerando sempre até saltar para o céu no ponto mais alto da nota.

— Olhem só! — exclamou uma voz. — Como fez isso?

Sabriel virou-se e viu um jovem oficial ancelstierrano sem fôlego, a única estrela dourada de um segundo-tenente com ar solitário nos seus galões. Estaria à vontade uns cinquenta metros à frente do resto da coluna, mas não parecia assustado. No entanto, segurava uma espada e um revólver e ergueu ambos quando Sabriel avançou.

— Alto! São meus prisioneiros!

— Na verdade, somos viajantes — respondeu Sabriel, apesar de ficar imóvel. — O Coronel Horyse que vejo atrás de você?

Jorbert semivirou-se para olhar, percebendo o seu erro, e voltou-se a tempo de ver Sabriel e Touchstone sorrindo, depois às risadas, a seguir às gargalhadas, agarrados um ao outro.

— O que tem tanta graça? — quis saber o Tenente Jorbert, vendo que os dois continuavam a rir, até as lágrimas lhes descerem pelas faces.

— Nada — disse Horyse, fazendo sinal aos homens para que rodeassem Sabriel e Touchstone, enquanto ele se aproximou e colocou dois dedos nas testas deles, verificando a Carta, que continham lá dentro. Satisfeito, sacudiu-os ligeiramente, até eles pararem com as gargalhadas que lhes provocavam estremecimentos e os faziam arfar. Depois, para surpresa de alguns dos seus homens, passou um braço por cada um deles e conduziu-os até ao Ponto de Passagem, na direção de Ancelstierre e do Sol.

Jorbert, deixado a cobrir a retirada, perguntou com indignação ao ar:

— O que teve tanta graça?

— Ouviu o Coronel — respondeu o Sargento-Ajudante do Regimento Tawklish. — Nada. Foi uma reação histérica, mais nada. Eles passaram por muito, aqueles dois, atente nas minhas palavras.

Depois, da maneira que só os SAR lidam com os oficiais subalternos, fez uma pausa, esmagando por completo Jorbert com um "Senhor" sagaz e muito prolongado.

O calor envolveu Sabriel como um cobertor macio quando saíram da sombra da Muralha para o calor relativo do Outono ancelstierrano. Sentiu Touchstone vacilar a seu lado e tropeçar, o seu rosto olhando cegamente na direção do Sol.

— Vocês parecem esgotados — afirmou Horyse, falando no tom lento e simpático que usava para os soldados afetados pela explosão de uma granada. — Que tal comerem algo ou preferem dormir primeiro um pouco?

— Algo que comer, sem dúvida — respondeu Sabriel, tentando esboçar-lhe um sorriso de gratidão. Mas dormir não. Não há tempo para isso. Diga-me, quando foi a lua cheia? Há dois dias?

Horyse olhou para ela, pensando que não lhe fazia lembrar a sua própria filha. Ela tornara-se Abhorsen, uma pessoa que ultrapassava os seus conhecimentos, num curto período de tempo...

— É esta noite — disse ele.

— Mas estive pelo menos dezesseis dias no Reino Antigo...

— O tempo é estranho entre os reinos — afirmou Horyse. — Temos tido patrulhas que juram haver estado fora duas semanas, voltando ao fim de oito dias. Uma dor de cabeça para o tesoureiro...

Aquela voz, vinda da caixa no poste interrompeu Touchstone, quando abandonaram o caminho em ziguezague através das defesas de arame e desceram para a estreita trincheira de comunicação.

— Não existe Magia da Carta na caixa ou na voz...

— Ah! respondeu Horyse, olhando lá para cima para onde o altifalante anunciava a retirada. — Estou surpreso por ainda funcionar. É movido a eletricidade, Mr. Touchstone. Ciência, não magia.

— Esta noite não funcionará — afirmou Sabriel baixinho. — Não haverá nenhuma tecnologia.

— Sim, é bastante ruidoso — disse Horyse, com voz forte. Acrescentou, mais delicadamente: — Por favor não diga nada mais enquanto não chegarmos ao meu abrigo subterrâneo. Os homens já escutaram algo sobre esta noite e a lua cheia...

— Claro — respondeu Sabriel, cansada. — Desculpe.

Seguiram o resto do caminho em silêncio, avançando pesadamente aos ziguezagues pela trincheira de comunicação, passando pelos soldados nas trincheiras de combate, a postos nas suas posições de alerta. As conversas dos soldados cessaram quando eles passaram, mas foram retomadas assim que descreveram o zigue ou zague seguinte e desapareceram de vista.

Finalmente, desceram uma série de degraus até ao abrigo subterrâneo do Coronel Horyse. Estavam dois sargentos de guarda desta vez, Magos da Carta dos Batedores do Ponto de Passagem, não a habitual infantaria da guarnição. Outro soldado foi correndo à cozinha buscar alguma comida. Horyse andou de volta de uma pequena lâmpada de álcool e preparou chá.

Sabriel bebeu-o sem sentir grande alívio. Ancelstierre e o consolador universal da sua sociedade o chá já não pareciam tão sólidos e fiáveis quanto em tempos pensara.

— Agora — disse Horyse. — Conte-me porque não tem tempo para dormir.

— Meu pai morreu ontem — disse Sabriel, de rosto empedernido. — As flautas eólicas não tocarão esta noite. Ao nascer da Lua. Os Mortos ressuscitarão aqui com a Lua.

— Lamento saber do seu pai. Muito — afirmou Horyse. Hesitou, depois acrescentou: — Mas, como está aqui agora, não pode restringir de novo os Mortos?

— Se fosse só isso, sim, podia — continuou Sabriel. — Mas o pior está para vir. Já ouviu o nome Kerrigor, Coronel?

Horyse pousou a xícara.

— O seu pai falou dele uma vez. Um dos Mortos Maiores, creio, aprisionado além do Sétimo Portão?

— Mais do que Maior, possivelmente o Maior — disse Sabriel com tristeza. — Tanto quanto sei, ele é o único espírito Morto que é também um adepto da Magia Livre.

— E um membro renegado da família real — acrescentou Touchstone, a sua voz ainda áspera e seca dos ventos frios do vôo, insatisfeito com o chá. — E ele já não está aprisionado. Ele caminha na Vida.

— Todas estas coisas lhe conferem poder — prosseguiu Sabriel. — Mas existe também um ponto fraco. O domínio da Magia Livre por Kerrigor e grande parte do seu poder tanto na Vida como na Morte dependem da existência contínua do seu corpo original. Ele escondeu-o, há muito tempo, quando decidiu pela primeira vez tornar-se um espírito Morto, e escondeu-o em Ancelstierre. Próximo da aldeia de Wyverley, para ser exata.

— E agora vem buscá-lo... — disse Horyse, com terrível presciência. Por fora parecia calmo, todos aqueles longos anos ao serviço do Exército formando uma *carapaça* dura, contendo os seus sentimentos. Por dentro sentia uma tremura que esperava não ser transmitida da caneca à sua mão. — Quando ele virá?

— Com a noite — replicou Sabriel. — Com um exército de Mortos. Se conseguir emergir da Morte próximo da Muralha, poderá chegar mais cedo.

— O Sol... — começou Horyse.

— Kerrigor consegue manobrar o tempo, provocar nevoeiro ou nuvens densas.

— E o que podemos fazer? — perguntou Horyse, virando as palmas para fora, na direção de Sabriel, os seus olhos inquiridores. — Abhorsen.

Sabriel sentiu um peso depositado nela, um fardo crescendo ao cansaço que já a pressionava, mas fez um esforço para responder.

— O corpo de Kerrigor encontra-se num sarcófago protegido debaixo de um dólmen, um dólmen no alto de uma pequena colina chamada Docky Point, a menos de sessenta e cinco quilômetros daqui. Precisamos lá chegar rapidamente e destruir o corpo.

— E isso destruirá Kerrigor?

— Não — respondeu Sabriel, abanando melancolicamente a cabeça. — Mas o enfraquecerá... por conseguinte, pode existir uma chance...

— Muito bem — disse Horyse. — Ainda temos três ou quatro horas de luz, mas precisaremos andar depressa. Presumo que Kerrigor e as suas... forças... terão de atravessar a Muralha aqui? Não podem aparecer simplesmente em Docky Point?

— Não — concordou Sabriel. — Terão de emergir na vida no Reino Antigo e atravessar fisicamente a Muralha. Provavelmente seria preferível não tentar detê-lo.

— Receio não podermos fazer isso — respondeu Horyse. — É para isso que aqui está a Guarnição do Perímetro.

— Nesse caso muitos dos seus soldados morrerão desnecessariamente — disse Touchstone. — Simplesmente porque estarão no caminho. Qualquer coisa e qualquer pessoa que se meter no caminho de Kerrigor serão destruídas.

— Portanto quer que deixemos simplesmente esta... coisa e uma horda de Mortos descer sobre Ancelstierre.

— Não propriamente — replicou Sabriel. — Gostaria de lutar com ele numa altura e num lugar mais do nosso agrado. Se me emprestar todos os soldados daqui que apresentam a marca da Carta e um pouco de Magia da Carta, talvez tenhamos tempo suficiente de destruir o corpo de Kerrigor. E estaremos

também a cerca de cinquenta e seis quilômetros da Muralha. O poder de Kerrigor estará talvez ligeiramente enfraquecido, mas muitos dos seus esbirros estarão mais fracos. Talvez tão fracos que destruir ou danificar as suas formas físicas será suficiente para mandá-los de volta para a Morte.

— E o resto da guarnição? Seremos apenas espectadores e deixaremos Kerrigor e o seu exército atravessarem o Perímetro?

— Provavelmente não terá outra alternativa.

— Estou vendo — murmurou Horyse. Levantou-se e andou para trás e para a frente, seis passos, tudo o que o abrigo subterrâneo permitia. — Felizmente, ou infelizmente, talvez, no momento estou fazendo as vezes de Oficial Geral de todo o Perímetro. O General Ashenber regressou ao Sul, devido a... ah... doença. Uma situação apenas temporária, o Q. G. do Exército tem relutância em atribuir qualquer tipo de alto comando àqueles de nós que apresentam a marca da Carta. Por isso a decisão é minha...

Parou de andar de um lado para o outro e olhou para Sabriel e Touchstone, mas os seus olhos pareceram ver algo além deles e da chapa ondulada ferrugenta que revestia o abrigo subterrâneo. Por fim falou.

— Muito bem. Vou dar-lhe doze Magos da Carta, metade do total dos Batedores, mas acrescentarei também alguns elementos mais mundanos. Um destacamento para acompanhá-la a... como é que era? Docky Point. Mas não posso prometer que não haverá combates no Perímetro.

— Precisamos também de você, Coronel — disse Sabriel, no silêncio que se seguiu à sua decisão. — É o Mago da Carta mais forte que a Guarnição possui.

— Impossível! — exclamou Horyse em tom enfático. — Tenho o comando do Perímetro. As minhas responsabilidades estão aqui.

— De qualquer forma, nunca conseguirá explicar esta noite — afirmou Sabriel. — Nem a qualquer general lá no Sul, nem a ninguém que não tenha atravessado a Muralha.

— Irei... irei pensar no assunto enquanto vocês comem algo — declarou Horyse, o ruído de uma travessa e pratos anunciando diplomaticamente a chegada do oficial de dia da cozinha que subia os degraus. — Entre!

O oficial de dia entrou, o vapor elevando-se das extremidades dos pratos de alumínio. Quando pousou a travessa, Horyse saiu em grandes passadas atrás dele, gritando.

— Mensageiro! Quero o Oficial às Ordens, Major Tindall, e o SAC da Companhia, o Tenente Aire dos Batedores, o SAR e o Oficial de Equipamento da Sala de Operações daqui a dez minutos. Oh... chame também o Oficial de Transporte. E avise o Corpo de Telegrafistas, que esteja a postos para a

codificação.

Tudo se passou rapidamente depois de bebido o chá. Quase rápido demais para os exaustos Sabriel e Touchstone. A avaliar pelos ruídos no exterior, os soldados corriam em todas as direções, enquanto eles almoçavam. Depois, antes de terem sequer tempo de começar a digerir, Horyse estava de volta, dizendo-lhes para se porem em marcha.

Era mais ou menos como ser uma jogadora no recreio do colégio, pensou Sabriel, ao sair rapidamente da trincheira de comunicação para o recinto da parada. Acontecia muita coisa à sua volta, mas não tinha propriamente a impressão de participar. Sentiu Touchstone roçar-lhe de leve o braço e sorriu-lhe para tranquilizá-lo devia ser bem pior para ele.

Decorridos minutos, caminhavam apressados pelo recinto da parada, em direção a uma fila de caminhões à espera, um jipe aberto e duas estranhas engenhocas blindadas. Em forma de losango, com peças de artilharia montadas na torre de cada lado e lagartas. Tanques, percebeu Sabriel. Tal como os caminhões, faziam barulho, os seus motores vomitando fumaça azul-acinzentada. Agora não há problema, pensou Sabriel, mas os motores parariam quando o vento soprasse do Reino Antigo. Ou quando Kerrigor chegasse...

Horyse conduziu-os ao jipe, abriu a porta traseira e fez-lhes sinal para que entrassem.

— Vem conosco? — perguntou Sabriel com hesitação, quando se instalaram nos bancos de pele fortemente acolchoados, combatendo uma onda de cansaço que ameaçava o sono imediato.

— Sim — respondeu Horyse, lentamente. Pareceu surpreso com a sua própria resposta e subitamente distante. — Sim, vou.

— O senhor tem a Visão — disse Touchstone, erguendo o olhar da bainha da espada, que ajustava antes de se sentar. — O que foi que viu?

— O mesmo de sempre — respondeu Horyse. Sentou-se no banco da frente e acenou com a cabeça ao condutor, um veterano dos Batedores, de rosto magro, cuja marca da Carta era quase invisível no seu rosto queimado pelo sol.

— O que quer dizer? — perguntou Sabriel, mas a sua pergunta perdeu-se quando o condutor apertou o botão de arranque e o carro tossiu e ganhou vida, um acompanhamento de tenor para a cacofonia de baixo dos caminhões e dos tanques.

Touchstone saltou com o ruído e a vibração súbitos, depois sorriu timidamente a Sabriel, que assentara delicadamente os dedos no braço dele, como se acalmasse uma criança.

— O que quis ele dizer com ”o mesmo de sempre”? — perguntou Sabriel.

Touchstone olhou para ela, a tristeza e a exaustão competindo pelo primeiro lugar na sua expressão. Tomou a mão dela nas suas e descreveu uma linha ao comprimento da palma uma espécie de linha definida, de remate.

— Oh — murmurou Sabriel. Fungou e olhou para a parte de trás da cabeça de Horyse, os olhos desfocados, vendo apenas a linha do seu cabelo grisalho cortado curto que se estendia por baixo da borda do capacete. — Ele tem uma filha da mesma idade que eu, lá em... Em algum lugar no Sul — murmurou, apertando a mão de Touchstone até os dedos dele ficarem tão brancos como os dela. — Porque, oh, porque é que tudo... todos...

O carro arrancou com um solavanco, precedido de dois batedores em motocicletas e seguido, por sua vez, por cada um dos nove caminhões, cuidadosamente espaçados de cem em cem metros. Os tanques, com as lagartas chiando e a arrastando-se, seguiram por uma estrada lateral até à linha de manobras dos caminhos-de-ferro, onde seriam carregados e enviados para Wyverley Halt. Era pouco provável que chegassem antes do anoitecer. O comboio na estrada estaria em Docky Point antes das seis da tarde.

Sabriel permaneceu em silêncio os primeiros quinze quilômetros, a mão agarrando ainda com força a de Touchstone. Também ele seguiu em silêncio, mas atento, olhando para todo o lado quando abandonaram a zona militar, observando as quintas prósperas de Ancelstierre, as estradas isoladas, as casas de tijolo, os carros particulares e os veículos de tração animal, afastados por dois polícias de capacete vermelho.

— Agora estou bem — disse Sabriel baixinho, quando abrandaram para atravessar a cidade de Bain. Touchstone anuiu, observando ainda, olhando para as montras das lojas em High Street. Os habitantes da cidade olhavam também, pois era raro ver soldados com todo o equipamento de combate do Perímetro, os sabres-baionetas e os escudos, e Sabriel e Touchstone eram nitidamente do Reino Antigo.

— Temos de parar na Esquadra da Polícia e avisar o Superintendente — anunciou Horyse quando o veículo deles estacionou ao lado de um edifício imponente de paredes brancas com duas grandes lanternas elétricas azuis penduradas à frente de um cartaz chamativo anunciando a sede da Polícia do Condado de Bain.

Horyse levantou-se, fez sinal ao resto do comboio para que continuasse, depois saltou e subiu os degraus correndo, uma figura curiosamente incôgrua de cota de malha e caqui. Um agente que descia os degraus pareceu ir mandá-lo parar, mas mudou de idéia e fez-lhe antes a continência.

— Estou bem — repetiu Sabriel. — Agora pode soltar a minha mão.

Touchstone sorriu e dobrou um pouco a mão com a dela agarrada. Ela pareceu ligeiramente perplexa, depois sorriu também, os seus dedos descontraindo lentamente até as mãos deles ficarem estendidas no assento, apenas os dedos tocando-se.

Em qualquer outra cidade, certamente se reuniria uma multidão à volta do veículo do Exército com dois passageiros tão invulgares. Mas estavam em Bain e Bain ficava perto da Muralha. As pessoas lançaram um olhar, viram as marcas da Carta, as espadas e a armadura e seguiram em outra direção. As que possuíam cautela natural, ou um pouco de Visão, foram para casa e trancaram as portas e as persianas, não apenas com aço e ferro, mas também com cabos de vassoura e troncos de sorveira-brava. Outras, mais cautelosas ainda, foram para o rio e as suas ilhotas arenosas, sem sequer fingirem estar pescando.

Horyse saiu passados cinco minutos, acompanhado de um homem alto com ar sério, a constituição corpulenta e o rosto aquilino ligeiramente ridicularizados por um par de lunetas muito pequenas penduradas na extremidade do nariz. Apertou a mão do Coronel, Horyse regressou ao carro e partiram novamente, o condutor metendo as mudanças com considerável perícia.

Alguns minutos depois tinham deixado para trás os últimos edifícios da cidade, um sino começando a tocar atrás deles, cava e lento. Passados apenas alguns momentos, seguiu-se outro de algum lugar à esquerda, depois outro lá de cima. Em breve os sinos tocavam em todo o lado.

— Excelente trabalho — gritou Horyse para a traseira do veículo.

— O Superintendente deve tê-los obrigado a treinar no passado.

— Os sinos são um aviso? — perguntou Touchstone. Eis algo com o qual estava familiarizado e começou a sentir-se mais à vontade, mesmo com este som, aviso de problemas extremos. Não o intimidavam, afinal, depois de enfrentar o reservatório pela segunda vez, sentia-se capaz de enfrentar qualquer receio.

— Sim — respondeu Horyse. — Recolher ao cair da noite. Trancar portas e janelas. Negar a entrada a desconhecidos. Irradiar luz no interior e no exterior. Preparar velas e lanternas para quando a eletricidade faltar. Usar prata. Se apanhado no exterior, procurar água corrente.

— Costumávamos recitar isso nas aulas das alunas mais novas — disse Sabriel. — Mas não creio que muitas pessoas se recordem, mesmo as pessoas desta região.

— Ficaria surpresa, minha senhora — interrompeu o condutor, falando pelo canto da boca, sem nunca tirar os olhos da estrada. — Os sinos não tocam assim há vinte anos, mas muita gente se lembra. Avisarão quem não souber, não

se preocupe com isso.

— Assim espero — respondeu Sabriel, uma lembrança instantânea atravessando-lhe a mente. A população de Nestowe, dois terços do seu total perdidos para os Mortos, os sobreviventes amontoados nos barracões de secagem do peixe numa ilha rochosa. — Assim espero.

— Falta muito para chegarmos a Docky Point? — perguntou Touchstone. Ele também ele se lembrava, mas as suas lembranças eram de Rogir. Em breve voltaria a ver o rosto de Rogir, mas seria apenas um invólucro, um instrumento para o que Rogir se tornara...

— Cerca de uma hora, no máximo, penso — respondeu Horyse.

— Por volta das seis. Conseguimos fazer uma média de cinquenta quilômetros por hora nesta geringonça, um feito notável. Pelo menos para mim. Estou tão acostumado ao Perímetro e ao Reino Antigo, a pequena parte que vimos durante as patrulhas, pelo menos. Gostaria de ver mais... ir mais para norte...

— Verá — disse Sabriel, mas faltava convicção à sua voz, mesmo aos seus ouvidos. Touchstone nada disse e Horyse não respondeu, por isso seguiram em silêncio depois daquilo, não tardando a apanhar o comboio, ultrapassando cada veículo até tomarem novamente a dianteira. Mas, para onde quer que fossem, os sinos precediam-nos, cada campanário de aldeia retomando o aviso.

Conforme Horyse previra, chegaram à aldeia de Wyverley antes das seis. Os caminhões pararam numa fila ao longo da aldeia, desde a casa do polícia à hospedaria Wyvern, os homens saltando quase antes dos veículos pararem, formando rapidamente colunas na estrada. O caminhão com o telégrafo estacionou por baixo de um poste dos telefones e dois homens treparam para efetuarem as ligações. Os polícias militares foram para cada extremo da aldeia, para desviarem o trânsito. Sabriel e Touchstone saíram do carro e aguardaram.

— Não é muito diferente da Guarda Real — comentou Touchstone, observando os homens que corriam para as suas posições de parada, os sargentos gritando, os oficiais reunindo-se à volta de Horyse, que falava pelo telefone acabado de ligar. Posicionem-se e esperem.

— Teria gostado de o ver na Guarda Real — disse Sabriel. — E no Reino Antigo, em... quero dizer, antes das Pedras serem destruídas.

— Na minha época, quer dizer — afirmou Touchstone. — Também teria gostado disso. Era mais como aqui, nessa época. Aqui, isto é, em condições normais. Pacífico e calmo. Às vezes achava que a vida era muito lenta, muito previsível. Preferiria agora...

— Costumava pensar assim no colégio — respondeu Sabriel. — Sonhar com o Reino Antigo. Magia da Carta correta. Mortos aprisionados. Príncipes...

— Sendo salvos?

— Casando-se — concluiu Sabriel, distraidamente. Estava entretida a observar Horyse. Dava a impressão de estar recebendo más notícias pelo telefone.

Touchstone não falou. Parecia tudo muito mais nítido para ele, centrado em Sabriel, o seu cabelo negro brilhando como uma asa de corvo com o sol da tarde. “Eu a amo”, pensou. “Mas, se disser agora a coisa errada, posso nunca...”

Horyse devolveu o telefone a um telegrafista e virou-se para eles. Touchstone observou-o, subitamente consciente de que provavelmente só teria cinco segundos para estar a sós com Sabriel, para dizer alguma coisa, dizer qualquer coisa. Talvez os últimos cinco segundos que alguma vez teriam para estar juntos e a sós...

“Não tenho medo”, disse de si para si.

— Eu te amo — murmurou. — Espero que não se importe.

Sabriel olhou para ele e sorriu, apesar dos pesares. A sua tristeza pela morte do pai ainda estava lá e os receios pelo futuro, mas ao ver Touchstone olhando-a apreensivamente deu-lhe de alguma forma esperança.

— Não me importo — murmurou também, encostando-se a ele. Franziu o sobrolho. — Acho... acho que também poderia amá-lo, que a Carta me ajude, mas agora é...

— A linha telefônica para o Ponto de Passagem do Perímetro acaba de cair — anunciou Horyse sombriamente, gritando acima do sino da aldeia antes mesmo de estar suficientemente perto para falar. — Começou a estender-se um nevoeiro do outro lado da Muralha há cerca de uma hora. Chegou às trincheiras avançadas às quatro e quarenta e seis. Depois disso nenhuma das companhias avançadas pôde ser contactada por telefone ou estafeta. Estava precisamente falando com o Oficial de Dia quando... aquele sujeito jovem tão interessado no seu avião. Ele disse que o nevoeiro estava quase alcançando a posição dele. Depois a linha silenciou-se.

— Portanto — disse Sabriel, — Kerrigor não esperou até ao pôr do Sol. Está controlando o tempo.

— Pelas indicações que chegaram do Perímetro — afirmou Horyse, — este nevoeiro, ou lá o que contém, está avançando para sul a uma média de trinta quilômetros por hora. Direto, nos alcançará por volta das sete e meia. Já escuro, com o nascer da Lua ainda por acontecer.

— Nesse caso vamos — respondeu Sabriel. — A pista para cavaleiros até Docky Point começa por trás da hospedaria. Vou à frente?

— É melhor não — respondeu Horyse. Virou-se e gritou algumas ordens, acompanhadas de acenos e gestos. Passados segundos, os homens contornavam a

hospedaria, seguindo o caminho para Docky Point. Primeiro, os Batedores do Ponto de Passagem, os arqueiros e todos os Magos da Carta. Depois, o primeiro pelotão de infantaria, as baionetas fixas, as carabinas a postos. Passada a hospedaria assumiram uma formação sagitada. Horyse, Sabriel, Touchstone e o condutor seguiram-nos. Atrás deles vinham mais dois pelotões e os telegrafistas, esticando o pesado rolo de fio telefônico de uma bobina pesada e grande.

Reinava o silêncio entre os sobreiros, os soldados movendo-se o mais silenciosamente que podiam, comunicando por sinais com as mãos em vez de gritos, apenas o seu passo pesado e o esporádico chocalhar da armadura ou do equipamento perturbando o silêncio.

O Sol brilhava por entre as árvores, intenso e dourado, mas já perdendo o calor, como um vinho aloirado que era só sabor e nenhuma graduação.

Apenas os Batedores do Ponto de Passagem se encaminhavam para o alto da colina. O pelotão de infantaria da frente seguiu por um desvio inferior até ao lado norte; os outros dois pelotões avançaram para sudoeste e sueste, formando um triângulo defensivo à volta da colina. Horyse, Sabriel, Touchstone e o condutor prosseguiram.

As árvores tinham definhado a cerca de vinte metros do alto da colina, as ervas daninhas espessas e os cardos tomando o seu lugar. Depois, no ponto mais alto, estava o dólmén: um quadrado sólido, em forma de cabana, de pedras cinzento-esverdeadas. Os doze Batedores agrupavam-se à volta dele, sem obedecer a regras, quatro já levantando uma das pedras angulares com um pé-de-cabra comprido, obviamente trazido para isso.

Quando Sabriel e Touchstone chegaram ao alto, a pedra caiu com estrondo, revelando mais blocos de pedra por debaixo. Ao mesmo tempo, cada Mago da Carta presente sentiu um ligeiro zumbido nos ouvidos e uma onda de vertigem.

— Sentiram aquilo? — perguntou Horyse, desnecessariamente, pois era evidente que sim, pelas expressões de todos e também as mãos levadas aos ouvidos.

— Sim — respondeu Sabriel. Em menor escala, era o mesmo tipo de sensação que as pedras partidas tinham causado no reservatório.

— Receio que vá piorar, quando nos aproximarmos do sarcófago.

— A que distância se encontra?

— A quatro blocos de profundidade, — creio informou Sabriel. — Ou cinco. Eu... o vi... de uma perspectiva estranha.

Horyse concordou e indicou aos homens que continuassem levantando as pedras. Fizeram-no com precisão, mas Sabriel reparou que estavam sempre olhando a posição do Sol. Todos os Batedores eram Magos da Carta de poder

diverso todos conheciam o que o pôr do Sol traria.

Em quinze minutos, tinham aberto um buraco de dois blocos de largura e dois de fundo numa extremidade e o mal-estar agravava-se. Dois dos Batedores mais jovens, homens dos seus vinte e poucos anos, tinham vomitado violentamente e recuperavam mais abaixo na colina. Os outros trabalhavam mais devagar, as suas energias concentradas em conservar os almoços nos estômagos e parar os tremores dos membros.

Surpreendentemente, dada a sua falta de sono e estado geral de exaustão, Sabriel e Touchstone tiveram relativa facilidade em resistir às ondas de náusea que emanavam do dólmén. Não se comparava com o frio, o medo escuro do reservatório, ali na colina, com o Sol e a brisa fresca, aquecendo e refrescando ao mesmo tempo.

Quando os terceiros blocos foram retirados, Horyse mandou fazer um breve intervalo e todos se afastavam colina abaixo até à linha das árvores, onde a aura nauseante do dólmén se dissipou. Os telegrafistas tinham consigo um telefone, o aparelho assente na bobina. Horyse pegou-o, mas virou-se para Sabriel antes do telegrafista estabelecer a ligação rodando a manivela.

— Há alguns preparativos a fazer antes de retirarmos os últimos blocos? Quero dizer, mágicos.

Sabriel pensou por um momento, querendo que o seu cansaço se dissipasse, depois abanou a cabeça.

— Não creio. Assim que tivermos acesso ao sarcófago, podemos ter de abri-lo com uma fórmula, irei precisar da ajuda de todos para isso. Depois, os ritos finais sobre o corpo, a fórmula habitual da cremação. Nessa altura haverá também resistência. Os seus homens estão habituados a lançar a Magia da Carta em conjunto?

— Infelizmente não — respondeu Horyse, carregando o cenho. — Porque o Exército não admite oficialmente a existência da Magia da Carta, todos os aqui presentes são basicamente autodidatas.

— Não tem importância — disse Sabriel, tentando mostrar-se confiante, consciente de que todos à sua volta escutavam. — Vamos conseguir.

— Ótimo — respondeu Horyse, sorrindo. Aquilo deixou-o muito confiante, pensou Sabriel. Tentou sorrir também, mas duvidou do resultado. Assemelhou-se muito mais a um esgar de dor.

— Bem, vejamos até onde veio o nosso hóspede não convidado — continuou Horyse, sempre sorrindo. Onde nos liga este telefone, Sargento?

— À Polícia de Bain — respondeu o Sargento Telegrafista, rodando vigorosamente a manivela. — E ao Q. G. do Exército no Norte, senhor. Terá de pedir ao Cabo Synge para lhe fazer a ligação. Ele está na base na aldeia.

— Muito bem — replicou Horyse. — Alô? Oh, Synge? Ligue-me a Bain. Não, diga ao Norte que não conseguiu me contactar. Sim, isso mesmo, Cabo. Obrigado... ah... Polícia do Condado de Bain? Fala o Coronel Horyse. Quero falar com o Superintendente-Chefe Dingley... sim. Alô, Superintendente? Teve alguma informação de um nevoeiro denso e estranho... o quê! Já! Não, não investigue de forma alguma. Mande todos se recolherem. Fechar as persianas das janelas... sim, o exercício do costume. Sim, o que quer que está no... Sim, extraordinariamente perigoso... alô? Alô?!

Pousou lentamente o auscultador e apontou para o alto da colina.

O nevoeiro está avançando já pela parte norte de Bain. Deve deslocar-se muito mais rapidamente. — É possível que este Kerrigor saiba o que tramamos?

— Sim — responderam Sabriel e Touchstone, ao mesmo tempo.

— É melhor sermos rápidos nesse caso — anunciou Horyse, olhando para o relógio. — Diria que temos menos de quarenta minutos.

Os últimos blocos saíram lentamente, puxados por homens suados e de rosto branco, as suas mãos e as suas pernas tremendo, a respiração entrecortada. Assim que o caminho ficou livre, recuaram, afastando-se do dólmén, procurando zonas de sol para combater o frio horrível que parecia atacar-lhes os ossos. Um soldado, um homem elegante com um bigode louro-branco, caiu pela colina abaixo e ficou aos vômitos, até os maqueiros acorrerem para levá-lo.

Sabriel olhou para o buraco escuro no dólmén e viu o brilho tênue e inquietante do sarcófago de bronze lá dentro. Sentiu-se também indisposta, com os cabelos na nuca eriçados, a pele arrepiada. O ar parecia carregado com o cheiro de Magia Livre, um forte gosto metálico na sua boca.

— Teremos de proferir uma fórmula para abri-lo — anunciou, cheia de desânimo. — O sarcófago está fortemente protegido. Penso... que o melhor seria eu entrar com Touchstone segurando minha mão, Horyse a dele e assim sucessivamente, para formarmos uma linha de reforço da Magia da Carta. Conhecem todos as marcas da Carta para a fórmula de abertura?

Os soldados anuíram ou disseram:

— Sim, minha senhora.

Um disse:

— Sim, Abhorsen.

Sabriel olhou para ele. Um cabo de meia-idade, com as divisas de uma longa carreira na manga. Parecia ser o menos afetado pela Magia Livre.

— Pode tratar-me por Sabriel, se quiser — disse ela, estranhamente perturbada pelo que ele lhe chamara.

O cabo abanou a cabeça.

— Não, Menina. Conheci o seu pai. E você tal e qual ele. O Abhorsen, agora. Irá fazer com que este sacana Morto, com sua licença, deseje ter estado devidamente morto.

— Obrigada — respondeu Sabriel, vagamente. Sabia que o cabo não possuía a Visão, era sempre possível saber, mas a confiança que depositava nela era tão concreta...

— Ele tem razão — disse Touchstone. Fez-lhe sinal para que seguisse à sua frente, esboçando uma vênica cortês. — Vamos acabar aquilo a que viemos, Abhorsen.

Sabriel retribuiu a vênica, num movimento que quase deu a impressão de ser um ritual. O Abhorsen curvando-se perante o Rei. Depois respirou fundo, o rosto dela assumindo uma expressão determinada. Começando a formar na sua

mente as marcas da Carta para abrir, deu a mão a Touchstone e avançou para o dólmen aberto, o seu interior escuro e sombrio em nítido contraste com os cardos e as pedras caídas iluminados pelo sol. Atrás dela, Touchstone semivirou-se para segurar também a mão calosa de Horyse, a outra mão do Coronel já segurando a do Tenente Aire, Aire agarrando a do Sargento, o Sargento de longa carreira a do Cabo e assim sucessivamente colina abaixo. Catorze Magos da Carta ao todo, apesar de apenas dois serem de primeira categoria.

Sabriel sentiu a Magia da Carta brotando da fila, as marcas brilhando com cada vez mais intensidade na sua mente, até quase perder a sua visão normal com o esplendor delas. Avançou vagarosamente para o dólmen, cada passo trazendo aquela náusea por demais familiar, o formigueiro, os tremores incontroláveis. Mas as marcas tinham força na sua mente, mais força do que o mal-estar.

Alcançou o sarcófago de bronze, bateu-lhe com a palma da mão e deixou a Magia da Carta sair. Imediatamente, deu-se uma explosão de luz e um grito terrível ecoou por todo o dólmen. O bronze aqueceu e Sabriel retirou bruscamente a mão, a palma vermelha e empolada. Um segundo depois, o vapor estendia-se à volta de todo o sarcófago, grandes gotas de vapor escaldante, obrigando Sabriel a retirar-se, toda a fila se desmoronando como dominós, saindo desordenadamente do dólmen e colina abaixo.

Sabriel e Touchstone foram arremessados a cerca de cinco metros da entrada para o dólmen. Sem saber como, a cabeça de Sabriel aterrou no estômago de Touchstone. A cabeça dele enfiou-se num cardo, mas ambos ficaram imóveis por um momento, esgotados pela magia e a força das defesas da Magia Livre. Olharam para o céu azul lá em cima, já matizado com o vermelho do pôr do Sol iminente. Ouviram-se muitos palavrões e pragas à volta deles, quando os soldados se levantaram.

— Não se abriu — disse Sabriel, com voz tranquila, compenetrada. — Não temos o poder ou os conhecimentos... — Parou e depois acrescentou: — Quem me dera que Mogget não estivesse... Quem me dera que ele estivesse aqui. Pensaria em alguma coisa...

Touchstone permaneceu silencioso, depois disse:

— Precisamos de mais Magos da Carta, daria certo se as marcas fossem suficientemente reforçadas.

— Mais Magos da Carta — afirmou Sabriel, em tom cansado. — Estamos do lado errado da Muralha...

— E o seu colégio? — perguntou Touchstone e depois "Au!" quando Sabriel se atirou bruscamente, fazendo-o perder o equilíbrio, e a seguir outro "Au!" quando ela se curvou e o beijou, afundando-lhe mais a cabeça no cardo.

— Touchstone! Devia ter-me lembrado... as alunas das aulas de Magia Avançada. Devem existir trinta e cinco meninas com a marca da Carta e os conhecimentos básicos.

— Ótimo — murmurou Touchstone, das profundezas do cardo. Sabriel estendeu as mãos e ajudou-o a levantar-se, sentindo o cheiro de suor dele e o odor fresco, pungente, de cardos amassados. Vinha ele a meio quando ela pareceu perder o entusiasmo e ele quase caiu outra vez.

— As meninas estão lá — disse Sabriel lentamente, como se pensasse em voz alta. — Mas terei o direito de envolvê-las em algo que...

— De qualquer maneira, elas já estão envolvidas — interrompeu Touchstone. — A única razão de Ancelstierre não ser como o Reino Antigo é a Muralha e ela não durará assim que Kerrigor destruir as outras Pedras.

— Elas não passam de crianças — afirmou Sabriel com tristeza. — Apesar de sempre nos julgarmos mulheres adultas.

— Precisamos delas — reiterou Touchstone.

— Sim — concordou Sabriel, virando-se para o grupo de homens reunido o mais perto que ousava do dólmen. Horyse e alguns dos Magos da Carta mais fortes espreitavam da entrada o bronze tremeluzente lá dentro. — A fórmula falhou disse Sabriel. Mas Touchstone acaba de me recordar onde podemos arranjar mais Magos da Carta.

Horyse olhou para ela, a urgência no seu rosto.

— Onde?

— No Colégio Wyverley. A minha antiga escola. As aulas de Magia do quinto e do sexto anos e a professora, Mestra Greenwood. Fica a menos de quilômetro e meio de distância.

— Não creio que tenhamos tempo para mandar um recado até lá e trazê-las para cá — começou Horyse, olhando para o sol-poente, depois para o relógio, que andava agora para trás. Pareceu perplexo por um momento, depois ignorou-o. — Mas acha que seria possível deslocar o sarcófago?

Sabriel pensou na fórmula protetora que encontrara, depois respondeu:

— Sim. A maior parte das defesas encontrava-se no dólmen, para disfarçar. Não existe nada que nos impeça de deslocar o sarcófago, a não ser os efeitos secundários da Magia Livre. Se conseguirmos suportar o mal-estar, podemos transferi-lo...

— E o Colégio Wyverley, é um edifício antigo e sólido?

— Mais parece um castelo do que outra coisa — respondeu Sabriel, seguindo a linha do pensamento dele. — Mais fácil de defender do que esta colina.

— Água corrente... Não? Isso seria esperar demais. Muito bem! Soldado

Raso Macking, vá rapidamente encontrar o Major Tindall e diga-lhe que quero a companhia dele a postos para avançar dentro de dois minutos. Vamos voltar para os caminhões, depois rumamos ao Colégio Wyverley, vem no mapa, a cerca de quilômetro e meio...

— Para sudoeste — acrescentou Sabriel.

— Para sudoeste. Repita. — O Soldado Raso Macking repetiu a mensagem num tom de voz lento, arrastado, manifestamente ansioso por se afastar do dólmen. Horyse virou-se para o cabo com uma longa carreira e disse: — Cabo Anshey. Parece-me em excelente forma. Acha que conseguiria passar uma corda à volta do caixão?

— Presumo que sim, senhor — respondeu o Cabo Anshey. Soltou um rolo de corda da faixa que o prendia enquanto falou e fez sinal com a mão aos outros soldados. — Vamos lá, rapazes, preparem as suas cordas.

Vinte minutos depois, o sarcófago era levantado por cábreas e cordas presas a uma carroça puxada por um cavalo, requisitados de um agricultor local. Conforme Sabriel esperara, só arrastá-lo até vinte metros dos caminhões fez parar os seus motores, apagou as luzes elétricas e avariou o telefone.

Curiosamente, o cavalo, uma égua velha e serena, não pareceu muito assustado pelo sarcófago cintilante, não obstante a sua superfície de bronze onde se arrastavam indolentemente perversões das marcas da Carta capazes de dar a volta ao estômago. Não era um cavalo feliz, mas também não entrara em pânico.

— Teremos de dirigir o carro — disse Sabriel a Touchstone, quando os soldados empurraram lá para dentro o caixão suspenso com longas varas e soltaram as cábreas. — Não creio que os Batedores aguentem o mal-estar muito mais tempo.

Touchstone estremeceu. Como todos os demais, estava pálido, tinha os olhos vermelhos nos bordos, o nariz pingava e os dentes batiam.

— Também não sei se vou aguentar.

Todavia, quando foi retirada a última corda e os soldados se afastaram correndo, Touchstone subiu para o lugar do condutor e pegou as rédeas. Sabriel instalou-se ao lado dele, reprimindo a sensação de que o estômago estava quase a vir-lhe à boca. Nem olhou para o sarcófago lá atrás.

Touchstone disse "tch-tch" ao cavalo e sacudiu as rédeas. A égua arrebitou as orelhas e levou a carga, avançando. Não foi a um passo rápido.

— Isto é o mais depressa que... — protestou Sabriel, cheia de ansiedade. Tinham de percorrer quilômetro e meio e o Sol estava já cor de sangue, um disco vermelho equilibrado na linha do horizonte.

— É uma carga pesada — respondeu Touchstone lentamente, respirando rapidamente entre as palavras, como se tivesse dificuldade em falar. —

Chegaremos lá antes de escurecer.

O sarcófago parecia zumbir e crepitar lá atrás. Nenhum deles mencionou que Kerrigor podia chegar, envolto em nevoeiro, antes da noite cair. Sabriel deu consigo a olhar para trás de tantos em tantos segundos, para o fundo da estrada. Isto implicava vislumbrar a superfície do caixão em perversa mudança, mas não podia evitá-lo. As sombras alongavam-se e, de cada vez que olhava para a casca pálida de alguma árvore ou um marco miliário caído, o medo agitava-se nas suas entranhas. Aquilo era nevoeiro movendo-se em espiral pela estrada?

O Colégio Wyverley parecia distar muito mais do que quilômetro e meio. O Sol era apenas um quarto de disco quando viram os caminhões sair da estrada e seguir pelo acesso de tijolo que conduzia aos portões de ferro do Colégio Wyverley. O lar, pensou Sabriel por um momento. Mas isso já não era verdade. Fora o lar durante a melhor parte da sua vida, mas isso pertencia ao passado. Fora o lar da sua infância, quando era apenas Sabriel. Agora, ela era também Abhorsen. Agora, o seu lar ficava no Reino Antigo, tal como as suas responsabilidades. Mas, tal como ela, estas deslocavam-se.

As luzes elétricas brilhavam intensamente nas duas lanternas antigas de vidro de cada lado do portão, mas diminuíram para meras faíscas quando a carroça e a sua estranha carga o atravessaram. Um dos portões estava fora dos gonzos e Sabriel percebeu de que os soldados deviam ter forçado a entrada. Não era costume os portões estarem fechados antes de escurecer por completo. Deviam tê-los fechado quando os sinos haviam repicado, percebeu Sabriel, e isso alertou-a para algo mais...

— O sino da aldeia — exclamou, quando a carroça passou por vários caminhões estacionados e deu a volta para parar perto das portas enormes, tipo portão, do edifício principal do colégio. O sino calou-se.

Touchstone fez parar a carroça e pôs-se à escuta, apurando o ouvido para o céu que escurecia. Era verdade, tinham deixado de ouvir o sino da aldeia de Wyverley.

— É quilômetro e meio — disse ele, com hesitação. — Talvez estejamos muito longe, o vento...

— Não — respondeu Sabriel. Sentiu o ar, frio com o anoitecer, parado no seu rosto. Não havia vento. — Era sempre possível ouvi-lo aqui. Kerrigor chegou à aldeia. Precisamos levar o sarcófago para dentro, rapidamente!

Saltou da carroça e correu em direção a Horyse, que estava de pé nos degraus do lado de fora da porta parcialmente aberta, falando com uma figura obscurecida lá dentro. Quando Sabriel se aproximou mais, deslocando-se por entre os grupos de soldados que aguardavam, reconheceu a voz. Era Mrs. Umbrade, a diretora.

— Como se atreve a entrar aqui! — proferia, em tom muito pomposo. — Pois saiba que sou amiga pessoal do General de Divisão Farnsley. Sabriel!

A visão de Sabriel com umas vestes e em circunstâncias tão estranhas pareceu atordoar momentaneamente Mrs. Umbrade. Naquele segundo de silêncio boquiaberto, Horyse fez sinal aos seus homens. Antes que Mrs. Umbrade pudesse protestar, escancararam a porta e torrentes de homens armados precipitaram-se lá para dentro, contornando a sua figura sobressaltada como uma enchente à volta de uma ilha.

— Mrs. Umbrade! — gritou Sabriel. — Preciso falar urgentemente com Miss Greenwood e as meninas das aulas de Magia Avançada. É melhor trazer o resto das meninas e os professores também para os pisos superiores da Torre do Norte.

Mrs. Umbrade ficou ali, engolindo como um peixe de aquário, até Horyse se debruçar subitamente sobre ela e falar bruscamente:

— Mexa-se, mulher!

Quase antes de a sua boca se fechar, ela desaparecera. Sabriel olhou para trás para ver se Touchstone estava se encarregando de organizar a transferência do sarcófago, depois seguiu-a até lá dentro.

A entrada estava já bloqueada por uma fila de soldados numa conga, passando caixas dos caminhões lá fora, empilhando-as ao longo das paredes. Caixas cor de caqui indicavam "Balas de canhão 303 ou "Granadas B2E2 WP", amontoadas por baixo de fotografias das vencedoras de trofeus das equipes de hóquei ou dos quadros de honra e mérito académico com letras douradas. Os soldados haviam também escancarado as portas do Salão Nobre e estavam ali ocupados, fechando as persianas e colocando bancos compridos uns por cima dos outros encostados às janelas com persianas.

Mrs. Umbrade movia-se ainda no outro extremo da entrada, dirigindo-se para um grupo de professores obviamente nervosos. Atrás deles, espreitando com dificuldade da escadaria principal, havia uma fila compacta de alunas sêniores. Mais acima na escadaria, mal conseguindo ver o que se passava, várias alunas mais jovens, do quinto e do sexto anos, cochichavam ruidosamente. Sabriel não duvidou que o resto do colégio encheria os corredores atrás delas, todas ansiosas por saber porque tamanha agitação.

No momento em que Mrs. Umbrade alcançou o corpo docente, todas as luzes se apagaram. Por um momento fez-se silêncio absoluto, chocado, depois o ruído redobrou. As meninas gritando, os soldados berrando, estrondos e pancadas de pessoas que iam de encontro a coisas e umas às outras.

Sabriel ficou onde estava e invocou as marcas da Carta para luz. Vieram facilmente, descendo-lhe pelas pontas dos dedos como água fria de uma ducha.

Deixou-as pairar ali por um momento, depois lançou-as para o teto, gotas de luz que se tornaram do tamanho de pratos rasos e projetaram uma luz amarela em toda a entrada. Mais alguém lançava também luzes semelhantes junto a Mrs. Umbrade e Sabriel reconheceu o trabalho de Mestra Greenwood. Sorriu em reconhecimento, uma ligeira contração de apenas um dos lados da boca. Sabia que as luzes tinham se apagado porque Kerrigor passara pela subestação elétrica, que ficava a meio caminho entre o colégio e a aldeia.

Como esperava, Mrs. Umbrade não estava dizendo nada de útil aos seus professores falando apenas de grosseria e de um General qualquer. Sabriel viu a Mestra por trás da figura alta e curvada da Professora de Ciências e acenou.

— E fiquei extremamente chocada ao ver uma das nossas dizia — Mrs. Umbrade, quando Sabriel se colocou ao lado dela e lhe aplicou suavemente as marcas de silêncio e imobilidade na nuca.

— Desculpe por interromper — disse Sabriel, de pé ao lado da figura da Diretora temporariamente estática. — Mas trata-se de uma emergência. Como podem ver, o Exército vai ocupar provisoriamente o colégio. Estou ajudando o Coronel Horyse, que é o responsável. Agora, precisamos que todas as meninas das duas turmas de Magia Avançada venham até ao Salão Nobre. Com a senhora, Mestra Greenwood, por favor. Todos os demais, alunas, professores, jardineiros, todos, deverão voltar para os pisos superiores da Torre do Norte e barricar-se lá dentro. Até amanhã de manhãzinha.

— Porquê? — quis saber Mrs. Pearch, a Professora de Matemática. — Mas afinal o que vem a ser isto?

— Algo que veio do Reino Antigo — respondeu Sabriel laconicamente, observando os rostos enquanto falava. — Muito em breve seremos atacados pelos Mortos.

— Portanto, as minhas alunas correrão perigo? — perguntou Miss Greenwood, abrindo caminho por entre duas professoras de Inglês assustadas. Olhou para o rosto de Sabriel, como se em reconhecimento, e depois acrescentou: — Abhorsen.

— Todos correrão perigo — respondeu Sabriel, pesarosa. — Mas sem a ajuda dos Magos da Carta não haverá chance...

— Bem — disse Miss Greenwood, com alguma determinação. — É melhor nos organizarmos. Eu vou buscar Sulyn e Ellimere. Penso que são as duas únicas Magas da Carta entre as chefes de turma, elas podem organizar as outras. Mrs. Pearch, seria melhor encarregar-se da... ah... evacuação para a Torre do Norte, pois calculo que Mrs. Umbrade vá estar... ââ... embrenhada nos seus pensamentos. Mrs. Swann, podia trazer a Cozinheira e as criadas, arranjar água, alimentos e velas, também. Mr. Arkler, se quisesse ter a gentileza de ir buscar as

espadas no ginásio...

Vendo que estava tudo sob controle, Sabriel suspirou e dirigiu-se rapidamente até ao exterior, passando pelos soldados que penduravam candeeiros de petróleo no corredor. Não obstante, estava ainda mais claro lá fora, o céu em tons de vermelho e laranja com a última luz solar do dia.

Touchstone e os Batedores desceram o sarcófago e ataram-no. Parecia agora brilhar por si próprio, uma luz interna feia, as marcas da Magia Livre tremulando à superfície como espuma ou coágulos no sangue. Além dos Batedores que puxavam as cordas, ninguém se aproximou dele. Os soldados estavam em todo o lado, desenrolando arame farpado, enchendo sacos com terra dos roseirais, preparando uma linha de fogo no segundo andar, atando foguetes luminosos. Mas, no meio de toda esta agitação, havia um círculo vazio à volta do caixão brilhante de Rogir.

Sabriel encaminhou-se para Touchstone, sentindo a relutância nas suas pernas, o seu corpo enchendo-se de repulsa ante a idéia de se aproximar mais da maldita luminescência do sarcófago. Parecia irradiar agora ondas de náusea mais fortes, agora que o Sol quase desaparecera. Ao crepúsculo, parecia maior, mais forte, a sua magia mais poderosa e maligna.

— Puxem! — gritou Touchstone, içando as cordas com os soldados. — Puxem!

Lentamente, o sarcófago deslizou através das lajes antigas, avançando na direção dos degraus da frente, onde outros soldados construíam apressadamente uma rampa de madeira, encaixando-a nos degraus.

Sabriel decidiu deixar o assunto com Touchstone e desceu um pouco o acesso, até onde era possível ver os portões de ferro. Ficou ali, observando, as mãos percorrendo nervosamente os cabos dos sinos. Seis sinos agora provavelmente todos ineficazes contra o poder medonho de Kerrigor. E uma espada desconhecida, estranha ao seu tato, mesmo que tivesse sido forjada pelo Construtor da Muralha.

O Construtor da Muralha. Recordou-se de Mogget. Quem sabia o que ele fora, aquela estranha combinação de companheiro irascível dos Abhorsens e construção incandescente da Magia Livre que jurara matá-los. Desaparecera agora, levado pelo pesaroso chamamento de Astarael...

“Abandonei este lugar sem saber quase nada sobre o Reino Antigo e voltei com pouco mais”, pensou Sabriel. “Sou o Abhorsen mais ignorante em séculos e talvez um dos mais intensamente postos à prova...”

Um ruído de disparos interrompeu-lhe os pensamentos, seguido pelo zunido de um foguete subindo ao céu, o seu rastro amarelo descendo em direção à estrada. Seguiram-se mais tiros. Uma salva rápida depois silêncio súbito. O

foguete desfez-se num clarão em forma de parequedas branco, que desceu lentamente. No seu clarão intenso de magnésio, Sabriel viu nevoeiro rolando pela estrada, denso e úmido, estendendo-se até à escuridão, tanto quanto conseguia alcançar.

Sabriel fez um esforço para voltar às portas principais, em vez de desatar aos gritos e a correr. Muitos soldados puderam vê-la estavam ainda colocando filas de candeeiros, irradiando dos degraus, e vários soldados seguravam um rolo de arame, aguardando o momento de o impelirem. Olharam-na com ansiedade quando passou.

O sarcófago vinha precisamente deslizando pela rampa até o corredor à sua frente. Sabriel podia perfeitamente tê-lo empurrado, mas aguardava no exterior, atenta. Passado um momento, percebeu que Horyse se encontrava ao lado dela, o seu rosto meio iluminado pelas lanternas, meio na sombra.

— O nevoeiro... o nevoeiro está quase chegando aos portões — disse Sabriel, muito depressa para estar calma.

— Eu sei — respondeu Horyse, com firmeza. — Aqueles disparos foram de um piquete. Seis homens e um cabo.

Sabriel anuiu. Sentira as suas mortes, como murros ligeiros no estômago. Estava já fazendo um esforço para ignorar, para entorpecer intencionalmente os seus sentidos. Haveria muitas mais mortes naquela noite.

Subitamente, sentiu algo que não era uma morte, mas coisas mortas. Pôs-se muito direita e exclamou:

— Coronel! O Sol se pôs completamente e vem aí algo, vem à frente do nevoeiro!

Desembainhou a espada enquanto falava, a lâmina do Coronel brilhando um segundo depois. O grupo do arame olhou à sua volta, sobressaltado, depois correu para os degraus e o corredor. De cada lado da porta, equipes de dois homens ergueram as pesadas metralhadoras montadas em tripés e encostaram as espadas aos muros de sacos de areia acabados de erguer.

— Segundo piso, preparar! — gritou Horyse, e por cima da cabeça dela, Sabriel ouviu as patilhas de cinquenta espingardas serem puxadas. Pelo canto do olho, viu dois Batedores virem até o exterior e tomar posição atrás dela, as flechas colocadas, os arcos a postos. Sabia que estavam prontos para puxá-la para dentro, se fosse necessário...

No silêncio expectante, ouviam-se apenas os sons habituais da noite. O vento nas árvores altas além dos muros do colégio principiando a aumentar à medida que o céu escurecia. Os grilos começaram a cantar. Depois Sabriel ouviu o ranger maciço das articulações dos Mortos, já não unidas por cartilagens; os passos dos pés dos Mortos, os ossos como cardas fazendo ruído através da carne necrótica.

— Mãos — afirmou, com nervosismo. — Centenas de Mãos. No momento em que falava, uma parede sólida de carne Morta atingiu os portões de ferro, derrubando-os com estrondo numa fração de segundo. Depois, formas vagamente humanas estavam por todo o lado, correndo para eles, bocas Mortas arfando e sibilando numa imitação medonha de um grito de guerra.

— Fogo!

No instante que demorou a execução desta ordem, Sabriel sentiu o medo horrível de que as armas pudessem não funcionar. Depois, as espingardas produziram um ruído seco e as metralhadoras emitiram um estrondo terrível, atroador, os projéteis vermelhos das descargas saindo, ricochecendo no pavimento, num bordado insano de violência terrível. As balas dilaceraram a carne Morta, estilhaçaram osso, derrubando as Mãos, mas elas continuaram a vir, até serem literalmente despedaçadas, partidas em pedaços, ficando penduradas no arame.

Os disparos abrandaram, mas, antes que cessassem por completo, outra onda de Mãos veio aos tropeções, rastejando, atravessando o portão, correndo, escorregando, derrubando o muro. Centenas delas, tão compactas que esmagaram o arame e prosseguiram, até a última delas ser ceifada pelas armas junto à base dos degraus da frente. Algumas, ainda com um tênue vestígio de inteligência humana, retiraram-se, apenas para serem apanhadas por grandes gotas de chamas das granadas fosforosas brancas atiradas do segundo andar.

— Sabriel, venha para dentro! — ordenou Horyse, quando as últimas Mãos saltaram e rastejaram em círculos loucos, até mais balas se cravarem nelas e as imobilizarem.

— Sim — respondeu Sabriel, olhando para o tapete de corpos, as chamas tremulando nas lanternas e pedaços de fósforo ardendo como velas em algum ossuário sinistro. O cheiro de cordite estava no seu nariz, penetrava-lhe o cabelo, as roupas, os canos das metralhadoras emitindo um vermelho nefasto de cada lado dela. As Mãos já estavam mortas, mas, mesmo assim, esta destruição maciça deixou-a mais doente do que qualquer Magia Livre...

Veio para dentro, embainhando a espada. Só então se lembrou dos sinos. Possivelmente, poderia ter dominado aquela vasta turba de Mãos, mandando-a pacificamente de volta para a Morte, sem... mas era tarde demais. E se ela tivesse sido vencida?

A seguir viriam as Mãos-Sombra, sabia-o, e elas não poderiam ser detidas pela força física ou os seus sinos, a menos que viessem em pequeno número... e isso era tão provável como uma alva prematura...

Haviam mais soldados no corredor, mas estes tinham cotas de malha e capacete, com grandes escudos e lanças largas raiadas de prata e as marcas da

Carta mais simples, desenhadas com giz e saliva. Estavam fumando e bebendo chá pelo segundo melhor serviço de porcelana do colégio. Sabriel percebeu que lutariam quando as armas falhassem. Evidenciavam um ar de nervosismo controlado não propriamente bravata, apenas uma estranha mistura de competência e cinismo. Fosse lá o que fosse, Sabriel sentiu-se impelida a caminhar naturalmente entre eles, como se não tivesse pressa.

— Boa noite, menina.

— É bom ouvir as armas, hein? Quase nunca funcionam no Norte!

— Não precisará de nós a este ritmo.

— Não se compara com o Perímetro, não é, minha senhora?

— Boa sorte com o sujeito na cigarreira de metal, menina.

— Boa sorte para todos vocês — respondeu Sabriel, tentando corresponder aos sorrisos largos deles. Depois os disparos recomeçaram e ela estremeceu, perdendo o sorriso, mas a atenção deles já não estava nela, mas concentrada no exterior. Afinal não estavam tão descontraídos quanto aparentavam, pensou Sabriel ao transpor as portas laterais que conduziam do corredor ao Salão Nobre.

Aqui, o estado de espírito era de muito maior medo. O sarcófago encontrava-se no fundo do Salão, sobre o estrado do orador. Todos os demais tinham se afastado o máximo possível para o outro extremo. Os Batedores encontravam-se a um canto, também bebendo chá. Mestra Greenwood conversava com Touchstone e as trinta e tantas meninas, jovens mulheres na verdade, estavam encostadas à parede oposta aos soldados. Tudo aquilo mais fazia lembrar uma bizarra imitação de um baile no colégio.

Por trás das espessas paredes de pedra e janelas protegidas com persianas do Salão Nobre, os disparos quase se confundiam com uma forte saraivada, as granadas com trovões, mas não se se soubesse do que se tratava. Sabriel avançou até ao centro do Salão e gritou.

— Magos da Carta! Por favor cheguem aqui.

Vieram, as jovens mais depressa do que os soldados, que acusavam o cansaço de um dia de trabalho e a proximidade do sarcófago. Sabriel olhou para as alunas, os seus rostos vivos e francos, uma fina camada de medo assente na excitação ante o sabor do desconhecido. Duas das suas melhores amigas do colégio, Sulyn e Ellimere, encontravam-se entre a multidão, mas sentia-se agora muito distante delas. Provavelmente evidenciava-o também, pensou, vendo respeito e algo como maravilha nos olhos delas. Até as marcas da Carta nas testas delas pareciam réplicas de cosméticos frágeis, apesar de saber que eram verdadeiras. Era tão injusto terem de ser apanhadas por esta...

Sabriel abriu a boca para falar e o ruído dos disparos cessou subitamente,

quase a seguir. No silêncio, uma das meninas soltou uma risada nervosa. Sabriel, porém, sentiu subitamente muitas mortes ocorrerem de imediato e um receio familiar percorreu-lhe a espinha com dedos frios. Kerrigor aproximava-se. Fora o seu poder que silenciara as armas, não uma diminuição do ataque. Pôde ouvir, muito de leve, berros e mesmo... gritos... vindos lá de fora. Estariam agora lutando com armas mais antigas.

— Depressa — disse ela, encaminhando-se para o sarcófago enquanto falava. -Temos de formar um círculo compacto à volta do sarcófago. Mestra, se fizer o favor de colocar todos. Tenente, por favor, ponha os seus homens entre as meninas...

Em outro lugar qualquer, em outra época qualquer, teria havido piadas grosseiras e risadas sobre o assunto. Aqui, com os Mortos espalhados pelo edifício e o sarcófago latente no meio deles, era simplesmente uma instrução. Os homens deslocaram-se rapidamente para os seus lugares, as jovens deram as mãos premeditadamente. Em escassos segundos, o sarcófago estava cercado por Magos da Carta.

Unida agora pelo tato, Sabriel não precisou falar. Consequia sentir a todos no círculo. Touchstone, à direita dela, um calor familiar e poderoso. Miss Greenwood, à esquerda, menos poderosa, mas não destituída de perícia e assim sucessivamente, a toda a volta do círculo. Lentamente, Sabriel trouxe ao primeiro plano da sua mente as marcas da Carta para abertura. As marcas desenvolveram-se, o poder fluindo à volta do círculo, crescendo de força até começar a projetar-se para dentro, como o estreitar do vórtice de um remoinho. Começou a brotar uma luz dourada à volta do sarcófago, as faixas visíveis rodando num movimento retrógrado, com cada vez maior velocidade.

Sabriel continuava a fazer o poder da Magia da Carta fluir para o centro, aproveitando ao máximo tudo o que os Magos da Carta conseguiam produzir. Os soldados e as alunas estremeceram e os joelhos de alguns cederam, mas as mãos permaneceram unidas, o círculo fechado.

Lentamente, o sarcófago começou a girar no estrado, com um ruído hediondo e penetrante, como uma enorme dobradiça por olear. Saía vapor por baixo da sua tampa, mas a luz dourada afastava-o. Ainda guinchando, o sarcófago começou a rodar cada vez mais depressa, até se tornar uma mancha de bronze, vapor branco e amarelo gema de ovo. Depois, com um grito mais penetrante do que qualquer outro antes, parou bruscamente, a tampa vindo a voar até bater nas cabeças dos Magos da Carta, esmigalhando-se no chão a uns bons trinta passos de distância.

A Magia da Carta também se foi, como se ligada à terra pelo seu sucesso, e o círculo desfez-se com pouco menos de metade dos participantes ainda de pé.

Vacilando, com as mãos ainda firmemente agarradas por Touchstone e a Mestra, Sabriel aproximou-se com passo incerto do sarcófago e olhou lá para dentro.

— Ora — disse Miss Greenwood, olhando perplexa para Touchstone, — ele é igualzinho a você!

Antes que Touchstone pudesse responder, o aço entrechocou-se do lado de fora do corredor e os gritos soaram mais fortes. Aqueles Batedores que ainda estavam de pé puxaram as espadas e precipitaram-se para as portas, mas antes que conseguissem alcançá-las outros soldados entraram por ali dentro, ensanguentados, aterrados, correndo para os cantos ou atirando-se para o chão, soluçando ou rindo, ou tremendo em silêncio.

Atrás deste avanço tumultuoso vieram as tropas do corredor, fortemente protegidas por armaduras. Estes homens aparentavam ainda algum controle. Em vez de entrarem correndo, atiraram-se de encontro às portas e colocaram a tranca no lugar.

— Ele está do lado de dentro das portas principais! — gritou um deles na direção de Sabriel, o seu rosto lívido de terror. Não havia dúvidas de quem era "ele".

— Rápido, os ritos finais! — respondeu Sabriel. Soltou as mãos das dos outros e estendeu-as sobre o corpo, formando na sua mente as marcas para fogo, limpeza e paz. Não olhou com muita atenção para o corpo. Rogir parecia-se imenso com Touchstone adormecido, indefeso.

Estava cansada e havia ainda proteções da Magia Livre à volta do corpo, mas a primeira marca não tardou a pairar no ar. Touchstone transferira a sua mão para o ombro dela, fazendo fluir o poder para ela. Os outros do círculo tinham-se arrastado e dado outra vez as mãos e subitamente Sabriel sentiu um estímulo de alívio. Iam conseguir o corpo humano de Kerrigor seria destruído e, com ele, a maior parte do seu poder...

Depois, toda a parede norte explodiu, os tijolos caindo em cascata, o pó vermelho avançando como uma onda sólida, derrubando todos numa ruína cegante, sufocante.

Sabriel jazia por terra, tossindo, as mãos apoiadas frouxamente no chão, arrastando os joelhos ao tentar levantar-se. Tinha pó e areia nos olhos e as lanternas haviam-se apagado. Cega, apalpou à sua volta, mas lá só estava o bronze ainda escaldante do sarcófago.

— O preço de sangue tem de ser pago — disse uma voz crepitante, inumana. Uma voz familiar, conquanto não os tons líquidos, decadentes, de Kerrigor... mas o discurso terrível da noite em Holehallow, com a Asa de Papel incendiada.

Piscando furiosamente os olhos, Sabriel afastou-se rastejando do som, à volta do sarcófago. Aquilo não voltou a falar de imediato, mas ouviu-o aproximar-se, o ar crepitando e zumbindo à sua passagem.

— Tenho de entregar o meu último fardo — disse a criatura. — Depois o negócio concluí-se e posso procurar a vingança.

Sabriel piscou novamente os olhos, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. A visão voltava lentamente, uma imagem criada com lágrimas e os primeiros raios de luar a entrarem pela parede despedaçada, uma imagem misturada com o pó vermelho dos tijolos pulverizados.

Todos os sentidos de Sabriel gritavam dentro de si. Magia Livre, os Mortos, o perigo envolvente... A criatura que em tempos fora Mogget brilhava a pouco mais de cinco metros. Era mais atarracada do que se afigurara anteriormente, mas igualmente disforme, um corpo granuloso deslocando-se lentamente para ela no alto de uma coluna de energias torcendo-se e rodopiando.

Um soldado saltou subitamente de trás dela, enterrando-lhe a espada fundo nas costas. Mal pareceu notar, mas o homem gritou e irrompeu em chamadas brancas. Um segundo depois fora consumido, a sua espada um monte de metal derretido, chamuscando as tábuas grossas do soalho de carvalho.

— Trago-lhe a espada de Abhorsen — anunciou a criatura, atirando para o lado um objeto longo que se via indistintamente. — E o sino chamado Astarael.

Pousou-o cuidadosamente, a prata brilhando momentaneamente antes de descer ao mar de pó.

— Avance, Abhorsen. Há muito tempo que começamos.

A coisa riu então, um som semelhante a um fósforo acendendo-se, e começou a deslocar-se à volta do sarcófago.

Sabriel soltou o anel no seu dedo e afastou-se cautelosamente, com o sarcófago a separá-los, os seus pensamentos acelerados. Kerrigor estava muito próximo, mas talvez houvesse ainda tempo de transformar esta criatura de novo em Mogget e concluir os ritos finais...

— Pare!

A palavra foi como uma lambidela desagradável no rosto por uma língua de réptil, mas havia poder subjacente a ela. Sabriel ficou imóvel, contrariando a sua própria vontade, tal como a coisa incandescente. Sabriel tentou passar além dele, protegendo os olhos da luz, tentando pensar no que acontecia no outro extremo do Salão. Não que precisasse de ver.

Era Kerrigor. Os soldados que tinham trancado a porta jaziam mortos à volta dele, ilhas de carne pálida num mar de escuridão. Não tinha forma agora, mas existiam feições semi-humanas no enorme salpico de tinta da sua presença.

Olhos de fogo branco e uma boca escancarada revestida de brasas tremulantes de um vermelho tão escuro como sangue seco.

— Abhorsen é meu — grasnou Kerrigor, a sua voz cava e de certa forma líquida, como se as suas palavras saíssem borbulhando como lava misturada com saliva. — Vai deixá-la comigo.

A coisa-Mogget crepitou e voltou a mover-se, saltando faíscas brancas como estrelas minúsculas atrás de si.

— Esperei tempo demais para permitir que minha vingança seja feita por outro! — sibilou, terminando num miado esganiçado que ainda continha algo do gato. Depois atirou-se a Kerrigor, um cometa elétrico brilhante na escuridão do seu corpo, batendo na sua substância sombria como um martelo tornando a carne tenra.

Por um momento ninguém se mexeu, chocados pela subitaneidade do ataque. Depois, a forma escura de Kerrigor voltou a solidificar-se, longas gavinhas de noite amarga envolvendo o seu atacante brilhante, sufocando-o e absorvendo-o com a implacável voracidade de um polvo que estrangula uma concha de tartaruga brilhante.

Desesperada, Sabriel olhou à sua volta, procurando Touchstone e Mestra Greenwood. O pó dos tijolos caía ainda lentamente pelo ar iluminado pelo luar, como um gás mortal cor de ferrugem, os corpos jazendo por ali, aparentemente vítimas do seu veneno sufocante. Mas tinham sido atingidos pelos tijolos ou lascas de madeira dos bancos compridos esmagados.

Sabriel viu primeiro a Mestra, fazendo um pouco mais afastada, enroscada de lado. Qualquer outro teria pensado que estava apenas desmaiada, mas Sabriel sabia que morrera, atingida por uma lasca tipo estilete de um banco partido. A madeira de dureza férrea trespassara-a. Sabia que Touchstone estava vivo e ei-lo ali, encostado a um monte de alvenaria destruída. Os seus olhos refletiam o luar.

Sabriel aproximou-se dele, passando por entre os corpos e os escombros, as manchas de sangue derramado e os feridos silenciosos, desesperados.

— Minha perna está quebrada — disse Touchstone, a sua boca demonstrando a dor. Virou a cabeça para o buraco na parede. — Fuja, Sabriel. Enquanto ele está ocupado. Fuja para sul. Viva uma vida normal...

— Não posso — respondeu Sabriel baixinho. — Sou Abhorsen. Além disso, como poderia me acompanhar com a perna quebrada?

— Sabriel...

Mas Sabriel afastara-se. Apanhou Astarael, as mãos experientes mantendo-o imóvel. Mas era desnecessário, pois o sino estava sufocado pelo pó de tijolo, a sua voz silenciosa. Não tocaria bem enquanto não fosse limpo, com

paciência, magia e nervos de aço. Sabriel olhou para ele por um segundo, depois pousou-o delicadamente no chão.

A espada do pai estava apenas à distância de alguns passos. Apanhou-a e observou as marcas da Carta que fluíam ao longo da lâmina. Desta vez não apresentavam a inscrição normal, mas diziam:

”As Clayr viram-me, o Construtor da Muralha criou-me, o Rei reprimiu-me, o Abhorsen empunha-me para que nenhum Morto caminhe na Vida. Pois não é este o seu caminho.”

— Não é este o seu caminho — murmurou Sabriel. Assumiu a posição de defesa e olhou através do Salão, para a massa bruta de escuridão que era Kerrigor.

Kerrigor parecia ter acabado com a coisa da Magia Livre que em tempos fora Mogget. A sua enorme nuvem de escuridão estava de novo inteira, sem sinal de fogo branco, nem brilho ofuscante lutando lá dentro.

Estava extraordinariamente imóvel e Sabriel teve um momento de breve esperança de que ele pudesse de alguma forma estar ferido. Depois a horrível percepção deu-se. Kerrigor digerira, como um glutão após uma refeição excessivamente ambiciosa.

Sabriel estremeceu ante a idéia, a bÍlis invadindo-lhe a boca. Não que o seu fim fosse provavelmente melhor. Tanto ela como Touchstone seriam levados vivos e conservados assim, até lhes retirarem o sangue da vida, as gargantas abertas, lá embaixo no escuro do reservatório... Sacudiu a cabeça, dissipando aquela imagem. Tinha de haver algo... Kerrigor tinha de estar mais fraco, tão distante do Reino Antigo... talvez mais enfraquecido do que a Magia da Carta dela. Duvidou que um único sino pudesse afastá-lo, mas dois, em conjunto?

Estava escuro no Salão, à exceção do luar que entrava pela parede destruída por trás dela. E silencioso. Até os feridos escapuliam em silêncio, os seus gritos abafados, as últimas vontades segredadas. Mantinham a sua agonia unida, como se um grito pudesse atrair a atenção errada. Havia coisas piores do que a morte no Salão...

Mesmo com a escuridão, a forma de Kerrigor estava ainda mais escura. Sabriel observou-o cuidadosamente, soltando com a mão esquerda as tiras que seguravam Saraneth e Kibeth. Sentia outros Mortos ao redor, mas nenhum entrara no Salão. Havia ainda homens com que lutar ou banquetear-se. O que se passava no Salão era assunto do Amo deles.

Num movimento rápido, Sabriel embainhou a espada e retirou os sinos. Rapidamente, a corpulência escura correu na direção dela, reduzindo a metade o intervalo entre ambas. Ficou também mais alta, esticando-se para cima até quase chegar ao teto abobadado. Os seus olhos abriram-se numa fúria plena, irada, flamejante e falou.

— Brinquedos, Abhorsen. É muito tarde. Demasiadamente tarde.

Não foram apenas as palavras que proferiu, mas o poder, o poder da Magia Livre que imobilizou os nervos de Sabriel, lhe prendeu os músculos. Desesperadamente, esforçou-se por tocar os sinos, mas tinha os pulsos presos no lugar...

Desesperadamente lento, Kerrigor deslizou para a frente, até estar apenas à mera distância de um braço, agigantando-se sobre ela como uma estátua

colossal de noite toscamente esboçada, o seu hálito descendo sobre ela com o fedor de mil matadouros públicos. Alguém, uma menina soltando de mansinho o seu último suspiro no chão tocou no tornozelo de Sabriel com uma leve carícia. Uma pequena centelha dourada de Magia da Carta proveio daquele toque moribundo, penetrando lentamente nas veias de Sabriel, subindo, aquecendo as articulações, libertando os músculos. Finalmente chegou-lhe aos pulsos e às mãos e os sinos tocaram.

Não foi o som cristalino, verdadeiro, que deveria ser, pois de algum modo a corpulência de Kerrigor absorveu o som e deformou-o mas surtiu algum efeito. Kerrigor recuou e diminuiu de tamanho, até ser pouco mais do que o dobro da altura de Sabriel.

Mas não se submeteu à vontade de Sabriel. Saraneth não o prendera e Kibeth apenas o empurrara para trás à força.

Sabriel tocou novamente os sinos, concentrando-se no difícil contraponto entre eles, impondo toda a sua vontade à magia deles. Kerrigor haveria de ficar sob o domínio dela, haveria de ir para onde ela quisesse...

E por um segundo assim foi. Não para a Morte, pois não tinha o poder, mas para o seu corpo original, dentro do sarcófago partido. No momento em que o toque dos sinos desapareceu, Kerrigor mudou. Os olhos e a boca ígneos juntaram-se como cera derretida e a sua substância-sombra transformou-se numa coluna estreita de fumaça, subindo até o teto. Pairou por um momento entre as vigas, depois desceu com um grito hediondo, direto à boca aberta do corpo de Rogir.

Com aquele grito, Saraneth e Kibeth partiram-se, estilhaços de prata caindo como estrelas despedaçadas, esmigalhando-se na terra. Os cabos de mogno transformaram-se em pó, escoando por entre os dedos de Sabriel como fumaça.

Sabriel olhou para as mãos vazias por um segundo, sentindo ainda a impressão áspera dos cabos dos sinos... depois, sem qualquer pensamento consciente, tinha o punho de uma espada na mão enquanto avançava para o sarcófago. Mas, antes de conseguir ver lá dentro, Rogir ergueu-se e olhou para ela olhou com os olhos de fogo de Kerrigor ardendo.

— Um inconveniente — disse ele, com uma voz que era apenas marginalmente mais humana. — Devia ter me lembrado de que você é uma fedelha incômoda.

Sabriel precipitou-se para ele, a espada soltando faíscas brancas ao bater, penetrando no peito dele para se projetar do outro lado. Mas Kerrigor apenas riu e inclinou-se até segurar a lâmina com ambas as mãos, os nós dos dedos pálidos no aço de prata reluzente. Sabriel puxou a espada, mas ela não se libertou.

— Nenhuma espada pode me fazer mal — disse Kerrigor, com uma risada como a tosse de um moribundo. — Nem sequer uma feita pelos Construtores da Muralha. Especialmente não agora, que assumi finalmente o último dos poderes deles. O poder de reinar perante a Carta, o poder que fez a Muralha. Detenho-o agora. Tenho aquele títere quebrado, o meu meio-irmão, e tenho a você, meu Abhorsen. O poder e o sangue, o sangue para a destruição!

Estendeu a mão e puxou ainda mais a espada para dentro do peito, até o punho ficar encostado à sua pele. Sabriel tentou soltá-la, mas ele foi mais rápido, uma mão gélida agarrando-lhe o antebraço. Irresistivelmente, Kerrigor puxou-a para si.

— Você irá dormir, desconhecedora, até as Pedras Grandes estarem preparadas para o seu sangue? — murmurou Kerrigor, o seu hálito cheirando ainda a carne putrefata. — Ou seguirá, acordada, cada passo do caminho?

Sabriel fitou-o também, os seus olhos encontrando-se com os dele pela primeira vez. Havia, sem dúvida, o fogo do inferno nos olhos dele, mas conseguia ver uma ínfima centelha de branco brilhante? Soltou o seu punho esquerdo e sentiu o anel de prata deslizar-lhe pelo dedo. Estava alargando?

— O que prefere, Abhorsen? — continuou Kerrigor, a sua boca descascando-se, a pele arrebentando nos cantos, o espírito corroendo esta pele preservada por magia. O seu amante se arrasta até nós, que visão patética, mas o próximo beijo será meu...

O anel pendia da mão de Sabriel, escondida atrás das costas. Ficara maior mas conseguia sentir ainda o metal a expandir-se...

Os lábios empolados de Kerrigor moveram-se na direção dos seus e o anel continuava a agitar-se na mão dela. O hálito dele era avassalador, cheirando a sangue, mas há muito que ela ultrapassara os vômitos. Virou a cabeça de lado no último instante e sentiu a carne seca, tipo cadáver, roçar-lhe a face.

— Um beijo fraterno? — Kerrigor soltou um riso abafado. — Um beijo para um tio que te conhece desde que nasceu, ou ligeiramente antes, mas não é suficiente...

Mais uma vez, as palavras dele não eram apenas palavras. Sabriel sentiu uma força agarrar-lhe a cabeça e rodá-la para olhar para ele, enquanto a sua boca era afastada, como se em expectativa apaixonada.

Mas tinha o braço esquerdo livre.

A cabeça de Kerrigor inclinou-se para a frente, o seu rosto pairando cada vez maior depois a prata brilhou entre eles e o anel estava à volta do seu pescoço.

Sabriel sentiu a compulsão fechar-se e afastou-se, tentando soltar-se. Mas Kerrigor não lhe largou o braço. Pareceu surpreso, mas não ansioso. Levou a

mão direita à argola, o osso irrompendo através das cabeças dos dedos.

— O que é isto? Alguma relíquia de...

O anel apertou, cortando a carne polposa do pescoço dele, revelando a escuridão sólida lá dentro. Também esta estava comprimida, puxada para dentro, pulsando ao tentar fugir. Dois olhos flamejantes mostravam-se incrédulos.

— Impossível — articulou Kerrigor. Rosnando, empurrou Sabriel, atirando-a ao chão. No mesmo movimento, puxou a espada que trazia ao peito, a lâmina libertando-se lentamente com um som semelhante a lixa em madeira dura. Com a rapidez de uma cobra, o braço e a espada saltaram, atingindo Sabriel através da armadura e da carne e penetrando no soalho de madeira do outro lado. A dor explodiu e Sabriel gritou, o corpo convulsionando-se à volta da lâmina numa única curva reflexa.

Kerrigor deixou-a ali, empalada como um inseto numa coleção, e avançou sobre Touchstone. Sabriel, através dos olhos desorientados pela dor, viu Kerrigor olhar para baixo e arrancar uma lasca comprida e denteada de um dos bancos corridos.

— Rogir — disse Touchstone. — Rogir...

A lasca desceu com um grito de raiva estrangulado. Sabriel fechou os olhos e desviou o rosto, entrando num mundo só seu, um mundo de dor. Sabia que teria de fazer algo em relação ao sangue que lhe jorrava do estômago, mas agora com Touchstone morto ficou apenas onde estava e deixou que sangrasse.

Depois, Sabriel percebeu de que não sentira Touchstone morrer.

Olhou novamente. A lasca partira-se na sua capa blindada. Kerrigor estendia a mão para outra lasca, mas o anel de prata descera-lhe para os ombros, dilacerando a carne, como um descaroçador de maçãs retirando o espírito Morto do cadáver putrefato.

Kerrigor debateu-se e gritou, mas o anel prendia-lhe os braços. Saltando feito um louco, atirou-se de um lado para o outro, procurando libertar-se do anel de prata que o prendia fazendo ainda com que mais carne saltasse, até não restar carne, nada senão uma coluna furiosa de escuridão, apertada por um anel de prata.

Depois a coluna colapsou sobre si mesma como um edifício a ser demolido, para se tornar um monte de sombra agitada, o anel de prata brilhando como uma fita. Um olho vermelho brilhante destacava-se no meio da prata mas era apenas o rubi, que crescera para acompanhar o metal.

Havia novamente marcas da Carta no anel, mas Sabriel não conseguiu lê-las. Os seus olhos não focavam e estava escuro demais. O luar parecia ter desaparecido. Mesmo assim, sabia o que devia ser feito. Saraneth levou a mão à bandoleira, mas o sexto sino não estava lá, nem o sétimo, nem o terceiro. Que

descuidada fui, pensou Sabriel, que descuidada, mas tenho de concluir o aprisionamento. A sua mão recaiu sobre Belgaer por um momento e quase o retirou mas não, ele libertaria... Por fim, retirou Ranna, gemendo com a dor daquele pequeno movimento.

Ranna pareceu invulgarmente pesado para um sino tão leve. Sabriel assentou a mão no peito por um momento, reunindo força. Depois, deitada de costas, trespassada com a sua própria espada, tocou o sino.

Ranna soou harmonioso e provocou uma sensação de conforto, como uma cama muito ansiada. O som ecoou pelo Salão e saiu, até ao lugar onde alguns homens lutavam ainda com os Mortos. Todos os que o ouviram cessaram as suas lutas e deitaram-se por terra. Os gravemente feridos deslizaram facilmente para a Morte, reunindo-se aos Mortos que haviam seguido Kerrigor; os menos feridos caíram num sono curador.

O monte de escuridão que fora Kerrigor dividiu-se em dois hemisférios distintos, separados por um anel equatorial de prata. Um hemisfério era negro como o carvão; o outro de um branco brilhante. Gradualmente, fundiram-se em duas formas distintas dois gatos, unidos pela *garganta* como gêmeos siameses. Depois, o anel de prata dividiu-se em dois, um anel à volta de cada pescoço, e os gatos separaram-se. Os anéis perderam o brilho, mudando lentamente de cor e textura até se transformarem em duas coleiras de pele vermelha, cada uma suportando um sino em miniatura, um Ranna em miniatura.

Os dois gatos pequenos sentaram-se lado a lado. Um preto, o outro branco. Ambos se inclinaram para a frente, movendo as gargantas, e cada um deitou fora um anel de prata. Os gatos bocejaram quando os anéis rolaram na direção de Sabriel, depois enroscaram-se e adormeceram.

Touchstone viu os anéis rolares, a prata brilhando ao luar. Bateram no flanco de Sabriel, mas ela não os apanhou. As duas mãos seguravam ainda Ranna, mas este estava silencioso, repousando abaixo dos seios. A espada dela pairava por cima, a lâmina e o punho projetando a sombra da Lua com o efeito de uma cruz sobre o rosto dela.

Algo da memória da infância de Touchstone atravessou-lhe a mente. Uma voz, uma voz de mensageiro, falando com a mãe.

— Alteza, somos portadores de más novas. O Abhorsen morreu.

Epílogo

A morte parecia mais fria do que nunca, pensou Sabriel, e perguntou-se porquê, até perceber que continuava deitada. Na água, sendo levada pela corrente. Por um momento, começou a debater-se, depois relaxou.

— Tudo e todos têm uma hora para morrer... — murmurou. O mundo dos vivos e as suas preocupações pareciam distantes. Touchstone sobrevivera e isso deixava-a satisfeita, tanto quanto conseguia sentir alguma coisa. Kerrigor fora derrotado, aprisionado, se não verdadeiramente morto. O seu trabalho terminara. Em breve transporia o Nono Portão e descansaria para sempre...

Algo a agarrou pelos braços, levantou-a da água e colocando-a em pé.

— Esta não é a sua hora — disse uma voz, voz ecoada por meia centena de outras.

Sabriel piscou os olhos, pois havia muitas formas humanas brilhantes à volta dela, pairando por cima da água. Mais ao que conseguia contar. Não espíritos Mortos, mas algo diferente, como a projeção da mãe invocada pelo barco de papel. As suas formas eram vagas, mas imediatamente reconhecíveis, pois todas vestiam azul-escuro com as chaves de prata. Cada uma era um Abhorsen.

— Volte — disseram em coro. — Volte.

— Não posso — soluçou Sabriel.- Estou morta! Não tenho força...

— Você é a última Abhorsen — murmuraram as vozes, as formas brilhantes aproximando-se. — Não pode seguir este caminho enquanto não existir outro. Tem a força dentro de você. Viva, Abhorsen, viva...

Subitamente sentiu a força. Suficiente para rastejar, caminhar e voltar para trás no rio e deslocar-se cautelosamente até à Vida, a sua escolta brilhante ficando para trás no último instante. Um deles talvez o pai tocou-lhe de leve na mão no momento imediatamente antes de deixar para traz o reino da Morte.

Surgiu um rosto pairando, o de Touchstone, olhando para ela. O som chegou-lhe aos ouvidos, sinos distantes, roufenhos, que pareciam deslocados, até se perceber que eram sirenes de ambulâncias, ambulâncias que vinham a grande velocidade da cidade. Não sentia qualquer morto, nem grande magia, Livre ou da Carta. Mas depois Kerrigor fora-se e estavam a cerca de sessenta e cinco quilômetros da Muralha...

— Viva, Sabriel, viva — murmurava Touchstone, segurando-lhe as mãos

geladas, os seus próprios olhos tão cheios de lágrimas que nem se percebeu que os dela se tinham aberto. Sabriel sorriu, esboçou um esgar quando a dor voltou. Olhou de um lado para o outro, perguntando-se quanto tempo levaria Touchstone para perceber.

As luzes elétricas tinham voltado apenas em partes da Muralha e os soldados colocavam lanternas de novo no exterior. Havia mais sobreviventes do que esperara, cuidando dos feridos, escorando a alvenaria em risco de derrocada, varrendo até o pó dos tijolos e a terra de sepultura.

Havia também muitos mortos e Sabriel suspirou quando deixou os seus sentidos vaguear. O Coronel Horyse, morto lá fora nos degraus; Mestra Greenwood; a sua amiga inocente Ellimere; seis outras meninas; pelo menos metade dos soldados... Os olhos dela vaguearam até regiões mais próximas, até aos dois gatos adormecidos, os dois anéis de prata ao lado dela no chão.

— Sabriel!

Touchstone reparara finalmente. Sabriel voltou o olhar para ele e levantou cautelosamente a cabeça. Retirara-lhe a espada, viu, e várias colegas haviam lançado uma fórmula de cura, suficientemente boa.

Tipicamente, Touchstone não fizera nada pela sua perna.

— Sabriel — voltou a dizer. Você está viva!

— Sim — respondeu Sabriel, com alguma surpresa. — Estou.

Fim

Digitalização Amigos da Leitura

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Doc* feita por um autor desconhecido pelo grupo **Amigos da Leitura**.

Para a capa, utilizei como modelo uma edição norte-americana.

Junho de 2014

LeYtor